

## DEUS CONVIDA O SEU POVO À CONVERSÃO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

Como vimos nos nosso encontro anterior, para se dirigir aos homens e para lhes propor os caminhos da vida e da salvação, Deus escolheu pessoas (pessoas como nós, com uma família, com uma história, com defeitos e qualidades), chamou-as e enviou-as a dizer, em palavras humanas, as propostas que Ele queria apresentar ao seu Povo. Essas pessoas foram chamadas “Profetas” – palavra que, na sua origem, sugere aquele que Deus chama e que envia em missão (uma missão que tem a ver com fazer ecoar no mundo dos homens as palavras e as propostas de Deus).

#### 1. O cenário de fundo da intervenção profética: a “aliança”

A missão profética de dizer aos homens palavras de Deus desenrola-se tendo sempre como cenário de fundo a “aliança”. Quando Israel, no Sinai, aceita a aliança que Deus lhe propõe (“Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos” – Ex 19,6), recebe um conjunto de indicações – mandamentos, leis e preceitos – destinadas a orientar o seu caminho pela história. Essas indicações (já o dissemos antes) dizem respeito à relação com Deus e às relações comunitárias, abarcando, portanto, os dois vetores à volta dos quais se estrutura a existência humana. Para ser família de Deus e para estar em comunhão com Deus, Israel deve escutar as indicações de Deus, deve acolher, interiorizar e viver os mandamentos de Deus. Israel será, assim, o Povo de Deus, que vive, anuncia, testemunha e torna presente no mundo as propostas de Deus para a humanidade inteira. Mais, o projeto de vida que Deus propõe a Israel quando com ele se envolve em aliança – e, através de Israel, a todos os

povos da terra – é um projeto de realização e de felicidade, que garante ao Povo de Deus a libertação de todas as escravidões e indica o caminho que conduz à liberdade e à vida.

Cumprir os mandamentos dados por Deus, viver na órbita da “aliança” – isto é, ter Jahwéh como referência, escutar a Palavra de Deus e conduzir a própria vida em coerência com essa Palavra – é a vocação de Israel. É dentro desse cenário que o Povo de Deus deve caminhar... Dessa forma, o Povo de Deus terá vida em plenitude e, ao mesmo tempo, será um sinal de Deus para todas as outras nações... Sendo fiel à sua vocação fundamental, Israel trabalhará, com Deus, para lançar as bases de um mundo que assenta no amor, na paz, na fraternidade e na justiça.

Contudo, Israel rapidamente esqueceu os compromissos que, no Sinai, assumiu perante Deus. Ainda durante a caminhada pelo deserto, Israel assumiu atitudes de rebelião contra Deus e contra a aliança (cf. Ex 32,1-10; Nm 11,1-15; 14,1-12; 16,1-35; 17,6-15; 20,2-13; 21,4-7; 25,1-18): em certos momentos duvidou de Deus, noutros ignorou deliberadamente as indicações de Deus, noutros ainda agarrou-se ao passado de escravidão e recusou assumir o risco da liberdade. Quando, finalmente, se instalou na Terra Prometida, o Povo de Deus não se curou dessa doença da infidelidade. Pelo contrário, as influências de outros povos fizeram com que Israel esquecesse Jahwéh e corresse atrás de outros deuses, de outras propostas ilusórias de felicidade e salvação; aos poucos, o Povo da aliança escolheu e percorreu atalhos sem saída onde já não se ouviam as palavras, indicações e propostas de Jahwéh. A intervenção profética não pode deixar de ter em conta este cenário de infidelidade, de abandono de Deus, de rutura com os compromissos assumidos pelo Povo de Deus no âmbito da aliança. Esses homens que Deus chamou a “falar” em seu nome e a repropor aos homens os caminhos da aliança, vão convidar o Povo de Deus a converter-se – isto é, a repensar as suas opções e a voltar-se de novo para Deus.

## **2. O pecado de Israel**

Portanto, no seu caminho histórico, Israel afastou-se muitas vezes do caminho que Deus lhe tinha proposto. Na perspetiva dos profetas, a infidelidade de Israel traduz-se, fundamentalmente em duas atitudes práticas: idolatria e injustiça social.

A idolatria tem, antes de mais, uma dimensão religiosa. Apresentado aos deuses dos povos cananeus que habitavam a terra, Israel deixa-se contaminar por influências estranhas e passa a frequentar os locais de culto cananeus.

Aos poucos, transfere de Jahwéh para Baal e Asherah (os deuses “da moda” entre os cananeus, na época em que o Povo chega do deserto) a sua adoração e o seu louvor. Embora Jahwéh continue a ser, em teoria, o Deus nacional, é a Baal que os israelitas agradecem os frutos da terra, a chuva que fecunda os campos, a renovação e a fecundidade dos rebanhos. Jahwéh deixa de contar; as suas palavras já nada significam na vida de um povo que, progressivamente, transfere os seus interesses para outros deuses e outras propostas. Alguns profetas – como Oseias – irão dizer, para descrever este quadro, que Israel é como uma mulher infiel, que abandonou o amor do marido para ir atrás dos amantes.

Mas a idolatria tem, também, uma vertente política. Israel afasta-se de tal forma do seu Deus que, progressivamente, deixa de lhe entregar nas mãos a sua segurança e a sua esperança. Quando o futuro da nação parece ameaçado ou quando as crises da história colocam obstáculos no caminho do Povo, os reis de Israel buscam segurança em alianças políticas com outras nações e abrigam-se à sombra do poderio de potências estrangeiras. Essas alianças políticas significam, efetivamente, que Jahwéh está fora dos horizontes do Povo; significam que o Povo da aliança prescindiu desse Deus salvador e libertador que o tirou da escravidão do Egito e que lhe deu essa “terra boa” onde “corre leite e mel”, para entregar a sua salvação e a sua esperança de vida e de felicidade nas mãos dos soldados e dos carros de guerra de potências estrangeiras.

Ao prescindir de Jahwéh, Israel vai também esquecer as indicações, propostas e mandamentos que ele entregou ao Povo. Esse esquecimento traduz-se, rapidamente, em atitudes de egoísmo, de orgulho e de autossuficiência que potenciam as injustiças, as arbitrariedades, a exploração dos pobres e dos fracos. No quadro da social pintado pela denúncia dos profetas, percebemos o pecado de uma sociedade atolada na injustiça e na exploração, que deixa a opulência e o luxo dos ricos contrastar com a miséria dos pobres e a exploração dos mais desfavorecidos (Am 3,15; 4,1; 5,11; 6,4-6), que aceita que os tribunais (tradicionalmente, o lugar onde o pobre vê corrigidas as injustiças de que foi vítima) fomentem novas injustiças contra os mais débeis (Am 5,7.12-14), que admite que o próprio culto floresça à custa das dádivas dos ricos (muitas vezes fruto das rapinas e das injustiças cometidas contra os fracos e os pobres – cf. Am 2,8; 4,4-5; 5,21-25), que aceita que a sociedade se instale num estado endêmico de violência que subverte a harmonia social hipoteca o futuro da nação.

Os profetas bíblicos, embora desenvolvam o seu ministério em épocas diferentes e em circunstâncias históricas diversas, fazem todos a mesma

leitura da história e da vida de Israel: quando o Povo de Deus escolhe ignorar as palavras e indicações de Deus, quando o Povo da aliança escolhe percorrer caminhos à margem de Deus, está a construir um futuro sem perspectivas, um futuro de sofrimento e de infelicidade. Ao perder a sua referência fundamental, que é Deus, ao escolher caminhos de autossuficiência, ao substituir Jahwéh por outros interesses – frequentemente, interesses egoístas e projetos pessoais que apenas geram escravidão e dependência, egoísmo e injustiça – o Povo de Deus caminha à deriva, entregue ao sabor dos interesses pessoais ou de grupos sem um projeto de futuro, sem esperança e sem possibilidade de encontrar vida em plenitude.

### **3. A proposta profética para vencer as crises**

Qual o caminho que os profetas apontam para vencer as crises que afetam os indivíduos e as comunidades?

Esses homens – através dos quais ecoam no mundo as palavras de Deus – são unânimes quanto à solução a adotar para que os israelitas reencontrem os caminhos da Vida e da sua plena realização: o Povo de Deus tem de converter-se a Jahwéh, tem de reencontrar-se com Jahwéh. O verbo hebraico *shub* – que aparece constantemente repetido na mensagem profética – traduz a ideia de mudar de rumo, de fazer marcha atrás, de emendar-se. É “afastar-se do mau caminho” que se vem seguindo (Ez 13,22; 33,9) e que conduz à morte (cf. Ez 33,11); é emendar-se da sua perversidade e má conduta (cf. Jer 23,14; Ez 3,19). Em contexto religioso, contudo, o verbo *shub* inclui sempre a ideia de “voltar para Deus”, quer dizer, reconhecer que só Deus é o Senhor (cf. Jer 3,14), dirigir de novo o olhar e o coração para Jahwéh e estabelecer com o Senhor uma relação de intimidade e comunhão (cf. Jer 24,7), passando a escutar a voz de Deus, a acolher no coração as suas propostas, a trilhar outra vez o caminho dos mandamentos.

Este “voltar para Jahwéh” não é, apenas, um movimento piedoso e beato, sem consequências na vida prática; mas tem, também, uma dimensão social... Implica a mudança de comportamento para com os irmãos e exige a prática do direito, da justiça (cf. Ez 18,27; 33,14.19) e da misericórdia (cf. Os 12,7). “Voltar para Deus” é levar a sério os compromissos assumidos no âmbito da aliança – a nível de pensamento e de querer – e agir em conformidade com os mandamentos, inclusive com aqueles que defendem os direitos e a dignidade dos irmãos.

Cada profeta irá traduzir a realidade do “voltar para Deus” de uma maneira muito particular, de acordo com a sua própria sensibilidade e com os problemas da sociedade do seu tempo.

Assim, Amós, o profeta da justiça social, entende a conversão sobretudo em chave de justiça. Para ele “converter-se” é, não apenas buscar Jahwéh (cf. Am 5,4), mas, sobretudo, respeitar a justiça nas relações comunitárias: recusar viver na opulência à custa dos pobres (cf. Am 4,1-3; 6,1-7); não mascarar as injustiças e arbitrariedades contra os mais débeis com um culto vazio, mentiroso e desligado da vida (cf. Am 4,4-13); não aceitar subornos nem violar os direitos dos pobres em tribunal (cf. Am 5,12); não aumentar a miséria dos pobres especulando com os bens de primeira necessidade (cf. Am 8,4-7).

Para Oseias – que lê a relação entre Jahwéh e o seu Povo em chave matrimonial, como se o Povo fosse a esposa infiel e Deus o marido sempre fiel, que tem pela esposa um amor indestrutível e nunca desmentido – “voltar para Deus” é abandonar os deuses (os amantes) que seduziram o Povo, é reconhecer que só o amor fiel e inquebrantável de Deus é fonte de vida e de felicidade, é deixar-se transformar e cativar por esse amor e correr de novo para os braços do Deus da aliança (cf. Os 2,9).

Para Isaías, o “voltar para Deus” contempla duas dimensões essenciais. A primeira (cf. Is 1-5), desenvolvida na primeira fase do seu ministério, tem uma forte acentuação social... Nessa dimensão, a conversão passa pelo abandono das injustiças, das arbitrariedades, da exploração dos fracos e dos pobres, e por um forte compromisso com a justiça e o respeito pelos direitos das viúvas, dos órfãos, dos pobres e dos débeis. A segunda, desenvolvida numa fase mais tardia da missão profética de Isaías, acentua a dimensão da fé e da confiança em Jahwéh: “voltar para Deus” é abandonar as seguranças humanas e as apostas efémeras de felicidade, desistir de colocar a segurança e o futuro da nação em pactos políticos com potências estrangeiras; é centrar o olhar e o coração em Deus, voltar a confiar em Deus e a entregar-lhe nas mãos os sonhos e as esperanças de vida, de salvação e de felicidade. “Converter-se” é, fundamentalmente, caminhar tranquilo e atento, construindo toda a vida à volta de Deus, colocando tudo nas mãos de Deus e sabendo que Jahwéh estará sempre presente e não deixará de salvar o seu Povo, sejam quais forem os dramas que os caminhos da história apresentem a Israel.

Jeremias é, provavelmente, o profeta que mais amplamente desenvolve o tema da conversão. Para ele, “voltar para Deus” não é cumprir um rito externo que apenas manifeste arrependimento, mas é mudar completa e radicalmente a maneira de pensar, de sentir, de querer, de agir, de conceber a relação com Deus e com os outros homens e mulheres. Sabendo que o

grande obstáculo à mudança é o facto de os membros do Povo de Deus terem um coração endurecido – isto é, um coração orgulhoso, autossuficiente, egoísta e, portanto, mau e rebelde – o profeta recomenda uma “circuncisão do coração” (Jer 4,1) que transforme os corações e os faça sensíveis e bons, capazes de entender o amor de Deus e de amar os irmãos. Só então será possível voltar a confiar em Deus, escutar a sua Palavra e acolhê-la no coração, deixar que essa Palavra se transforme em gestos de justiça, de misericórdia, de amor e de verdade. O profeta sabe, contudo, que só com a ajuda da graça e da misericórdia de Deus será possível essa mudança; por isso, fala desses tempos novos em que o próprio Jahwéh vai imprimir a sua lei no coração do seu Povo, fazendo com que todos tenham uma nova atitude e sejam capazes de viver em profunda comunhão com Deus (cf. Jer 31,31-34). Ezequiel, o profeta da esperança que desenvolve o seu ministério profético no Exílio da Babilónia, olha para a história recente do Povo e convida-o a perceber que foram as infidelidades à aliança – o abandono de Deus, as jogadas políticas e as alianças com potências estrangeiras, a destruição da coesão social com injustiças e arbitrariedades sem fim – que conduziram à catástrofe nacional. Contudo, o profeta sabe que a história de amor entre Deus e o seu Povo não está condenada a terminar num beco sem saída... Assim, tentando dar um novo alento aos exilados, afogados num mar de frustração, de lágrimas e de sofrimento, o profeta fala de um tempo novo que Deus vai fazer surgir, um tempo em que o passado de glória vai ser restaurado e em que Jahwéh vai voltar, de novo, a residir no meio do seu Povo, derramando sobre a nação uma torrente de vida, de fecundidade e de graça. Desta forma, Ezequiel restaura a confiança e faz com que o Povo de Deus volte a ter razões para olhar o futuro com esperança. A Palavra de Deus que ecoa pela voz de Ezequiel, ao salvaguardar a esperança, permite ao Povo de Deus não desistir de construir a sua história, constitui um convite a caminhar em direção ao futuro.

Esta breve viagem pela profecia de Israel mostra como Deus se recusa a ficar de braços cruzados enquanto o seu Povo resvala por caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência que só conduzem à infelicidade, ao sofrimento, à morte. Por isso, Deus interpela o seu Povo, questiona-o, indica-lhe caminhos. A Palavra de Deus – que se faz presença efetiva no mundo através da Palavra profética – constitui um apelo constante a uma transformação radical, a uma mudança de mentalidade, de atitude, de comportamento que faça o homem reencontrar as suas referências fundamentais, o seu centro de equilíbrio, a realidade que dá sentido a toda a existência: Deus.

## OBJETIVOS

Em tempo de Quaresma:

- Levar a criança a perceber que o apelo à conversão está sempre no horizonte da caminhada do Povo de Deus, pois Deus está sempre a desafiar o seu Povo no sentido de não se acomodar e de ir sempre mais além nos caminhos da vida e da felicidade.
- Descobrir o significado da "conversão": voltar de novo o olhar e o coração para Deus e fazer com que Deus volte a estar no centro da nossa existência; fazer com que as palavras e indicações de Deus influenciem decisivamente as nossas escolhas, os nossos gestos, as nossas atitudes, os nossos valores; prescindir dos deuses e das propostas de felicidade e de realização que nos afastam de Deus e dos seus caminhos.
- Definir, concretamente, o caminho a seguir e as atitudes a tomar para aproveitar a oportunidade de conversão que, neste tempo, é dada ao Povo de Deus.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O catequista deve ensaiar muito bem todo o cenário de colocação dos diversos objetos no centro da sala ao longo de toda a sessão, pois o esquema que se propõe é dinâmico, mas complexo; também é importante treinar o ritmo de apresentação das diversas narrativas, para não prolongar demasiado a sessão e cansar desnecessariamente as crianças; no Desenvolvimento da Catequese – Palavra, apresenta-se um esquema longo, mais adequado a grupos pequenos ou médios, que possam trabalhar num espaço amplo; para a aplicação deste esquema pode ser interessante que trabalhe com o catequista outro adulto, catequista ou pai/mãe, instruído previamente na leitura dos textos e apresentação dos materiais pedagógicos de suporte visual; também pode resultar bem que os materiais propostos e os textos sejam combinados num documento multi-média, pois como este permite uma navegação fluida e rápida, combina o impacto emocional com a economia de tempo e pode ser manobrado confortavelmente por uma pessoa só e a partir de qualquer ponto da sala, caso se disponha do respetivo comando à distância; se não dispuser deste tipo de ajudas, é preferível que o catequista oriente a Palavra colocando as crianças a seguir as imagens e textos pelo catecismo (página 74) dando, depois, um destaque especial ao texto do profeta que é apresentado pela primeira vez, Joel, que será lido na íntegra.

2. De qualquer maneira, tenha-se em conta que o objetivo principal da catequese não é a familiarização enciclopédica das crianças com os profetas e seus textos, mas consiste em conseguir levar as crianças a: compreender o que é a conversão; aceitar o desafio de se converter. A coleção de textos constitui a sua inspiração e o seu guia.

## **MATERIAIS**

- Um cesto de vime ou equivalente;
- Seixos da praia ou pedras semelhantes, uma para cada criança, e mais seis pedras, se possível de forma e/ou cor diferentes das demais, para usar com a história;
- Barras Cronológicas das crianças;
- Bíblia;
- Dísticos: "Aliança"; "Mandamentos" (das catequese anteriores); "erro", "injustiça", "opressão";
- *Poster com as seguintes frases: "É preciso mudar de rumo"; "Convertetivovos"; "Voltai para mim"; "Escutai";*
- Posters com imagens dos profetas e dísticos dos respetivos nomes (da catequese anterior) acrescidos dos relativos ao profeta Joel;
- Dísticos com citações dos profetas:
- Oseias: *"Volta, Israel, ao Senhor teu Deus"*
- Isaías: *"Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem"*
- Jeremias: *"Ouví a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo".*
- Ezequiel: *"Convertetivovos e afastai-vos dos vossos pecados"*
- Joel: *"Convertetivovos a mim de todo o vosso coração"*

## **MÚSICA**

- "Eis o tempo da conversão".

## **II – DESENVOLVIMENTO DA GATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

Nesta catequese sugere-se que todos se sentem no chão, de preferência sobre uma manta ou tapete, de modo a favorecer a comunicação e participação, pela proximidade e maior descontração na atitude (o que deve levar o catequista a esforçar-se mais para manter a concentração).

- o **placar** está vazio, colocado perto do catequista e do grupo e preparado para receber os dísticos e posters necessários;
- a Bíblia está colocada sobre uma caixa (baú das catequeses anteriores), ao lado do catequista, pronta a ser movida para o centro do grupo.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de recordar a sessão anterior sobre o significado de ser profeta, o catequista, colocando um recipiente vazio no centro da sala, lança um desafio ao grupo:*

Cada um de vós vai pensar na sua vida e lembrar-se de alguma coisa que tenha feito que tenha ofendido ou que tenha prejudicado alguém; ou uma atitude ou comportamento que o tenha prejudicado a si próprio. Não importa se só vós o sabeis ou se alguém – pais, professores, catequista – descobriu e vos deu uma reprimenda ou castigo por causa disso.

*Depois de um tempo para todos pensarem, o catequista desafia cada um a colocar uma pedra no cesto e a partilhar, em poucas palavras, alguma das coisas em que pensaram (conforme a dimensão do grupo, o catequista deverá decidir se pode ou não deixar mais tempo para cada um neste momento de partilha).*

*O catequista deve ajudar a concretizar a partilha indicando situações quotidianas das crianças (por exemplo, em casa, com os pais ou com os irmãos; na escola, com os colegas e com os professores, etc.), mas sem induzir as crianças a fazer sua uma sugestão vinda do exterior.*

*Não deverá forçar a partilha se alguma criança não o desejar fazer. Em qualquer caso, todos deverão colocar a pedra no recipiente, que deverá permanecer na sala à vista de todos.*

*Quando todos tiverem terminado a sua partilha, o catequista, sem propor conclusões, declara:*

Podem abrir o vosso catecismo na página 73: Vamos observar essas fotografias, aí colocadas em jeito de pequena Banda Desenhada:

2. **As fotos contam-nos uma história. Qual será?**

*Conforme a sua habilidade, o catequista conta, ou lê, a seguinte história, de forma expressiva e com calma, de modo a criar alguma expectativa nas crianças, fazendo-as seguir pela ilustração:*

Quem aqui vemos é a ... (*deixar as crianças escolher um nome*). Pois a N... era uma boa rapariga. Frequentava a catequese ao sábado, ao domingo ia à missa com os pais e era acólita. Na escola, tirava boas notas, dava-se bem com todos os colegas, participava ativamente nas aulas e os professores gostavam muito dela. Tudo corria bem: os pais sentiam-se orgulhosos e ela era uma rapariga feliz.

As coisas começaram a mudar quando a nossa amiga passou para o 10º ano e encontrou, na sua nova turma, três raparigas mais velhas, que não gostavam de estudar nem de andar na escola... A nossa amiga – que conhecia uma delas, pois vivia num prédio ao lado do seu – achava que essas raparigas eram muito fixes...

*Por cada decisão incorreta do personagem N..., o catequista coloca uma pedra no cesto:*

Começou a dar-se com elas e, depois de algum tempo, andava com elas por todo o lado... Um dia, em lugar de ir às aulas, foi passear com as novas amigas para o Centro Comercial; e, a partir daí, **passou a faltar às aulas** com frequência. **Deixou de estudar e de fazer os trabalhos de casa**; e, nas aulas, ficava junto das suas amigas, **portava-se mal e não estava atenta às lições** dos professores... **Tornou-se mal educada e zangada** e, muitas vezes, **tratava mal os colegas e o pessoal auxiliar da escola, respondendo sem educação, provocando-os...**

A mãe da nossa heroína – que era a encarregada de educação – foi chamada à escola. O diretor de turma apresentou-lhe a situação e disse-lhe que, se a nossa N... não mudasse a sua forma de estar na escola, além de chumbar por faltas, iria ser suspensa da escola. A mãe ficou desolada e não entendia como é que a sua filha tinha mudado tanto. À noite, em casa, a mãe e o pai da N... tiveram com ela uma conversa muito séria. Recordaram-lhe como ela era feliz e estimada quando se portava bem e era boa aluna; mostraram-lhe que, portando-se mal, ela estava a perder tudo aquilo que antes tinha construído: a confiança dos pais, a paciência e interesse dos professores, o respeito dos amigos de verdade, a sua própria alegria e sossego! Pediram-lhe, claro está, que pensasse no seu futuro e na forma como ela queria viver a sua vida.

Inicialmente, a rapariga ficou muito irritada... Achou que os pais estavam a meter-se na vida dela e ela estava farto da interferência dos adultos nas

“suas coisas”. Mas depois, sozinha no seu quarto, reconheceu que as preocupações dos seus pais faziam sentido... Que ia ser dela se continuasse naquele caminho? Que iria acontecer se ela continuasse, todos os dias, a fazer escolhas erradas? Que futuro é que ela estava a construir, com as suas atitudes pouco sérias e a sua irresponsabilidade?

A N..., como podem ver na nossa BD, concluiu que o caminho que estava a seguir não a levaria a lado nenhum, a não ser a uma vida perdida, sem sentido, infeliz... Assim, resolveu que, no dia seguinte, iria ser outra pessoa: decidiu acabar com as atitudes impensadas e ser responsável; decidiu levar a sério a escola e trabalhar muito para aprender; decidiu ouvir os conselhos dos pais e as indicações dos professores; decidiu assumir uma atitude de empenho e de responsabilidade.

A conversa com os pais, nesse fim de tarde, mudou a vida da nossa amiga. Agora, ela procura levar a vida a sério, cumprir os seus deveres, aproveitar o estudo e as aulas... Como é que será que ela se sente? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para:*) Sente-se bem e feliz. Também me parece! E as suas notas? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para:*) As suas notas melhoraram muito, pois é com trabalho e atenção nas aulas que se conseguem boas notas. Olhem, e depois desta mudança, a nossa rapariga até recordou o seu sonho de criança: ela queria ser médica e ajudar as pessoas que sofrem. Mas como ela agora estuda, está atenta e não perde tempo com patéticos, os professores dela e os pais acham que ela vai conseguir entrar na Faculdade de Medicina e tornar-se médica. Valeu, ou não valeu, a pena mudar de vida?

*O catequista, após uma breve pausa, recorda como cada um colocou uma pedra no cesto e conclui:*

Todos nós, ao longo da nossa vida, temos “crises” como a que a nossa personagem N... viveu. Fazemos coisas erradas e infantis, pelos piores motivos. Mas, todos nós, de uma forma ou de outra, também somos chamados à atenção por pessoas que se preocupam connosco, que querem a nossa felicidade, que gostam mesmo de nós e não se conformam quando nos vêm desperdiçar a nossa vida em atitudes e comportamentos errados.

3. O mais interessante é que, como os Povos e as sociedades são compostas por pessoas – que tanto erram como fazem coisas bem feitas – quando nós

olhamos para a história de uma país ou de um povo, descobrimos que esse povo passou por momentos de grande crise, de dificuldade, por problemas importantes (*deixar as crianças pronunciarem-se relatando a sua percepção de situações que conheçam e concluir:*) O Povo de Deus, que nós, este ano, estamos a descobrir, ao longo do seu caminho pela história, também conheceu e viveu situações complicadas, de muitos erros e desgraças.

## II. PALAVRA

### 1. *O catequista coloca a Bíblia no centro do círculo formado pelas crianças e inicia a seguinte reflexão:*

Ao longo da história, o Povo de Deus lutou com muitas dificuldades e, por diversas vezes, também cometeu os seus erros... Já vimos isso na catequese da semana passada, pois, como podem recordar na página 71 do vosso catecismo, cada profeta foi enviado por Deus para chamar a atenção para esses erros e para ajudar o povo a emendá-los.

Depois de ter saído do Egito e de se ter comprometido numa (*o catequista mostra o dístico "aliança" e coloca-o junto da Bíblia ou no placar, conforme lhe parecer mais adequado*) aliança com Deus, Israel era um Povo feliz, que tinha diante dos olhos as indicações de Deus, os seus (*o catequista mostra o dístico "mandamentos" e coloca-o junto da Bíblia ou no placar*) mandamentos, e que parecia decidido a cumpri-los para construir um futuro de felicidade e de paz. Mas, à medida que o tempo foi passando, o Povo de Deus começou a ouvir outras "vozes", outras propostas e esqueceu-se de Deus e dos seus mandamentos, tal como aconteceu com o herói da nossa história, quando mudou de turma e encontrou colegas que não se portavam muito bem e quis imitá-los e segui-los quando eles faziam asneiras (*o catequista mostra o dístico "erro" e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*). Ele foi muito egoísta porque só pensou naquilo que lhe apetecia fazer mas não no trabalho dos professores, no esforço dos pais para o educarem e lhe darem condições para estudar, nos colegas que prejudicava com o seu mau comportamento, até, por não ser capaz de chamar a atenção daqueles rapazes que ele achava fixes... (*o catequista mostra o dístico "egoísmo" e coloca-o junto do dístico "erro".*) Quando se instalou na Terra Prometida, no final da sua caminhada pelo deserto, o Povo de Deus conheceu outros povos (chamados, em geral, "os cananeus" – isto é, os povos que habitavam na terra de Canaan)... Cada um

desses povos tinha os seus deuses, as suas cerimónias religiosas, e mesmo a sua maneira própria de viver. Aos poucos, o Povo de Deus começou a esquecer-se de tudo o que Deus tinha feito por ele – como o tinha libertado do Egito, como o tinha alimentado ao longo da caminhada pelo deserto, como Ihe tinha proposto uma “aliança” – e começou a frequentar as festas religiosas dos povos cananeus e, até, a adorar os deuses dos cananeus.

Em dado momento, já não agradecia ao seu Deus (Jahwéh), a quem tudo devia, como a N..., que, a certa altura, pareceu ter esquecido os seus pais e os seus professores (*o catequista mostra as pedras colocadas no cesto*): a vida, o pão e o vinho, a chuva que fecundava os campos e o sol que amadurecia as colheitas, mas agradecia tudo isso aos deuses mais queridos dos povos cananeus.

Ao abandonar o seu Deus, o Povo de Deus também esqueceu os mandamentos que mandavam respeitar a vida, os direitos e a dignidade das outras pessoas... (*o catequista mostra o dístico “injustiça” e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*).

Os israelitas começaram a cometer injustiças, a maltratar os mais fracos, a roubar os pobres. Dessa forma, estavam a destruir a paz, a harmonia, a tranquilidade, a felicidade que tinham antes. (*o catequista mostra o dístico “opressão” e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*). Quando o Povo de Deus abandonou Deus e se esqueceu dos mandamentos de Deus, **começou a construir uma sociedade egoísta, injusta, opressora, onde muitas pessoas sofriam e eram infelizes.**

**2. E como terá reagido Deus? Terá decidido abandonar esse Povo ingrato, que o tinha traído e esquecido?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para a seguinte conclusão:*) Não. Apesar da traição do seu Povo, Deus continuava a amá-lo e a querer que esse Povo fosse feliz e tivesse vida. Deus agiu como um Pai muito forte e bom, de uma maneira semelhante ao que nós vimos fazer aos pais da N...

**Então, concretamente, o que é que Deus fez?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para a seguinte conclusão:*) **Chamou os seus Profetas** e enviou-os ao encontro do seu Povo com a sua mensagem, as suas indicações... (*colocar o dístico “Profetas” sobre o recipiente das pedras*).

**Que mensagem, que indicações?** Por mandato de Deus, os Profetas foram dizer ao Povo (*colocar o poster com as expressões – “É preciso mudar de rumo”; “convertei-vos”; “Voltai para mim”; “Escutai” no placar e prosseguir*):

“É preciso mudar de rumo, pois esse caminho que seguís só vos vai fazer sofrer... Converti-vos! Voltai para mim! Escutai as minhas indicações, vivei de acordo com os meus mandamentos, pois só eles vos ajudarão a encontrar o caminho da vida e da felicidade”. Foi isso que Deus disse, por intermédio dos profetas, a seu amado Povo. Tal como nós vimos na conversa que os pais do N... tiveram com ele, como nas conversas que os vossos professores e pais e, até eu, temos convosco, quando as coisas não correm bem e precisamos mudar o nosso comportamento

**3. O catequista prossegue, guiando as crianças no processo de interiorização da mensagem de conversão que é o centro desta catequese:**

Esse pedido de mudança, em que nos vamos esforçar muito por ser melhores, por crescer, como temos feito na Quaresma, chama-se **conversão**. “Conversão” quer dizer “transformação”, “troca”, “mudança”. Para nos sentirmos inspirados para transformar, trocar o que está errado e mudar a nossa vida para uma vida melhor, vamos aprofundar o nosso conhecimento de algumas das palavras que os próprios Profetas do Povo de Deus usaram como convite à mudança de vida. Hoje, eles estão a falar para nós...

*Conforme vai apresentando os profetas, o catequista mostra e/ou coloca no placar os posters e dísticos relativos a cada um ou pede às crianças para acompanharem as explicações na página 74, no seu catecismo.*

**Oseias**, um Profeta do séc. VIII a.C., **pedia ao Povo de Deus que se arrependesse e voltasse a ouvir as indicações de Deus...** Utilizando a poesia e recorrendo a imagens de plantas e de árvores, Oseias dizia ao seu Povo que só nos caminhos de Deus (e não dos falsos deuses) Israel encontraria vida em abundância e felicidade duradoura. Eis algumas das palavras de Oseias (**Os 14,2-3.5-9**) são: (o catequista mostra o dístico: “*Volta, Israel, ao Senhor teu Deus*”).

*O catequista promove o ambiente necessário para a escuta da palavra e lê os textos ou pede a uma criança para o fazer, utilizando a Bíblia, de forma expressiva:*

*Leitor:*

**Volta, Israel, ao Senhor teu Deus,  
porque caíste por causa dos teus pecados.**

*(Silêncio)*

**Tomai convosco palavras de arrependimento.**

**E voltai ao Senhor, dizendo-lhe:**

**«Perdoa todos os nossos pecados,  
e acolhe favoravelmente o sacrifício que oferecemos,  
a homenagem dos nossos lábios».**

**Então, Eu serei para Israel como o orvalho:**

**florescerá como um lírio e deitará raízes como um cedro do Líbano.**

**Os seus ramos estender-se-ão ao longe,**

**e a sua opulência será como a da oliveira,**

**o seu perfume como o odor do Líbano.**

**Regressarão os que habitavam à sua sombra;**

**renascerão como o trigo,**

**darão rebentos como a videira**

**e a sua fama será como a do vinho do Líbano.**

**Efraim, que tenho Eu ainda a ver com os ídolos?**

**Sou Eu quem responde e olha por ele.**

**Eu sou como um cipreste sempre verdejante;**

**é de mim que procede o teu fruto.**

*(O catequista mostra o dístico: "Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere:).*

O Profeta – **Isaías** – no séc. VIII a.C., por mandato de **Deus pedia ao Povo que deixasse de ser mau** e que, em lugar de provocar injustiças e más ações, **procurasse ajudar aqueles que eram mais pobres e mais débeis (Is 1,16-18):**

*Leitor:*

**Lavai-vos, purificai-vos,**

**tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas ações.**

**Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem;**

*(Silêncio)*

**procurai o que é justo, socorrei os oprimidos,**

**fazei justiça ao órfão, defendei as viúvas.**

**Vinde agora, entendamo-nos – diz o Senhor.**

**Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlata,**

**tornar-se-ão brancos como a neve.**

**Mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã.**

*(O catequista mostra o dístico "Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere:).*

O Profeta **Jeremias**, no séc. VII, repetindo as palavras de Deus, analisava assim a situação do Povo de Deus (**Jer 7,23-26**):

*Leitor:*

**A única ordem que lhes dei foi esta:**

**'Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo;**

*(Silêncio; o catequista refere:)* Creio que esta frase vos diz alguma coisa de especial! Nós já a tínhamos lido este ano, na catequese 5, e uma parte está escrita... na capa *(o catequista mostra a capa do catecismo)* do nosso catecismo! Esta frase é, hoje, dita para nós! É um convite do Senhor para cada um de nós e para todo o nosso grupo! Todo este ano, ela é para nós, porque nós estamos aqui, na catequese, a caminhar como Povo de Deus, Povo do Senhor. E, como agora já são mais crescidos e sábios, vou-vos explicar uma coisa difícil: quando nós lemos este texto de Jeremias, no início da catequese, estávamos a aprender que Deus, para poder construir na terra dos homens e das mulheres, um mundo bom, precisou de um Povo que colaborasse com Ele, que fosse o seu instrumento de bem, a sua força da paz e da bondade. Mas agora, nós estamos a ler esse texto para aprendermos a viver – a viver – como Povo de Deus, para sabermos ser seu instrumento, sua testemunha, sua força!

*(O leitor prossegue:)*

**seguí sempre a senda que vos indicar, a fim de que sejais felizes'.**

*(breve silêncio)*

**Eles, porém, não me ouviram, não prestaram atenção,  
seguiram os maus conselhos dos seus corações empedernidos;  
viraram-me as costas em vez de se voltarem para mim.  
Desde o dia em que os vossos pais deixaram o Egito até hoje,  
Eu vos enviei todos os profetas, dia após dia.**

**Eles, porém, não me ouviram, não me prestaram atenção;  
endureceram a sua cerviz e agiram pior do que os seus pais.**

Mas, apesar dessa atitude ingrata do Povo, **Deus não desistia e continuava**, pela boca do Profeta Jeremias, a pedir ao Povo que "voltasse", isto é, que mudasse de atitude (**Jer 4,1-4**) (*o catequista mostra o dístico: "se andares na verdade, no direito e na justiça" e o poster correspondente, ou indica no catecismo, e lê:)*

**Se te queres converter, Israel, volta para mim – oráculo do Senhor.  
Se afastares da minha face as tuas abominações, não andarás errante.  
Então jurarás 'pela vida do Senhor',  
se andares na verdade, no direito e na justiça;  
em ti serão abençoadas as nações e em ti se gloriarão.  
Pois assim fala o Senhor aos habitantes de Judá e de Jerusalém:  
Cultivai o vosso campo e não semeis entre espinhos.  
Circuncidai-vos para o Senhor, cortai a maldade dos vossos corações,  
homens de Judá e habitantes de Jerusalém.**

*O catequista mostra o dístico: "Convertedei-vos e afastai-vos dos vossos pecados" e o poster correspondente, ou indica no catecismo, e refere:)*  
Algumas dezenas de anos mais tarde, na primeira metade do Séc. VI a.C., por intermédio do Profeta **Ezequiel**, Deus dizia ao seu Povo (**Ez 18,30-32**):

**Convertedei-vos e afastai-vos dos vossos pecados;**

*(Silêncio)*

**que não haja mais entre vós ocasião de pecado.  
Rejeitai todos os pecados que cometestes contra mim  
e criai um coração novo e um espírito novo.  
Porque quereis morrer, casa de Israel?  
Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja  
– oráculo do Senhor Deus.**

*(Silêncio)*

**Convertedei-vos e vivereis.**

4. O catequista mostra o dístico: "Converti-vos a mim de todo o vosso coração" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere: Ainda mais tarde (séc. V-IV a.C.), era o Profeta **Joel** que dizia ao Povo, em nome de Deus (**Jl 2,12-13**).

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Profeta Joel.**

*Leitor:*

**Converti-vos a mim de todo o vosso coração**

*(Silêncio)*

**com jejuns, com lágrimas, com gemidos.**

**Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes,  
converti-vos ao Senhor, vosso Deus,  
porque Ele é clemente e compassivo,  
paciente e rico em misericórdia.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

5. O catequista procede à síntese dos textos que foram lidos, encaminhando as crianças para **a interiorização do pedido de conversão que Deus, repetida e incansavelmente faz**. Recorrendo às frases que foram colocadas no centro da sala, reforça as ideias principais, como se segue:

Reparem bem nestes textos que lemos... Em primeiro lugar, **Deus pede ao Povo que se converta**... Já sabeis o que é que significa "converter-se", não é verdade? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Significa

“voltar atrás e mudar a maneira errada de proceder” . **“Converter-se”** significa **“mudar de atitude”** e passar a viver de outra forma... “Converter-se” é voltar-se novamente para Deus, para o escutar, para perceber os seus sinais, para acolher as suas indicações. É o apelo que Deus faz ao seu Povo, através dos seus Profetas, sempre que o Povo abandona os caminhos de Deus, deixa de escutar Deus e passa a seguir caminhos de egoísmo, de maldade, de injustiça.

6. Em segundo lugar, procuremos perceber, através destes textos, **porque é que Deus faz este apelo ao seu Povo...** Será para “controlá-lo”? Será para impedi-lo de ser livre e de fazer o que lhe apetecer? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Não. Deus pede ao seu Povo que abandone os caminhos errados pois **Ele sabe que esses caminhos não levam o Povo ao encontro da vida e da felicidade**; pelo contrário, são caminhos que só produzem sofrimento, lágrimas, dores, injustiças, maldades, infelicidade. **E não é isso que Deus quer para esses filhos e filhas a quem ama muito.**

Reparai nos textos: temos mais uma pergunta... **Deus alguma vez diz que já não tem mais paciência para aturar esses seus filhos e filhas** que se afastam dele e que se esquecem dos seus mandamentos? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Não. Deus nunca afasta de si o seu Povo... Nestes apelos – tantas vezes repetidos – nós vemos a bondade e a misericórdia de um **Deus que está sempre disposto a acolher de novo aqueles que querem refazer a sua vida**; nestes apelos, que se parecem com as palavras emocionadas de um pai ou de uma mãe que sofre porque o seu filho está a seguir caminhos errados, vemos um Deus que tem um coração bondoso, clemente, compassivo, sempre disposto a perdoar. Deus não nos condena; Ele pede-nos, apenas, que nós reconheçamos que os caminhos errados não nos levam a lado nenhum; Ele pede-nos, apenas, que escolhamos, de novo, viver de acordo com as suas palavras, indicações e propostas. **Sabeis porquê, não sabeis?** (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir, encaminhando as crianças para a conclusão:*) **Porque Ele nos ama e quer ver-nos sempre felizes e cheios de Vida.**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista volta a por em relevo o recipiente das pedras e pede às crianças que fiquem em silêncio e que pensem nas situações e ocasiões em*

que "viraram as costas" a Deus, em que esqueceram as palavras e propostas de Deus e fizeram coisas erradas – coisas que magoaram alguém, que deixaram alguém triste ou infeliz...

O catequista poderá, inclusive, recordar às crianças alguns possíveis "cenários" ou situações onde aconteceram gestos e atitudes de "pecado" mencionados no início da sessão (por exemplo, em casa, com os pais ou com os irmãos; na escola, com os colegas e com os professores, etc.).

O catequista pede às crianças para abrirem a sua Barra Cronológica no espaço da catequese 17 e que nela registem **o que é que querem mudar nas suas atitudes**, na nossa vida de todos os dias, em casa, na escola, com os pais, com os irmãos, com os colegas, com os professores e sublinha: Vamos mudar para sermos pessoas novas, pessoas melhores, pessoas que vivem de acordo com as indicações de Deus. **Procurem escrever o vosso projeto de mudança, de conversão, em forma de oração, pedindo a Deus ajuda para mudar as coisas erradas.** (No momento da oração, todos devem colocar as sua flor no recipiente, de forma a que as pedras fiquem tapadas).

2. Terminado o registo do projeto de mudança de cada um, tendo-se fechado as suas **Barras Cronológicas**, o catequista acrescenta:

Lembram-se do rei David? Uma vez, depois de uma grande asneira que este rei fez, um Profeta – o Profeta Nathan – foi ter com ele e disse-lhe que ele se tinha afastado de Deus e que tinha esquecido as palavras e as propostas (os mandamentos) de Deus. O rei David reconheceu que errara e pediu perdão a Deus. Também pediu a Deus que lhe mudasse o coração, que lhe desse um coração novo, capaz de escutar Deus e de fazer a vontade de Deus. Diz-se que, nessa altura, o rei David disse a oração que nós vamos ouvir e fazer (**Sl 51,1-6.11-14**). Está registada no vosso catecismo, na página 76, e vamos todos ler, em conjunto:

**«Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.  
Lava-me de toda a iniquidade;  
purifica-me de todos os meus delitos.  
Reconheço as minhas culpas  
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.  
Contra ti pequei, só contra ti,**

**fiz o mal diante dos teus olhos.  
Desvia o teu rosto dos meus pecados  
e apaga todas as minhas culpas.  
Cria em mim, ó Deus, um coração puro;  
renova e dá firmeza ao meu espírito.  
Não me afastes da tua presença,  
nem me prives do teu santo espírito.  
Dá-me de novo a alegria da tua salvação  
e sustenta-me com um espírito generoso.»**

*Depois de um breve silêncio, o catequista continua:*

Como David, **vamos também nós pedir a Deus que perdoe as coisas erradas que fizemos**; e vamos pedir-lhe, também, que nos dê um coração novo, um coração generoso e bom, que seja capaz de acolher as palavras que Ele nos diz e as indicações que Ele nos dá.

*Terminam o momento de oração cantando o **cântico**:*

**“Eis o tempo da conversão”.**

### **3. Compromisso:**

Para esta semana o nosso compromisso vai ser o de continuar a cumprir o compromisso da Quaresma e, todos os dias, depois de fazerem a vossa avaliação, relerem o que escreveram hoje na vossa **Barra Cronológica**, sobre o que querem mudar na vossa vida: amar melhor, ser mais responsável, saber perdoar, arrepende-se dos seus pecados... E, no fim, com o vosso catecismo, rezam a oração do rei David. Não sei se todos conseguiremos aprendê-la de cor, mas pelo menos fixaremos os versos que mais apreciamos e que ficarão registados na vossa Barra Cronológica. Depois, podem enfeitar este espaço, porque ele significa uma promessa segura de alegria e felicidade na vossa vida.

#### ***Para guardar na memória e no coração***

Deus não nos condena: Ele pede-nos que reconheçamos os nossos erros e que escolhamos viver de acordo com as suas palavras.  
**PEDE-ME A CONVERSÃO.**

## DEUS RENOVA O SEU POVO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Os reinos de Judá e de Israel

Foi o rei David (reinou entre 1012 e 972 a.C.) que, pela primeira vez, uniu as doze tribos do Povo de Deus à volta de um projeto nacional. A conquista de Jerusalém, tornada capital do novo Reino, as vitórias militares contra os filisteus, os amonitas, os moabitas e os edomitas, a instituição de uma administração centralizada, ajudaram a consolidar essa unidade. Contudo, a unidade das doze tribos era mais aparente do que real (as relações entre as tribos do norte e as tribos do sul continuavam marcadas por grandes rivalidades e por concepções bastante diferentes do projeto nacional) e fazia-se, em grande parte, à volta da figura eminente do rei David.

A obra de David foi continuada pelo seu filho, Salomão (reinou entre 972 e 932 a.C.). Salomão não tinha as qualidades militares do seu pai, nem o seu prestígio junto das tribos; mas construiu obras importantes (como o Templo de Jerusalém), desenvolveu a cultura e o comércio e aperfeiçoou o aparelho administrativo do novo Reino. Durante o seu reinado começaram, contudo, a manifestar-se alguns sinais preocupantes de desagregação do projeto de unidade nacional. A política social de Salomão (que penalizou muito mais as tribos do norte com impostos e trabalhos) também contribuiu para acentuar as diferenças e as clivagens entre os dois grupos.

Quando Salomão morreu, os anciãos que representavam as tribos do norte avisaram o seu sucessor – Roboão – que não estavam dispostos a suportar a carga que os oprimia... Roboão não lhes deu ouvidos e, assim, as tribos do norte declararam a sua independência em relação à “Casa de David”. Roboão, filho de Salomão, ficou a reinar sobre um pequeno Reino que tinha a sua capital em Jerusalém e que se chamava Judá. As tribos do norte formaram

um outro Reino, a que chamaram Israel (com a capital em Siquém), e cuja condução foi confiada a Jeroboão, um velho opositor do rei Salomão. A partir daqui, os dois reinos seguiram caminhos diferentes e conviveram um com o outro, nem sempre pacificamente.

O Reino do norte (Israel) teve, em geral, uma história de grande instabilidade. Sem uma tradição monárquica forte, os reis sucediam-se uns aos outros, numa história continuamente marcada por assassinatos e violências. Em termos religiosos, os reis de Israel fomentaram a construção de vários locais de culto (uma vez que Jerusalém, onde estava o Templo e a arca da aliança eram, agora, território do Reino de Judá) e introduziram no país cultos estrangeiros (certamente para facilitar os contratos e os acordos políticos e comerciais com os diversos povos da zona). Por outro lado, as políticas dos seus reis fizeram com que Israel estivesse envolvido nos grandes acontecimentos da época, aliando-se sucessivamente com uma ou outra das potências regionais, ao sabor dos interesses políticos do momento ou dos interesses particulares dos líderes. Tudo isto teve como resultado a invasão de Israel pelos exércitos assírios e, no ano 721 a.C., a queda da Samaria nas mãos dos assírios. A partir desta data, o Reino de Israel desapareceu como entidade política.

O Reino do sul (Judá) subsistiu mais alguns anos. A aceitação da monarquia dinástica assegurou-lhe um percurso político mais estável... Por outro lado, a sua situação geográfica (isolado pelas montanhas e à margem das movimentações políticas das potências da região), assegurou-lhe, pelo menos durante algum tempo, um isolamento que o tornava menos permeável às influências de outras culturas e menos exposto à cobiça de outros povos.

Contudo, com o passar do tempo, também Judá tentou "modernizar-se", abrindo-se às influências culturais e religiosas de outras nações. Reis como Manassés (687-642 a.C.) e Amon (642-640 a.C.) introduziram no país cultos estrangeiros e induziram os habitantes de Judá a adorar outros deuses.

No final do séc. VII e princípios do séc. VI a.C., as opções políticas erradas dos reis de Judá (que se aliam com o Egito e realizam políticas pró-egípcias) vão fazer com que o Reino entre em rota de colisão com os interesses do império babilónio. Em 597 a.C., os babilónios conquistam Jerusalém e deportam para a Babilónia as principais figuras de Judá (embora uma grande parte da população de Judá tivesse continuado na sua terra). Mas, alguns anos depois, uma revolta contra os babilónios faz com que Nabucodonosor cerque novamente Jerusalém, destrua a cidade e envie para a Babilónia, para o Exílio, o resto da população de Jerusalém. É o fim do Reino de Judá.

## **2. A crise nacional**

A derrota diante dos babilônios e, sobretudo, o envio para o Exílio de uma grande parte da população de Jerusalém, provocaram uma onda de desânimo entre o Povo de Deus. Mais ainda, o fim da realeza davídica e a destruição do Templo de Jerusalém (o lugar da "residência" de Deus no meio do seu povo), ao deitarem por terra as grandes certezas sobre as quais assentava a fé do Povo, criaram uma grande desorientação. Onde está – perguntava-se – o Deus da "aliança eterna" com o seu Povo? Jahwéh não tinha prometido a Abraão e aos seus descendentes uma terra para sempre? E não se tinha comprometido com Israel no Sinai? Que é feito dessa promessa feita a David de uma descendência que reinaria eternamente sobre Israel? Porquê a catástrofe nacional? Jahwéh, o Deus nacional, seria menos poderoso do que os deuses babilônicos?

Nos círculos sacerdotais e proféticos procuram-se respostas para estas questões angustiosas. Profetas como Jeremias (em Jerusalém) e Ezequiel (na Babilónia, entre os exilados) respondem que a catástrofe não resultou de uma traição de Deus, mas do facto de Israel se ter afastado da aliança. Não foi Deus que falhou – dizem os Profetas – mas sim o Povo. A aliança implicava determinadas obrigações para Israel, consubstanciadas nos mandamentos; mas, quando Israel escolheu ignorar Jahwéh e as suas indicações, quando se construiu (contra as indicações de Deus) uma sociedade baseada na injustiça, na corrupção, na violência, quando os reis ímpios construíram santuários a deuses estrangeiros e levaram o Povo a adorar deuses estranhos, a aliança deixou de existir. A catástrofe foi o final lógico de um caminho cheio de opções erradas, de políticas erradas, de apostas em jogadas aventureiras e em acordos duvidosos com potências estrangeiras... Não foi Deus que provocou a catástrofe; ela foi a consequência lógica das escolhas erradas de Israel ao longo da história. Não foi Deus que traiu o seu Povo; foi o Povo que escolheu ignorar Deus e seguir caminhos estranhos, à margem das indicações de Deus. Estará, então, tudo terminado? Já não haverá mais esperança? Não será possível reatar a aliança quebrada? A resposta dos círculos sacerdotais e proféticos deixa aberta a porta da esperança: tudo ainda é possível, se o Povo se converter e voltar a Jahwéh; se Israel reconhecer o seu pecado e se voltar de novo para Deus, Jahwéh revelar-se-á como o salvador e libertador que Israel viu atuar em outros momentos dramáticos da história nacional.

## **3. Do drama do povo nasce uma fé mais forte e mais esclarecida**

No entanto, como será possível aos exilados refazer a comunhão com Jahwéh se estão numa terra estrangeira? Aliás, se o Templo (o lugar da "residência"

de Deus) já nem existe, onde é que o Povo se pode encontrar com Deus? E não havendo Templo, nem culto organizado, nem sacerdócio, como é possível entrar em comunhão com Deus? E, além do mais, Jahwéh, o Deus nacional de Israel terá jurisdição também na Babilónia, onde – segundo os habitantes da Babilónia – mandam os deuses babilónios?

Estas graves dúvidas de fé vão obrigar os teólogos, os catequistas e os Profetas do Povo de Deus a um trabalho intenso de reflexão e de procura de materiais que pudessem responder às grandes questões que agora se punham... Muitas tradições antigas são postas por escrito: é nesta altura que a "escola sacerdotal", constituída por pessoas ligadas ao culto, redige o "documento sacerdotal" que virá, mais tarde, a ser um dos documentos fundamentais que integram o Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia); é, também, nesta altura que aparece uma nova edição – substancialmente aumentada e revista à luz da nova situação do Povo – da "história deuteronomista (o conjunto dos livros de Josué, Juízes, primeiro e segundo Samuel, primeiro e segundo Reis), mostrando que o Deus da aliança nunca abandonou o seu Povo e que respondeu sempre com vida e salvação quando o Povo se arrependeu dos seus maus caminhos e se voltou de novo para Deus.

Para além deste labor literário, a reflexão feita leva o Povo de Deus a alargar os seus horizontes e a descobrir perspetivas novas sobre Deus, sobre a aliança, sobre a forma de Deus se manifestar, sobre a forma de prestar culto a Deus e, até, sobre a própria conceção de Povo de Deus...

No que diz respeito a Deus, os exilados descobrem a ideia da universalidade de Deus... Até esta altura, eles consideravam Jahwéh o seu Deus nacional, o Deus que tinha autoridade apenas sobre aquele Povo, mas cuja jurisdição não atingia outros povos e outras terras (os outros povos tinham os seus deuses próprios e obedeciam legitimamente a esses deuses); agora, eles começam a compreender que Jahwéh é o Senhor do universo, o criador do céu e da terra (possivelmente, o relato sacerdotal da criação de Gn 1 nasce neste contexto), que está em toda a parte (também na Babilónia) e que tem autoridade sobre todos os povos. E os deuses dos outros povos? Os catequistas do Povo de Deus chegam à conclusão que eles não existem, que são simples "obras das mãos dos homens" (Is 44,9-23; cf. Is 41,21-29). Só existe Jahwéh, o Deus de toda a terra. O Povo de Deus alcança, aqui, o monoteísmo puro.

Nasce, também, uma nova conceção da aliança entre Deus e o seu Povo... Até agora, o Povo conhecia a aliança do Sinai, uma aliança escrita em tábuas de pedra, com mandamentos que ficavam no exterior do homem mas

não lhe mudavam o coração; a partir de agora, os profetas vão começar a falar de uma nova Aliança, uma aliança interior (cf. Ez 36,24-28; Jr 31,31-34), que será feita no coração de cada crente e que, transformando os corações, provocará a adesão sincera e total do homem ao amor de Jahwéh. Será uma Aliança inscrita nos corações e vivida na fidelidade e no amor.

Muda, ainda, a forma de entender a manifestação de Deus... Como não existe o culto diário no Templo, nem sacrifícios, nem sacerdócio, Deus vai manifestar-se ao seu Povo de outra forma: através da sua Palavra. É nesta altura que se reúnem grande parte das palavras dos Profetas e se põem por escrito muitas tradições orais. A Palavra de Jahwéh passa agora a ser a forma mais simples e mais comum de Deus vir ao encontro do seu Povo e de se lhe manifestar.

Nasce, ainda, uma nova concepção do culto que deve ser prestado a Deus... Não havendo nem Templo, nem culto oficializado, o culto a Jahwéh terá de ser prestado no coração de cada crente e deve concretizar-se como adesão a Deus e às suas palavras, uma adesão que empenha o homem na sua totalidade.

Finalmente, também a própria concepção de Povo de Deus sofre uma transformação, alarga-se e espiritualiza-se... Antes, na época monárquica, o Povo de Deus era o conjunto de indivíduos que viviam dentro das fronteiras geográficas da Terra Prometida; agora, como não existem fronteiras geográficas, a pertença ao Povo de Deus define-se pela adesão à Lei, a Jahwéh: o "Povo de Deus" é o conjunto de indivíduos que aderem à Palavra de Jahwéh e fazem dela vida.

#### **4. O papel do sofrimento**

Podemos perceber, a partir da experiência que o Povo de Deus fez nestes anos em que esteve exilado numa terra estrangeira, que o sofrimento não é, necessariamente, um drama sem razão e sem sentido. É verdade que o Exílio trouxe ao Povo de Deus um imenso cortejo de dores, de angústias, de vexames, de humilhações; mas, também permitiu ao Povo de Deus crescer, alargar horizontes, perceber melhor Deus e o mundo, adquirir uma fé mais profunda, mais madura e mais consistente. O sofrimento amadureceu o Povo de Deus e trouxe-lhe novas oportunidades de crescimento, de renovação; o sofrimento abriu ao Povo de Deus novos horizontes de vida e de esperança. Haverá, aqui, uma resposta (sempre parcial, sempre incompleta, sempre pouco clara, mas uma resposta) para o sentido desse sofrimento que, a par e passo, marca o nosso caminho de todos os dias?

## 5. O final do Exílio

Por volta de 570 a.C., o Profeta Ezequiel – o Profeta da esperança – começa a multiplicar mensagens de consolação para os exilados. Deus vai, diz o Profeta, num futuro não muito distante, apascentar o seu Povo – não como os “pastores/reis que conduziram o Povo por caminhos de sofrimento e morte – e conduzi-lo às pastagens onde há vida em plenitude (cf. Ez 34,12-16); Deus vai pegar nesse Povo que jaz na planície mesopotâmica seco e vazio – como ossos ressequidos – e dotá-lo de vida nova (cf. Ez 37,1-14); Deus vai voltar a residir no meio do seu Povo (Ez 40-42) e derramar sobre toda a terra a água que fecunda e dá vida (cf. Ez 47,1-12).

Alguns anos depois (por volta de 550 a.C.), é um outro Profeta – o Deutero-Isaías – que escreve o “Livro da Consolação” (cf. Is 40-55), prometendo ao Povo que Deus vai libertá-lo, vai conduzi-lo de novo à Terra Prometida (num Êxodo muito mais grandioso do que o Êxodo que trouxe, outrora, o Povo de Deus do Egito, através do deserto) e vai reconstruir essa terra calcinada pelos incêndios e destruída pela guerra.

Finalmente, em 539 a.C., Ciro, rei dos Persas, derrota a Babilónia e autoriza o regresso à sua terra dos exilados que assim o desejarem. Começa, então, uma nova etapa na vida do Povo de Deus.

## OBJETIVOS

- Conhecer a etapa da vida do Povo de Deus que é o Exílio na Babilónia.
- Perceber que Deus nunca abandona o seu Povo e que, mesmo quando parece ausente ou desinteressado, continua a desenrolar o seu Plano de salvação e de vida.
- Entender que o sofrimento pode ser uma oportunidade para crescer, para amadurecer, para renovar-se, para alargar os horizontes e compreender melhor o projeto de Deus para nós e para o mundo.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A eventual ligação das crianças, assim como a das suas famílias, aos grupos de estrangeiros que vão ser referidos na sessão de catequese, deve ser tida em conta na preparação. A referência a estes grupos tem de ser sempre cuidadosa, tendo presente o objetivo de tornar vivencial a experiência de desterro e marginalização do Povo de Deus no Exílio, o que só é realmente possível se o educador, neste caso, o catequista, cuidar de apresentar uma perspectiva sobre a emigração que não seja preconceituosa ou limitada: é sempre útil ter presente que os portugueses, ao longo de toda a nossa

história, e mesmo no momento atual, temos um percurso de migração muito acentuado, o que nem sempre foi bem aceite pelos que nos receberam, o que só aumentou o sofrimento e o desafio de quem parte de casa e para longe dos seus, à procura de uma vida melhor.

O catequista deve valorizar os contributos das crianças, por ventura, culpabilizando os personagens apresentados, pelas suas desventuras, ouvindo-as com calma e com respeito, levando-as a entender os vários pontos de vista que, perante a problemática da emigração, devem ser honestamente tomados em conta. Do ponto de vista psicológico e cultural, não é fácil nem automático, compreender e aceitar a diferença e aquilo que se desconhece pode ser, sempre, assustador. A cultura de cada um, pode, pelo facto de nos ser estranha, trazer receios que devemos assumir e que só ultrapassaremos se procurarmos entender os outros. Esse entendimento só se torna seguro e definitivo quando temos oportunidade de, realmente, partilhar a nossa vida com o outro, venha de onde vier, aparente ser aquilo que aparentar. Os argumentos de natureza lógica, emocional ou piedosa são insuficientes, mas também podem representar um primeiro passo de abertura e um incentivo leal ao contacto e ao conhecimento mútuo. De qualquer modo, o catequista deve ater-se aos objetivos da catequese e estes não são sobre a emigração e os preconceitos sociais ou raciais: o que se pretende é, usando a experiência de relação que as crianças têm com pessoas vindas de outros países e o seu conhecimento de determinadas notícias veiculadas pelos meios de comunicação, levá-las a perceber, num primeiro passo, o drama intenso que representa uma situação de exílio, e tal como vivido na Babilónia, pelo Povo de Deus.

2. As crianças de hoje vivem, em número demasiado elevado, situações de sofrimento a que todos os adultos esclarecidos e, seja como for, mesmo a mais disfuncional das famílias, gostaríamos de as poupar. Muitas pessoas que, na sua infância, foram expostas a uma dor continuada, emergiram dessa experiência mais fortalecidas e capazes de encontrar sentido na sua vida e felicidade. Os estudos mostram que esta capacidade de resiliência está associada à oportunidade de encontrar um «abrigo» longe da dor: um professor que acompanha, um catequista que entende e orienta, um sacerdote que fornece chaves de interpretação e incentivo, ... adultos que ajudam a criança a abrir o seu coração e o seu pensamento maltratados a novas possibilidades de vida, à bondade e à justiça, à própria presença de Deus. Mas, um número muito maior de crianças não encontra essa ajuda e cresce num modo de

sobrevivência que pode colocar em perigo a sua saúde mental e a formação da sua consciência. Depois de dezassete encontros, o catequista já deve conhecer as crianças e já desenvolveu os esforços necessários para compreender a sua situação familiar e escolar. Se assim for, está preparado para tratar o tema do sofrimento com a devida clareza, delicadeza e eficiência educativa, procurando fornecer novas pistas de interpretação para as crianças que já tenham experimentado situações mais dramáticas e ajudando-as a todas a entender o lugar do sofrimento na vida de um cristão, levando-as a sentir, junto de si, no grupo, na comunidade de fé, esse «abrigo» longe do mal de que se falava.

## **MATERIAIS**

### ***Para a Palavra:***

- Bíblia;
- Poster com a inscrição "Crescer e amadurecer: aprender sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a fé";
- Dístico: "Convertei-vos e vivei".

### ***Para a Expressão de Fé:***

- Um crucifixo para colocar na mesa, preparada como pequeno altar;
- Toalha branca, adequada à mesa;
- Jarra com flores coloridas e variadas;
- Duas velas para colocar junto à cruz e fósforos;
- Três folhas com as leituras.

## **MÚSICAS**

- "Eis o tempo da conversão";
- Uma gravação com uma música instrumental clássica, para a transição entre a Palavra e a Expressão de Fé, se o catequista o achar conveniente.

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

No **placar**: *está vazio e preparado para receber os dísticos necessários.*

Na **mesa**: colocar apenas a Bíblia; deixar preparados, antes da catequese, os materiais indicados para a Expressão de Fé que, com a ajuda das crianças, vai usar para preparar a mesa como sendo um altar, tal como se indica mais adiante.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *O catequista introduz a catequese interpelando as crianças:* Aqui nos encontramos de novo para partilharmos a nossa vida e aprendermos a ser uns bons amigos uns para os outros. Mas também temos tido a oportunidade de fazer outros «amigos», não é verdade? Que mais temos procurado? Que caminho já percorremos? De quem já falámos? *(deixar as crianças exprimir-se, ajudando-as a concluir como é importante fazerem um percurso que as leva a conhecer a história do Povo de Deus e, sobretudo, a retirar desta muitos ensinamentos válidos e atuais, para a sua própria vida).*

**2.** *Depois, o catequista prossegue:* Falámos muito do Povo de Deus, mas hoje também conhecemos muitos povos e, de alguns deles, chegam ao nosso país muitas pessoas. Vou falar-vos de algumas dessas pessoas, cujas «fotos» podem ver na primeira página da catequese 18 (página 77) Vamos supor que esse rapazinho que aí está se chama Boris, nasceu na Ucrânia e tem doze anos. Há seis anos, a mãe do Boris veio para Portugal, para trabalhar, pois na sua terra não conseguia encontrar trabalho. Nos primeiros tempos, a vida do Boris e da sua mãe foi muito difícil, pois não falavam português, não tinham casa e, muitas vezes, não tinham comida. Agora, a mãe do Boris já tem um trabalho fixo e a vida é um pouco menos difícil. O Boris frequenta a escola, tem muitos amigos e já fala português com os colegas... Mas, ao ouvir a mãe falar da Ucrânia e da família que lá ficou, o Boris pensa que, quando tiver dinheiro suficiente, gostaria de voltar à terra onde nasceu, pelo menos para ver a família e passear. O Boris pensa que, se calhar, quer estudar em Portugal e, depois, ficar cá ou procurar um emprego num outro país.

A Gordana é uma refugiada de guerra, que agora tem quinze anos. Ela veio do Kosovo com os pais, ainda em bebé, numa altura em que a guerra ameaçava as populações dessa região. A família viveu em casa de um tio, que já estava há alguns anos em Portugal, a trabalhar. Por vezes, os pais da Gordana contam-lhe como era a vida em Prystina, a cidade onde nasceu e onde viveu nos primeiros anos da sua vida. A Gordana sente-se aliviada por viver agora, num país onde há paz... Mas, ao mesmo tempo, pensa que gostava de voltar à terra onde nasceu e ver os avós, os tios e os primos, que ainda vivem no Kosovo.

A Laylah nasceu num país árabe. A sua família é cristã. Mas, há alguns anos, a Laylah e a família tiveram de deixar a sua terra, depois de vários cristãos da sua região terem sido assassinados. A família quis encontrar uma terra

onde pudessem, livremente, viver a sua fé, e escolheram Portugal, onde residiam uns amigos do pai da Laylah há já muitos anos. A Laylah sente-se bem em Portugal; mas acha que não é justo ter sido obrigada a deixar a sua terra, o resto da sua família e as suas amigas da escola para poder praticar, sem correr riscos de vida, a sua religião. Quando, na terra onde a Laylah nasceu, houver mais tolerância e mais respeito pela diferença, a família tentará regressar.

O Boris, a Gordana, a Laylah, são “refugiados” – pessoas que, por razões diversas tiveram de deixar a sua terra e encontraram “refúgio” em Portugal. Todos eles experimentaram as dificuldades de deixar tudo e de vir para uma terra diferente e estranha, onde não tinham trabalho, nem amigos, e onde as pessoas falavam uma língua diferente e tinham uma mentalidade diferente. É sempre muito difícil deixar tudo – a família, a casa, os amigos e colegas da escola, as paisagens que se conhecem – e começar a vida num outro lugar (sobretudo quando se chega e não se tem casa, nem trabalho, nem família, nem condições de vida digna)... E, também é muito duro ter de viver fora do seu país, quando tudo corria bem e, depois, acontece um desastre natural – como nos últimos anos aconteceu com os tsunamis que afetaram o a Indonésia (a 26 de dezembro de 2004) e o Japão (a 11 de março de 2011) – ou um conflito político, tal como tem acontecido em vários países africanos e do médio oriente, o que obriga as populações a fugirem para outros países e, até, a viverem anos a fio internadas em campos de refugiados, como podem ver no vosso catecismo, em condições de grande dificuldade, indignidade e sofrimento. Essas pessoas sentem que foram expulsas de suas casas, dos seus trabalhos, das suas escolas, sem terem responsabilidade nenhuma: parece, simplesmente, que a vida foi muito má para elas e que, agora, não há mais esperança de recuperarem o que possuíam, a vida que tinham e os seus projetos de futuro.

*O catequista deixará as crianças pronunciarem-se, contarem as suas histórias, darem a sua opinião, mais ou menos realista, evitando, também, que façam um campeonato de «sofrimentos» ou que se percam em relatos disparatados, tendo sempre em consideração as crianças que podem ter vivido, ou viveram, situações, mais ou menos graves, de perda, abandono, violência. Terá um cuidado especial com as crianças que não vivem com os seus pais, mas entregues a familiares, adotadas ou institucionalizadas, cuja situação desencadeadora da intervenção e, até, a solução encontrada, se podem revestir de grande ansiedade e tristeza. Procurará ter uma atitude consoladora e orientadora, mas verdadeiramente adulta.*

3. Há, no mundo inteiro, muitos milhões de pessoas que vivem nestas condições – como emigrantes ou refugiados. Muitas vezes, essas pessoas deixaram a sua terra porque o quiseram, como a maioria dos emigrantes; outras, foram obrigadas pela miséria, pela fome, pela falta de liberdade, pela falta de trabalho ou de condições de vida, pela perseguição religiosa; outras, ainda, foram forçadas a deixar a sua terra e levadas à força para terras estranhas... Em qualquer caso, todas as pessoas que tiveram de abandonar a sua terra, a sua família, a sua casa e ir para outra terra estranha, sofreram muito... Talvez até tivessem, na nova terra, ao fim de algum tempo, encontrado melhores condições de vida; mas a situação de "refugiado" é sempre uma situação dolorosa, que provoca sofrimentos sem fim... Tudo é novo, tudo é estranho, está-se muito sozinho, tem-se medo de não conseguir sobreviver, ter uma casa, um trabalho, uma escola... tudo aquilo a que nós estamos habituados e que, sem nos darmos conta disso, faz a nossa segurança e a nossa felicidade. E, depois, também se receiam as novas pessoas com que, agora, é preciso viver... Muitas vezes, as pessoas que emigram para fugir de alguma desgraça, ou que, simplesmente são obrigadas a deslocar-se, sofrem às mãos daqueles que encontram no seu caminho.

O Povo de Deus também conheceu uma realidade semelhante... Depois de muitos anos instalados na Terra que Deus lhes prometera, foram vencidos pelos exércitos de um outro país – a Babilónia. A sua cidade mais importante – Jerusalém – ficou completamente destruída; muitas pessoas foram mortas e as que sobreviveram, foram feitas prisioneiras e levadas para essa terra estrangeira de onde vinham os atacantes, a Babilónia.

A esse período da história do Povo de Deus em que este foi obrigado a viver longe da sua terra, numa terra estrangeira, chamamos o período do "Exílio". Foi uma época de muito sofrimento, de muita dor, de muitas humilhações e perseguições; mas também foi uma época em que o Povo de Deus "cresceu" e amadureceu (*o catequista coloca no placar o poster com a inscrição "crescer e amadurecer: aprender sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a fé" e refere:*) isto é, aprendeu muitas coisas novas sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a sua fé.

## II. PALAVRA

1. Essa experiência do Exílio foi muito dolorosa... À dificuldade de não ter casa nem trabalho, às humilhações e provocações que vinham dos babilônios, à

recordação dos amigos e familiares mortos na guerra, juntava-se a saudade da terra, de Jerusalém... Os membros do Povo de Deus, exilados na Babilónia, não tinham qualquer motivo para estar alegres ou para ter esperança no futuro... Parecia que a vida deles tinha terminado e que não voltariam a sorrir. Um Salmo (um poema) composto nesse tempo, dizia isto mesmo. Vou ler-vos este belo salmo: vamos todos escutar com muita atenção a Palavra de Deus (**SI 137,1-4**) que nos mostra como se sentiam aquelas pessoas, levadas, à força, para longe de casa:

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Salmos:**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Junto dos rios da Babilónia nos sentámos a chorar,  
recordando-nos de Sião.**

**Nos salgueiros das suas margens  
pendurámos as nossas harpas.**

**Os que nos levaram para ali cativos  
pediam-nos um cântico,**

**e os nossos opressores uma canção de alegria:**

**«Cantai-nos um cântico de Sião».**

**Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor,  
estando numa terra estrangeira?"**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

2. Mas as saudades da sua terra e a falta de confiança no futuro nem eram o pior... **Sabeis o que fazia os membros do Povo de Deus sofrer mais?** Era pensarem que Deus os tinha abandonado, que Deus já não queria saber deles, que já não queria ser o seu Deus. **Como é que esse Deus que os tinha salvo do Egito e que tinha feito com eles uma aliança não os tinha protegido dos exércitos babilónios?** Chegaram mesmo a acusar Deus de ser injusto e de os ter traído...

É estranho, não é? Como nós vimos nas nossas últimas catequeses, antes de acontecer aquela desgraça, eles tinham-se esquecido completamente de Deus, tinham ido atrás de outros deuses, tinham deixado de escutar Deus e de viver de acordo com os mandamentos, tinham preferido colocar a sua esperança e a sua confiança em alianças militares com povos estrangeiros mais do que em Deus... E agora, depois de tudo lhes ter corrido mal, **quando estavam a sofrer as consequências dos disparates que tinham feito, lembraram-se de repente desse Deus que tinha feito uma aliança com eles e achavam que Deus é que era culpado, porque os tinha traído, abandonado e esquecido.**

3. Alguns Profetas – como Jeremias e Ezequiel – explicaram ao Povo que Deus não o tinha traído e abandonado, mas **o Povo é que tinha traído e abandonado Deus**; e aquela desgraça era o resultado de o Povo ter feito escolhas erradas e ter colocado a sua esperança, não em Deus, mas em pessoas que não eram de confiança.

O Profeta Ezequiel respondeu, em nome de Deus, às acusações que o Povo fazia a Deus, (**Ez 18,25-32**) e nós agora vamos ler esse texto (*o catequista organiza a leitura do texto por dois leitores, conforme abaixo indicado, sendo que a divisão proposta visa separar os argumentos do autor e assim, tornar a interpretação mais fácil às crianças*):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Ezequiel.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança 1:*

**Vós dizeis: «O modo de proceder de Deus não é justo».**

**Escutai, pois, casa de Israel:**

**Então é o meu modo de agir que não é justo?**

**Ou é o vosso que o não é?**

**Se o justo se afasta da sua justiça para praticar o mal e morre por causa disto,**

**é por causa do mal que praticou que ele morrerá.**

**Se o pecador se afasta do pecado que cometeu para praticar o direito e a justiça, ele merece viver.**

**Se ele se afasta dos pecados que cometeu, viverá certamente, não morrerá.**

**Mas a casa de Israel diz:**

**«O modo de agir do Senhor não é justo».**

**Então, é o meu modo de agir que não é justo, casa de Israel?**

*Criança 2:*

**Não será, antes, o vosso modo de agir que não é justo?**

**Por isso, Eu vos julgarei a cada um segundo a sua maneira de agir, casa de Israel – oráculo do Senhor Deus.**

**Convertei-vos e afastai-vos dos vossos pecados; que não haja mais entre vós ocasião de pecado.**

**Rejeitai todos os pecados que cometestes contra mim e criai um coração novo e um espírito novo.**

**Porque quereis morrer, casa de Israel?**

**Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja – oráculo do Senhor.**

**Convertei-vos e vivei.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação**

*Crianças:*

**Graças a Vós, Senhor.**

4. Reparastes na última expressão do texto? (*deixar as crianças pronunciarem-se; depois, o catequista coloca no placar o dístico "Convertei-vos e vivei",*

sob o poster que já lá está): este é o mesmo pedido que Deus vinha fazendo ao Povo, através dos seus diversos Profetas: mudai de vida, escutai-Me, sede justos e bons... isso é o que Deus, ao longo de tanto tempo, tem vindo a dizer ao seu Povo, mas este parece surdo, incapaz de ouvir e de compreender!

Deus não era o culpado desta situação. Deus continuava a querer cuidar do seu Povo e a querer apontar-lhe caminhos de vida... Mas o Povo devia fazer a sua parte: devia voltar-se de novo para Deus, devia ter vontade de o escutar, de acolher as suas palavras e propostas, de seguir os caminhos que Deus lhe indicava. Porque Deus não esquecia nem abandonava o seu Povo, só pedia a sua conversão...

Um dia, através de um Profeta cujo nome não conhecemos, embora se costume chamar-lhe Isaias, Deus disse aos exilados (**Is 49,14-16**) (*o catequista pede a outra criança para ler*):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Isaias.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Sião dizia: «O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim».**

**Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé,**

**Não ter carinho pelo fruto das suas entranhas?**

**Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria.**

**Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos.**

**As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Graças a Vós, Senhor.**

5. Portanto, não eram verdadeiras as acusações que o Povo, sem pensar, lançava a Deus, dizendo que Ele o tinha abandonado... Deus responde: as mães esquecem-se dos seus bebês, a quem amam tanto? Claro que não. **Mas, mesmo que uma mãe se esquecesse do seu filho, Deus nunca esqueceria o seu Povo...** Deus diz, ainda com mais força: eu tatuei o retrato do meu Povo nas palmas das minhas mãos para que ele esteja sempre presente diante de mim: é como os pais, que guardam na carteira a fotografia dos filhos para, ao longo do dia, irem "matando" saudades deles; ou é como os namorados ou os casais, que guardam a fotografia da pessoa que amam e, de vez em quando, olham para a foto, para matar saudades.

Aos poucos, ajudados pelos Profetas, os membros do Povo de Deus foram percebendo a sua situação... Perceberam que Deus continuava a estar com eles, mesmo depois de eles terem abandonado Deus... **Perceberam, com a ajuda dos Profetas, que Deus também estava ali, na Babilónia, a cuidar do seu Povo** e que, portanto, Deus tinha poder em toda a terra e em todas as nações.

Ali, naquela terra estrangeira, puderam ver melhor certas coisas e chegaram à conclusão de que os deuses que os babilónios adoravam não existiam e que só havia um único Deus, que reinava sobre todos os povos. **Também perceberam que não precisavam do Templo de Jerusalém** (que, antes, eles consideravam a "residência de Deus", mas que tinha sido destruído na guerra), pois sempre que se reuniam para ouvir a Palavra de Deus - e faziam isso todos os sábados, numa pequena casa, ou mesmo ao ar livre - **Deus falava-lhes e estava presente no meio deles. Perceberam, ainda, que não precisavam de oferecer a Deus sacrifícios de animais para mostrar a Deus que gostavam muito dele** (como faziam antes, no Templo de Jerusalém), **pois o que interessava a Deus não era o sangue dos animais, mas sim o cumprimento da sua vontade e das suas propostas.** Descobriram, finalmente, que **ser Povo de Deus não era viver dentro das fronteiras de um território** (na Terra Prometida, na Palestina), **mas era aderir a Deus**, aceitar as suas indicações, seguir os seus caminhos, fosse qual fosse a terra onde se vivesse.

Foram muitas coisas novas e importantes que o Povo de Deus descobriu naquela terra estrangeira... Aí, **o Povo de Deus cresceu, amadureceu**, passou a entender melhor as coisas, passou a compreender melhor Deus e o que é que significa ser Povo de Deus.

Afinal, há males que vêm por bem... **Aquela experiência de sofrimento** (a derrota na guerra, o Exílio numa terra estrangeira) **trouxe muitas dores e angústias, mas acabou por trazer também coisas muito boas.** Deus aproveitou essa oportunidade para renovar o seu Povo, para Ihe ensinar coisas novas, para ajudar o seu Povo a conhecer melhor o seu projeto e os seus caminhos.

6. Ao longo da nossa vida nós também vamos percebendo aquilo que é importante e o que é a verdade das coisas: muitas vezes há momentos de dor e de sofrimento que nos fazem crescer, que nos ajudam a ver as coisas de outra forma, que nos ajudam a perceber melhor Deus, o mundo e as outras pessoas, que nos ajudam a ser pessoas com mais fé e mais confiança. As pessoas como o Boris, a Gordana, a Laylah, essas crianças e adultos que vocês veem na página 77 do vosso catecismo, se tiverem fé, podem recuperar a alegria, a esperança, a força... Há imensas pessoas e, nós, também, nalguns momentos difíceis da nossa vida *(se houver confiança e respeito suficiente entre as crianças do grupo, o catequista pode pedir às crianças para relatarem um episódio difícil das suas vidas em que elas tenham aprendido algo de válido e importante, como uma doença, a perda de uma pessoa querida, uma mudança de escola, a ausência dos pais, ...; o catequista dará também o seu testemunho; se tal não for possível ou aconselhável, prossegue:)* na página 79 do vosso catecismo, vocês encontram a inscrição "DEUS RENOVA O SEU POVO" e muitas fotos de pessoas que vivem situações difíceis, de sofrimento, dificuldade mas que... aprendem a ser corajosas, aprendem a viver melhor, a descobrir o que é realmente bom, bonito, importante, aquilo que nos dá a felicidade: e fazem-no também porque aceitam Deus e a sua Palavra nas suas vidas, porque se convertem! *(O catequista aponta para o placar.)* Então, realmente vivem! Olhem, para passarmos para a Expressão de Fé bem preparados, vamos ficar um bocadinho, em silêncio, a olhar e a observar, com os olhos da inteligência e do coração, esta página d catecismo, logo a começar pela frase de Ezequiel que já colocámos no placar, lendo tudo com calma e atenção.

*O catequista pode colocar uma música de fundo, se achar oportuno.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *(O catequista indica, sem elevar a voz:) Sem falar nem fazer barulho, vamos preparar o nosso altar, aqui nesta mesa (vai dando a volta ao grupo, colocando os objetos previamente preparados nas mãos das crianças e indicando:) colocando a toalha branca, o crucifixo, as velas e as flores sobre o tampo, de modo a ficar muito bonito (o catequista ajuda as crianças a disporem os vários objetos, de modo a ficar um espaço simples e digno e, no fim, acende as velas).*

Agora já temos o nosso espaço pronto. Vamos dispor-nos à sua volta.

*O catequista ajuda as crianças a colocarem-se devidamente e escolhe três crianças, que ainda não tenham lido alto neste encontro, e entrega-lhes a folha com a leitura que lhes está destinada, indicando que deverão ler quando for indicado e na ordem prevista: 1,2,3; todas as crianças leem, a partir da página 80 do catecismo, o salmo indicado.*

Continuamos em silêncio, para que a Palavra de Deus toque o nosso coração e nos ajude a crescer e a mudar para melhor.

Há muitos anos, depois de uma grande derrota e de a cidade de Jerusalém ter sido destruída pelos inimigos, num momento de desânimo e sofrimento, um crente dirigia-se a Deus e pedia-lhe ajuda com a seguinte oração que é mais um belo Salmo (Sl 79,1-4.9.11.13):

**Ó Deus, os pagãos invadiram a tua herança,  
profanaram o seu santo templo  
e reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.  
Deram os cadáveres dos teus servos  
em alimento às aves do céu  
e os corpos dos teus fiéis às feras selvagens.  
Derramaram o seu sangue como água em torno de Jerusalém,  
e ninguém lhes deu sepultura.  
Tornámo-nos motivo de escárnio para os vizinhos,  
de irrisão e opróbrio para os que nos rodeiam.  
Socorre-nos, ó Deus, nosso salvador,  
para glória do teu nome,  
livra-nos e perdoa-nos por amor do teu nome.  
Chegue junto de ti o gemido dos cativos  
e, pela grande força do teu braço,**

**salva da morte os que estão condenados.  
Nós, que somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho,  
glorificar-te-emos para sempre;  
de geração em geração cantaremos os teus louvores.**

Como vós imaginais, o autor deste texto, que sofria muito ao ver tantas pessoas mortas e tanta gente a sofrer, continuava a confiar em Deus e a achar que só Deus podia salvá-los e dar-lhes vida... Vamos, também nós, dizer a Deus que confiamos nele e que queremos a sua ajuda quando estamos tristes e desanimados ou quando as coisas não nos correm bem... Todos respondemos: **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

*O catequista faz sinal para que a criança com a folha do leitor 1 comece a ler:*

**Leitor 1** – Senhor Deus, há ocasiões em que estamos tristes e desanimados, e parece que toda a gente está contra nós... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas muito de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

**Leitor 2** – Senhor Deus, às vezes ficamos doentes e temos medo, às vezes sofremos por causa dos problemas da nossa família, às vezes perdemos os nossos amigos e a nossa vida fica mais triste e vazia... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

**Leitor 3** – Senhor Deus, às vezes ficamos muito preocupados ao ouvir falar de tantas coisas más que acontecem no mundo – guerra, fome, catástrofes que matam muitas pessoas... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas muito de todos e de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

*O catequista conclui, propondo:* Como sinal de que queremos corresponder ao amor que o Senhor tem por nós, dizemos-lhe que O reconhecemos como um Pai muito bom, em quem confiamos e com quem não temos medo de caminhar pela vida, cantando o cântico que já aprendemos:

**"Eis o tempo da conversão".**

## **2. Compromisso:**

*(O catequista pede às crianças para abrirem a sua **Barra Cronológica** no espaço da catequese 14 e pergunta, seguindo os espaços da catequese 14 à catequese 18:)* Antes de voltarmos para casa, digam-me lá: nós temos estado a viver a nossa Quaresma como um tempo de crescimento e ... *(mudança!)*. Muito bem! Para isso, já algumas semanas, na catequese 14, fizemos um Compromisso especial, de sermos melhores, de querermos amar, e pedimos ao Senhor... *(força de vontade e coragem para mudar)*. Muito bem! Depois, na catequese 15, inspirados pela oração (salmo) de... *(David)*, aumentámos o nosso compromisso porque descobrimos que Deus nos chama e nos confia uma *(Missão!)* ... a nós! A cada um de nós! E rezámos com David, para sermos fortes e corajosos no cumprimento do nosso compromisso... Depois, na catequese 16, chegámos à conclusão – extraordinária – de que nós também somos ... *(interpretes/Profetas)* de Deus, isto é, apesar das nossas fraquezas e limitações, o Senhor tem alguma coisa a dizer que quer dizer através de nós. E, no encontro passado, então, percebemos que todo este compromisso exige a nossa ... *(conversão!)*. E, mais uma vez, David esteve connosco! Ora bem, nós hoje aprendemos algo de difícil e complexo: com o sofrimento, com o exílio que, às vezes, acontece na nossa vida *(mostrar os textos registados no espaço da catequese 18 na Barra Cronológica)*, nós aprendemos sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida, sobre a fé. Por isso, hoje proponho-vos, como o **Compromisso** de meninas e de meninos que estão a crescer e a aprender coisas importantes, que registeis aqui *(indica o espaço adequado na Barra Cronológica)* um momento de sofrimento que vos ajudou a ser melhores pessoas, boas e fortes, como diz David, "para glória do teu nome", do nome do Senhor. Vão fazê-lo para compreenderem bem como o Senhor, de facto, atua, cheio de amor e misericórdia, na vida de cada um de nós. E não se esqueçam de continuar, diariamente, a cumprir o vosso Compromisso de Quaresma, sempre com alegria, sempre com esperança, e por isso usem lápis de cores bonitas para anotar a vossa avaliação!

*Para guardar na memória e no coração*

Ó Deus, os pagãos invadiram a tua herança, profanaram o seu santo templo e reduziram Jerusalém a um montão de ruínas. Deram os cadáveres dos teus servos em alimento às aves do céu e os corpos dos teus fiéis às feras selvagens. Derramaram o seu sangue como água em torno de Jerusalém, e ninguém lhes deu sepultura. Tornámo-nos motivo de escárnio para os vizinhos, de irrisão e opróbrio para os que nos rodeiam. Socorre-nos, ó Deus, nosso salvador, para glória do teu nome, livra-nos e perdoa-nos por amor do teu nome. Chegue junto de ti o gemido dos cativos, pela grande força do teu braço, salva da morte os que estão condenados. Nós, que somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho, glorificar-te-emos para sempre; de geração em geração cantaremos os teus louvores.

SI 79,1-4.9.11.13

## A LUZ DE DEUS BRILHA NA HUMILDADE

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A época

De entre os Profetas que desempenharam o seu ministério na fase final do Exílio do Povo de Deus na Babilónia, sobressai uma figura anónima e enigmática da qual não temos, praticamente, dados pessoais, mas a quem os biblistas costumam chamar "Deutero-Isaías". Os seus textos e a sua mensagem aparecem nos capítulos 40 a 55 do Livro de Isaías (alguns pensam que este Profeta se chamava Isaías, como o profeta do mesmo nome que atuou em Judá no séc. VIII a.C.). Foi, em qualquer caso, um homem a quem Deus chamou e a quem confiou a missão de consolar e dar esperança aos exilados. Em meados do séc. VI a.C., após a morte de Nabucodonosor, o império babilónio entra em rápida decadência. No horizonte do antigo Médio Oriente, nasce uma nova potência – a Pérsia – que se afirma progressivamente na região e ameaça a hegemonia do enfraquecido império babilónico. Essa ameaça concretiza-se quando, em 539 a.C., Ciro, rei dos Persas, entra triunfalmente na Babilónia.

A atividade do Deutero-Isaías desenvolve-se nos anos anteriores à vitória de Ciro. Apesar da atividade de profetas como Ezequiel entre os exilados, é um período de crise e desorientação. Continua a pôr-se o problema do poder de Jahwéh, da aliança, da fidelidade de Deus às suas promessas: porque é que Deus permitiu a catástrofe? Será que Ele abandonou o seu Povo, esse Povo com o qual Ele se tinha comprometido? Que aconteceu às promessas que Deus fez a David? As palavras continuamente repetidas pelo Povo – "o meu destino é ignorado pelo Senhor, o meu direito passa despercebido ao

meu Deus" (Is 40,27); "o Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-me" (Is 49,14) – traduzem a desilusão, o desencanto e a frustração de quem duvida de tudo e já não sabe se pode continuar a contar com a ajuda de Deus.

Neste quadro, até as "boas notícias" que vão começar a aparecer nos anos seguintes trazem inquietação e confusão... Chegam, cada vez mais, informações sobre as vitórias de Ciro sobre as forças babilónicas, o que anuncia uma próxima libertação dos exilados. No entanto – pergunta-se o Povo de Deus – quando essa libertação acontecer, a quem deve ser atribuída? A Jahwéh? A Marduk, o deus mais popular na planície mesopotâmica? Ou aos deuses adorados por Ciro e pelos exércitos persas? É neste panorama humano e religioso que vai ecoar a mensagem do Deutero-Isaiás.

## **2. Uma mensagem de consolação e de esperança**

A mensagem desse Profeta a quem se convencionou chamar "Deutero-Isaiás" aparece – como já dissemos – integrada no "Livro de Isaiás" (cf. Is 40-55). O livro que ele nos deixou é chamado "Livro da Consolação", devido às suas palavras iniciais: "consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor" (Is 40,1). Este título até nem é desapropriado, pois o tema da consolação volta a cada passo ao longo dos capítulos que o compõem (Is 40,27-31; 41,8-16; 43, 1-7; 44, 1-2), mostrando que Deus não abandonou o seu Povo, mas continua apostado em salvá-lo, em libertá-lo, em dar-lhe um futuro de vida e de felicidade.

Em que consiste este "consolo"? A resposta vem em duas etapas, correspondendo cada uma delas a uma das partes do livro.

Na primeira (Is 40-48), o profeta anuncia a libertação do cativo na Babilónia e o regresso do Povo à Terra Prometida. Desta vez, não há um Moisés – um hebreu, filho de hebreus, a quem Deus chamou para conduzir o processo libertador; mas Deus "encomendou" ao rei persa Ciro (cf. Is 41,1-5; 45,1-8; 48,12-15) a condução do processo e ele tornou-se o instrumento de Jahwéh na libertação do Povo. O "novo Êxodo" (a saída da Babilónia, terra da escravidão, e o caminho até à Terra Prometida) será ainda mais grandioso que o antigo, pois até a própria natureza facilitará o regresso dos exilados, oferecendo-lhes a cada passo do caminho tudo o que eles necessitam para sobreviver. Os milagres da água e da comida (árvores de fruto), tão importantes nas tradições sobre o deserto do Sinai, vão repetir-se neste novo Êxodo que os exilados vão viver (cf. Is 41,17-20; 43,19-21; 48,21). O Deutero-Isaiás vai, ainda, aproveitar para recordar aos exilados que a libertação e os milagres

que acompanharão o novo Êxodo são obra de Jahwéh e não obra dos deuses persas ou babilónios. A cada passo, o Profeta polemiza contra os deuses e ídolos pagãos, impotentes e ineficazes, obra das mãos dos homens (cf. Is 40,12-26; 41,21-29; 44,5-20; 46,1-7). A conclusão é lógica: Jahwéh é o único Deus e a sua jurisdição estende-se a todas as nações – inclusive à Babilónia. Os deuses dos outros povos são “nada”. Logo, é a Jahwéh que os exilados devem agradecer tudo aquilo que, em breve, vai passar-se.

Na segunda parte (Is 49-55), o profeta fala da reconstrução e restauração de Sião. Aí, Jerusalém aparece representada como cidade e também na imagem de uma “mulher”. Como “mulher”, queixa-se da falta dos seus filhos; como cidade, das suas ruínas. Jahwéh assegura-lhe que os filhos regressarão ao seu seio e que voltará a ser uma cidade bela e cheia de vida. Deus não esqueceu a sua cidade; ela está para sempre gravada na palma das suas mãos (alusão ao costume de gravar o nome da amada na palma da mão?). Por isso Deus, como esposo, vai acolher de novo a esposa infiel mas arrependida (Jerusalém), proporcionando-lhe uma alegria, uma felicidade e uma paz sem fim (cf. Is 49,14-50,3; 51,17-52,12; 54,1-17).

### **3. Os cânticos do “Servo de Jahweh”**

Ao longo dos capítulos que compõem o livro do Deutero-Isaías aparecem, contudo, quatro textos – quatro poemas – que fogem ao enquadramento temático e ao esquema literário do resto do livro... São os famosos e enigmáticos cânticos do “Servo de Jahwéh”, que ocupam um lugar à parte na teologia do Deutero-Isaías. A delimitação destes poemas ainda se discute. De uma forma geral, podemos aceitar que os textos em questão são os seguintes: Is 42,1-9; 49,1-13; 50,4-11; 52,13-53,12.

Estes textos – tão diferentes do resto da mensagem do Profeta – vêm do Deutero-Isaías? Não sabemos. Há quem diga que poderão ser textos de um discípulo do Profeta; ou que poderão ser cânticos mais antigos, que o Profeta integrou na sua obra; ou cânticos compostos depois do Deutero-Isaías, que um editor final introduziu na obra do Profeta por considerar que a figura neles descrita fazia lembrar o Deutero-Isaías...

Quem é este “Servo” apresentado nos textos? As hipóteses são variadíssimas. Para alguns, o “Servo” poderia ser o Profeta Jeremias, o paradigma dos profetas que sofreram por causa da fidelidade à Palavra de Deus, mas cujo sofrimento teve um valor redentor para todo o Povo; para outros, o “Servo” pode ser o próprio Deutero-Isaías, um Profeta que deu a vida numa terra estrangeira, para poder levar aos exilados uma mensagem de salvação e de

esperança; ou pode ser uma figura coletiva do Povo de Deus, desse Povo humilhado, esmagado, arruinado, arrastado no desastre, considerado como morto, mas que continua a ser amado por Deus e a ser um testemunho de Deus no meio do sofrimento em que vive; ou pode ser, ainda, a figura desse Messias que, no futuro, há de vir para salvar e libertar o povo de Deus, na humildade, na simplicidade e no sofrimento, odiado pelos poderosos e pelos inimigos da libertação; ou pode ser, até, uma figura complexiva ou integral, que une a recordação de personagens históricas (patriarcas, Moisés, David, Profetas), com figuras míticas, de modo a representar o povo na sua totalidade... A "identidade" do "Servo" destes poemas continua a ser um dos segredos da Bíblia; mas trata-se, em qualquer caso, de alguém que Deus escolheu para servir o seu projeto e a sua intervenção no mundo...

Como é que esta figura – do "Servo" – é definida e pintada nestes textos? Trata-se, antes de mais, de alguém que Deus escolheu ("o meu eleito, que Eu preferi" – Is 42,1), a quem Deus segurou pela mão e formou (cf. Is 42,6), a quem Deus chamou quando ainda estava no ventre materno (cf. Is 49,1). Ele é, portanto, um Profeta que Deus elegeu, desde sempre, para o seu serviço.

O "serviço" – a missão – que Deus quer confiar a este "Servo" tem a ver com levar às nações as palavras de Deus (cf. Is 42,1; 49,2). Essas palavras de Deus que o "Servo" leva serão libertadoras e salvadoras, serão como uma luz que se acende na escuridão do mundo e que ilumina e liberta todos os que estão cegos e prisioneiros (cf. Is. 42,6-7). É uma missão profética com alcance universal, pois a mensagem que este "Servo" vai propor deve chegar "às nações" (Is 42,1), aos "habitantes das ilhas, aos "povos de longe" (Is 49,1). Não se trata de uma missão "regional", circunscrita a um espaço geográfico limitado ou a um povo específico ("não basta que sejas meu servo, só para restaurares as tribos de Jacob e reunires os sobreviventes de Israel" – Is 49,6); o "Servo" foi escolhido para ser um sinal de Deus em toda a terra, diante de todos os povos ("vou fazer de ti a luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra" – Is 49,6).

Essa missão não se concretizará de forma majestosa e impositiva, através da força e de gestos poderosos; mas será levada a cabo sem espalhafato, sem alarido, com discrição, de forma simples e humilde ("ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega" – cf. Is 42,2-3). Esse é que é o método de Deus: não impor, mas propor, respeitando a liberdade e as escolhas dos seus filhos e filhas.

A missão do "Servo" não será uma missão fácil e triunfal, concretizada no meio de aplausos das multidões... O "Servo" será maltratado por causa da sua missão ("aos que me batiam apresentei as espáduas, e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o rosto dos que me ultrajavam e cuspiam" – Is 50,6), será desprezado por todos ("vimo-lo sem aspeto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento, diante do qual se tapa o rosto" – Is 2-3), mas continuará, sem protestar e sem desanimar, a desempenhar a missão que Deus lhe confiou (cf. Is 53,7). Finalmente, será morto e sepultado entre os malfeitores, como alguém sem honra, como um pecador amaldiçoado por Deus e rejeitado pelos homens, como alguém cuja vida foi perdida e terminou sem êxito e sem glória (cf. Is 53,8-9).

A vida deste "Servo" terá valido a pena? A sua missão e o seu compromisso terão servido para alguma coisa? O seu sofrimento não terá sido em vão? É aqui que aparece uma das respostas mais surpreendentes da reflexão vétero-testamentária: A vida e a missão do "Servo" não terminaram no fracasso e no insucesso porque o seu sofrimento teve um valor expiatório e redentor... O sofrimento do "Servo" foi como o sacrifício desses animais imolados pelos crentes em reparação pelos seus pecados (cf. Is 53,10); e, como os sacrifícios de reparação, também a morte do "Servo" realizou a reconciliação entre Deus e os homens pecadores. Ele "justificou a muitos, porque carregou com o crime deles" (Is 53,10), "tomou sobre si os pecados de muitos e sofreu pelos culpados" (Is 53,12). Assim, o sofrimento do "Servo" não foi em vão, porque trouxe vida a todos os outros, mesmo àqueles que não o entenderam, que o desprezaram e condenaram à morte infamante. A ideia do valor redentor do sofrimento, a ideia de que o sofrimento poder gerar vida e mudar o mal em bem, está aqui claramente esboçada.

E Deus? Deus aceitou a doação do seu "Servo" e garantiu a verdade do seu "sacrifício", da sua entrega, do seu caminho, recompensando-o, elevando-o à vista de todos, fazendo-o triunfar diante dos seus detratores e adversários (cf. Is 50,8-9; 53,10-12). O triunfo final do "Servo" é a garantia de Deus de que o sofrimento do justo nunca é em vão.

#### **4. Caminho de morte, destino de vida**

Os poemas do "Servo de Jahwéh" são um dos pontos altos da reflexão do Antigo Testamento. Correspondem a uma tentativa de resposta a algumas das questões mais difíceis e mais decisivas que os seres humanos já puseram... Qual o sentido do sofrimento, sobretudo o sofrimento dos justos, dos

inocentes, das pessoas boas, das pessoas que procuram escutar Deus e viver de acordo com as propostas de Deus? Será possível que o justo sofra – até por ser fiel a Deus e à sua Palavra – e que esse sofrimento se perca?

O autor dos poemas do “Servo” não tem uma resposta definitiva para dar a estas questões. Contudo, ele tem a certeza de que o sofrimento é fonte de vida e de libertação, quer para aquele que sofre, quer para aqueles que caminham ao seu lado. Esta convicção profunda, ele di-la sem entrar em pormenores ou em explicações claras... Mas, mesmo sem grandes e decisivas explicações, ele está absolutamente convicto de que o sofrimento – sobretudo o sofrimento do justo – é uma fonte de vida e de redenção. O sofrimento, em si, não é um bem; mas ele pode ser uma fonte de vida e de salvação.

Até então, nunca se havia falado tão claramente do valor redentor do sofrimento. Admitiam-se as dificuldades e contrariedades da vida, encontrando-se nelas um sentido educativo, pedagógico, pretendido por Deus. Mas não se podia imaginar que o sofrimento tivesse por si mesmo um valor redentor. O Deutero-Isaías proclama pela primeira vez que se “o grão de trigo cai na terra e morre, produz muito fruto”.

Estes poemas serão totalmente iluminados à luz de Jesus Cristo, da sua vida e do seu destino. Jesus, com a sua entrega, com a sua doação, com a sua morte por amor, veio mostrar que o sofrimento pode ser fonte de vida nova, de vida que ilumina e transforma a humanidade inteira. Não tem, pois, nada de estranho, que os cristãos da Igreja primitiva tenham utilizado estes textos para descrever a Paixão de Jesus e tenham visto neste “Servo” a antecipação de Jesus, o Filho de Deus que vive na fidelidade ao Pai e cuja vida dada pelos homens, deu sementes de salvação e de libertação.

## **OBJETIVOS**

- Confirmar a descoberta fundamental deste ano: Deus acompanha cada passo da caminhada histórica do seu Povo – mesmo que o Povo, de forma leviana, escolha viver à margem de Deus – e nunca desiste de lhe oferecer vida, salvação, esperança.
- Compreender que Deus não se manifesta no poder, na grandeza, nos gestos majestosos e espetaculares; descobrir que Deus se revela nos gestos simples (e, tantas vezes, anónimos) de doação, de entrega, de serviço, de amor.
- Aceitar esta ideia difícil e “incoerente” para a “lógica” do nosso tempo: do sofrimento nasce, muitas vezes, a vida e a libertação.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Esta sessão de catequese colocará frente a frente o Grande Amor de Deus pelo seu Povo - e por todos nós - e as ambições dos seres humanos, ao longo da história, e as nossas próprias ambições. O catequista deverá centralizar a sua proposta em Deus que, pela Sua infinita bondade e misericórdia, porque é amor, como nos ensina S.João (Cf. 1 Jo 4, 9), age numa esfera acima dos nossos pensamentos, vontade, interesses e projetos, sabe melhor o que é bom para nós. Mas, também, que, apesar dos nossos desvios face à Sua vontade, permanece junto de nós e a nossa felicidade acontece sempre que nos aproximamos de Deus e vivemos de acordo com o Seu projeto para nós.
- 2.** Outra questão importante, para esta catequese, prende-se com a noção de "Servo". Esta figura do "Servo" coloca face a face os critérios de Deus e os critérios culturais dos seres humanos. Deus escolhe os humildes, os simples, os mansos, os de coração puro, os fracos, para lhes confiar grandes missões. Os seres humanos, ao invés, parecem apreciar ou, tendencialmente, preferir seguir os poderosos, os ricos, os fortes, os mais belos, na cultura, na política, na governação, na religião, nos hábitos de consumo, ... É importante, pois, que as crianças possam fazer esta reflexão, também porque, na sociedade atual, se por um lado, se dá grande crédito aos padrões sociais construídos em torno da aparência da juventude, também não se protege suficientemente a infância nem se lhe reconhece o seu próprio papel social e eclesial. Não há razão para esta reflexão se manter a um nível teórico, abstrato, pois nem as crianças a compreenderiam. Quando se refere a necessidade de a concretizar em exemplos de santidade, serviço, dedicação, que não faltam na História da Igreja, é também porque as crianças têm já um potencial de santidade, de intervenção na sociedade e na Igreja, de evangelização, que não deve ser negligenciado mas acarinhado e desenvolvido.
- 3.** Uma terceira questão, naturalmente delicada, é, de novo, a problemática do sofrimento. Neste âmbito, o catequista deve ter particular atenção ao facto de alguma das crianças estar a sofrer, de forma mais intensa, devido a qualquer acontecimento na sua vida ou na vida da sua família (um divórcio dos seus pais, um falecimento de um ente querido, algo que a tenha magoado na escola, algo que envolva algum dos seus amigos, ...); a situação por que passa o país, a região, a localidade, como o desemprego, os efeitos da insegurança, algum desastre natural. Como já se referiu em catequeses

anteriores, não é natural nem essencialmente espontâneo que as crianças aceitem o “sofrimento” sem questionar: afinal, Deus criou-nos para a felicidade e, como vimos anteriormente, não criou o mal. Mas ele existe e amachuca as pessoas, podendo mesmo fragilizá-las e destruí-las. Nessa altura, qualquer pessoa coloca a questão: onde está Deus, porque é que permite isto... “se Deus é tão bom, por que permite que haja pessoas más no mundo? Guerras? Destruição? Catástrofes?”; “Por que não age Deus, quando vê alguém a morrer, a sofrer, a ser injustiçado?” É importante que, a este nível, o catequista compreenda algumas questões de natureza pedagógica. As crianças desta idade tendem a fazer uma leitura literal dos factos; aprendem muito e bem, “informações”, “descrições” mas aceitam sem compreender profundamente; quando ficam confusas, não colocam questões, guardam para si essa impressão; ainda se assustam facilmente com a problemática do sofrimento e da morte, numa relação estreita com a angústia de perda dos pais e entes mais próximos, sem os quais se sentem perdidas no mundo; esta dificuldade em ultrapassar a angústia de perda e separação pode colocar sérios entraves ao seu futuro desenvolvimento religioso no sentido em que, precisamente, lhes retira liberdade interior e espaço emocional para, na adolescência, resolver o problema da teodiceia (problema do mal e do sofrimento). Esta circunstância torna-se, ainda, mais delicada se, enquanto a criança luta, interiormente, por resolver este problema, vive uma experiência real de perda, morte ou grande sofrimento. O cristianismo, que se constrói a partir da experiência da crucificação, lida continuamente com esta dificuldade pastoral e, por isso, muitas pessoas, aparentemente convertidas, nunca chegam ao momento de descobrir que a “solução” de Deus está, não na morte, mas na ressurreição, isto é, na vitória sobre a morte e o sofrimento.

4. Se é, pois, importante, que o catequista tenha resolvido o seu próprio “problema” da morte e do sofrimento, e seja capaz de usar de delicadeza e um verdadeiro testemunho de fé na sua relação com as crianças, também não se deverá esquecer de trabalhar com estas a noção de que Deus nos fez livres e, portanto, capazes de usar a liberdade para escolher o nosso próprio caminho. As crianças também não têm uma visão muito ampla e correta do que é a liberdade, pois, muito dependentes dos adultos e, quase sempre, insuficientemente orientadas, assimilam a liberdade ao quebrar das regras e ao exercício do egocentrismo que lhes resta. A este nível, deve o catequista ajudá-las a pensar-se e à sua circunstância, a sentir aquilo que são na relação com os outros e com Deus, a aperceber-se dos seus erros mas,

sobretudo, do seu imenso potencial para o bem, ajudando-as a estar “alerta” para a presença de Deus no seu coração e nas suas vidas, que não necessita de um entendimento imediatamente lógico, mas precisa de um coração limpo e bom, delicado, capaz de amar. As crianças ainda creem que os adultos temos as respostas todas, mas é preciso que o educador assuma a sua própria limitação e fragilidade para que a criança ceda a Deus o lugar correto na sua existência. A par destas noções, surge o valor do sofrimento, de um modo natural e saudável, porque o masoquismo não o é e também não é cristão.

5. Se nas proximidades na sua comunidade de fé existir uma comunidade das “Missionárias da caridade”, o catequista pode convidar uma das suas religiosas a participar nesta catequese, já que se começará analisando o testemunho de Madre Teresa de Calcutá. Terá o cuidado de preparar esse testemunho com a convidada e de a fazer participar nos vários momentos da catequese. No final, as crianças devem entregar-lhe uma lembrança em sinal de gratidão, algo que, preparado pelas crianças, possa ser significativo para esta comunidade (por exemplo, uma pequena recolha de bens alimentares, para alguma das suas obras).

## **MATERIAIS**

### **1. Para a Experiência Humana:**

Fotos da Madre Teresa de Calcutá, se possível em vários momentos da sua vida.

### **2. Para a Palavra:**

- Bíblia;
- Pulseira (Cf. Documento 1, em anexo);

### **3. Para a Expressão de Fé:**

- Bíblia;
- Vela;
- Um coração: o catequista deverá utilizar um coração na forma que lhe parecer mais bonita e interessante: algum dos corações que se encontram na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4 ou prepará-lo em cartolina vermelha, cartão, tecido, esferovite, desenhando um coração numa cartolina escura com um fio ou uma caneta fluorescente; deve ser bonito e bem feito para poder simbolizar luz e esperança;
- Mãos brancas: o catequista poderá desenhar as suas próprias mãos, abertas, e recortá-las, ou cobri-las de digitinta (à venda nas lojas de brinquedos ou material para Jardim de Infância) e pressionando sobre o

fundo, utilizando, para isso, o material que lhe for mais acessível: cartolina branca, cartão, tecido, esferovite, um fio ou caneta fluorescente, e colando ou desenhando sobre um fundo de cartolina escura – simbolizando o serviço e a ajuda.

## MÚSICA

- "Para além dos meus medos".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### Preparação da sala:

Nesta sessão será necessário:

- uma mesa;
- cadeiras, colocadas à volta da mesa, uma para cada participante;
- Bíblia, no centro da mesa;
- as fotos da Madre Teresa de Calcutá deverão ser apresentadas apenas quando o catequista necessitar delas;
- o material que será utilizado no Expressão de Fé, deverá ser colocado no centro da mesa apenas nesse momento.

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1. Será que já ouvistes falar, alguma vez, de uma senhora chamada Agnes Gonxha Bojaxhiu?** *O catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 81 e sugere que descubram a resposta correta através da identificação da pessoa adulta que está na foto.*

*a) Se as crianças identificarem corretamente o nome, o catequista apresenta a história da Madre Teresa de Calcutá, socorrendo-se da síntese que se apresenta a seguir, no ponto 2;*

*b) Se as crianças não identificarem este nome o catequista continua, dizendo:*

Não, com certeza. Mas talvez conheçais o outro nome pelo qual a senhora da foto veio a ser conhecida no mundo inteiro: Madre Teresa de Calcutá.

**2. Em qualquer dos casos, o catequista prossegue:** Vou contar-vos a história desta grande mulher. Escutem como é interessante e bonita! Uma verdadeira aventura de uma pessoa corajosa e cheia de ideias boas!

- Madre Teresa nasceu numa terra chamada Macedónia (em agosto de 1910), de uma família católica de origem albanesa.
- Aos 18 anos, ela **sentiu que Deus a chamava** e pensou em ser freira; entrou para um convento de religiosas (as "Irmãs de Nossa Senhora do Loreto"), para se preparar para essa missão ao serviço dos outros.
- Foi aí que recebeu o nome de Teresa. Algum tempo depois foi mandada para a Índia, para uma cidade chamada Calcutá.
- Começou por trabalhar como professora, num colégio que pertencia a essa família de religiosas.
- Mas um dia, impressionada com a miséria que via nas ruas de Calcutá, Madre Teresa sentiu que Deus lhe pedia que saísse do convento e fosse trabalhar no meio dos mais miseráveis dos pobres de Calcutá.
- Para se integrar melhor, começou a usar o traje tradicional das mulheres indianas – o sari – e passava o dia nas ruas a pedir ajuda para socorrer os pobres, os doentes, os famintos, aqueles que ninguém queria e a quem ninguém ligava. Os seus preferidos eram as crianças abandonadas e os velhos que viviam no meio da rua, especialmente os que estavam a morrer, porque ninguém queria saber deles...
- A sua vida passou a ser **serviço e ajuda** aos pobres, aqueles que não tinham nada, nem ninguém. Com **humildade**, com **simplicidade** e com muito **amor**, Madre Teresa tornou-se a serva de todos. Nunca pensava em si, nos seus projetos e necessidades: pensava apenas em ir ao encontro dos pobres e em servi-los com alegria e com um sorriso. Nesses pobres ela via Cristo e por isso os tratava com amor e dignidade.
- Aos poucos apareceram outras mulheres que quiseram ajudá-la nesse trabalho; e ela fundou as "Missionárias da Caridade", uma família religiosa que tem a missão de se ocupar dos mais pobres de entre os pobres. Os bens de cada "missionária da caridade" resumem-se a um prato de esmalte, uma muda de roupa interior, um par de sandálias, um pedaço de sabão, uma almofada, um colchão e um par de lençóis... Não têm mais nada, para assim se aproximarem dos pobres a quem devem ajudar e amar. O seu dia de trabalho é empregue com as tarefas de ajuda ao próximo e muitos períodos de oração, para que seja Deus quem as guia e não a sua vontade pessoal ou as ideias de cada uma.

**3. Já alguma vez vistas fotografias da vida de Madre Teresa?** Vou mostrar-vos algumas fotos e, certamente que, ao vê-las, recordar-se-ão melhor do seu trabalho, pois é uma pessoa conhecida mundialmente.

*O catequista vai mostrando, brevemente, uma pequena galeria de fotos da Madre Teresa: do seu trabalho, da entrega do Prémio Nobel da Paz, ... procurando sempre mostrar as qualidades mais admiradas na Madre Teresa:*

- Nessas fotografias vemos que ela era uma mulher muito frágil, pobremente vestida, sem nada que mostrasse a sua importância;
- mas essa mulher tão frágil e tão simples trouxe felicidade, amor e alegria a muitos pobres e ajudou a mudar a vida de muitas pessoas;
- nos gestos de amor e de bondade da Madre Teresa, as pessoas viam a bondade e a ternura de Deus. É verdade: naquela mulher tão pequena, tão frágil e tão pobre, aparecia a bondade e o amor de Deus.

#### **4. Como é que Deus vem ao encontro das pessoas para lhes mostrar que gosta muito delas e quer salvá-las? Já pensaste nisto? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).**

- Já sabemos que é através de homens e de mulheres, a quem Deus chama, e a quem Deus confia uma missão...

Pensemos, juntos, no que aprendemos este ano, na catequese, até agora. Já reparastes nas pessoas que Deus foi escolhendo ao longo dos tempos e a quem deu uma missão? Que qualidades mais marcantes encontramos em todas elas? (*Deixar as crianças apresentarem duas a três características.*) Pois é! Essas qualidades são, mesmo, aquelas que nós devemos imitar! Vamos já escrevê-las na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 19, para as termos presentes e nunca nos esquecermos delas: o catequista aproveita os contributos das crianças para ditar o registo que vai ficar na Barra Cronológica, chegando a estas características/attitudes, ou a uma formulação semelhante:

- uma fé grande e forte;
- amor;
- ternura;
- compaixão;
- bondade;
- justiça;
- humildade;
- confiança em Deus;
- esperança;
- coragem;
- força de vontade;

- trabalho;
- conversão.

*Depois de as crianças terem realizado a tarefa pedida (deixando a segunda parte para o final da catequese), o catequista resume: Muitas vezes, Deus não escolhe, para essa missão, pessoas que parecem fortes, poderosas, importantes, que todos admiram e aplaudem... Mas escolhe pessoas que são simples e pequenas, mas têm um coração muito grande – um coração que é capaz de amar os outros e de estar ao serviço de todos os que precisam. Essas pessoas são, assim, fortes e poderosas, capazes de grandes coisas, mas no seu coração... porque o amor a Deus e ao próximo nos torna fortes e corajosos, trabalhadores, perseverantes, cheios de força de vontade... tal como nós temos vindo a rezar e a pedir ao Senhor para nos dar. Normalmente, é assim que Deus faz.*

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um Profeta a quem Deus convidou a dizer isto mesmo: que é através dos pequenos, dos humildes, daqueles que aceitam servir os outros, que Deus salva o seu Povo e lhe dá vida. Isto vai-nos ensinar uma coisa imensamente importante: é que nós, se nos abrimos a Deus, mesmo pequenos – e vós sois ainda crianças – mesmo humildes, mesmo não sendo nada importantes... podemos fazer coisas grandiosas e relevantes, se nos deixarmos guiar por Deus. Talvez não seja ir para Calcutá, ou ser religiosa ou sacerdote, o que também pode ser, claro!, mas podemos ser alguém que faz a diferença no sítio onde estamos... sem confusão, sem publicidade, sem barulho, sem aparecer na televisão... basta que seja o que Deus nos pede.

## II. PALAVRA

1. *O catequista prossegue: Estais lembrados do que falámos no nosso anterior encontro de catequese? Tinha a ver com o Povo de Deus! (Deixar as crianças exprimirem-se e esclarecer:)*

De facto! Falámos de um tempo em que o Povo de Deus estava exilado numa terra estrangeira, a Babilónia... Dissemos que foi um tempo muito difícil, um tempo de muito sofrimento... Os membros do Povo de Deus sofriam com saudades da sua terra e sofriam porque as condições em que viviam eram muito difíceis... Mas sofriam, sobretudo, porque pensavam que Deus os tinha abandonado e já não queria mais ajudá-los e salvá-los.

Também já sabemos que isso não era verdade: Deus nunca abandonou o seu Povo; mesmo naquela terra estrangeira, Deus continuava a interessar-se pelo seu Povo e a querer dar-lhe vida e esperança. Por isso, chamou pessoas – os Profetas – e enviou-as a comunicar ao Povo palavras de esperança. Ao ouvir esses Profetas enviados por Deus, o Povo voltava a acreditar no futuro, a crer na ajuda de Deus, e sentia-se mais alegre e mais forte, capaz de vencer as dificuldades e o sofrimento: tal como acontece connosco, a quem Deus ama e consola, e inspira boas obras!

Ainda vos lembrais de dizermos, no nosso último encontro, que um dos Profetas dessa época (não sabemos ao certo o nome dele; mas os estudiosos da Bíblia pensam que ele podia chamar-se Isaías) garantiu ao Povo que Deus nunca os esqueceria, assim como uma mãe nunca consegue esquecer o seu filho pequenino? No nosso catecismo até está registado junto de um quadro muito bonito, de uma mãe com o seu bebé, para nos ajudar a compreender esta ideia... Vejam lá, na página 79 (*Deixar as crianças observar e pronunciarem-se*).

**2. O catequista prossegue, explicando:** Pois esse mesmo Profeta disse outras palavras boas e animadoras, que encheram de alegria o coração de todos aqueles que as ouviam...

O que é que esse Profeta disse de tão bonito e de tão animador? Escutem como as suas palavras são tão reconfortantes!

- Disse, em primeiro lugar, que Deus ia libertar o seu Povo daquela terra de escravidão e que ia deixá-lo regressar à sua terra, essa terra da qual o Povo tinha sido arrancados e da qual tinha tantas saudades...
- E disse mais: disse que Deus ia reconstruir essas cidades que tinham sido queimadas e destruídas;
- disse-lhes que Deus ia semear os campos, de forma que todos tivessem comida em abundância; disse-lhes que Deus ia passar a morar no meio do seu Povo, para cuidar sempre dele e para lhe indicar, todos os dias, o caminho que o Povo devia seguir para ser feliz e ter vida...
- **Mas esse Profeta, por indicação de Deus, ainda falou de outras coisas muito importantes...**
- Por diversas vezes, falou de um homem que tinha sido chamado por Deus para uma missão: ir por toda a terra falar de Deus a todos os povos...
- Esse homem devia ser como que uma luz que se acende quando tudo está escuro para iluminar os caminhos que as pessoas têm de percorrer...

### **3. E qual era o seu nome?**

- O Profeta nunca disse o nome desse homem, mas costumava chamar-lhe "SERVO" de Deus, pois a sua missão era estar ao serviço de Deus.

Escutemos, de pé, e com o coração, o que Profeta, falando em nome de Deus, diz desse "Servo" (**Is 42,1-4.6-7**):

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Livro de Isaías.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Eis o meu servo, que Eu amparo,  
o meu eleito, que Eu preferi.**

**Fiz repousar sobre ele o meu espírito,  
para que leve às nações a verdadeira justiça.**

**Ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas.**

**Não quebrará a cana rachada,  
não apagará a mecha que ainda fumeja.**

**Anunciará com toda a fidelidade a verdadeira justiça.**

**Não desanimará, nem desfalecerá,  
até estabelecer na terra o direito,**

**as leis que os povos das ilhas esperam dele.**

**Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça,  
segurei-te pela mão;**

**formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações;**

**para abrires os olhos aos cegos,**

**para tirares do cárcere os prisioneiros**

**e da prisão os que vivem nas trevas.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**4. Antes de mais, sabeis o que é um "servo"?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se brevemente e , usando as suas explicações, elucidar e complementar a elucidação dada:)*

Podemos, então, afirmar que o "SERVO" é:

- aquele "que serve", que está ao serviço de alguém, que faz os trabalhos que alguém lhe manda fazer;
- o nome que antigamente era dado aos escravos, àqueles que estavam completamente ao serviço do seu senhor e que faziam tudo o que o seu senhor mandava. Ora, este homem de quem Deus fala, é o "Servo" de Deus:
- aquele que está completamente ao serviço de Deus, que faz tudo aquilo que Deus lhe manda.

**5. E Deus, o que pensa deste "Servo"? O que vos parece? Gostará dele, ou tratá-lo-á como um escravo que é desprezado?** *(Deixar as crianças discutirem um pouco a questão e, depois, orientá-las:)*

Pelas palavras que Deus diz, vê-se que ama muito o seu "Servo": ele é aquele de quem Deus cuida, é aquele que Deus escolheu, é o preferido de Deus, é aquele que Deus tomou pela mão (como se faz aos grandes amigos). Este "Servo" que faz tudo o que Deus manda é, também, um grande amigo de Deus.

**6. E qual é a missão do "Servo"? Qual o trabalho que Deus lhe confia?**

*É importante envolver as crianças na missão especial do "Servo", que elas admirem o dom deste serviço:*

Deus diz que o trabalho do "Servo" é ser uma LUZ que ilumina os povos de toda a terra, para que todos os homens e mulheres deixem de viver na escuridão e vejam por onde ir, o que fazer, que passos dar para serem felizes. Quem está triste e desanimado, quem faz coisas más e é infeliz, quem sofre e é maltratado pelos outros, é como se vivesse na escuridão... O "Servo" de Deus deve ser uma luz no meio de todos esses que vivem na escuridão – quer dizer, deve dar-lhes alegria e esperança, deve ajudá-los a não seguirem caminhos errados, deve acabar com as injustiças e maldades que fazem sofrer tantas pessoas, deve libertar todos aqueles que estão presos à maldade ou ao sofrimento.

**Vê como esta missão, deste "Servo" de Deus, é uma missão muito bonita e muito importante para o Povo de Deus! E mais!**

- O "Servo" é uma pessoa que Deus envia para Ajudar a Nascer um mundo melhor, um mundo onde não há sofrimento e maldade e onde as pessoas são felizes. Foi, precisamente, isto que fez a Madre Teresa de Calcutá, de quem falámos no início do nosso encontro de hoje.

**Há mais uma coisa muito bonita que precisais de saber sobre este "Servo" de Deus...**

Diz-se no texto que ele "não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fuma".

**Que é que isto quer dizer? Que ele vai gritar muito alto as palavras de Deus para obrigar as pessoas a seguir o caminho de Deus? Que ele vai impor-se pela força e castigar aqueles que não o escutam? Que ele vai ser duro e exigente e condenar aqueles que se portam mal?**

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar o seu raciocínio para:)*

Claro que não! O que estas palavras querem dizer é que esse "Servo" será uma pessoa HUMILDE, CHEIA de BONDADE e MANSIDÃO, que procurará ajudar os pobres e os fracos mas não fará mal a ninguém nem condenará ninguém; o que estas palavras querem dizer é que Deus, quando vem ao nosso encontro, não nos condena nem nos ameaça, mas trata-nos com bondade e com muito amor. A força, o poder, vem do amor! Não é extraordinário?

O "Servo", QUE ATUA EM NOME DE DEUS, mostra-nos, com a sua atitude, a maneira de ser de Deus: ele aponta-nos o caminho para nós sermos felizes, mas respeita a nossa liberdade, respeita as nossas decisões, respeita o nosso ritmo de caminhada.

**7. Se o "Servo" de Deus tem uma missão tão bonita e tão importante, ele deverá ser admirado e aplaudido por todas as pessoas, não é verdade?**

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:)*

Não, isso nem sempre é verdade. Há pessoas que não conseguem escutar a Deus, ou que não querem escutar Deus, nem as indicações que Ele dá. Há pessoas que pensam que é a fazer coisas más que são felizes ... o que nós sabemos ser um erro terrível, pois as nossas escolhas erradas provocam sempre sofrimento e mais erros ... O que o "Servo" nos veio propor não é fácil e, por vezes, as pessoas não têm a coragem necessária para o seguir ... ou a humildade para pensar «se calhar, eu não sei tudo; se calhar, devia pensar melhor». Por isso, o "Servo" será, muitas vezes, incompreendido, "gozado", maltratado, torturado e, até, poderá ser morto. Mas Deus não o abandonará... Deus estará sempre ao lado dele e dar-lhe-á força para continuar com o seu

trabalho, para continuar a ser uma luz acesa no mundo, para continuar a dar alegria, vida e esperança ao coração dos homens.

Num dos textos que nos falam sobre o "Servo" de Deus, e o próprio que nos fala e nos diz assim (**Is 50,6-8**):

*Catequista/criança:*

**Aos que me batiam apresentei as espáduas,  
e a face aos que me arrancavam a barba;  
não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam.  
Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio;  
por isso, não sentia os ultrajes.  
Endureci o meu rosto como uma pedra,  
pois sabia que não ficaria envergonhado.  
O meu defensor está junto de mim.**

- 8.** Mesmo tendo o "Servo" Deus ao lado dele, a apoiá-lo, será que vale a pena ele continuar com a sua missão, se muitas pessoas não o escutam, se lhe batem, se o fazem sofrer? Para que serve tanto sofrimento? Ficaré perdido? O que vos parece?

*O catequista estimula as crianças a pronunciarem-se e, depois, propõe que escutem todos a Palavra de Deus, onde está a verdadeira resposta:*

Uma vez mais, voltamos aos textos da Bíblia que nos falam do "Servo" de Deus para responder a estas questões... Vê o que se diz sobre o valor e a importância do sofrimento do "Servo" (**Is 53,2-6.10-11**):

*Catequista/criança:*

**Vimo-lo sem aspeto atraente,  
Desprezado e abandonado pelos homens,  
como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento,  
diante do qual se tapa o rosto,  
menosprezado e desconsiderado.  
Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças,  
carregou as nossas dores.  
Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado.  
Mas foi ferido por causa das nossas iniquidades.  
O castigo que nos salva caiu sobre ele,  
fomos curados pelas suas chagas.  
Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas perdidas,  
cada um segundo o seu caminho.**

**Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes.  
Aproveite ao Senhor esmagá-lo com sofrimento,  
para que a sua vida fosse um sacrifício de reparação.  
Terá uma posteridade duradoura e viverá longos dias,  
e o desígnio do Senhor realizar-se-á por meio dele.  
Ele, o justo, justificará a muitos, porque carregou com o crime deles.**

**9. O que será que aprendemos destas palavras? Já sabeis responder às perguntas que fizemos? O sofrimento do "Servo" não servirá para nada? Ficará perdido?**

*Depois de as crianças se pronunciarem, o que não lhes será fácil, o catequista ajuda-as a esclarecer e sintetizar com todo o cuidado:*

- De acordo com este texto, o sofrimento do "Servo" não será inútil, mas terá uma finalidade: há de transformar-se em vida nova para muitas pessoas. Em recompensa por aquilo que o "Servo" sofreu – diz o autor deste texto – Deus irá dar vida a muita gente, Deus irá "curar" muita gente que faz coisas erradas...
- **O sofrimento é uma coisa boa? Não.**
- O sofrimento não é, em geral, uma coisa boa e, tanto quanto possível, devemos lutar para construir um mundo sem sofrimento; mas Deus, porque tem por nós um amor ilimitado, pode aproveitar o sofrimento para daí tirar vida e salvação.
- Se o "Servo" tivesse evitado cumprir a sua missão para não sofrer, o Povo de Deus teria continuado triste e desanimado, a arrastar-se sem esperança na terra do Exílio. Mas o "Servo" aceitou cumprir a sua missão, mesmo que para isso tivesse de sofrer; e, assim, através do sofrimento do "Servo", Deus pôde vir ao encontro do seu Povo para o consolar, para o animar, para fazer renascer a alegria e a esperança no coração do seu Povo, para o salvar. O sofrimento do "Servo" tornou-se uma fonte de vida e de salvação para todos.

**10. Além deste "Servo", já ouvistes falar de mais alguém que "serviu" Deus, que cumpriu a missão que Deus lhe confiou, que foi uma "luz" no mundo, que sofreu e morreu por todos os homens e mulheres e que foi uma fonte de vida e de salvação para todos? Sugerindo às crianças que observem a pintura representada na página 83 do catecismo, o catequista pede-lhes para dizerem o Nome:**

- Muito Bem! **Jesus Cristo** – cuja paixão, morte e ressurreição celebramos nestes dias – percorreu o mesmo caminho daquele “Servo” de que falamos no nosso encontro de hoje. Ele aceitou cumprir a vontade de Deus, mesmo que muitas pessoas não o entendessem e que as autoridades do seu país o perseguissem; ele aceitou sofrer e morrer para que nós aprendêssemos a viver bem, a viver segundo o amor, o perdão, a partilha, o serviço; Ele foi o “Servo” de Deus, que fez tudo o que Deus lhe pediu e que veio ao nosso encontro para nos dar vida. E a sua missão, as suas palavras, os seus gestos, a sua morte, a sua ressurreição, foram uma fonte de vida e de salvação para todos os homens e mulheres.

Para que não esqueçais a importância, o valor e a beleza de ser “Servo de Deus”, entrego-vos, hoje, esta pulseira, que podereis levar para casa, para partilhades em casa esta maravilha. Sabeis quando é que usámos pela primeira vez uma pulseira semelhante a esta? Na maternidade. Pois é, a pulseira identificava a nossa identidade, todos sabiam, assim, quem nós éramos, e passavam a tratar-nos logo pelo nosso nome. Quando Deus escolhe alguém, dá-lhe uma missão, uma identidade própria e, a partir daí, a pessoa falará em nome de Deus, e todos saberão quem é, não poderá mais ser confundido. Nesta pulseira tendes escrito o que é ser “Servo”. *O catequista oferece uma pulseira a cada uma das crianças e pede-lhes que também ofereçam um exemplar à religiosa que está, hoje, com elas; depois, dará o tempo suficiente para as crianças lerem a inscrição e as colocarem nos respetivos braços.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

#### 1. Síntese da catequese

*O catequista explica, procurando verificar se todas as crianças acompanham e compreendem:*

Hoje conhecemos esse “Servo” de Deus que um Profeta do tempo do Exílio apresentou ao Povo de Deus. **Ao olhar para este “Servo”, que é que nós descobrimos?**

- Antes de mais, lembramos uma coisa que já sabíamos (temos falado dela muitas vezes ao longo deste ano de catequese): Deus vem ao encontro da humanidade para a ajudar a caminhar, para a salvar e lhe dar vida, através de pessoas – pessoas como nós – a quem Ele chama e a quem Ele confia uma missão. Deus chama pessoas e envia-as ao encontro dos homens e das mulheres para serem uma luz que ilumina, que dá alegria, que dá esperança, que dá vida.

- Ao olhar para esse "Servo" de Deus, também aprendemos outra coisa... Aprendemos que Deus não se serve de gente grande e poderosa para salvar a humanidade. Quando Deus quis iluminar o mundo, não chamou um grande herói, um grande rei, um grande general; mas chamou um "servo", isto é, uma pessoa humilde e pequena, por quem os outros não davam nada, e foi a essa pessoa que Deus confiou a missão de ser uma luz acesa para iluminar os caminhos que os homens e as mulheres percorrem todos os dias...

Na página 82 do vosso catecismo está representado um quadro muito bonito, que nos ajuda a perceber isso mesmo: é uma criança pobre, talvez da vossa idade... na cidade dela, que era Sevilha, em Espanha, vivia-se uma crise económica muito grande e as pessoas passavam fome... o pintor escolheu esse menino para pintar, um rapazinho esfomeado e só, a quem ninguém ligava nenhuma, para chamar a atenção para a situação dos sem abrigo, dos pobres, dos humilhados. Deus chama pessoas assim, simples, normais, humildes, fracas, algumas daquelas a quem ninguém dá importância, e é através dessas pessoas que Deus atua no mundo, que Deus vem ao encontro dos homens e das mulheres e lhes mostra o seu amor e a sua bondade. Esse "Servo" que realiza a missão que Deus lhe confiou, não impõe nada, não obriga ninguém, não grita nem condena; apresenta, com humildade e simplicidade as propostas de Deus, respeitando as pessoas e as suas decisões... Esses é que são os métodos de Deus.

- Vimos, finalmente, que a missão do "Servo" não é fácil e que, muitas vezes, ele tem que sofrer muito (há pessoas que não aceitam o que ele diz, que o gozam, que lhe batem e que até podem matá-lo). Esse sofrimento perder-se-á? Não servirá para nada? Serve, sim. O sofrimento daqueles que cumprem a vontade de Deus não se perde, mas é utilizado por Deus para mudar o mundo. O sofrimento de quem cumpre a vontade de Deus e de quem dá a vida por causa das propostas de Deus é uma fonte de vida para o mundo inteiro, para todos os homens e mulheres.

## **2. Oração**

*O catequista faz um pequeno ensaio do cântico proposto, para permitir o adequado desenrolar da oração e, depois de um intervalo de silêncio, em que o cântico pode ser escutado na sua versão gravada, distribui as folhas com a oração, uma para cada criança, garantindo que todas as crianças participam com uma leitura em voz alta (que pode ser feita aos pares, por exemplo) e explica:*

**Agora, vamos agradecer a Deus por tudo isto que hoje descobrimos e dizer-lhe que Ele é a nossa vida e a nossa luz...** Iniciamos cantando o cântico:

**“Para além dos meus medos.”**

*O catequista pega no coração e, conforme se vai desenrolando a oração, faz com que este passe para as mãos da criança/crianças que acabou/acabaram de rezar alto. Antes de começar, e depois do cântico explica: Este coração simboliza a luz e a esperança.*

**Todos** – *Senhor, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 1** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu caminhas sempre connosco e vens ao nosso encontro para nos ajudar e para nos conduzir nos caminhos do mundo.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 2** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu não estás nos fortes e nos poderosos; mas escolhes os simples, os humildes, os pequenos, aqueles que fazem da sua vida um serviço de amor aos outros, para serem a tua luz a iluminar o mundo.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 3** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu aproveitas o sofrimento daqueles que te servem e te amam para daí tirar vida e salvação para os homens e mulheres do mundo inteiro.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 4** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque enviastes a este mundo o vosso filho, Jesus Cristo, que veio iluminar os nossos caminhos, que veio ser o “Servo” de todos, que veio ajudar todos os homens e mulheres que o conheceram e que hoje continua a dar esperança e vida nova a todos nós.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

O catequista pega no cartaz/mãos brancas e explica: Estas mãos simbolizam o serviço e a ajuda e, agora, também vão passar pelas nossas mãos (o catequista entrega as mãos a uma das crianças dos pares ou pequenos grupos de crianças conforme estas estão para iniciar a sua leitura: uma criança pega nas mãos e levanta-as e outra pega na folha com o texto da oração).

### **Criança 5 e 6:**

Senhor Deus,  
nós também somos pequenos, frágeis, simples;  
nós não temos poder nem mandamos nas outras pessoas...

### **Criança 7 e 8:**

Queremos ser teus "Servos",  
se tu quiseres enviar-nos.  
Aceitamos ser a tua luz que se acende no mundo  
e que ilumina a vida dos nossos pais, dos nossos irmãos,  
dos nossos amigos, dos nossos colegas.

### **Criança 9 e 10:**

Nós queremos, Senhor Deus,  
fazer gestos de bondade, de perdão, de ajuda, de amizade, de serviço  
para que a vida das outras pessoas seja mais alegre e mais feliz.  
Estamos aqui, Senhor, podeis enviar-nos como vossos servos.

*Repete-se o cântico.*

## **3. Compromisso:**

A nossa Quaresma está a chegar ao fim! Julgo – e vejo nas vossas **Barras Cronológicas** – que se esforçaram muito para cumprir o vosso Compromisso da Quaresma (se tiver tempo e houver ambiente de confiança entre as crianças, e com o catequista, que o permita, o catequista pode pedir às crianças para referirem qual foi a sua escolha de Compromisso, registada no espaço da Catequese 14 da Barra Cronológica, e para contarem brevemente como se sentiram ao tentar cumpri-lo; naturalmente, o catequista deve incluir-se nesta partilha). Tantos pontos coloridos! Que alegria! Hoje, vou só pedir-vos para, no espaço desta catequese, onde, ainda há pouco, registámos as qualidades e atitudes dos Interpretes de

Deus, escrevam também (*indicar o espaço que refere «Para aprender a ser Servo do Senhor, escolho, para experimentar na minha vida:»*) duas dessas qualidades e atitudes que querem começar já a imitar. Para vos ajudar a consegui-lo, sugeria que rezásseis todos os dias, até à Páscoa, o salmo de David que rezámos na última catequese e que está no vosso catecismo (SI 79, 1-4.9.11.13, na página 4 da catequese 18). Quando o fizerdes, registai na vossa Barra Cronológica, no espaço desta catequese, com um símbolo que vos agrade.

E, antes de sairmos, queria lembrar-vos que, na próxima catequese, vamos ter a nossa Celebração Pascal. Para tal, vamos preencher o convite - para as vossas famílias - na página 84 do vosso catecismo: dia... (*indicar*), pelas ... (*indicar*) horas, em ... (*indicar o local*). Mas, atenção, para premiar o vosso esforço de serdes profetas e verdadeiros servos do Senhor, ides convidar, cada um, um amigo vosso, da escola, da vizinhança, da família mais afastada e que habitualmente não vá à catequese, para viver esse dia convosco.

*Depois, o catequista deve dar **todas as indicações práticas** necessárias, conforme o que, com os demais catequistas do catecismo 5, ficou decidido quanto à Celebração - para tal, deve ter-se o cuidado de preparar a Celebração com a devida antecedência, garantindo a presença das famílias e dos amigos. Garante-se, também, os eventuais ensaios que se julguem necessários.*

### **Para guardar na memória e no coração**

O sofrimento daqueles que cumprem a vontade de Deus não se perde mas é usado por Deus para mudar o mundo.

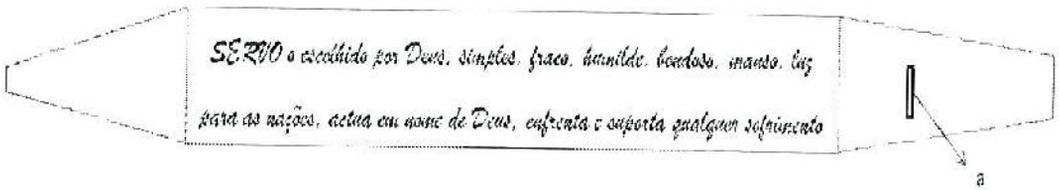
### III – DOCUMENTOS

#### ANEXOS

##### DOCUMENTO 1

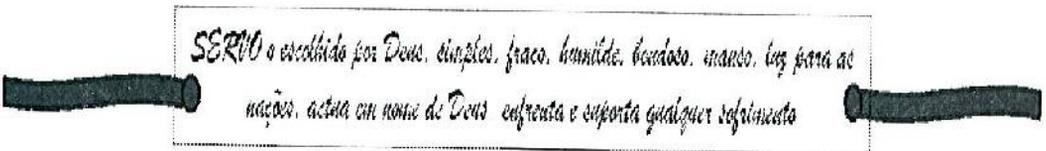
##### MODELO DAS PULSEIRAS

##### MODELO A



Nota: Este modelo de pulseira tem, como inspiração, a pulseira que colocada no braço dos bebés, aquando do seu nascimento para sua identificação, nas maternidades. Poderá ser feita numa simples folha de papel, colorida, ou em papel cartolina, de preferência forrada com plástico autocolante. De um dos lados tem um pequeno recorte (a), para que o lado oposto da pulseira possa ser enfiado e dobrado, segurando, desta forma, a pulseira no braço.

##### MODELO B



Nota: Este modelo de pulseira segue a mesma inspiração da anterior, mas é um modelo mais simples, alternativo, pois a pulseira é apenas atada por duas fitas, que estão de cada um dos lados da pulseira. Os buracos fazem-se com um furador de papel, depois de forrar a pulseira com o plástico autocolante.

## CRISTO, NOSSA PÁSCOA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A Páscoa dos hebreus

Há algumas semanas, na catequese número 12, a propósito da libertação do Povo de Deus da escravidão do Egito, falámos, de passagem, da origem da festa da Páscoa... Chegou, agora, a altura de aprofundarmos um pouco mais a nossa reflexão sobre este tema.

O nome "Páscoa" é a nossa versão do grego "paskha", derivado do aramaico "pasha" e do hebraico "pesah". Discute-se a origem desta palavra. A Bíblia, contudo, relaciona-a com o verbo hebraico "pasah", que pode significar "saltar", ou "passar". A palavra é, no livro do Êxodo, relacionada com a "passagem" de Deus pelo Egito, na noite da libertação (cf. Ex 12,12-13): Jahwéh "saltou" por cima das casas dos hebreus, que escaparam incólumes, enquanto os egípcios eram castigados por terem oprimido o Povo de Deus.

Na verdade, a festa da Páscoa era, na sua origem, uma festa de nómadas, celebrada de noite por toda a família, na lua cheia do equinócio da primavera, no dia 14 do mês de Abib (ou "das espigas"; após o Exílio na Babilónia, este mês passou a chamar-se mês de Nisan). Comportava o sacrifício de um cordeiro jovem (nascido no ano anterior), a fim de obter as bênçãos de Deus para o rebanho. O cordeiro devia ser assado inteiro, sem ser quebrado nenhum dos ossos do animal. A carne que não fosse comida devia ser queimada antes de nascer o dia seguinte. Os comensais comiam de pé, vestidos para a viagem. O sangue do cordeiro era recolhido e com ele eram marcadas as estacas das tendas, a fim de afastar do acampamento os espíritos maus que impediam a fecundidade e a vida. É possível que o rito inicial incluísse uma dança ("saltar") à volta do sacrifício ritual.

Esta festa nómada é antiquíssima. Os hebreus já a celebravam quando estavam no Egito. E foi na altura em que se celebrava esta festa que eles conseguiram fugir da escravidão e encontrar a liberdade. Dessa forma, a antiga festa nómada passou a fazer memória, para o Povo de Deus, do acontecimento mais marcante da sua história: a libertação do Egito. Cada ano, ao celebrar a festa da Páscoa, os hebreus reviviam aquele acontecimento fundamental, atualizavam-no e participavam dessa experiência de passagem da escravidão à liberdade.

A celebração desta festa conheceu, ao longo dos séculos, várias transformações. Por exemplo, com o decorrer do tempo, uma festa distinta – a festa dos ázimos, festa primaveril dos povos sedentários em que se comia pão sem fermento e se ofereciam aos deuses os primeiros frutos da terra – será agregada à festa nómada da Páscoa. Mais tarde, por influência dos “catequistas” que escreveram o livro do Deuterónimo, a velha celebração familiar transforma-se numa festa centrada no Templo de Jerusalém (cf. Dt 16,1-8). O rito adapta-se: o cordeiro deve ser imolado pelos sacerdotes, no Templo; o sangue do animal é derramado sobre o altar dos sacrifícios... Depois, o cordeiro já morto é trazido para casa para ser preparado e comido pela família na noite da Páscoa.

A refeição pascal era, contudo, um momento em que toda a família evocava a libertação do Egito e todos os outros momentos da história em que Deus tinha atuado para libertar o seu Povo. Ao “fazer memória” das intervenções libertadoras de Deus no passado, os hebreus afirmavam, também, a sua certeza na intervenção futura de Deus para, de forma definitiva, salvar o seu Povo. A celebração da Páscoa tinha, assim, um tom messiânico: anunciava o tempo novo que iria começar quando o “Messias” surgisse e derrotasse definitivamente todos os inimigos do Povo de Deus.

Como se desenrolava o “Seder” (a ceia pascal)?

Devia começar ao pôr do sol, com a família reunida à volta da mesa. A primeira cerimónia do “Seder” é a bênção do cálice de vinho (“kidush”) que se bebe apoiando o cotovelo sobre uma almofada de seda, símbolo da liberdade. Comem-se os aperitivos – ervas amargas molhadas no “haroset”, um doce feito com maçãs, peras, figos e outras frutas, e que recorda a escravidão do Egito. Depois, uma criança, a mais nova da família, faz as perguntas rituais sobre o sentido do “Pesah” (“Porque é que esta noite é diferente das outras noites?” “Porquê o cordeiro, o pão sem fermento, as ervas amargas?”). As respostas são dadas pelo chefe da família, que descreve em pormenor, num discurso evocador (“haggadah”), a escravidão dos hebreus no Egito e a

intervenção salvadora de Deus. No final da "haggadah", recita-se o Salmo 113. Em seguida, bebe-se uma nova taça de vinho. São colocados na mesa os pães ázimos, que são comidos depois de uma bênção. Come-se alface molhada no "haroset". Depois, é colocado na mesa o cordeiro pascal, que é distribuído pelos comensais. Serve-se uma terceira taça de vinho (o cálice do "azkarah", ou "memorial"), que é abençoada. Canta-se o Hallel pascal (Salmos 114-118). Bebe-se mais uma taça de vinho.

Após a refeição, as crianças vão em busca da sobremesa ("afikoman), um pedaço de pão ázimo escondido pelo pai no início da cerimônia. O pão encontrado é distribuído entre os presentes que, depois de o comer, não poderão tomar nada de sólido até ao final da noite, a fim de manterem na boca o sabor do pão ázimo. Faz-se, em seguida, a bênção de ação de graças e é tomada mais uma taça de vinho (a quinta), dedicada ao profeta Elias. O encerramento formal do "Seder" inclui uma série de canções e melodias que podem continuar pela noite adentro. A última canção, intitulada "No ano que vem em Jerusalém", expressa a esperança de que se estabeleça o Reino de Deus que, segundo a mentalidade judaica, deve irromper em Jerusalém, quando o Messias chegar para dar início a uma nova era, de felicidade e de vida sem fim.

## **2. A Páscoa cristã**

Durante a sua vida terrena, Jesus, como bom judeu, celebrou todos os anos a festa da Páscoa. E, segundo os Evangelhos, a sua vida terrena terminou na altura da celebração da festa judaica da Páscoa.

Marcos, Mateus e Lucas – os autores dos Evangelhos "Sinópticos" – apresentam, na véspera da sua morte, Jesus a celebrar a Páscoa judaica com os seus discípulos (embora nunca refiram o "prato principal" dessa refeição, o cordeiro pascal). O evangelista João tem uma perspetiva diferente e faz da última ceia de Jesus uma simples ceia de despedida, celebrada na antevéspera da Páscoa judaica. Discute-se qual destas duas possibilidades estará mais de acordo com a verdade histórica... Em qualquer caso, é inegável que a última ceia de Jesus foi celebrada tendo como pano de fundo o ambiente pascal e tendo em conta o rico simbolismo teológico da ceia pascal judaica. Toda essa ceia é marcada pela proximidade da morte de Jesus e pela sua interpretação. Os acontecimentos dramáticos que vão seguir-se – a prisão, tortura, crucifixão e morte de Jesus – estão em cima da mesa e condicionam as conversas dos comensais. É esse o cenário que marca a última Páscoa de Jesus com os discípulos.

Jesus tem consciência de que Ele é esse Messias a que os rituais da Páscoa judaica aludiam e que era esperado pelo Povo de Deus para dar início à era messiânica. E, na sua perspectiva, esse acontecimento está associado à sua morte próxima... As palavras que Ele pronuncia sobre o pão e sobre o vinho, identificados com o seu corpo e o seu sangue derramado, interpretam a sua morte iminente como o sacrifício que estabelece uma nova aliança entre Deus e os homens e que marca o início dessa nova era. Ponto alto de uma vida gasta a concretizar no mundo o projeto salvador do Pai, a sua morte na cruz é o momento do nascimento de uma nova humanidade, constituída por homens e mulheres novos, que escutaram e acolheram o projeto de Jesus e são capazes de amar até ao dom total de si mesmos.

Para a catequese primitiva – influenciada por este cenário pascal em que acontece a morte de Jesus na cruz – Jesus é o novo cordeiro pascal, cujo sacrifício anuncia a libertação definitiva da humanidade. O evangelista João, embora não situe a ceia de Jesus com os discípulos num contexto pascal, chega a fazer coincidir a morte de Jesus com a hora da imolação dos cordeiros pascais (que iriam ser comidos ao pôr do sol desse dia, nas casas, na ceia pascal – cf. Jo 19,36), no Templo de Jerusalém. Como, na antiga Páscoa, o cordeiro pascal comido pelos hebreus marcou o momento da passagem da escravidão para a liberdade, agora é a morte de Jesus – o novo cordeiro pascal – que marca o momento da libertação definitiva da humanidade...

E, neste contexto, que significa a Ressurreição? A Ressurreição de Jesus é a prova provada de que o Pai aceitou o sacrifício de Jesus e aprovou a sua proposta. A Ressurreição de Jesus “prova” a verdade do caminho proposto por Jesus como caminho de liberdade, como caminho de vida plena e definitiva. Para os cristãos, a Páscoa judaica desemboca na Páscoa de Jesus... Celebrar a Páscoa é, para os discípulos de Jesus, celebrar o sacrifício desse “Cordeiro” que nos libertou definitivamente do pecado e da morte – com a sua vida, com a sua proposta, com a sua morte e ressurreição – e nos ofereceu a vida em plenitude. Celebrar a Páscoa é celebrar esse dia novo em que nasceu, pelo sacrifício de Cristo, uma humanidade liberta do egoísmo e da maldade, que vive uma relação nova com Deus e que caminha iluminada pela luz que irradia do crucificado/ressuscitado. Celebrar a Páscoa é celebrar o momento mais bonito do projeto salvador e libertador de Deus em favor da humanidade.

### **3. A Páscoa dominical**

Jesus, crucificado numa sexta-feira do mês de Nisan, ressuscitou ao terceiro dia, “no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,2). Foi, também, neste dia em que

os discípulos se encontraram com o Senhor ressuscitado (cf. Lc 24,30.42; Mc 16,14; Jo 20,19-26; 21,1-14)... Por isso, pelos tempos fora, os discípulos de Jesus começaram a reunir-se no "primeiro dia da semana", para celebrar a última ceia de Jesus, para celebrar o memorial da morte e da ressurreição do Senhor ("fazei isto em minha memória" – Lc 22,19). Esse dia passará a ser chamado "dia do Senhor", "dies domini" (ou Domingo). Sempre que a comunidade cristã se reúne para a celebração da Eucaristia, está a reviver a Páscoa do Senhor. Regressa àquela sala onde se celebrou a última ceia de Jesus com os discípulos e, em cenário pascal, celebra a entrega de Jesus, a sua morte e a sua ressurreição... Ao mesmo tempo, une-se a Jesus, escuta a sua palavra, proclama a sua adesão a essa vida nova que brota da Páscoa do Senhor e afirma a sua certeza no encontro final com o Senhor e com a vida definitiva. E, nessa altura, a comunidade cristã reunida e agradecida, repete: "anunciamos, Senhor, a vossa morte; proclamamos a vossa Ressurreição. Vinde, Senhor Jesus".

#### **4. A Páscoa anual**

Além da Páscoa dominical, existe também para os discípulos de Cristo a celebração anual que dá à Páscoa judaica um sentido novo... Ao celebrar a sua Páscoa, os judeus celebravam a sua libertação do jugo estrangeiro, aguardando um Messias que os viesse libertar definitivamente da opressão. Ao celebrar a sua Páscoa, os cristãos festejam a sua libertação – por Jesus Cristo, o Messias de Deus – do pecado e da morte; e unem-se a Cristo, crucificado e ressuscitado, para receberem dele vida eterna e definitiva. A festa da Páscoa é, para os cristãos, o centro de todo o ano litúrgico.

A celebração da Páscoa cristã é antecedida de um tempo longo, de cerca de quarenta dias, chamado Quaresma. O número quarenta evoca os quarenta dias e quarenta noites que Moisés passou na montanha, antes de receber as tábuas da Lei (cf. Ex 24,18); evoca os quarenta anos em que o Povo de Deus caminhou pelo deserto antes de entrar na Terra Prometida; e evoca, ainda, os quarenta dias e quarenta noites que Jesus passou no deserto, antes de começar a sua pregação (cf. Mt 4,2). É um número simbólico utilizado para significar o tempo necessário para preparar um acontecimento muito importante. Para preparar a festa cristã por excelência, a mãe de todas as festas, são necessários 40 dias...

Terminada a Quaresma, começa o chamado Tríduo Pascal. É constituído pelos três dias que antecedem o Domingo de Páscoa. Na Quinta-feira Santa, na celebração da Ceia do Senhor, a Igreja faz memória daquele momento em

que Jesus se reuniu com os discípulos para a última ceia e lhes deu o pão e o vinho, sacramento do seu corpo e sangue, sinais sacramentais dessa vida de doação e entrega ao Pai e aos homens que Ele viveu a cada passo. É, também, o dia em que se celebra a instituição da Eucaristia e do sacerdócio ministerial.

Na Sexta-feira Santa, a Igreja celebra a Paixão e Morte do Senhor Jesus, através de uma liturgia centrada na escuta da Palavra e na adoração da cruz. É um dia de contemplação, serena e agradecida, da entrega total do Senhor por toda a humanidade.

No Sábado Santo, a Igreja fica em silêncio a contemplar e a meditar esse mistério de amor que levou Jesus a dar-se na cruz, enquanto aguarda o momento de celebrar, com alegria, a Ressurreição.

No Domingo de Páscoa, celebra-se a Ressurreição, a festa do encontro com Jesus vivo, que liberta o seu Povo do pecado e da morte, que renova a sua Igreja e lhe dá vida plena.

A alegria que a Igreja experimenta ao celebrar a Ressurreição do Senhor é tão grande, que se prolonga durante 50 dias, através do tempo pascal, até à festa do Pentecostes.

## **OBJETIVOS**

- Celebrar o mistério pascal.
- Descobrir o sentido fundamental da festa da Páscoa: celebramos o facto de Jesus Cristo, ao cumprir até à cruz o plano do Pai, nos ter libertado de tudo aquilo que nos escravizava e destruía, oferecendo-nos a possibilidade de encontrarmos uma vida nova e definitiva.
- Sentir a alegria da vida nova que brota de Jesus ressuscitado.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Toda esta catequese pretende ser uma celebração viva do mistério da Páscoa, acontecimento bíblico, para isso, as crianças devem ser envolvidas ao máximo e sentirem-se comprometidas com o fundamental da festa da PÁSCOA. Embora no texto se indiquem seis leitores, cada parágrafo pode ser lido por uma das crianças, ou por pares de crianças, garantindo que, devidamente ensaiadas, todas participam ativamente. A leitura do Evangelho pode ser entregue a um pai ou uma mãe. Estes colaboram no acender das velas, tarefa que não deve ser feita pelas crianças, por razões de segurança. A distribuição das flores também deve ser feita pelas crianças.

2. A catequese tem duas partes iniciais e uma conclusão: na primeira parte reflete-se e celebra-se a Páscoa dos hebreus e aquilo que ela significou para o Povo de Deus, no seio do qual haveria de nascer Jesus, tendo-a, Ele mesmo, celebrado muitas vezes, ao longo da sua vida e, pelo menos no seu contexto teológico, tendo-a vivido uma última vez com os seus amigos e discípulos, na véspera de ser entregue e condenado à morte; na segunda parte, reflete-se e celebra-se, com maior grau de profundidade e compromisso, a Páscoa dos cristãos – a principal festa dos seguidores de Cristo, o cume do Ano Litúrgico – e nunca é demais sublinhá-lo. Por fim, a celebração encaminha-se para que, sobretudo as crianças presentes, possam descobrir e reter que Cristo é a nossa Páscoa e que viver a Páscoa de Cristo, o dom da sua morte e ressurreição, é viver como Ele nos ensinou, experiência de aprendizagem que, como em dado momento da sua celebração, se recorda, as crianças têm vindo a aprender, experimentando e comprometendo-se com um modo novo, e revolucionário, de viver. De facto, desde que estão na catequese que esta é a Quaresma mais exigente com que as crianças foram confrontadas e o seu empenho e esforço deve ser sublinhado, assim como a alegria que essa nova vida lhes proporciona e que, de modo livre e espontâneo, poderão registar na sua Barra Cronológica.

### **PARTICIPANTES E INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO**

- As crianças do grupo, acompanhadas por familiares e amigos por elas convidados. Como anteriormente referido, deve procurar-se que as famílias estejam presentes e participem na Celebração. Também é fundamental receber bem as crianças convidadas pelos vários elementos do grupo, ajudando-as a integrar-se e a participar da melhor forma possível e tendo em conta que estas crianças – assim se indicou – em princípio não frequentam a catequese e poderão não ter qualquer prática religiosa. O acolhimento e as explicações que serão dadas a todos os participantes, mas tendo as crianças convidadas como principal alvo, devem ser preparadas pelo catequista com o grupo e introduzidas, quando necessárias, por alguns elementos do grupo (há sempre crianças mais desenvoltas que podem fazê-lo, sob orientação dos catequistas): procurar-se-á salientar, pois, o papel testemunhal das crianças.
- Logo no princípio da celebração, faça-se uma referência aos convidados, salientando a presença dos «amigos» e a alegria que é, para todos, recebê-los nesse dia. Louvem-se, também, as crianças pelo resultado do seu empenho em querer dar testemunho da presença de Deus nas suas vidas e do

entusiasmo posto em provar a sua capacidade para também serem intérpretes de Deus.

- Desde que todas as crianças estejam acompanhadas pelas famílias (recomenda-se que o catequista contacte as famílias para confirmar as presenças), devem sentar-se junto desta e ter a seu lado a criança convidada.
- Atendendo à temática central deste catecismo, recomenda-se que se reúnam nesta celebração, pelo menos, os vários grupos de catequese do catecismo 5, se os houver, para proporcionar a todos os presentes uma verdadeira experiência de «Povo de Deus», de comunidade de fé.
- Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam no cortejo e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos.
- Além das crianças, familiares e dos seus jovens amigos, pode abrir-se a Celebração a toda a comunidade cristã.

### **LUGAR DA CELEBRAÇÃO**

- Dentro de um salão amplo, que facilite a movimentação;
- Dentro da sala da catequese. Mas só se nenhuma das propostas anteriores for possível e apenas no caso de a sala ter um tamanho que permita a participação das pessoas a convidar.

Em qualquer caso, procurar-se-á sentar as crianças e os seus pequenos convidados em volta de uma mesa, de tamanho adequado ao número dos participantes, ficando os adultos sentados, também à volta, mas numa(s) outra(s) fila.

### **MATERIAL**

- Guiões da celebração;
- Bíblia;
- Barras Cronológicas das crianças;
- Castiçal/Candelabro;
- Velas pequenas;
- Dois arranjos de flores (ou conforme o tamanho da mesa);
- Um pão e cachos de uvas;
- Uma flor para cada pessoa presente.

### **MÚSICAS**

Devem escolher-se cânticos familiares à comunidade, dando-se como exemplo, apenas, os seguintes:

- "Vamos cantar, irmãos" (J. Martins);
- "Senhor, Tu és a Luz que iluminará a Terra inteira";
- "Cantai ao Senhor um cântico novo";
- "**Aleluia... Ele é o Senhor**" (R. Monteiro);
- "Ressuscitou... Aleluia" (F. Acílio).

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### **Preparação da igreja/sala:**

*Decorar a mesa com dois ramos, não muito altos, de flores, se possível brancas e cor de laranja, invocando as cores da Barra Cronológica das crianças. Colocar a Bíblia sobre a mesa, em lugar de destaque. Deixar espaço para os pratos com pão e uvas, que serão entregues por duas crianças, conforme for mais bonito e adequado. Se possível, colocar também uma "menorah" (candelabro de sete braços) com as velas acesas, sempre que se possa garantir a segurança de pessoas e objetos. À volta da mesa, colocam-se também as velas pequenas. Inicialmente, estão apagadas. Serão acesas no momento apropriado, com a ajuda de fósforos.*

### **CELEBRAÇÃO**

*Depois de todos sentados, a assembleia é dirigida no sentido de cantar o cântico de entrada:*

**"Vamos cantar, irmãos".**

*O Presidente (que pode ser o próprio catequista ou alguém por ele convidado, como o Pároco) entra, ladeado por duas crianças, vestidas com umas túnicas brancas e transportando uma, um prato com as uvas, outra, com o pão. Ao chegarem junto da mesa, o Presidente coloca-se no topo desta, sempre ladeado pelas crianças. Depois, estende as mãos para receber os pratos, que coloca na mesa. As crianças vão ocupar o seu lugar, dando-se início à celebração.*

#### **1. Saudação do Presidente**

***Vamos, de pé, iniciar esta celebração.***

*Presidente:*

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,  
que nos libertou do egoísmo e da morte e nos deu vida nova esteja convosco.

*Todos:*

**Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

## **2. Acolhimento**

*Presidente:*

**(Dirigindo-se ao grupo, depois de ter mandado sentar as crianças e os convidados:)**

**Porque é que hoje estamos à volta desta mesa, enfeitada e com ar de festa?**

***Dando oportunidade para que algumas crianças respondam, continua:***

Porque queremos celebrar uma festa... O Senhor Deus convida-nos para celebrar a festa da libertação, a festa da vida.

Nós chamamos a esta festa "a festa da Páscoa".

**"Páscoa"** quer dizer **"passagem"**... Celebramos esse momento – ou esses momentos – em que Deus "passou" pelo meio do seu Povo para lhe oferecer a vida e a libertação.

Para o Povo de Deus, **a Páscoa é a maior festa, a festa mais importante de todas festas.**

Daqui a alguns dias, vamos celebrá-la, de forma muito solene, na nossa igreja; mas podemos começar, desde já, à volta desta mesa, a viver e a sentir a importância e o significado dessa festa.

## **3. A Páscoa dos hebreus**

Vós, e mais particularmente as crianças da catequese que hoje aqui se reúnem com as suas famílias e amigos, tendes vindo a fazer um caminho de preparação séria e bonita da Páscoa, a viver uma Quaresma de crescimento e de mudança! Mais concretamente, *(o Presidente mostra aos participantes a Barra Cronológica de uma das crianças)*, o vosso caminho de preparação está aqui registado, numa Barra Cronológica que ides construindo através dos vossos esforços. Nesse sentido, e na catequese 13, haveis renovado a vossa Aliança de amor com Deus, nosso salvador, através de um compromisso sério de amar a Deus e de amar o próximo *(catequese 14)*. Depois, haveis feito um compromisso pessoal de mudança *(catequese 15)* e haveis interiorizado como Deus vos chama e vos confia uma Missão, vos quer chamar a ser profetas, testemunhando a sua Palavra *(catequese 16)*. Para tal, a vossa reflexão, feita na catequese e com o auxílio da oração persistente, haveis decidido converter-vos ao Senhor Nosso Deus e mudar, aprender a

ser uma pessoa melhor (*catequese 17*), a crescer e amadurecer, compreendendo o valor salvífico do sofrimento (*catequese 18*) e esforçando-se por servir (*catequese 19*). Hoje, estamos aqui a celebrar este caminho, esta viagem, que fazeis na catequese, procurando ser aquilo que o Senhor pede a cada um e, com as vossas famílias e amigos, a dar testemunho da vossa fé. Estou muito feliz por isso e espero que essa felicidade seja partilhada por todos os presentes.

*Depois de uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças, prossegue:*

Vamos, agora, escutar um resumo do que haveis aprendido sobre a História do Povo de Deus e os acontecimentos que levaram à Páscoa.

*O Presidente dá a indicação aos dois primeiros leitores para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva:*

**Leitor 1** (*uma criança*) – Há muitos, muitos séculos, no início da primavera, depois de terem desaparecido o frio e a escuridão do inverno, as famílias de pastores faziam uma festa e agradeciam a Deus a vida nova que começava a aparecer com o nascimento dos primeiros cordeiros dos rebanhos. Era assim a primeira festa da Páscoa.

**Leitor 2** (*um adulto*) – Há muitos, muitos séculos, no início da primavera, no dia 14 do “mês das espigas”, as famílias de pastores assavam e comiam, à volta da mesa, um cordeiro do rebanho. Comiam, também, algumas ervas e pão. À volta da mesa, antes de partir com o rebanho para as novas pastagens, cada família louvava esse Deus que dá vida aos homens e aos animais. Era assim a primeira festa da Páscoa.

**Presidente** – Isso que vós dissestes é verdade... Mas, há muitos séculos, nessa noite em que se celebrava a festa da Páscoa, o Povo de Deus conseguiu fugir da escuridão e tornar-se um povo livre. E assim nasceu a Páscoa dos hebreus.

**Leitor 1** – O que é que aconteceu de especial nessa noite?

**Presidente** – Sabeis que o Povo de Deus esteve muitos anos prisioneiro no Egito, tendo que trabalhar para os egípcios em condições muito duras e difíceis. Os membros do Povo de Deus eram maltratados e sofriam muito.

Toda a gente estava triste, desanimada e sem esperança... Parecia que nunca mais conseguiriam sair daquela situação.

Mas, no início da primavera, precisamente na altura em que estavam a celebrar a **festa da Páscoa, a festa da vida nova**, Deus ajudou-os a fugir aos egípcios e a tornarem-se livres. Deus "**passou**" por ali, para **libertar** o seu Povo; e os hebreus saíram do Egito nessa noite em que comeram o cordeiro assado, com ervas e pão... Quando nasceu a manhã do novo dia, eles já estavam a caminho da liberdade.

A partir dessa data, sempre que celebravam a **festa da Páscoa**, lembravam-se da noite em que Deus os tinha salvo e os tinha posto a caminho da liberdade... Todos os anos, ao celebrar esta festa, eles agradeciam a Deus por os ter libertado e pediam a Deus que continuasse a salvá-los sempre que alguém os oprimisse e lhes fizesse mal.

**A festa da Páscoa passou assim a ser, para os hebreus, a festa da libertação, a festa em que celebravam o Deus libertador e salvador.**

***O presidente envia os leitores para os seus lugares e convida os presentes a pegarem nas velas pequenas que estão sobre a mesa e a acende-las; conforme o número de pessoas presentes, alguns adultos deslocam-se ao longo das filas de cadeiras, proporcionando a todos a chama de um fósforo.***

**Presidente:** Quando acendemos estas velas, passamos a ter mais luz. Este gesto recorda-nos aquela noite em que Deus "**passou**" no Egito e **libertou** o seu Povo, fazendo com que a noite da escravidão se tornasse **um dia novo, um dia cheio de luz, de esperança, de claridade.**

*Com as velas acesas, de pé, cantam todos o cântico:*

**"Senhor, Tu és a luz que ilumina a terra inteira."**

*Acabado o cântico, o Presidente pede para apagarem as velas e as colocarem, de novo, na mesa. Sentam-se para continuar a celebração.*

#### **4. A Páscoa dos cristãos**

**Presidente – Jesus celebrou esta Páscoa dos hebreus?**

*Deixar as crianças exprimir-se por uns momentos para, de seguida, continuar a explicação da Páscoa dos cristãos:*

Claro que sim. Todos os israelitas a celebravam, todos os anos. Mais: no dia em que ele foi preso, tinha estado a celebrar com os seus amigos a **feita da Páscoa...**

Querem saber o que aconteceu durante essa última celebração que Jesus fez com os seus amigos?

Vamos ouvir de pé como S. Lucas que, como haveis aprendido na catequese do ano passado, escreveu um livro, um Evangelho, a falar sobre Jesus, nos conta este episódio (**Lc 22,7-20**):

*Esta leitura deve ser feita diretamente da Bíblia, que está sobre mesa, pelo catequista ou, caso as restantes leituras sejam feitas pelas crianças, em exclusivo, por um pai ou uma mãe.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Todos:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**Chegou o dia dos Ázimos, em que devia sacrificar-se o cordeiro, e Jesus enviou Pedro e João, dizendo:**

**«Ide preparar-nos o necessário para comermos a ceia pascal».**

**Perguntaram-lhe:**

**«Onde queres que a preparemos?»**

**Respondeu:**

**«Ao entrardes na cidade,**

**virá ao vosso encontro um homem transportando uma bilha de água.**

**Segui-o até à casa em que entrar e dizei ao dono da casa:**

**‘O Mestre manda dizer-te: Onde é a sala**

**em que hei de comer a ceia pascal com os meus discípulos?’**

**Mostrar-vos-á uma grande sala mobilada, no andar de cima.**

**Fazei aí os preparativos».**

**Partiram, encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito**

**e prepararam a Páscoa.**

**Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os apóstolos com Ele.**

**Disse-lhes:**

**«Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus».**

**Tomando uma taça, deu graças e disse:**

**«Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus».**

**Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo:**

**«Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória».**

**Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo:**

**«Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós».**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Ainda com todos de pé:*

**Presidente – Nessa celebração da Páscoa, Jesus disse palavras e fez gestos que não era costume dizer nem fazer na celebração da Páscoa dos judeus.**

Na Páscoa dos judeus, falava-se sobretudo daquele momento em que Deus libertou o seu Povo do Egito; e falava-se, também, de outros momentos da história em que Deus tinha salvo o seu Povo daqueles que o oprimiam e escravizavam...

**Na celebração da última Páscoa de Jesus com os seus discípulos, de que é que se falou? Algum de vós sabe dizer?**

***De novo se dá a palavra às crianças, permitindo avaliar se elas estão a compreender a mensagem da celebração e facilitando a apreensão para os convidados para quem esta mensagem seja uma eventual novidade. Depois, o Presidente prossegue:***

Falou-se, sobretudo, do sofrimento que esperava Jesus e da sua morte, que ia acontecer daí a poucas horas. Jesus disse, claramente, que ia “padecer” – isto é, que ia sofrer muito.

Pegou num pedaço de pão e, depois de convidar os discípulos a comê-lo, disse-lhes que esse pão era o seu corpo, que ia ser entregue à morte; pegou num cálice com vinho e disse que aquele vinho era o seu sangue, que ia ser derramado (ele estava a falar do momento em que o iam matar na cruz e em que o seu sangue ia sair das feridas que lhe fizeram nas mãos, nos pés e no coração...

Algum de vós, meus jovens amigos, sabe explicar porque é que numa festa que celebrava a libertação do Povo de Deus, Jesus falou tanto da sua morte? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para:)*

A resposta a esta pergunta parece difícil, mas é simples: porque **ao morrer na cruz, Jesus estava a libertar o Povo de Deus...** É verdade: a morte de Jesus trouxe vida e libertação para o Povo de Deus.

**Como é que Jesus nos libertou? Como é que Jesus nos salvou?**

Vamos continuar a nossa celebração e assim iremos perceber como JESUS nos salvou.

*O Presidente dá a indicação aos dois próximos leitores para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva:*

**Leitor 3** (criança) – Ele passou toda a sua vida terrena a ensinar-nos como é que nós devíamos viver para sermos livres e felizes... Mostrou-nos que não devíamos ser egoístas, nem fazer mal às outras pessoas;

**Leitor 4** (adulto) – Ele disse-nos que não devíamos odiar ninguém, mas devíamos amar todos os homens e mulheres, mesmo aqueles que nos fazem mal;

**Leitor 3** – Ele disse-nos que devíamos perdoar e acolher as outras pessoas, mesmo quando elas falhavam;

**Leitor 4** – Ele disse-nos que não devíamos esquecer-nos das necessidades dos outros, mas devíamos partilhar o que temos;

**Leitor 3** – Ele disse-nos que não devíamos querer ser servidos pelos outros, mas devíamos estar ao serviço de quem precisasse da nossa ajuda...

**Leitor 4** – E Ele morreu porque alguns homens não concordavam com estas coisas e não queriam que o mundo fosse assim construído...

**Presidente:**

Tudo isso, que dissestes, é verdade: Jesus morreu para nos ensinar a viver bem; Ele morreu para nos libertar do egoísmo e da maldade; Ele morreu para nos ensinar que não devíamos ser escravos do dinheiro ou do poder.. Ele morreu para que nós fôssemos livres e tivéssemos vida, vida verdadeira.

*O Presidente dá a indicação aos dois leitores para voltarem para os seus lugares e aos seguintes para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva continuando a celebração:*

**Leitor 5** (criança) – Cristo é a nossa Páscoa. Ele, com a sua vida e com a sua morte, tornou-nos livres e deu-nos vida.

**Leitor 6** (criança) – Cristo é a nossa Páscoa. Ele gastou a sua vida, até à morte, para nos ensinar o caminho da liberdade e da vida nova.

**Presidente** – Foi isso que Ele nos disse quando nos mandou comer o seu Corpo e beber o seu sangue derramado... Mandou-nos aceitar dentro de nós essa vida de amor, de perdão, de partilha, de entrega, de serviço, que Ele nos veio ensinar a viver.

**Leitor 5** – **“Tomai e comei, isto é o meu Corpo entregue por vós”. As minhas palavras, os meus gestos, acolhei-os no vosso coração e vivei assim.**

**Leitor 6** – **“Tomai e bebei, isto é o meu sangue”. O meu amor, esse amor que me levou a dar a minha vida até à morte, deve estar sempre no vosso coração e levar-vos a ter gestos de amor e de bondade parta com os outros.**

**Presidente** – E, no terceiro dia, o Senhor Deus mostrou que esse caminho que Cristo nos veio ensinar é um caminho de Vida, não de morte: Deus ressuscitou Jesus e Ele apareceu vivo aos seus discípulos.

**Todos:**

Nós sabemos que Jesus está vivo e que veio dar-nos Vida.

**Presidente:**

**Porque Jesus está vivo, vamos voltar a acender as nossas velas mas, desta vez, como sabemos que Ele venceu a morte e que a sua luz nunca mais se extingue, vamos mantê-las acesas, com todo o cuidado, tal como fazemos com a luz da nossa fé.**

*O presidente convida os presentes a pegarem, de novo, nas velas pequenas que estão sobre a mesa, a acende-las e a conservá-las acesas; conforme o número de pessoas presentes, alguns adultos deslocam-se ao longo das filas de cadeiras, proporcionando a todos a chama de um fósforo. O presidente prossegue:*

Cantemos, pois, em sinal de alegria, pois o Senhor está vivo e veio dar-nos a verdadeira Vida.

**Cântico: "Aleluia... Ele é o Senhor"**

**Leitor 5** – Senhor Jesus, Tu aceitaste viver para nós e morrer por nós, para nos ensinar a viver bem, como pessoas livres. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 6** – Senhor Jesus, Tu gostavas tanto de nós, que até deixaste que te matassem para nos ensinar a viver no amor. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 5** – Senhor Jesus, Tu eras um Deus grande e poderoso, mas fizeste-te o servo de todos nós para nos ensinar a servir os nossos irmãos e irmãs. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 6** – Senhor Jesus, a tua ressurreição disse-nos que quem seguir um caminho como o teu não morrerá, mas terá sempre vida. Muito obrigado!

**Todos – És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Presidente – Descobrimos hoje, aqui, que Jesus, ao ensinar-nos a viver – a amar, a servir, a perdoar, a partilhar – nos libertou do mal e nos deu vida.**

Vamos lá para fora dizer isto, mostrar isto, com o nosso amor, com os nossos gestos de bondade e de perdão, com a ajuda que vamos dar a todos aqueles que precisam de nós.

**Vamos dar testemunho da vida nova que Jesus nos deu e que nós queremos mostrar a todos os homens e mulheres.**

Como sinal dessa vida nova que aqui descobrimos e que queremos levar lá para fora, vai ser-nos dada uma flor. Vamos levá-la para casa e vamos explicar à nossa família, aos nossos amigos, aos nossos colegas da escola e do trabalho, que esta flor é o sinal da vida nova que Jesus, **a nossa Páscoa**, a todos nos deu.

*O catequista, ajudado por todas as crianças do grupo, distribui uma flor a cada participante e convida os participantes a levar a sua vela para casa ou a colocá-la junto do altar na igreja, a ser possível, sem as apagar.*

**Presidente** (adaptando às circunstâncias dos presentes):

E agora, antes de voltarmos às nossas vidas e aos locais em que o Senhor nos pede para O testemunharmos e o anunciarmos, quero pedir-vos, em primeiro lugar, a vós, crianças deste(s) grupo(s) de catequese, que continueis o vosso caminho, sem hesitação, sem receio, a construção do vosso percurso de fé, simbolizado e retratado na Barra Cronológica que tendes construído, como membros do Povo de Deus. Aos pequenos amigos, que hoje os acompanharam, quero voltar a saudar-vos, com alegria, e manifestar-vos o gosto que todos sentimos de vos acolher aqui e a oportunidade de celebrar o Senhor convosco. Foi com grande entusiasmo que os vossos colegas vos receberam e que, no futuro, abrirão as portas da sua catequese a cada um de vós, quando quiserdes visitar-nos ou ficar connosco. Às famílias, agradeço o empenho na construção desta comunidade através do acompanhamento que dais à catequese dos vossos filhos/netos/educandos, irmãos, afilhados

... é com o esforço de cada um que uma comunidade se faz vida, com a conversão possível dos nossos corações.

Sugeria a todas as crianças da catequese que, na sua **Barra Cronológica**, no espaço desta catequese, registassem as suas impressões sobre este dia, a alegria que aqui se viveu, o amor a Deus e ao próximo que, juntos, experimentámos.

*Antes de convidar os presentes a participar num lanche de convívio – de preferência bem organizado e partilhado – o presidente recorda os horários e convida as várias famílias a participar nas cerimónias que se aproximam, do Triúdo Pascal. É importante que convoque as crianças para a aproximação ao Sacramento da Reconciliação, se não se tiverem confessado, individualmente ou a partir de uma Celebração Penitencial, antes desta celebração.*

*Presidente:*

**Bênção.**

**Cântico final:**

**“Ressuscitou... Aleluia” (F. Acílio)**

***Para guardar na memória e no coração***

O Senhor é a nossa Páscoa, Ele é a luz nas noites do mundo, é a glória do dia, é a estrada da vida. O Senhor é a nossa Páscoa, o Senhor que ama os homens, o Senhor que nos curará. É no Senhor que tu viverás!

(adaptado de R. Monteiro)

## **“DEUS RESSUSCITOU-O” (At 13, 15)**

### **1.1 - INTRODUÇÃO**

#### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

#### **1. As primeiras confissões de fé cristãs estão centradas na afirmação essencial da Ressurreição de Jesus:**

“Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos”. Desse elemento essencial do *kerigma* primitivo (primeiro anúncio sobre Jesus) encontramos ecos em diversos textos paulinos e nos Atos dos Apóstolos... Paulo, por volta do ano 50, na primeira Carta aos cristãos de Tessalónica (que é o documento mais antigo de todos os documentos que constituem o Novo Testamento), convida os cristãos dessa cidade a “servir o Deus verdadeiro” e a “aguardar do Céu o seu Filho, que Ele ressuscitou de entre os mortos” (1 Tes 1,9-10). Por volta do ano 56, na primeira Carta aos Coríntios, Paulo recorda o “credo” que recebeu da tradição. Este “credo” compreende a morte, a sepultura, a ressurreição e as aparições de Jesus ressuscitado: “Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que vós recebestes, no qual permanecéis firmes e pelo qual sereis salvos, se o guardardes tal como vo-lo anunciei; de outro modo, tereis acreditado em vão. Transmíti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos” (1 Cor 15,1-7).

Lucas, descrevendo os acontecimentos do dia do Pentecostes, coloca na boca de Pedro a seguinte confissão de fé: “Jesus de Nazaré, homem

acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o desígnio da morte. (...) Foi este Jesus que Deus ressuscitou e disto nós somos testemunhas” (At 2,22-24.32). Este mesmo testemunho é repetido por Pedro diante do Povo, no Templo de Jerusalém, sob o pórtico de Salomão (“Destes a morte ao Príncipe da Vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos, e disse nós somos testemunhas” – At 3,15), e mais tarde diante do Sinédrio (“É em nome de Jesus de Nazaré, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de vós” – At 4,10).

Não há qualquer dúvida: o facto da Ressurreição de Jesus é o elemento fundamental da fé dos primeiros cristãos e o núcleo do primeiro anúncio cristão. Nem Paulo, nem os Atos dos Apóstolos descrevem a Ressurreição de Jesus. Mas afirmam-na como um facto indiscutível, à volta do qual se constrói a vida e a experiência de fé das primeiras comunidades cristãs; é deste elemento essencial que os cristãos vivem, é por ele que eles morrem, é dele que dão testemunho. Para a Igreja primitiva, só há uma certeza fundamental: Jesus ressuscitou. Como se chegou a este elemento essencial da fé cristã? Os textos dos nossos “Evangelhos” não descrevem a ressurreição de Jesus. Informam-nos, apenas, sobre o sepulcro vazio e referem as aparições do ressuscitado. A Ressurreição, em si, não teve testemunhas. Há quem diga que esta ausência de qualquer relato sobre a Ressurreição de Jesus constitui a melhor garantia de que os Evangelhos não são obra de falsários: se o fossem, teriam inventado um relato cheio de pormenores. O digno silêncio que mantêm sobre o momento da Ressurreição de Jesus, contudo, fala bem alto e remete-nos para o Mistério de Deus.

## **2. O sepulcro vazio**

De forma diferente, mas coincidente, os Quatro Evangelhos afirmam que o túmulo onde Jesus foi colocado foi encontrado vazio na manhã do primeiro dia da semana.

Lucas apresenta um grupo de mulheres a ir ao sepulcro de Jesus, “no primeiro dia da semana”, para ungir o corpo com aromas e perfumes; no entanto, encontram o túmulo vazio e recebem de “dois homens com trajas resplandecentes” a notícia de que Jesus ressuscitou (cf. Lc 24,1-12). Marcos e Mateus, por seu lado, falam de um grupo de mulheres que, antes de entrar

no túmulo, reparam que a pedra da porta do sepulcro foi removida. Um anjo com aspeto “de um relâmpago” e “uma túnica branca como a neve” (Mateus), ou um jovem vestido com uma túnica branca (Marcos), anunciam que Jesus ressuscitou e convidam as mulheres a comprovar que o seu corpo não está ali (Mc 16,1-8; Mt 28,1-7). Que pensar destes relatos?

Há quem considere como não histórico o dado do sepulcro vazio: seria uma construção da comunidade para afirmar a sua fé na ressurreição de Jesus. Há, no entanto, um elemento que aponta no sentido da autenticidade dos relatos: todos eles afirmam que foi um grupo de mulheres a encontrar o túmulo vazio e a dar testemunho desse facto... Se isto não fosse verdade, porque é que alguém se lembraria de invocar o testemunho de algumas mulheres, uma vez que, no ordenamento jurídico da época, o testemunho das mulheres não tinha qualquer valor legal? Por outro lado, se o túmulo vazio não fosse uma realidade, a mensagem pascal não teria sido, pelo menos em Jerusalém, imediatamente desmascarada?

Há, no entanto, quem observe que o facto de o túmulo ter aparecido vazio não é decisivo: o corpo poderia ter sido roubado, trasladado para outro lugar ou, até, reanimado (no caso de a morte de Jesus não ter sido real, mas apenas aparente); também há quem fale no “túmulo errado”: como Jesus foi sepultado à pressa, as mulheres não teriam fixado bem o autêntico túmulo de Jesus e procuraram o corpo no túmulo errado...

Estas objeções não podem ser descartadas sem mais. Aliás, a própria catequese primitiva considerou-as... É por isso que Mateus refere um elemento que, historicamente, parece pouco provável, mas que se insere na polémica com os judeus a propósito do anúncio cristão da Ressurreição de Jesus: as autoridades colocaram guardas ao túmulo de Jesus para que os discípulos não o roubassem e não dissessem, depois, que Jesus teria ressuscitado (cf. Mt 27,62-66). Os próprios discípulos de Emaús (cf. Lc 24,22-24) recusam acreditar que o sepulcro vazio signifique que Jesus ressuscitou.

O sepulcro vazio parece ser um facto; mas, por si só, não pode constituir uma prova da ressurreição de Jesus. “Os discípulos não apelam nunca à descoberta do sepulcro vazio para robustecer a fé da Igreja ou para refutar e convencer os adversários. A fé no ressuscitado é, pois, independente do sepulcro vazio. Tal sepulcro não determina o acontecimento pascal; na melhor das hipóteses, ilumina-o. O sepulcro vazio não é um artigo de fé: não é fundamento nem objeto da fé pascal. Segundo a mensagem neo-testamentária, não é preciso acreditar através do sepulcro vazio e, muito menos, no sepulcro vazio. A fé cristã não convoca o sepulcro vazio, mas o

encontro com o Cristo vivo: «*Porque buscais entre os mortos aquele que está vivo?*» (Lc 24,5).

O túmulo vazio nada prova, nada explica. Remete para o Mistério. Se houvesse apenas o túmulo vazio, jamais teria havido fé pascal. Há fé pascal porque houve aparições. Mas, se o túmulo não tivesse ficado vazio, as aparições não teriam sido críveis.

### **3. As aparições do ressuscitado**

Os relatos sobre as aparições do Ressuscitado estão por todo o lado, nos textos neo-testamentários. Contudo, uma análise minuciosa dos textos mostra discrepâncias e contradições, de autor para autor, quer quanto aos personagens implicados, quer quanto à localização dos factos, quer mesmo quanto à cronologia dos acontecimentos...

Alguns dos relatos de aparição do Ressuscitado pertencem a um género que poderíamos chamar "aparições particulares". São "aparições" a personagens particulares, normalmente a personagens secundários: as santas mulheres (cf. Mt 28,28,9-10), Maria Madalena (cf. Mc 16,9-11; Jo 20,11-18), os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35; Mc 16-12-13). Trata-se, nesses casos, de relatos únicos, com a indicação do lugar (junto do túmulo, no jardim, no caminho para Emaús) e das palavras que foram ditas. Referem experiências singulares, de um tal personagem, com uma determinada mensagem.

Outros relatos pertencem a um género que se poderia chamar "aparições aos Onze". São relatos que nos colocam em circunstâncias muito diversas, de evangelista para evangelista... Mateus fala de uma aparição aos Onze, num monte da Galileia (cf. Mt 28,16-19); Marcos refere uma aparição aos Onze quando estes estavam à mesa, num local não referenciado (cf. Mc 16,14-18); Lucas fala de uma aparição no Cenáculo, em Jerusalém (cf. Lc 24,36-49); e João refere uma aparição no Cenáculo (cf. Jo 20,19-25), repetida uma semana depois, no mesmo lugar (cf. Jo 20,26-29), e de uma última aparição, na Galileia, enquanto os discípulos pescavam (cf. Jo 21,1-23).

Paulo, por sua vez, evocando a Tradição recebida, fala de aparições "a Cefas e aos Doze", a "mais de quinhentos irmãos, de uma só vez", de uma aparição "a Tiago" e, a seguir, a todos os Apóstolos" (cf. 1 Cor 15,5-7). Alguns dos "casos" referidos por Paulo não aparecem nos relatos evangélicos. Que pensar desta diversidade e desta falta de harmonia? Seria intrigante e estranha, se não soubéssemos que o objetivo dos autores neo-testamentários não é apresentar uma biografia do Ressuscitado, mas sim uma catequese sobre a experiência pascal dos discípulos. Nas "aparições aos Onze", em

concreto, não temos uma reportagem “filmada” dos acontecimentos, mas sim uma esquematização do encontro do Senhor Ressuscitado com os seus Apóstolos, um encontro reiterado num tempo mais ou menos longo (da Ascensão ao Pentecostes) e num espaço físico alargado (da Galileia a Jerusalém). Nesse “encontro” alargado no tempo e no espaço, vão sobressaindo diversos momentos: a dúvida dos discípulos, depois o reconhecimento e a certeza da presença do Ressuscitado vivo e, por fim, a consciência da Missão. Não estamos, evidentemente, a falar de experiências subjetivas ou de alucinações coletivas; estamos a falar de verdadeiros encontros entre Jesus e os seus, de fortes experiências da presença do Ressuscitado, vivo e atuante na vida e no caminho dos discípulos. É essa experiência, fundamental e fundamentada, verdadeira e palpável, que os relatos – cada um de uma forma muito própria – procuram transmitir-nos. Contudo, os relatos que chegaram até nós não são reportagens... O *como*, *quando* e *onde é*, neste contexto, secundário; o essencial é este facto fundamental: Jesus está vivo; Deus ressuscitou-O. “Ninguém duvida que Jesus apareceu aos Apóstolos, mas não sabemos *como* é que apareceu. As narrativas não têm por intenção descrever esse *como*, mas apenas a *verdade* da ressurreição de Jesus” (Carreira das Neves, *Jesus Cristo, História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga 2000, 240-241).

#### 4. A ressurreição de Jesus: um facto histórico?

A ressurreição de Jesus será um facto comprovável com o método experimental da ciência histórica? Objetivamente, não. A Ressurreição de Jesus não foi um acontecimento que pudesse fotografar-se e documentar-se. Estamos diante de algo que é de outro âmbito, um âmbito que escapa à observação histórica e que se situa no âmbito da fé; estamos diante de uma obra de Deus que ultrapassa a história e que tem as dimensões de Deus. A ciência histórica não tem meios para comprovar algo que ultrapassa infinitamente o âmbito humano. A ressurreição não é um facto empiricamente verificável, como foi a crucifixão e a morte de Cristo.

No entanto, dizer que a ressurreição de Jesus não pode ser comprovada pela ciência histórica, não significa que ela não seja um acontecimento *real*. Alguns críticos consideraram que a ressurreição de Jesus, uma vez que não podia ser comprovada pela história, era apenas um produto da imaginação ou da idealização da comunidade crente; mas é um erro crasso considerar que é real apenas aquilo que pode ser objetivamente comprovado pela história. Os relatos de ressurreição, tal como nos chegaram, têm valor histórico? É preciso ter em conta que esses relatos não são obra de *informadores*, mas

sim de *testemunhas* da ressurreição. O *informador* é alguém que procura transmitir uma informação objetiva sobre um acontecimento; a *testemunha*, neste contexto, não é aquele que nos relata de forma objetiva e racional o que viu, mas é um *crente*, cujo testemunho não é neutro: está influenciado pela dimensão da fé.

A ressurreição de Jesus, tal como nos é transmitido pelos textos que chegaram até nós, é um *acontecimento interpretado*, que não se pode atingir a não ser a partir da linguagem própria da fé pascal. É por isso que temos uma multiplicidade de relatos: trata-se de uma experiência de fé, que cada um "diz" na sua linguagem própria. Há, no entanto, um facto que pode ser verificado historicamente: a espantosa transformação operada nos discípulos. De um grupo isolado, com medo, frustrado, desanimado vemos, de repente, nascer uma comunidade viva, decidida, animada, cheia de esperança e que parte pelo mundo a anunciar o projeto libertador de Jesus de Nazaré. É esta transformação que é preciso explicar; e a explicação torna-se mais fácil à luz dos relatos da ressurreição: foi o encontro com Jesus vivo e ressuscitado que transformou os discípulos e os tornou *testemunhas* a partir de Jerusalém e até aos confins do mundo.

## 5. E nós?

E nós? Nós, discípulos de Cristo, caminhamos para a ressurreição, caminhamos para essa Vida nova que Cristo nos abriu e que nos espera. Cristo ressuscitou e também nós ressuscitaremos. "Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé" – dirá Paulo aos cristãos de Corinto, que tinham algumas dificuldades em lidar com a ideia da ressurreição (1 Cor 15,16-17).

Para Paulo, a Ressurreição de Cristo garante a nossa própria ressurreição. A fé em Cristo ressuscitado desemboca inexoravelmente na inquebrantável esperança de que também os cristãos ressuscitarão. "Cristo ressuscitou dos mortos como antecipação dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber vida. Mas cada um na sua ordem: primeiro Cristo; depois aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda" (1 Cor 15,20-23). Jesus ressuscitou, não como o único, como um caso esporádico e excepcional, mas como o primeiro. Ele é o princípio de uma nova humanidade, uma humanidade que começou com Ele, uma humanidade destinada à Vida. Ele, o homem que venceu a morte, arrasta atrás de si essa humanidade que se solidariza com

Ele e que o segue no caminho do amor e do dom da vida (o caminho que Ele veio indicar e propor).

## **6. O sentido teológico da ressurreição de Jesus**

Qual o significado da Ressurreição de Jesus? O que é que este acontecimento nos sugere, a nós que dele tomámos conhecimento, pela fé?

Antes de mais, a Ressurreição de Jesus Cristo, mostra-nos que Deus é a fonte e a plenitude da Vida. Deus não deixou o seu Filho no túmulo, mas ressuscitou-O ... Porque Ele é o Deus que dá Vida e o seu projeto é dar Vida plena e definitiva a todos os seus filhos e filhas. Esse Deus da Vida manifesta, assim, a sua disposição de frustrar os projetos de morte que roubam a Vida dos homens. Ele tudo fará para que a Vida triunfe sempre sobre a morte.

A Ressurreição de Jesus é, também, a sua proclamação solene como *Filho de Deus*, como *Messias libertador*, como *Kyrios* ("Senhor") dos homens e do universo. Jesus é o Filho que o Pai investiu de uma missão e que veio ao nosso encontro para cumprir o mandato que o Pai lhe confiou. Ao dar Vida ao Filho, o Pai está a garantir a verdade de Jesus e a autenticidade do projeto que Ele veio apresentar à humanidade; está a garantir que o caminho proposto por Jesus é o caminho certo para chegar à Vida.

A ressurreição de Jesus significa, também, a nossa libertação. Ao sair do túmulo na manhã de Páscoa, Ele mostrou que é possível derrotar definitivamente as forças da morte. Com a sua Ressurreição, Cristo mostrou que o fim último do homem não é o desaparecimento no nada, mas uma vida nova – a vida de Deus. A partir daqui, o homem pode enfrentar a vida sem medo, com alegria e com esperança, dando um sentido novo e pleno aos seus atos.

A ressurreição de Jesus mostra, além disso, que faz sentido lutar pela verdade, pela justiça e pela paz, contra os mecanismos de opressão, de violência e de injustiça. Cristo fê-lo e Deus, ao glorificá-lo, deu-lhe razão... Sempre que alguém se esforça – à imagem de Jesus – por construir um mundo novo, pode estar seguro que está a colaborar com o projeto de Vida que Deus tem para o mundo e para os homens.

A ressurreição de Jesus é, finalmente, uma manifestação do "Reino de Deus" na sua plenitude. É a amostragem desse mundo novo de homens novos que Jesus veio semear. Apresenta aquilo que os servidores do "Reino" podem esperar se continuarem a viver nessa dinâmica; anuncia um mundo onde todos – mesmo o pobre, o oprimido, o marginalizado, o injustiçado – terão vida em abundância.

Para terminar, há algo que não podemos deixar de ter em conta: a ressurreição de Jesus não é um acontecimento isolado do passado, que se torna para nós uma simples recordação, celebrada cada ano na Páscoa; mas é algo cuja força sentimos, que transforma a nossa vida e lhe dá sentido, que nos inspira na construção de um mundo de paz e de justiça, que nos transmite confiança e esperança. É, portanto, algo que está vivo, cujo dinamismo atua no nosso coração e que, através de nós, transforma o mundo.

A partir da ressurreição de Jesus, estamos, todos os dias, a ressuscitar – nós, as coisas, o mundo. Porque este dinamismo de vida que Jesus vivo e ressuscitado nos transmitiu, continua a agir em nós e, através de nós, a transformar o mundo.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir o “Evangelho” da Ressurreição: esse Jesus que os homens condenaram à morte e crucificaram numa cruz está vivo, porque Deus fê-lo vencer a morte e o túmulo.
- Descobrir que a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade do caminho que Ele veio propor aos homens: ao ressuscitar o seu Filho, Deus disse-nos que a proposta de Jesus é verdadeira e válida para quem quer encontrar Vida.
- Perceber que a Ressurreição de Cristo também nos afeta a nós: quem adere a Cristo e percorre o caminho que Ele indicou, está “condenado” a ressuscitar, como Ele, está destinado à Vida eterna e verdadeira.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Como nesta catequese se pretende ajudar as crianças, mais uma vez, a descobrir a grande vitória sobre a morte (e o pecado) que representa a ressurreição de Jesus, verdadeiro «Evangelho», boa notícia, a real Experiência Humana que se pretende invocar é a vivência que as crianças tiveram da Páscoa, na sua comunidade de fé e aperfeiçoá-la, aprofundá-la, completá-la, sobretudo se os catequistas não conseguirem que todas as crianças sejam integradas nas celebrações do Triúdo Pascal, para todos, as grandes catequese da Igreja. A introdução da imagem do inverno e da primavera serve apenas para as ajudar a fazer uma certa análise dos seus sentimentos, a aprender a ligá-los a determinados acontecimentos, pelo que o catequista pode, também, recorrer à música, nomeadamente a uma gravação musical de Vivaldi, fazendo-as escutar um excerto do “inverno” e, depois, da “primavera”, d’«As Quatro Estações».

2. O catequista terá em conta que muitos dos conteúdos referidos nesta catequese já são conhecidos das crianças; importa, pois, lembrá-los, reforçá-los e, principalmente, introduzir a nova perspetiva apresentada pelos objetivos: a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade do caminho que Ele veio propor aos homens; a Ressurreição de Cristo também nos afeta a nós, pois nos compromete com um modo de viver e de ver a vida, o "modo" da salvação. Certamente muitas das crianças não poderão perceber inteiramente estas mensagens mas, outras, dependendo da sua maturidade e ambiente de vida, começarão, dentro em breve, a questionar-se sobre a verdade das "verdades" aprendidas na catequese e precisam ser preparadas para as enfrentar numa atitude de busca da Verdade e de compromisso com o Bem.

### **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Uma vela, grossa e bonita ou um círio pascal;
- Posters: inverno; primavera; da Via Sacra da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4, tal como indicado mais adiante, ou o próprio Catecismo 4 das crianças, na catequese 22; Cristo Ressuscitado;
- Dísticos: "O túmulo de Jesus está vazio"; Jesus está vivo"; "Amar como Jesus amou é vencer a morte"; "Seguir Jesus é vencer a morte";
- Folhas com o texto da oração, uma para cada criança.

### **MÚSICAS**

- Gravação de excerto dos concertos "Inverno" e "Primavera" da coletânea de Vivaldi, «As Quatro Estações» e respetivo leitor;
- "Sou de Cristo, sou feliz".

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

No **placar**: poster com reprodução do quadro «A Última Ceia», da página 90 e 91 do catecismo, ou equivalente.

Na **mesa**: um prato com pão e um prato com uvas, semelhantes aos usados na catequese 20. A seu lado, a Bíblia.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Depois de recordar, em diálogo com as crianças, o tempo litúrgico que se vive na Igreja e as suas vivências na comunidade, o catequista prepara o ambiente para a descoberta e aprofundamento da experiência dos discípulos de Jesus após a sua morte, recordando, com as crianças, a experiência da catequese anterior, Celebração Pascal, o que fará com cuidado, procurando que as crianças se recordem de como se processou:

Certamente estais lembrados da nossa última catequese! (*Deixar as crianças exprimir-se*) De facto, foi uma catequese especial porque tivemos aqui (*adequar às circunstâncias*) as famílias, os vossos amigos, o sr. Padre ..., que celebrou connosco ... Mas, apesar de ter sido tudo muito bonito, tal como haveis registado na vossa **Barra Cronológica** (*o catequista pode pedir às crianças para lhe mostrarem o seu registo no espaço da catequese 20*), o mais importante de tudo foi ...aquela mesa à qual nos sentámos... não a mesa concreta, claro, mas aquilo que ela representava. Ora olhem lá para o placar e para a nossa mesa de hoje, para poderem descobrir o que é que devemos ter guardado daquela experiência... (*deixar as crianças exprimirem-se e encaminhá-las para:*) Sim, nós hoje temos aqui o pão e as uvas, semelhantes às que usámos na nossa outra mesa, muito maior, porque tínhamos os nossos convidados connosco, e usámo-las como símbolo, como representação ... do acontecimento que teve lugar na Última Ceia, em que Jesus se (*despediu dos seus amigos*) e (*lhes entregou o seu corpo – pão, e o seu sangue – vinho*). Muito bem! Ali no placar também temos uma imagem, um quadro, que retrata aquela refeição tão importante e especial, e que também podem ver no vosso catecismo (*indicar a página 86 e 87 do catecismo*)

E prossegue, *abrindo o catecismo na página 89 ou, em alternativa, mostrando um poster com uma foto do inverno:*

O que é que nós podemos ver nesta foto? (*deixar as crianças exprimirem-se*)

Trata-se de uma foto do inverno: está escuro, vê-se (*descrever a foto escolhida*). Deixa-nos uma impressão de (*deixar as crianças exprimirem-se*) tristeza, não é?

De seguida, o catequista mostrar a imagem alusiva à primavera: E esta foto, de que altura do ano será? Primavera! E que vemos aqui? (*deixar as crianças exprimirem-se*) Alegria, beleza, satisfação, bem-estar... muito bem! O catequista prossegue com o diálogo a partir da seguinte questão:

**Qual é a tua estação do ano preferida? Porquê?**

*Deixar que as crianças expressem os seus sentimentos. Todos, ou quase todos, concordarão que, de todas as estações o inverno é a menos interessante... quando se chegar a esta observação, o catequista prossegue com a seguinte síntese (deverá ser adaptada em função da reflexão das crianças):* Para a maioria das pessoas, **o inverno é a estação menos agradável...** Incomoda-as o frio, a chuva, o vento agressivo, os dias curtos e as noites longas, o céu nublado, as cores escuras das paisagens; mas, sobretudo, incomoda-as e entristece-as a "morte" da natureza: as flores desaparecem, muitas árvores ficam despedidas porque as folhas caíram e parece que a terra perdeu toda a capacidade de gerar vida nova. **Não achas que as pessoas, no inverno, estão mais tristes, mais melancólicas, com menos vontade de sorrir?** *(se for o caso, passar aqui o excerto do concerto «inverno» de Vivaldi.)*

Para essas pessoas, a vida só começa a ganhar cor com a chegada da primavera... O sol torna-se mais luminoso e parece aquecer com mais intensidade, os dias vão ficando mais longos, as paisagens parecem mais coloridas; e, sobretudo, a vida ressurge nos campos, as árvores cobrem-se de rebentos novos, a natureza pinta-se de cores diversas, as flores parecem gritos de alegria na paisagem. Há uma nova vida no ar, as pessoas sorriem, ficam mais alegres, mais bem-dispostas e com mais confiança no futuro...

**Nós não apreciamos a morte. A morte deixa-nos sempre tristeza, desilusão e medo.** Nós nascemos para a vida e gostamos de celebrar a vida... É a vida que nos completa e dá sentido à nossa existência.

2. Nestes dias nós, vivemos a experiência do inverno – da morte, da escuridão, do frio, do desaparecimento da vida. **Ouvimos ler, na Sexta-feira Santa, o relato da paixão e morte de Jesus...** *(o catequista mostra às crianças, na página 85 do catecismo, o quadro que representa «Cristo na cruz»), com pena, com tristeza...* *(se for o caso, voltar a passar aqui o excerto do concerto «inverno» de Vivaldi; a música pode manter-se até ao final da explicação:)*

Ouvimos contar como o corpo morto de Jesus foi colocado num sepulcro, e como esse sepulcro foi tapado com uma pedra. Já conhecíamos todos estes acontecimentos dramáticos desde o ano passado... Até o nosso catecismo o mostrava. Ficámos com a impressão de que essa pedra, fria e inamovível, era o ponto final de uma vida da qual a humanidade esperava bem mais. Foi como se o inverno tivesse chegado outra vez, com o frio, a escuridão, as árvores sem folhas, os campos sem flores... Ficámos tristes e desanimados com essa história de sofrimento e de morte...

3. *É importante que o catequista seja capaz de transmitir às crianças os sentimentos de alegria que a ressurreição desperta; para tal, mostra uma imagem de Cristo ressuscitado, que colocará no placar, ou pedindo às crianças para abrirem o catecismo na página 80, e explica: Este quadro representa, com grande beleza, «A ressurreição de Cristo» e mostra-nos como, na manhã da Páscoa, (se for o caso, passar aqui o excerto do concerto «primavera» de Vivaldi e manter este acompanhamento musical até ao final da Experiência Humana) **acordámos com a primavera. Ouvimos o anúncio feliz da ressurreição de Jesus, o anúncio de que a vida tinha vencido a morte.** Percebemos que o frio do inverno não é a última palavra e o sol da primavera acaba sempre por iluminar o mundo e as nossas vidas. Nas nossas aldeias ouviram-se, durante o dia de Páscoa, campainhas de casa em casa, a proclamar que Jesus estava vivo e que a vida tinha brotado novamente no mundo dos homens e das mulheres.*

**Acabámos de celebrar a Páscoa e temos razões para estar felizes,** para olhar para a vida e para o futuro com esperança. **Jesus está vivo** (colocar a imagem da «Ressurreição de Cristo» no placar). Ele continua a caminhar connosco e a dar-nos vida; ele continua a aquecer a nossa vida e a fazer brotar em nós e à nossa volta vida nova. Isso é a Páscoa!

## II. PALAVRA

1. *Em espírito de alegria, o catequista desafia as crianças a recordar os vários passos da Paixão do Senhor, ajudando-as a refazer o caminho de Jesus. Elogia-as, se for o caso, por terem participado nas celebrações pascais, escutando as respetivas leituras.*

*Depois, faz a síntese, procurando despertar-lhes a inteligência e a sensibilidade. O catequista usará os posters que constam da Via Sacra incluída na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4 (Jesus é entregue por Judas e é preso; Jesus é levado ao Sumo Sacerdote e é acusado por falsas testemunhas – (julgamento de Jesus); Jesus é condenado à morte; Jesus é levado para o calvário, e crucificado; o corpo de Jesus é colocado no sepulcro;) ou fará as crianças seguir a através das páginas 94 e 95 do referido catecismo :*

Já sabeis que, depois daquela **última ceia** (indicar a imagem da ceia no placar) com os seus amigos, por alturas da celebração da Páscoa judaica, **Jesus foi preso**, foi **julgado** e foi **condenado** à morte pelas autoridades judaicas.

**Porque é que condenaram Jesus à morte? Não gostavam dele?** (*deixar as crianças exprimirem-se.*) As pessoas que ouviam a proposta de Jesus e que viam os gestos que Ele fazia, ficavam felizes e diziam “nunca vimos nada assim” (Mc 2,12); **mas havia outras pessoas – os chefes, os poderosos – que não gostavam desse mundo novo que Jesus anunciava:** eles preferiam um mundo onde as pessoas continuassem a ser escravas para eles poderem continuar a ser os senhores do poder, que usavam e magoavam os outros apenas para satisfazer os seus projetos. Jesus incomodava essas pessoas quando falava de amor e de justiça, da dignidade das pessoas, das pessoas vistas como irmãos. Foram esses homens que resolveram matar Jesus para poderem continuar a maltratar e a explorar as outras pessoas, sem serem incomodados.

2. Jesus **foi preso** numa Quinta-feira à noite, (*colocar as imagens no placar, seguindo a sequência da narrativa ou fazer as crianças seguir as imagens no Catecismo 4*) depois da ceia com os seus discípulos. Durante a noite, **foi julgado** e na manhã de Sexta-feira foi torturado. Depois, **obrigaram-no a levar uma cruz às costas** até um lugar chamado “Calvário” e lá **pregaram-no numa cruz**. Pelas três horas da tarde desse dia, Jesus morreu. Tiraram-no da cruz e **colocaram-no num sepulcro**, perto do lugar onde ele tinha sido crucificado.
3. **E os discípulos de Jesus, que o tinham seguido desde a Galileia (no norte do país), até Jerusalém (no sul)?** Lembrai-vos, por exemplo, de Pedro? (*verificar se as crianças se recordam da atitude de Pedro, quando Jesus foi preso, que conhecem do Catecismo 3, catequese 18, e dos discípulos, em geral*): **Logo que Jesus foi preso, eles fugiram, cheios de medo.** Ficaram escondidos, mas souberam que Jesus tinha sido condenado e morto. Para eles, foi como se tivesse chegado o inverno, o frio, a escuridão... Assim passou o resto dessa Sexta-feira e todo o dia de Sábado. Eles continuavam escondidos, sem saber o que fazer... Todos os seus sonhos tinham morrido, toda a sua esperança tinha fugido.
4. No entanto, **na manhã de Domingo**, chegou-lhes, de repente, uma notícia espantosa: **o túmulo de Jesus estava vazio** (*colocar, na sequência das imagens, o dístico com frase: “O túmulo de Jesus está vazio”*); e havia quem garantisse que Jesus estava vivo outra vez... Vamos ver como o evangelista Lucas conta o que se passou nessa manhã de Páscoa (**Lc 24,1-12**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho de S.Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/narrador:*

**No primeiro dia da semana, ao romper da alva,  
as mulheres foram ao sepulcro,  
levando os perfumes que tinham preparado.  
Encontraram removida a pedra da porta do sepulcro e,  
entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.  
Estando elas perplexas com o caso,  
apareceram-lhes dois homens em trajes resplandecentes.  
Como estivessem amedrontadas e voltassem o rosto para o chão,  
eles disseram-lhes:**

*Crianças 1 e 2:*

**«Porque buscais entre os mortos aquele que está vivo?  
Não está aqui; ressuscitou!  
Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia,  
dizendo que o Filho do Homem tinha de ser entregue às mãos dos  
pecadores,  
ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia».**

*Catequista/narrador:*

**Recordaram-se, então, das suas palavras.  
Voltando do sepulcro,  
foram contar tudo isto aos Onze e a todos os restantes.  
Eram elas Maria de Magdala, Joana e Maria, mãe de Tiago.  
Também as outras mulheres  
que estavam com elas diziam isto aos Apóstolos;  
mas as suas palavras pareceram-lhes um desvario,  
e eles não acreditaram nelas.  
Pedro, no entanto, pôs-se a caminho e correu ao sepulcro.**

**Debruçando-se, apenas viu as ligaduras e voltou para casa, admirado com o sucedido.**

5. *A partir desta leitura, o catequista deve conduzir as crianças para a questão que os discípulos se colocaram: que teria acontecido? O catequista deve ajudar as crianças a compreender que, naquele momento, os discípulos não pensaram de imediato na possibilidade da ressurreição. O catequista refaz o percurso da narrativa:*

Para aquelas mulheres, que eram amigas de Jesus, e para os discípulos que tinham andado com Jesus, os acontecimentos daquela manhã do “primeiro dia da semana” (o Domingo) foram muito estranhos... O corpo de Jesus tinha sido colocado naquele sepulcro (os judeus costumavam, nessa altura, sepultar os mortos numas grutas escavadas na rocha e fechar a entrada da gruta com uma grande pedra), mas não estava lá. **Que teria acontecido? Como podia um corpo de uma pessoa morta ter desaparecido assim? Alguém teria roubado o corpo de Jesus? Para quê?**

*Ajudar as crianças a compreender e a sentir a situação dramática, de incerteza e confusão, de fé posta à prova pelo drama e pelo medo, experimentada pelos discípulos ... e, tantas vezes, por nós. Depois prossegue, introduzindo o ponto seguinte:*

Os discípulos de Jesus **começaram a compreender, aos poucos**, o que se passava, quando **começaram a encontrar-se com Jesus, com Jesus vivo**, que falava com eles, que andava com eles, que lhes dava conselhos, que lhes indicava os caminhos a seguir... **Logo no dia da Ressurreição, dois discípulos que tinham resolvido abandonar tudo e ir embora**, encontraram um homem que eles não reconheceram imediatamente e que os acompanhou pelo caminho. Falaram com ele sobre o que tinha acontecido a Jesus, ouviram as suas explicações, mas só se aperceberam de que esse homem que os tinha acompanhado era Jesus, vivo, quando se sentaram à mesa, no fim da tarde, na aldeia de Emaús, e Jesus repetiu o gesto de abençoar e repartir com eles o pão, como o tinha feito na sua última ceia (cf. Lc 24,13-35). Escutámos esta passagem dos Evangelhos logo na primeira catequese do catecismo 4, não foi?

**E os outros discípulos, também encontraram e reconheceram Jesus, vivo?** *(verificar que respostas têm as crianças antes de prosseguir)* Sim. Primeiro, **todos eles estavam desconfiados**, “de pé atrás”, não convencidos... Mas Jesus impôs-se de tal forma, que os convenceu a todos...

Ouvir como o evangelista Lucas descreveu o encontro de Jesus com os seus discípulos (Lc 24,36-43):

*Catequista:*

**“Enquanto isto diziam, Jesus apresentou-se no meio deles, e disse-lhes:**

**«A paz esteja convosco!».**

**Dominados pelo espanto e cheios de temor, julgavam ver um espírito.**

**Disse-lhes, então:**

**«Porque estais perturbados**

**e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações?**

**Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo.**

**Tocai-me e olhai que um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho».**

**Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.**

**E como, na sua alegria, não queriam acreditar de assombrados que estavam,**

**Ele perguntou-lhes:**

**«Tendes aí alguma coisa que se coma?»**

**Deram-lhe um bocado de peixe assado; e, tomando-o, comeu-o diante deles”.**

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Deixar as crianças exprimirem-se. Depois, com entusiasmo, o catequista continua:*

**Eis aqui a razão porque o túmulo de Jesus apareceu vazio: porque Jesus não estava lá. A morte não o venceu... Ele está vivo!** (*colocar no placar o dístico: "Jesus está vivo"*) Os discípulos que andaram com Ele fizeram essa grande descoberta! **Para eles é como se tivesse chegado a primavera,** depois de vários meses de inverno, de escuridão, de frio, de medo, de angústia, de sofrimento; é como se eles tivessem visto esses campos mortos e essas árvores sem folhas novamente cheios de vida, de cores, de alegria.

Jesus está vivo! A maldade daqueles que o quiseram calar não conseguiu vencer Jesus! **Deus, o Pai de Jesus, o Deus cheio de força e de poder, não quis que a morte vencesse o seu Filho e deu-lhe vida outra vez!**

6. Nesta fase da catequese, o catequista vai introduzir o terceiro objetivo da catequese, e que oferece uma oportunidade de aprofundamento para as crianças da sua experiência cristã. Deve ser feito com clareza, entusiasmo: **Ora, se uns homens maldosos e injustos mataram Jesus só porque não concordavam com Ele e com o que ele propunha, mas Deus ressuscitou-O e deu-lhe vida outra vez, o que é que isso significa? Que Deus deu razão aos homens que mataram Jesus, ou que Deus deu razão a Jesus?**

*O catequista deve permitir que as crianças respondam: Deus deu razão a Jesus.*

Claro que sabeis a resposta... (*omitir esta expressão no caso das crianças terem respondido*) Deus, ao ressuscitar Jesus, deu-lhe razão; **ao ressuscitar o seu Filho, Deus disse que tudo o que Jesus tinha vindo ensinar-nos e propor-nos era verdadeiro, era um caminho de felicidade, era um caminho que conduzia à Vida.** Ao ressuscitar Jesus, Deus estava a dizer a todos os homens e mulheres: "Eu sei que a alguns – àqueles que querem viver na maldade, no egoísmo, na injustiça, na escuridão – não agradou aquilo que o meu Filho foi dizer-vos e propor-vos; mas Eu garanto-vos que Ele tem razão, asseguro-vos que Ele vos ensinou um caminho para vós encontrardes Vida e felicidade sem fim". E nós, olhando para esse Jesus que está vivo, **percebemos logo como é importante vivermos como Ele nos ensinou**, como Ele continua, todos os dias, a ensinar-nos... Para quê? Para termos Vida, como Ele.

Isto é muito, muito importante... **Quando nós escutamos o que Jesus nos diz e propõe, quando nós aprendemos a amar com os seus gestos de amor, a perdoar com os seus gestos de perdão, a servir com os seus gestos de serviço... estamos a vencer a morte e a "comprar" Vida** – Vida eterna, Vida verdadeira, Vida que nada, nem sequer a morte, consegue vencer (dístico com frase: "*Amar como Jesus amou é vencer a morte*").

Como explica um grande cristão dos primeiros tempos, São Paulo, que nos ensinou que nós somos cartas de Cristo, recordais-vos?, Cristo foi o primeiro a vencer a morte; mas, **todos aqueles que o seguirem e que viverem como Ele, hão de vencer igualmente a morte e viver para sempre.** (*colocar no placar o dístico: "Seguir Jesus é vencer a morte"*)

*Agora, o catequista deverá dar relevância à questão que se segue, de modo a levar as crianças a desejar, a sentir necessidade, de seguir Jesus e a compreender que quem segue Jesus, compromete-se e a viver uma vida de entrega aos irmãos, seu próximo.*

**Não achas que é bom saber isso?** Assim podemos encarar a vida sem medo, sem tremer perante a perspectiva da morte... A morte não nos vai vencer, pois nós, como Cristo, estamos destinados à vida para sempre: **este é o desafio de ser cristão.**

*Esta síntese final deve ser transmitida de forma muito clara e com muita convicção:*

E já agora, nesta terra, **sempre que nós percorremos o caminho de Jesus, que procuramos viver como Ele pedia e como Ele vivia, estamos a vencer o egoísmo, a maldade, a injustiça, aquilo que escraviza as pessoas e as torna infelizes; sempre que nós insistimos em seguir o caminho de Jesus, em amar como Ele, em perdoar como Ele, em servir como Ele, estamos a construir vida nova para nós e para todas as pessoas à nossa volta.** *(se o tiver usado anteriormente, o catequista pode colocar agora, de novo, o extrato do concerto «primavera» de Vivaldi, apelando às crianças para sentirem verdadeira alegria com a ressurreição do Senhor e a oportunidade de salvação e felicidade que este nos oferece).*

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

- 1. Para este momento de expressão da fé, o catequista coloca em relevo, sobre o centro do placar, o poster da figura de Cristo Ressuscitado. Acende-se a vela, símbolo da luz de Cristo Ressuscitado.*

*Depois de designar os leitores entre as crianças, o catequista dá início ao momento de oração que se segue, formado um círculo com a imagem de Cristo ressuscitado no centro.*

**Leitor 1** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes temos sede de vida, de amor e de paz. Sê a água que mata a nossa sede de vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 2** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes temos fome de vida, de amor e de paz. Sê o pão que mata a nossa fome de vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 3** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes não sabemos por onde ir para encontrar vida, amor e paz. Sê o pastor que nos conduz às pastagens verdejantes onde podemos encontrar vida.

**Todos** – Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 4** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes a escuridão não nos deixa caminhar e ser livres. Sê a luz que se acende na noite do mundo e que nos ilumina na nossa procura de vida.

**Todos** – Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Todos** - Senhor Jesus Cristo,  
a tua ressurreição é a nossa esperança  
nos momentos mais difíceis e dolorosos.

Pela tua ressurreição venceste a violência:  
que ela nos leve a acreditar na paz.

Pela tua ressurreição venceste as divisões:  
que ela nos leve a acreditar na fraternidade.

Pela tua ressurreição venceste o ódio:  
que ela nos leve a acreditar no amor.

Pela tua ressurreição venceste a morte:  
que ela nos leve a acreditar na vida.

Cântico:

**“Sou de Cristo, sou feliz”.**

## **2. Compromisso:**

*É importante que o catequista empregue algum tempo a rever com as crianças os registos que estas fizeram na **Barra Cronológica**, dos seus compromissos para a Quaresma, sobretudo a partir da catequese 14 e tendo como grande centro o compromisso dessa mesma catequese, tal*

*como terá sido salientado no final da Celebração Pascal. Mas agora, todo um novo período começa: do Ano Litúrgico, da catequese (Bloco 3), do caminho que estão a fazer... Que deve mudar, agora?*

Depois desta nossa reflexão, do caminho que fizemos hoje, com Jesus, desde que foi preso, até à sua morte e, depois, já ressuscitado, como se revelou aos seus amigos, aprendemos que Jesus Ressuscitado – como rezámos e como está registado na vossa Barra Cronológica – é quem nos ... mostra o caminho de Vida! Mas, será que nós queremos mesmo viver a vida exigente e trabalhosa que Ele nos propõe, uma vida de amor e de entrega aos outros? Pois esta semana, proponho-vos que todos, eu também, pensemos nisso, com muita seriedade mas, também, alegria! Vamos fazer assim: a partir do vosso catecismo e da oração que ainda agora lemos, cada um vai encontrar o que é, para si, no seu coração e na sua inteligência, a verdadeira Vida: e vai tomar nota, para não se esquecer, no espaço da catequese 21 da vossa Barra Cronológica. Mas, para estar preparado para essa reflexão, vai ler a Quarta Parte do Evangelho de S.Lucas, os capítulos 22, 23 e 24, um bocadinho cada dia: depois, toma nota, também na Barra Cronológica, da frase de que mais gostou. Portanto, hoje, o compromisso é ler a Bíblia, retomando esse hábito tão bom do ano passado e das férias do verão, com a ajuda da vossa Agenda, um bom hábito dos amigos de Jesus, do Povo de Deus.

### ***Para guardar na memória e no coração***

Sempre que nós percorremos o caminho de Jesus, estamos a vencer o egoísmo, a maldade, a injustiça, aquilo que escraviza as pessoas e as torna infelizes; sempre que nós insistimos em seguir o caminho de Jesus, em amar como Ele, em perdoar como Ele, em servir como Ele, estamos a construir vida nova para nós e para todas as pessoas à nossa volta.

## A VIDA NOVA QUE NASCE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Cristo Ressuscitado, fonte de Vida

Na Vigília Pascal, a liturgia apresentou-nos Cristo, vencedor da morte, como "a luz" que dissipa as trevas do mundo e que derrama sobre a humanidade a sua vida e a sua paz. Ou, se quisermos usar uma fórmula litúrgica sempre repetida neste tempo pascal, Jesus é "o Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo; morrendo, destruiu a morte e ressuscitando restaurou a Vida". Isto é mesmo verdade? A Ressurreição de Jesus é luz que ilumina e fonte de Vida nova para o mundo e para a humanidade?

Os primeiros escritos cristãos – e particularmente o livro dos "Atos dos Apóstolos" – insistem em dizer-nos que a Ressurreição de Cristo traz aos discípulos um dinamismo de Vida nova... E dizem, ainda, que o anúncio da Ressurreição de Jesus, feito pelos discípulos, pode ser fonte de Vida nova, de Vida verdadeira e eterna, para muitos outros homens e mulheres.

Podemos, desde logo, perceber como a Ressurreição de Jesus é fonte de renovação e de Vida nova se olharmos para a comunidade dos discípulos e constatarmos a espantosa transformação sofrida por eles após terem feito a experiência da presença do Ressuscitado, vivo e atuante no meio da sua comunidade... Essa comunidade aparentemente "condenada" a morrer, que até agora não tinha entendido quase nada de Jesus e do seu projeto, que após a prisão de Jesus tinha ficado paralisada pelo medo e pela frustração, depois de se encontrar com Jesus vivo, abre as portas, sai ao encontro do mundo, e anuncia a todos uma verdade escandalosa e incompreensível: "esse Jesus que vós matastes está vivo e continua a querer dar-vos vida".

Ao mesmo tempo, essa comunidade timorata e pouco empenhada, muda decisivamente a sua perspectiva das coisas e torna-se uma família de irmãos e de irmãs "assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações" (At 1,42); descobre o sentido da partilha e da fraternidade, de tal modo que os membros da comunidade "vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um" (At 1,45); "como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo" (At 1,46-47). Porque é que a Ressurreição de Jesus muda tudo? Porque é que a Ressurreição de Jesus faz aparecer este dinamismo de Vida que torna os discípulos "outras" pessoas? Porque a Ressurreição "prova" a verdade do caminho proposto por Jesus. Ao constatarem que Jesus está vivo, os discípulos percebem, finalmente, que esse "caminho" que Ele propôs (e que, em certos momentos, tanto lhes custou a compreender e a aceitar) não é um caminho de morte e de fracasso, mas é um caminho – ou, mesmo, o único caminho – que assegura a Vida verdadeira, a Vida eterna, a Vida de felicidade sem fim. Do encontro com Jesus Ressuscitado nasce, para os discípulos, a certeza de que esse "caminho" que Ele apontou é o caminho proposto pelo Pai; e esse "caminho", se assumido e percorrido, conduz inevitavelmente à Vida. A Ressurreição de Jesus prova que o egoísmo, a maldade, a injustiça, a violência, a mentira – tudo aquilo que escraviza o homem e o priva de Vida – não são vencedores, mas são vencidos por Deus; e garante que a morte nunca derrotará aquele que percorre os caminhos que Deus aponta. É esta fantástica descoberta que leva os discípulos a optarem decisivamente pelo projeto proposto por Jesus.

O dinamismo de Vida que a Ressurreição de Jesus contém, não se esgota, no entanto, no interior da comunidade dos discípulos... Mas, através dos discípulos – que são as testemunhas desta novidade – atinge muitas outras pessoas e realidades... Quem, a partir da Ressurreição de Jesus, começa a viver a Vida nova, torna-se fonte dessa Vida para todos aqueles que com ele se encontram e contactam. Realiza os gestos libertadores de Jesus e é portador de Vida e de libertação para todos os homens e mulheres que encontra no seu caminho... Num dos resumos da vida e do testemunho da primeira comunidade cristã, o autor dos "Atos" diz que "com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles" (At 4,33). O que era essa "graça" que operava em todos eles e como se expressava? Uma vez mais, o autor dos "Atos" explica que, "por intervenção

dos Apóstolos, faziam-se muitos milagres e prodígios no meio do povo. Reuniam-se todos no Pórtico de Salomão e, dos restantes, ninguém se atrevia a juntar-se a eles, mas o povo não cessava de os enaltecer. Sempre em maior número, juntavam-se, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor, a tal ponto que traziam os doentes para as ruas e colocavam-nos em enxergas e catres, a fim de que, à passagem de Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles. A multidão vinha também das cidades próximas de Jerusalém, transportando enfermos e atormentados por espíritos malignos, e todos eram curados" (At 5,12-16). Um pormenor especialmente interessante, neste texto, é a atribuição à "sombra" de Pedro de virtudes curativas (cf. At 5,15b). Isto nunca foi dito acerca de Cristo... Significa que Pedro tinha mais poder do que Cristo? É claro que não. Mas significa, certamente, que nada é impossível àquele que se coloca na órbita de Cristo, que adere a Ele e passa, em consequência, a viver de acordo com um dinamismo de Vida nova: esse, além de se tornar testemunha de Jesus ressuscitado, torna-se, para os outros, "dador" de Vida, fonte de Vida verdadeira e abundante.

De resto, e para ilustrar esta realidade, os "Atos" apresentam diversos casos de "prodígios" realizados pelos Apóstolos, em nome de Jesus... Em At 9,31-35 descreve-se a cura, por Pedro, de um paralisado de Lida (ou Lod), em nome do Senhor Jesus Cristo; e, em At 9,36-43, fala-se da ressurreição, pelo mesmo Pedro, de uma mulher cristã, chamada Tabitá, residente em Jope... A Vida nova que os discípulos de Jesus assumem, a partir do seu encontro com o Ressuscitado, é levada ao encontro do mundo, e expressa-se em gestos concretos que libertam aqueles que vivem nas trevas da morte e aguardam a salvação de Deus. A Vida nova com a qual os discípulos se comprometem a partir do seu encontro com o Ressuscitado, enche de esperança e de sentido muitas vidas até aí prisioneiras do egoísmo, da injustiça, da violência, da maldade, da mentira.

O episódio mais emblemático dos "prodígios" realizados pelas testemunhas da ressurreição de Jesus é, no entanto, o da cura de um coxo de nascença, por Pedro e João, à entrada do Templo de Jerusalém (At 3,1-11). O homem está a pedir esmola àqueles que se dirigem ao Templo... É um homem que, desde sempre (é "coxo de nascença"), está privado de Vida e não tem a liberdade de escolher os seus próprios caminhos; é alguém que depende dos outros para sobreviver e tem à frente um futuro sem horizontes e sem esperança. "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda" (At 3,6) – diz-lhe Pedro. E esse homem encontra, a partir da Vida que brota de Jesus, por intermédio

dos discípulos, essa liberdade e essa esperança que, até aí, nunca tinha encontrado... Ao lermos a descrição que Lucas faz deste episódio – quer no que diz respeito aos “gestos” e palavras de Pedro, quer no que diz respeito às reações do povo – impressiona-nos a semelhança desta “cura” com outros relatos de curas realizadas por Jesus... Isso diz-nos, desde logo, que Lucas vê uma continuidade entre a missão de Jesus e a missão da comunidade cristã: a mesma atividade salvadora e libertadora de Jesus em favor dos pobres e dos oprimidos, é continuada agora no mundo pela sua Igreja. Na explicação que, pouco depois, dá ao povo, Pedro deixa claro que a vida dada àquele homem veio de Jesus, vivo e Ressuscitado, através dos discípulos: “Foi a fé que dele nos vem que curou completamente este homem na vossa presença” (At 3,16). Os Apóstolos receberam Vida do Senhor ressuscitado que os transformou e renovou; e descobrem, agora, que lhes compete transportar essa Vida nova ao encontro de todos os outros homens e mulheres que anseiam pela salvação de Deus.

## **2. Jesus está vivo e continua a dar vida**

Para os cristãos, Jesus não é uma figura do passado, que a morte venceu e que ficou sepultado no museu da história; mas é alguém que continua vivo, sempre presente nos caminhos do mundo, e que nunca desiste de oferecer à humanidade uma proposta de Vida verdadeira, plena e eterna.

Os seus discípulos continuam, dia após dia, a fazer a experiência da sua presença e a redescobrir, em cada passo do caminho, que a proposta que Ele fez, garante Vida. É por isso que procuram viver para “as coisas do alto, e não para as coisas da terra” (Col 3,1); que procuram despir-se “do homem velho, com as suas ações” e construir o “homem novo, aquele que, para chegar ao conhecimento, não cessa de ser renovado, à imagem do seu Criador” (Col 3,9-10); que procuram revestir-se de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência; que procuram ser apoio e suporte uns para os outros e perdoar quando algum tem razões de queixa contra o outro; que elegem como valor fundamental o amor, que é o laço da perfeição (cf. Col 3,12-15).

Essa Vida nova que os discípulos do Ressuscitado são chamados a viver, tem condições para renovar o mundo: irá transformar a noite em dia, as trevas em luz, o ódio em amor, o desespero em esperança, o medo em confiança, a tristeza em alegria, a opressão em liberdade, o egoísmo em partilha, a guerra em paz.

### **3. Como é que os homens e mulheres do nosso tempo podem descobrir que Jesus está vivo e fazer uma experiência de encontro com Cristo ressuscitado?**

Através de documentos históricos que demonstrem cientificamente a realidade da ressurreição? O fator decisivo para que os homens descubram que Cristo está vivo, é o testemunho dos discípulos. Jesus está vivo e apresenta-se aos homens do nosso tempo nos gestos de amor, de partilha, de solidariedade, de perdão, de acolhimento que os cristãos são capazes de fazer; Jesus está vivo e continua a dar vida quando os cristãos se comprometem na luta pela paz, pela justiça, pela liberdade, pelo nascimento de um mundo mais humano, mais fraterno, mais solidário; Jesus está vivo e continua a realizar aqui e agora o projeto de salvação de Deus, quando os seus discípulos oferecem aos coxos a possibilidade de avançar em direção a um futuro de esperança, quando os discípulos oferecem aos que vivem nas trevas a possibilidade de encontrar a luz e a verdade, quando os discípulos oferecem aos prisioneiros e marginalizados a possibilidade de ter voz e de decidir livremente o seu futuro.

A Vida nova que resulta da Ressurreição de Jesus tem o poder de recriar, de renovar e de transformar o mundo... O que é preciso é que os discípulos de Jesus não "calem" ou escondam essa vida que dele recebem, mas a anunciem aos outros homens e mulheres nos gestos sempre renovados de amor, de perdão, de entrega, de doação. A Ressurreição não será, assim, apenas uma coisa do futuro; mas será um dinamismo de Vida nova e plena, que vence a morte e o pecado, aqui e agora, e que transforma, em cada momento, o mundo velho em mundo novo.

#### **OBJETIVOS**

- Descobrir que a Ressurreição de Jesus encerra um dinamismo de Vida nova, de uma Vida que nos torna homens e mulheres novos e que constrói a comunidade de Jesus.
- Perceber que essa Vida nova que nos é oferecida deve chegar, através do nosso testemunho, a todos os homens e mulheres, libertando-os da escuridão, do sofrimento, da escravidão.
- Viver na alegria a certeza desta Vida nova.

#### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Nesta catequese, prossegua-se o objetivo, de levar as crianças a descobrir a maravilhosa notícia da Ressurreição de Jesus e como esta realidade transforma radicalmente a perspectiva da vida de cada um de nós. Para tal,

procura-se que as crianças comecem por entender que as nossas dificuldades, a nossa dor, podem transformar-se em felicidade e alegria se a nossa vida mudar, inspirada por Cristo. Para tal, nas duas alternativas da experiência humana devem-se reforçar os contrastes existentes entre uma vida de desânimo e sem futuro, com a alegria de caminhar ao lado de Cristo Vivo e ressuscitado. Saber que Ele não nos deixa sós deve ser fonte de força e confiança para que as crianças sejam, ao seu nível, testemunhas do Senhor.

2. A catequese evolui, depois, para uma questão central, à qual deve ser dado destaque, tempo e reflexão: «O que é Ter fé em Jesus Cristo?» Dentro da perspectiva de transformação existencial que, mais claramente, se começou a propor às crianças desde o início da Quaresma, elas devem compreender e aceitar como orientação, a resposta, a partir dos textos bíblicos: querer viver como Jesus propõe e ensina. E, perguntarão muitos, à luz da cultura atual: «E o que é que eu ganho com isso?» Pois que as crianças compreendam e, antes delas, o catequista, como viver como Jesus ensinou significa torna-se livre, torna-se uma pessoa nova.
3. Finalmente, e depois de semanas de reflexão e experiência, as crianças estão preparadas para se comprometer com uma missão nova – que, de algum modo, já lhes foi sendo sugerida desde o catecismo 1 - a de testemunhar o “milagre” da sua vida transformada pela fé. É esse compromisso que se propõe na Expressão de Fé.
4. Como é conveniente que a catequese sem desenrole com fluidez, mantendo-se bem articuladas todas as suas três etapas, sugere-se que o catequista ensaie com as crianças o cântico proposto logo no início do encontro.

## **MATERIAIS**

### **Para a 2ª alternativa da Experiência Humana:**

Considerando o número de crianças do grupo e uma foto para cada uma ou para duas ou três crianças:

- Fotografias com pessoas em situação de sofrimento;
- Fotografias de pessoas demonstrando alegria, em grupo;
- Cartões com palavras escritas (podem usar-se sinónimos, caso se deseje preparar uma palavra para cada criança):
  - de cor preta: dor, sofrimento, solidão, tristeza, desespero;
  - de cor amarela/laranja: alegria, amizade, esperança, amor;
  - um pedaço de papel de cenário, ou outro, para tapar o placar;

### para a Palavra:

- Poster com a frase: "Podeis ter a certeza de que, se viverdes como o meu Filho vos ensinou, tereis Vida, Vida que ninguém conseguirá derrotar. Até podem prender-vos e decidir matar-vos, como fizeram ao meu Filho; mas não vos assusteis pois, quem vive como Jesus ensina, nunca morrerá";
- Dístico: "TER FÉ EM JESUS CRISTO";
- Lápis de grafite, um para cada criança.

### MÚSICA

- "Eis como alguns de nós."

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

### Preparação da sala:

- Para a **1ª alternativa da Experiência Humana**: o catequista deve preparar a sala colocando as cadeiras das crianças num círculo, de modo a que todos se vejam e o vejam bem, para que a leitura da história decorra de uma forma íntima e de partilha.
- Para a **2ª alternativa da Experiência Humana**: o catequista deve preparar a sala colocando as cadeiras das crianças num círculo com uma **mesa** no meio onde, inicialmente, irá dispor as fotografias; no placar estão colocados os cartões azuis e amarelos, misturados; o placar está tapado com uma folha de papel de cenário..

**1. Para ambas as alternativas:** No nosso último encontro descobrimos que Cristo está vivo, venceu a morte. Aqueles que O quiseram calar, conseguiram atingir os seus objetivos? (*deixar as crianças exprimirem-se*). Não! E lembram-se como o vê-Lo ressuscitado mudou a vida dos discípulos? (*deixar as crianças exprimirem-se*). **Que sentiram os discípulos ao verem Cristo ressuscitado?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Pois, de início sentiram medo e confusão mas, depois, o seu coração mudou e foram contar a toda a gente que Cristo tinha vencido a morte, que tudo o que Ele lhes ensinara e explicara e dissera que iria acontecer era verdade. **E connosco, será que Ele muda a nossa vida?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Já voltaremos a conversar sobre isso... O vosso Compromisso desta semana até foi nesse sentido, não

é, de pensar um pouco no que é a nossa vida depois de descobrirmos que Cristo ressuscitou e que assim nos mostra, ainda melhor, o que é um caminho de Vida com V grande, de Vida verdadeira e com sentido...

1ª

### **Alternativa**

2. Bom, então vou, agora, convidar-vos para ouvir uma história. Fazemos uma roda e cada um vai procurar reter, memorizar, pelo menos uma ideia que lhe pareça importante, para depois conversarmos todos. Mas podem abrir o vosso catecismo na página 93, e observar por um bocadinho a foto que está aí... Vamos usar a nossa imaginação e supor que esse senhor se chama Gaspar e vamos ouvir a história do Gaspar porque ela nos vai ajudar a compreender muitas coisas importantes para a nossa catequese de hoje.

**O catequista conta ou lê a seguinte história, sublinhando bem as passagens mais importantes:** O Gaspar tinha, há alguns anos, uma vida bem organizada... Vivia com os pais e dois irmãos numa pequena cidade do interior. Trabalhava como motorista numa grande empresa de transportes e conduzia o seu camião, transportando as mais diversas mercadorias pelas estradas do país e da Europa. Ele gostava do seu trabalho e de todos os dias partir, ao volante do seu camião, à descoberta do mundo.

Um dia, contudo, o patrão disse-lhe que não podia continuar a dar-lhe emprego, pois não havia trabalho suficiente para tantos motoristas. De repente, o Gaspar viu-se sem trabalho. Tentou encontrar um novo emprego em várias empresas de transporte, mas não conseguiu. Então, ficava todo o dia em casa, sem nada fazer, cada vez mais triste e desiludido. Pensava que era "um peso" para a sua família e que o pai e os irmãos acabariam por cansar-se de o sustentar. Passou a irritar-se facilmente e, quando discutia com alguém, rapidamente se descontrolava.

Um dia, depois de uma violenta discussão com o pai, resolveu sair de casa. Foi para Lisboa. Não encontrou trabalho, nem tinha onde ficar. Passou a dormir debaixo de um viaduto, coberto com um velho trapo que encontrou num caixote do lixo. Pedia esmola à entrada de uma estação de comboio e comia apenas quando tinha dinheiro.

O Gaspar passou sete anos como "sem-abrigo". Sofreu fome, passou frio, esteve doente e não teve ninguém que cuidasse dele... Mas, o que lhe

custava mais, era a solidão: não tinha família nem amigos com quem conversar e com quem partilhar as tristes histórias que, todos os dias, a vida lhe ensinava. Por vezes, o Gaspar sentia-se desesperado... Quando pensava no futuro, só via sofrimento e solidão. Sentia-se à margem da vida, sem futuro e sem saída, mergulhado na escuridão.

Há poucos meses, contudo, o Gaspar encontrou o Luís. O Luís pertence à "Legião da Boa Vontade", uma instituição de solidariedade que dá apoio a pessoas necessitadas. O Luís era voluntário da associação e fazia, com outras pessoas, a "ronda da caridade", um trabalho itinerante de apoio aos sem-abrigo, em que os voluntários percorrem locais da cidade distribuindo pão, sopa quente, calçado, roupas e cobertores. Entre o Gaspar e o Luís nasceu uma grande amizade e o Luís passou a convidar o Gaspar para vir a sua casa em alguns fins de semana.

O interesse e a amizade do Luís mudaram tudo na vida do Gaspar. Pela primeira vez em muitos anos, o Gaspar encontrou um amigo que queria ajudá-lo e queria vê-lo a encarar a vida de outra forma. O Gaspar passou a cuidar melhor de si e da sua aparência, e a sentir vontade de se integrar, outra vez, na sociedade. Mais tarde, com a ajuda do Luís, o Gaspar encontrou trabalho numa oficina de automóveis e a sua vida mudou completamente. Hoje, o Gaspar é uma outra pessoa... Voltou a olhar para o futuro, a ter um objetivo e vontade de viver. "Eu estava morto e voltei à vida. E hoje estou vivo e feliz porque houve uma pessoa que me deu a mão e me ajudou a começar uma vida nova" – costuma dizer o Gaspar.

Há alguns dias, o Gaspar fez ao Luís uma pergunta que, há já muito tempo, o inquietava: "Porque é que tu te preocupaste comigo, porque é que perdeste tempo com uma pessoa da qual todos já tinham desistido, porque é que quiseste ajudar-me a sair daquela situação?" E o Luís – que é cristão e, aos fins de semana, dá catequese na sua paróquia – respondeu: "Eu sei que Deus criou os homens e as mulheres para que eles tivessem Vida; e Jesus Cristo ensinou-me que é preciso estender a mão a todos aqueles que estão prisioneiros, a todos os que vivem na escuridão, a todos os que precisam de encontrar Vida e libertação".

3. Como combinámos ao princípio, que ideia importante guardou, cada um de vós, da história do Gaspar? (*O catequista vai ajudando as crianças a recontarem a história do Gaspar*) O que é que aconteceu de importante que mudou a vida do Gaspar? ...sim, primeiro, uma situação grave e difícil: ficou desempregado, acabou por cortar relações com a família e tomou uma decisão

precipitada: ir para Lisboa sem ter nada preparado... o Gaspar passou a viver como um sem-abrigo... como alguém marginalizado e com uma vida miserável... Mas, depois, o que é que aconteceu? ... *(deixar as crianças exprimirem-se)*. Muito bem, alguém disposto a ajudar veio ao seu encontro... o Luís! E o Gaspar aceitou esta ajuda, não foi? E que aconteceu com a sua vida? *(deixar as crianças exprimirem-se)*. Tudo mudou: voltou a ter uma vida organizada e integrou-se na sociedade. **E como será que ele se sente agora? E o que pensará ao olhar para tudo o que viveu?**

## 2ª

### **Alternativa**

4. *O catequista introduz a atividade:* Hoje vou convidar-vos a olhar à nossa volta, mas de uma forma um pouco diferente. Não quero que descrevam o que vão ver, mas que partilhem o que vos chama mais à atenção nas várias imagens: como estarão as pessoas que vemos, o que será que elas sentem e também como se sentem vocês quando veem as várias fotografias. Vamos fazer silêncio para que todos se concentrem no que estão a ver.

*O catequista começa a passar as fotografias, misturando as que mostram pessoas em sofrimento, com as que apresentam situações de felicidade, vivida em grupo. As fotos passam de mão em mão pelas crianças e, depois, são colocadas em cima da mesa, que está no meio do grupo.*

*O catequista destapa o placar e prossegue, indicando:* Agora que todos viram as várias fotografias, vamos olhar para as palavras que estão escritas nestes cartões azuis e amarelos e, conforme eu vos for chamando, cada um vai juntar as fotografias com as palavras que estão nos cartões. O N... vais à mesa, escolhes uma foto e, depois, retiras do placar a palavra que parece mais adequada, mais certa, para mostrar o que sente, ou sentem, a pessoa ou as pessoas retratadas. Depois, mostra-nos a sua escolha e coloca a foto e o cartão em cima da mesa.

*O catequista pode pedir para todas as crianças participarem se o grupo conseguir trabalhar com calma; cada foto pode ser associada a um cartão, a dois ou a três; se receia que se gere confusão, pede a grupos de 4 crianças para fazerem uma primeira seleção e depois a mais 4 crianças para continuarem a tarefa, de modo a conseguir a participação de todos.*

5. *Referindo-se às fotos que mostram dor:* Repararem bem como a dor, a tristeza e o sofrimento estão juntos! Muitas vezes, são experiências, na vida das pessoas, que resultam de grandes dificuldades, sentimentos que não deixam que as pessoas descubram como é belo viver. **Mas será assim que Deus quer que vivamos?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). *Referindo-se às fotos que mostram felicidade:* Do mesmo modo, também somos capazes de sentir felicidade, alegria, bem-estar... quando o sentimos, tudo nos parece bom, nos parece possível, nos parece bonito...

#### 6. *Para as duas alternativas:*

Sabem que no caminho da vida muitas vezes é mesmo assim: o desânimo atinge-nos; a tristeza deixa o nosso coração bem pequenino; ficamos sós. A vida não tem sabor e estamos como que parados por dentro, sem movimento, quase sem vida... (*deixar as crianças exprimirem-se tendo cuidado com a necessidade que algumas crianças tenham de partilhar as suas dores e dando atenção àquelas que vivem, ou viveram, experiências dolorosas mas não são capazes de as partilhar*). E nós queremos estar assim? Não! Queremos viver a Vida do V grande, a Vida de quem descobriu, de quem tem a certeza, que Jesus Cristo ressuscitou, está vivo e dá-nos uma Vida de Verdade!

No entanto, **será que temos o coração desperto para descobrir a presença do Senhor na nossa vida? Deixamos que Jesus preencha os nossos dias e oriente as nossas decisões?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Este é o momento adequado para o catequista pedir às crianças para partilharem o que escreveram no espaço da catequese 21 da sua Barra Cronológica, no parágrafo «É vida:». Depois, prossegue: Sim, de facto, haveis todos entendido e sentido bem o que queremos dizer quando afirmamos «Senhor Jesus, só tu és o caminho pr'a seguir». Por isso, vamos continuar a seguir este nosso Cristo Ressuscitado, através da escuta da Palavra...

## II. PALAVRA

1. Temos estado a celebrar a Ressurreição de Jesus... Já sabeis o que isso significa, não é verdade? Sim, Cristo venceu a morte. **Deus não deixou que a vida do seu Filho acabasse naquele dia em que o mataram e ressuscitou-o, deu-lhe vida.** Deus mostrou, dessa forma, que estava do lado de Jesus; mostrou, dessa forma, que Jesus tinha razão e que a maneira de viver que Ele nos veio propor estava certa... Ao ressuscitar Jesus, é como se Deus nos dissesse (*o catequista coloca no placar o poster com a seguinte*

*formulação*): "Podeis ter a certeza de que, se viverdes como o meu Filho vos ensinou, tereis Vida, Vida que ninguém conseguirá derrotar. Até podem prender-vos e decidir matar-vos, como fizeram ao meu Filho; mas não vos assusteis pois, quem vive como Jesus ensina, nunca morrerá" (*deixar as crianças exprimirem-se, procurando verificar o que é que as crianças entenderam da expressão exposta*).

2. *Depois de ouvir e esclarecer as crianças, o catequista prossegue*: Os primeiros discípulos de Jesus, quando perceberam este "segredo", ficaram muito felizes... Sentiram-se animados e cheios de esperança, perderam o medo, e começaram a fazer, o melhor de que eram capazes, as coisas que Jesus lhes ensinara: ajudavam-se uns aos outros, repartiam uns com os outros os bens que tinham, eram amigos de verdade, perdoavam quando alguém os ofendia ou magoava... Tornaram-se pessoas mais bondosas, com um coração capaz de amar os outros, de os aceitar, de os compreender. Porquê? (*deixar as crianças exprimirem-se*). Porque a Ressurreição de Jesus lhes tinha mostrado como se tem Vida, Vida verdadeira e eterna: vivendo como Jesus viveu, fazendo os gestos de Jesus, amando as pessoas como Jesus amava. **A Ressurreição de Jesus trouxe, aos seus discípulos uma Vida nova**; levou-os a deixarem de lado a vida velha do egoísmo e da maldade e a serem outras pessoas.

Vamos colocar-nos de pé, cheios de respeito e interesse, para escutar como o livro dos Atos dos Apóstolos, isto é, da vida dos apóstolos de Jesus, depois da sua ressurreição, nos fala dessa "Vida nova" que os discípulos de Cristo descobriram (**At 2,42-47**):

*Catequista*:

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças*:

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista*:

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças*:

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança*:

**Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos,  
à união fraterna, à fração do pão e às orações.**

**Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos,  
o temor dominava todos os espíritos.  
Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum,  
de acordo com as necessidades de cada um.  
Como se tivessem uma só alma,  
frequentavam diariamente o Templo, partiam o pão em suas casas  
e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.  
Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo.  
E o Senhor aumentava, todos os dias,  
o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue, questionando as crianças: Não é certo que este texto nos explica como os primeiros discípulos de Jesus viviam a sua Vida nova, depois da Ressurreição? (deixar as crianças exprimirem-se, ajudando-as a identificar que:)*

- Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, ou seja, à catequese;
- Eram assíduos à união fraterna, à fração do pão e às orações, isto é, praticavam o mandamento do amor e participavam na eucaristia;
- Viviam unidos e possuíam tudo em comum, isto é, partilhavam tudo o que tinham;
- Frequentavam diariamente o Templo, ou seja, entregavam-se à oração e louvavam a Deus;
- Tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, isto é, viviam com felicidade.

Perceberam, certamente, que eles eram pessoas simples e boas, que se reuniam frequentemente para rezar, para falar de Jesus e daquilo que Jesus lhes tinha dito e ensinado, para repetir aquele gesto que Jesus tinha feito na última ceia e para comer esse pão que Jesus tinha dado aos seus discípulos; perceberam, também, que eles eram muito unidos e que se ajudavam uns aos outros, como se fossem irmãos, como se fossem membros de uma única família; e perceberam, até, que eles deixaram de ser egoístas e passaram a

partilhar tudo o que tinham: vendiam os seus bens e distribuíaam por todos o dinheiro que recebiam, a fim de que todos tivessem o necessário para viver dignamente.

Já sabem porque é que eles escolherem viver desta forma tão bonita, não sabem? Porque perceberam que essa forma de viver – esse caminho que Jesus lhes tinha proposto – **era um caminho que os tornava felizes, era um caminho que os conduzia à Vida.**

3. Depois de terem feito esta descoberta e de se terem tornado pessoas novas, ficaram por aí? Não. **Quando alguém tem uma “boa notícia”, uma notícia tão importante que muda a própria vida, sente vontade de a comunicar aos outros.** Ora, os discípulos de Jesus acharam que deviam contar este “segredo” a outras pessoas, para que todos pudessem encontrar essa Vida verdadeira e eterna que eles já tinham encontrado. Então, vieram para a rua e disseram a outras pessoas – pessoas que não andaram com Jesus e não sabiam este “segredo” – que todos podiam ter Vida, Vida abundante, Vida feliz, Vida verdadeira... E, a partir deste anúncio, essa Vida nova de Jesus começou a chegar a muitas outras pessoas e a mudar-lhes a vida.

Querem ouvir uma história sobre uma pessoa de Jerusalém que também descobriu a Vida nova a partir do testemunho de dois discípulos de Jesus, Pedro e João? Como é um texto um bocadinho extenso, eu o lerei. Então escutemos, colocando-nos de pé (**At 3,1-16**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Pedro e João subiam ao Templo, para a oração das três horas da tarde. Era para ali levado um homem, coxo desde o ventre materno, que todos os dias colocavam à porta do Templo, chamada Formosa, para pedir esmolas àqueles que entravam. Ao ver Pedro e João entrarem no Templo, pediu-lhes esmola.**

Pedro, juntamente com João, olhando-o fixamente, disse-lhe:  
«Olha para nós».

O coxo tinha os olhos nos dois, esperando receber alguma coisa deles.  
Mas Pedro disse-lhe:

«Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou:  
em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!»

E, segurando-o pela mão direita, ergueu-o.

No mesmo instante, os pés e os artelhos se lhe tornaram firmes.

De um salto, pôs-se de pé, começou a andar e entrou com eles no  
Templo,

caminhando, saltando e louvando a Deus.

Todo o povo o viu caminhar e louvar a Deus.

Bem o conheciam, como sendo aquele

que costumava sentar-se à Porta Formosa do Templo a mendigar;

ficaram cheios de assombro e estupefactos com o que acabava de  
suceder.

E, como ele não deixasse Pedro e João,

todo o povo, cheio de assombro,

se juntou a eles sob o chamado pórtico de Salomão.

Ao ver isto, Pedro dirigiu a palavra ao povo:

«Homens de Israel, porque vos admirais com isto?

Porque nos olhais, como se tivéssemos feito andar este homem  
por nosso próprio poder ou piedade?

O Deus de Abraão, de Isaac e Jacob, o Deus dos nossos pais,  
glorificou o seu servo Jesus,

que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos,  
estando ele resolvido a libertá-lo.

Negastes o Santo e o justo e pedistes a libertação de um assassino.

Destes a morte ao Príncipe da vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos,  
e disse nós somos testemunhas.

Pela fé no seu nome, este homem, que vedes e conheceis,  
recobrou as forças.

Foi a fé que dele nos vem que curou completamente este homem  
na vossa presença».

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue, explicando:* O homem de que se fala neste episódio era coxo desde que tinha nascido... Segundo parece, não conseguia fazer nada sozinho (diz-se, no nosso texto, que era levado por outras pessoas). Era, portanto, uma pessoa que nunca pôde andar e correr, nunca pôde ir para onde lhe apetecia, nunca foi completamente livre; estava prisioneiro do seu problema e dependia dos outros para se deslocar. Se as outras pessoas não cuidassem dele, ele não conseguia sobreviver. Era um homem com uma vida triste e muito limitada.

Foi este homem que pediu ajuda a Pedro e a João, dois dos discípulos de Jesus. E Pedro e João, dois homens cheios dessa Vida nova que vinha de Jesus, vivo e ressuscitado, que é que fizeram? Deram-lhe algum dinheiro, para que ele pudesse comprar um bocado de pão, mas continuasse preso às suas limitações? Não... Fizeram muito mais do que isso... **Transmitiram-lhe essa Vida nova que eles próprios tinham recebido de Jesus.** E esse homem que não andava, que não era livre, que dependia dos outros, que tinha uma vida triste e infeliz, ficou cheio dessa Vida nova e tornou-se outra pessoa... Começou a andar e a correr; deixou de depender dos outros para sobreviver; passou a ser livre de ir para onde lhe apetecesse; passou a poder trabalhar e a poder garantir o seu sustento; passou a ser mais alegre e mais feliz; **passou a ser outro homem, um homem novo.** Porquê? **Porque recebeu de Jesus ressuscitado a possibilidade de viver uma vida nova, uma vida diferente daquela vida triste e vazia que levava.**

**Quem é que deu Vida nova àquele homem?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Claro que foi Jesus. Pedro e João têm o cuidado de explicar às pessoas que foi "pela fé" em Jesus que este homem que não andava nem era livre começou uma vida nova.

4. *O catequista coloca no placar o dístico "TER FÉ EM JESUS CRISTO" e pergunta: Sabeis o que é "ter fé" em Jesus?* É "acreditar" nele, é ouvir as suas propostas e aceitá-las, é querer viver como Jesus propõe e ensina, é aceitar que a proposta de Jesus é muito boa, muito interessante e querer viver dessa forma; é tornar-se discípulo de Jesus e aceitar percorrer esse caminho que Ele nos indica... Quem "tem fé" em Jesus, quem ouve as suas palavras e propostas, quem faz o que Ele diz, tem Vida nova. Torna-se livre, torna-se uma pessoa nova.

Mas essa Vida nova chegou a esse homem através de dois amigos de Jesus, através de Pedro e João... Será que isto é importante? Claro que é... Diz-nos que é através dos seus amigos que Jesus, vivo e ressuscitado, continua a oferecer a todos os homens e mulheres a sua Vida nova. Aquilo que Jesus fazia enquanto andava com os seus discípulos pelas aldeias da sua terra – dar Vida a todos aqueles que estavam doentes, ou que estavam desanimados, ou que eram oprimidos e injustiçados – é feito, agora, pelos seus discípulos.

Às pessoas que rodeiam aquele homem que antes não podia andar e agora é livre, Pedro diz: “nós somos testemunhas disto”. **Sabeis o que é ser testemunha? A “testemunha” é alguém que viu ou ouviu determinada coisa e assegura, diante dos outros, a verdade daquilo que viu ou ouviu.** Os discípulos de Jesus, que andaram com Jesus, que ouviram as palavras de Jesus e viram os seus gestos, são as “testemunhas” dessa Vida nova que Jesus trouxe para oferecer a todos os homens e mulheres... São eles que, agora, a levam ao encontro das outras pessoas, para as libertar, para as ajudar, para lhes dar esperança.

Não vos esqueçais que sois, cada um, cada uma, **um discípulo de Jesus...** Como Pedro, como João, como outros amigos de Jesus, também tendes como missão “dar Vida” às pessoas que estão tristes, que estão cansadas, que não têm esperança, que são magoadas, que sofrem. Quando algum dos amigos de Jesus está a ajudar outra pessoa – a dar-lhe vida – é como se o próprio Jesus estivesse a ajudar e a salvar essa pessoa. **Quando dais “Vida” a alguém, é Cristo que se torna vivo, através de cada um, de cada uma, para salvar e ajudar as pessoas.**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista prepara, com as crianças, a necessária disponibilidade interior para a oração, convidando as crianças a fazer um momento de silêncio pensando nas leituras que ouviram e no facto de agora serem elas os discípulos de Jesus. O catequista refere:*

Vamos ficar um pouco em silêncio, a pensar como vamos espalhar esta Boa Nova de viver uma Vida com Jesus, tentando descobrir o que podemos fazer para “dar Vida” às pessoas que encontramos todos os dias – os nossos pais e irmãos, os nossos colegas da escola, os nossos professores, os nossos vizinhos...

*Após uns minutos de silêncio, o catequista convida as crianças a registarem a sua reflexão no espaço da catequese 22 da sua **Barra Cronológica**: Ora vejam lá o que está registado na vossa Barra Cronológica: o que é ter fé em Jesus Cristo, tal como nós hoje aprendemos, a partir da experiência verdadeira dos seus discípulos: participar na catequese, praticar o mandamento do amor, participar na eucaristia, partilhar os dons e os bens - porque podeis partilhar as vossas coisas, claro está, um bocadinho da vossa mesada, os vossos jogos, os vossos livros, ... mas, sobretudo, podeis partilhar-vos a vós, as vossas qualidades, as coisas que sabeis fazer, o vosso tempo ...- e, por fim, rezar, muito, todos os dias, seriamente, conversar com Deus e agradecer-lhe - é isso que louvar quer dizer - todas as coisas boas da nossa vida e ... até vos vou dizer uma coisa difícil e complicada: se o nosso coração é bom e é de Jesus, nós até aprendemos a agradecer-lhe as coisas que nos magoam, nos aborrecem, nos agitam, ... porque já aprendemos, também, como o sofrimento nos ensina coisas importantes sobre nós, sobre a vida, sobre Deus... Sabem, é como se nós, e é mesmo!, também tivéssemos os nossos momentos de exílio ... Lembram-se do Povo de Deus, não é? Nós, às vezes, também estamos na Babilónia... mas depois voltamos e encontramos a felicidade junto de Deus. Tudo pode falhar na nossa vida, ser uma confusão e uma tristeza, mas Deus não falha: quem o sabe é a nossa Fé!*

Então, agora, cada um vai escrever, a lápis (*o catequista entrega um lápis a cada criança*), na sua **Barra Cronológica**, com quem e como é que quer testemunhar a Boa Nova da Vida em Jesus Ressuscitado.

*Depois de as crianças registarem o seu propósito, o catequista convida-as a assinar a colocar a data do dia, sentindo-se comprometidas com esta decisão; e prossegue: E, de pé, vamos todos cantar com alegria o cântico que já aprendemos, no início do encontro, e que nos fala desta descoberta maravilhosa que fizemos: Jesus vem-nos trazer uma vida nova e nós temos de transmitir aos outros a nossa alegria por tudo quanto Ele nos trouxe. Cantemos, pois, o **cântico**:*

**“Eis como alguns de nós.”**

*Depois, o catequista convida cada criança a partilhar o seu compromisso de como pode fazer para "dar Vida" aos outros e, depois de todos se pronunciarem, terminam com a oração, lida por três crianças:*

**Leitor 1** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a querer dar vida a todas aquelas pessoas que vivem tristes e não têm ninguém que se preocupe com elas e que as ajude.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

**Leitor 2** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a querer salvar aqueles que são maltratados, magoados, humilhados, e que não têm ninguém que os defenda e que os salve.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

**Leitor 3** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a estender a tua mão amiga àqueles que estão doentes, para lhes dar conforto e esperança no meio das suas dores.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

*Catequista:*

Cristo não tem mãos,  
tem só as nossas mãos para fazer o Seu trabalho hoje.  
Cristo não tem pés,  
tem só os nossos pés para guiar os homens nos Seus caminhos.  
Cristo não tem lábios,  
só tem os nossos lábios para falar aos homens de hoje.  
Cristo não tem meios,  
tem só a nossa ajuda para conduzir os homens para Si.  
Nós somos a verdadeira Bíblia que as pessoas ainda leem!  
Somos a última mensagem de Deus escrita em obras e palavras.

*O catequista conclui:* E cantemos de novo o **cântico**:

**“Eis como alguns de nós.”**

## **2. Compromisso:**

Agora, em casa, vão reler o que escreveram no compromisso que está na vossa **Barra Cronológica** e, se necessário, aperfeiçoar o texto, para ficar mais completo e mais bonito. Depois, passam-no a caneta e enfeitam a página. Essa página deve ficar na vossa mesa de cabeceira ou perto da

vossa cama, para, todas as noites lerem o que é «Ter fé em Jesus Cristo» e verificarem se cumpriram com o compromisso. Como é habitual, vão assinalando com um sinal que vos agrada, cada atitude que Jesus Cristo vos pede, o Cristo que está vivo e que vos anima a serem suas testemunhas. Porque é Jesus que vos pede... eu estou só a ser, para vós, a sua testemunha! Pois que, esta semana, vivam como uma pessoa que é presença de Jesus no meio dos outros.

*Para guardar na memória e no coração*

Nós somos a verdadeira Bíblia que as pessoas ainda leem! Somos a última mensagem de Deus, escrita em obras e palavras.

## **IDE POR TODO O MUNDO E ANUNCIAI A BOA NOVA**

### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

#### **1. Para os discípulos de Jesus, não foi fácil adaptarem-se à nova realidade de Jesus ressuscitado...**

Antes, eles viam e tocavam esse Jesus de Nazaré que andava com eles pelos caminhos poeirentos da Palestina, que passeava com eles junto do mar da Galileia, que se sentava com eles sobre a relva a contar histórias sobre o Reino de Deus, que comia e bebia com eles; agora, o Ressuscitado era invisível e eles só faziam a experiência da sua presença em certos momentos... A nova existência do Ressuscitado supõe uma outra realidade, uma outra existência, que se experimenta, mas que as palavras nem sempre conseguem descrever e definir claramente. Contudo, os discípulos sentiram que era importante testemunhar essa nova realidade; e fizeram-no recorrendo a imagens, comparações, símbolos (a linguagem simbólica é, muitas vezes, a única forma para expressar o indizível, aquilo que a nossa linguagem normal, fria e racional, não consegue descrever). As referências à Ascensão de Jesus ao céu inserem-se nesta categoria.

A Ascensão de Jesus ao céu apenas é mencionada nos Evangelhos de Lucas e de Marcos (embora o texto de Marcos pareça ser uma adição posterior, que não constava da primeira versão deste Evangelho). Uma – a de Marcos – é mais sóbria (“Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus” – Mc 16,19); a outra – a de Lucas – é um pouco mais exuberante (“Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao céu” – Lc 24,50-51). Em ambos, a Ascensão

aparece, mais ou menos explicitamente, ligada a um "envio" dos discípulos ("Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado" – Mc 16,15-16; "Vós sois as testemunhas destas coisas" – Lc 24,48). Em ambos, também, não parece haver qualquer intervalo de tempo entre o dia da Ressurreição e o da Ascensão, o que colocaria a Ascensão no próprio dia da Ressurreição.

Um tanto diferente é a descrição da Ascensão feita pelo mesmo Lucas no seu outro livro, os "Atos dos Apóstolos" (cf. At, 1-3-11). Aí, Lucas começa por referir os quarenta dias, contados a partir da Ressurreição, durante os quais Jesus ressuscitado apareceu aos discípulos, "falando-lhes a respeito do Reino de Deus" (At 1,3). Depois, Lucas menciona uma refeição, durante a qual Jesus deu as últimas instruções aos discípulos e anunciou que ia enviar-lhes o Espírito Santo, para que eles fossem suas "testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria e até aos confins do mundo" (At 1,4-8). É no final dessa refeição e na sequência desse discurso que Jesus se elevou ao céu, até que uma nuvem o subtraiu aos olhos dos discípulos; e o relato termina com a indicação de que dois homens vestidos de branco vieram interpelar os discípulos pelo facto de estarem a olhar para o céu, e lhes anunciaram, também, o regresso de Jesus, no futuro (cf. At 1,9-11).

Talvez cause alguma estranheza as diferenças entre os dois relatos, da mesma pessoa (Lucas), sobre a Ascensão de Jesus... Jesus subiu ao céu no próprio dia da Ressurreição (conforme o relato do Evangelho), ou quarenta dias após a Ressurreição (conforme a indicação dos "Atos dos Apóstolos")? Para percebermos isto, convém recordar que Lucas não está a fazer uma reportagem, mas a apresentar-nos uma catequese sobre Jesus... Faz sentido dizer que Jesus acedeu ao mundo de Deus no próprio instante em que ressuscitou? Ou Jesus terá ficado à espera quarenta dias, talvez refugiado numa gruta de Jerusalém ou numa parte incerta do cosmos, à espera que a porta do céu se abrisse para Ele? É claro que o que faz sentido é dizer que Jesus, no próprio instante em que sai da morte, entra na Vida, junta-se ao Pai na sua glória. Ressurreição e Ascensão/glorificação de Jesus identificam-se, quanto ao momento.

Então, porque é que Lucas refere esses quarenta dias, após a Páscoa, durante os quais Jesus teria aparecido aos discípulos, antes de se ter despedido definitivamente deles? O número "quarenta" é, no cenário bíblico, um número simbólico: define o tempo necessário para alguém fazer uma catequese amadurecida, de forma a preparar-se adequadamente para um importante

momento ou acontecimento (Moisés, antes de receber a Lei, no Sinai, passou quarenta dias e quarenta noites no monte – cf. Ex 24,18; o Povo de Deus passou quarenta anos a caminhar pelo deserto antes de entrar na Terra Prometida – cf. Dt 29,4; Jesus ficou quarenta dias no deserto antes de começar a pregar o Reino de Deus – cf. Mc 1,13). Neste contexto, seria o tempo simbólico durante o qual Jesus Ressuscitado se “mostrou” aos seus discípulos e os preparou para receberem o Espírito Santo e continuarem a missão (construir o Reino de Deus).

De resto, o relato de Lucas está construído sobre outros elementos simbólicos... A “nuvem”, que subtraiu Jesus aos olhos dos discípulos (cf. At 1,9), é um elemento relativamente frequente nos textos do Antigo Testamento. Pairando a meio caminho entre o céu e a terra a nuvem é um símbolo privilegiado para exprimir a presença do divino (cf. Ex 13,21.22; 14,19.24; 24,15b-18; 40,34-38). Ao mesmo tempo, simultaneamente, esconde e manifesta: sugere o mistério do Deus escondido e presente, cujo rosto o Povo não pode ver, mas cuja presença adivinha nos acidentes da caminhada. Céu e terra, presença e ausência, luz e sombra, divino e humano, são dimensões aqui sugeridas a propósito de Cristo ressuscitado, elevado à glória do Pai, mas que continua a caminhar com os discípulos.

Temos, ainda, a indicação de que os discípulos estavam “com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava (cf. At 1,10a): significa a expectativa dessa comunidade que espera ansiosamente a segunda vinda de Cristo, a fim de levar ao seu termo o projeto de libertação do homem e do mundo.

Temos, finalmente, o testemunho dos dois homens vestidos de branco, que interpela os discípulos (cf. At 1,10b). O branco sugere o mundo de Deus – o que indica que esse testemunho vem de Deus. Essas figuras que vêm de Deus convidam os discípulos a continuar no mundo, animados pelo Espírito, a obra libertadora de Jesus: “não fiquéis aí parados, a olhar para o céu; agora, a comunidade dos discípulos tem de continuar, na história, a obra de Jesus, embora com a esperança posta na segunda e definitiva vinda do Senhor.

## **2. O que significa a Ascensão de Jesus ao céu?**

O que é que a Ascensão de Jesus ao céu significa? Que é que ela nos sugere?

Ao “contemplar” o quadro da Ascensão, devemos “ver” o que está para além das palavras, dos pormenores, da descrição plástica que utiliza símbolos para exprimir realidades profundas e indizíveis... Que realidades?

Jesus ressuscitou e não ficou a vaguear num espaço indefinido e obscuro, à espera que a porta do céu se abrisse para Ele poder entrar; mas entrou

imediatamente na glória do Pai. Depois de viver para Deus, Ele recebeu Vida e reentrou na glória da comunhão com o Pai. Ele "subiu" ao mundo divino, penetrou para sempre no mundo espiritual, novo, definitivo, alcançou o mundo inacessível aos nossos sentidos e imaginação, mas mundo soberanamente real; entrou na Glória do Pai e ficou junto do Pai, plenamente glorificado. A sua exaltação atingiu dimensões supra-terrenas... Ressurreição e Ascensão/Glorificação não são dois momentos distanciados no tempo, não são realidades diferentes... Mas são dois aspetos (que não podem ser dissociados) da mesma realidade; são um único momento de um único mistério.

Durante algum tempo ("quarenta dias"), contudo, esse Jesus que "está" na glória do Pai veio ao encontro dos seus discípulos, deu-lhes provas de que estava vivo e preparou-os para continuarem a sua obra no mundo. Depois, acabaram-se as manifestações sensíveis de Cristo aos seus discípulos... Ele continuará a acompanhá-los e a animá-los, através do Espírito Santo; mas não se deixará ver senão na altura da sua segunda vinda, da "Parusia" (a segunda e definitiva "vinda" de Cristo, no final dos tempos).

A Ascensão encerra um capítulo da história da Salvação – o tempo em que o Senhor Jesus caminha sobre esta terra; com a Ascensão, uma nova etapa começa: o tempo da Igreja, o tempo em que a missão salvadora e libertadora do Senhor Jesus é cumprida pelos discípulos, pela comunidade que nasce de Jesus (a Igreja) e que tem como missão continuar, no tempo e na história, o projeto de Jesus.

A nós, a Ressurreição/Ascensão/Glorificação de Jesus garante-nos, antes de mais, que uma vida vivida na fidelidade aos projetos do Pai, é uma vida destinada à glorificação, à comunhão definitiva com Deus. Quem percorre o mesmo "caminho" de Jesus subirá, como ele, à vida plena.

A Ressurreição/Ascensão/Glorificação de Jesus convida-nos, assim, a ver a vida com os olhos da esperança. Diz-nos que o sofrimento, a perseguição, o ódio, a morte, não são a última palavra para definir o quadro do nosso caminho; diz-nos que no final de um caminho percorrido na doação, na entrega, no amor vivido até às últimas consequências, está a vida definitiva, a vida de comunhão com Deus. Esta esperança permite-nos enfrentar os nossos limites humanos, o fanatismo, a maldade, o egoísmo dos fazedores de pecado, sem o medo que nos paralisa e nos impede de nos comprometermos; e permite-nos olhar com serenidade para essa qualquer coisa nova que nos espera, para esse futuro de vida plena que é o nosso destino final.

### **3. Ide por todo o mundo e anunciai...**

A Ascensão/Glorificação de Jesus aparece, nos textos neo-testamentários, sempre associada ao envio dos discípulos em missão. No relato dos Atos dos Apóstolos, por exemplo, imediatamente antes de se elevar em direção ao céu, Jesus diz aos discípulos que irão ser suas testemunhas “em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo” (At 1,8).

Faz sentido. Com o final do “tempo de Jesus” e com o início do “tempo da Igreja”, a proposta de salvação que Cristo veio apresentar à humanidade fica nas mãos dos discípulos. São eles que, nessa nova fase da história da salvação, devem continuar a levar ao encontro dos homens e mulheres do mundo inteiro, em todas as épocas e em todos os lugares, esse projeto de Vida que Cristo começou a cumprir. No tempo e na história, os discípulos são os continuadores da missão de Jesus. Não podem, simplesmente, ficar a olhar para o céu, à espera que Jesus venha; não podem passar a vida num espiritualismo alienado, alheios aos problemas do mundo e às angústias dos outros homens e mulheres... Mas têm de anunciar a proposta de Jesus e comprometerem-se na construção desse mundo novo, previsto no projeto de Deus; têm de sentir-se questionados pelas inquietações, pelas misérias, pelos sofrimentos, pelos sonhos, pelas esperanças dos homens e mulheres que caminham ao seu lado nos caminhos da vida e darem testemunho do projeto de Vida que Deus tem para a humanidade.

#### **OBJETIVOS**

- Descobrir que Jesus, depois de uma vida dada ao Pai e à concretização do seu projeto de salvação da humanidade, reentrou na Glória de Deus, nesse mundo novo e definitivo, e ficou para sempre junto do Pai, plenamente glorificado.
- Perceber que essa é a “meta final” de quem percorre na terra um caminho semelhante ao que Jesus percorreu: está destinado à Vida plena, à comunhão plena com Deus.
- Descobrir que a “partida” de Jesus deste mundo nos deixa como responsáveis pelo testemunho desse projeto de Vida que Jesus veio apresentar à humanidade: os discípulos são as “testemunhas”, no tempo e na história, do projeto salvador de Deus.

#### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Este encontro de catequese continua a colocar no centro a mensagem de At 1, 8 “Sereis minhas testemunhas” mas, desta vez, a partir da “subida de

Jesus para os céus”, com a qual se reforça o compromisso de cada cristão, e de cada criança, quanto à nossa grande missão de sermos suas testemunhas e evangelizadores da Sua Palavra; central, na mensagem a desenvolver, é a comunhão plena do “Eu estarei sempre convosco” com a resposta: “Senhor, que queres que eu faça”. A ascensão não é, teológica e catequeticamente, um tema simples e fácil, mas é uma oportunidade para se propor uma catequese de maior recolhimento, ensinando também, às crianças, o valor da ESCUTA, da INTERIORIZAÇÃO e do SILÊNCIO que o mistério, o «milagre» invocam. Tanto quanto possível, deve tentar-se favorecer verdadeiros momentos de intimidade com Jesus.

**2.** Propõe-se a utilização de alguns símbolos que possam favorecer a experiência, torná-la mais marcante:

- a) uma tenda, simbolizando a presença de Jesus, a segurança que Ele deu aos discípulos, porque Jesus estava com eles, falava com eles, ensinava-os;
- b) o sol – elemento da natureza, como fonte de vida – é, nesta catequese, símbolo de Jesus na nossa vida;
- c) as sandálias, como sinal do partir, anúncio de Jesus Ressuscitado, da nossa missão, do nosso compromisso de anunciar o Reino de Deus;
- d) a língua de fogo, como imagem da descida do Espírito Santo aos discípulos – memória de que Deus Trino estará connosco até ao fim dos tempos.

Não é necessário dar muitas explicações sobre os símbolos às crianças: o que já sabem e a própria experiência de se reunir em nome de Jesus, serão suficientes para os ajudar a preencher com o coração as eventuais lacunas que tenha a compreensão. Se tudo fosse explicável e demonstrável à maneira da ciência humana, onde ficaria a fé, pois se é da fé que se trata.

## **MATERIAIS**

### **1. Para a Experiência Humana:**

- Uma tenda. Propõe-se algo simples, como um pano ou papel cenário, atando (ou colando), as quatro pontas à parede, ou apenas três pontas, no caso de ser um canto da sala (solução que facilita). Se não for possível atar à parede, o catequista deverá preparar uns suportes, bem seguros, que suportem o pano ou o papel cenário. Poder-se-á utilizar as estruturas que hoje existem de tendas, ou proteções para o sol;
- Bíblia;
- Um sol - construído em papel cartolina ou papel cenário, ou esferovite ou, ainda, outro material à escolha do catequista;

- Havendo possibilidade, o interior da tenda poderá estar muito iluminado - efeito que pode ser conseguido usando uma lanterna forte ou um candeeiro, ou um foco;
- Poder-se-á usar, também, umas plantas, para adorno, mas algo muito simples.

## **2. Para a Palavra de Deus:**

- Bíblia;
- Vela;

## **3. Para a Expressão de Fé:**

- Bíblia;
- Vela;
- Sandálias;
- Folhas com a oração, uma para cada criança;
- Cesto com Línguas de Fogo (línguas de fogo recortadas em cartolina vermelha e com a inscrição: "Vai, Eu estarei contigo até ao fim dos tempos"; as LF devem ter umas dimensões compatíveis com as da Barra Cronológica);

## **MÚSICA**

- "Sois a semente".

## **Preparação da sala:**

- construir, na sala (poderá ser no centro ou no canto), um espaço amplo (o maior que for possível) com a tenda;
- a Bíblia deverá ser colocada em cima de um suporte, no chão, com uma vela.
- perto da tenda, do lado de fora, numa posição mais alta que a própria, tenda deverá estar colocado o sol;
- colocar a iluminação, dando um efeito de muita claridade, no interior da tenda.

## **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

- 1. A catequese inicia-se com todos, sentados, no interior da tenda (lcr com atenção as observações pedagógicas). O catequista introduz a Experiência Humana:*

Sabeis que o Sol é a estrela central do sistema solar. Todos os outros corpos do sistema solar – planetas, asteroides, cometas, poeiras, satélites associados a esses corpos – giram em volta do Sol.

Porque é que o Sol é tão importante? *(deixar as crianças pronunciarem-se).* O Sol é a fonte de luz natural que aquece e ilumina a Terra... é isso mesmo! Podemos então dizer que a radiação emitida pelo Sol é fonte de vida e de energia para a Terra e para todos os seres vivos que a habitam. Sem o Sol, não haveria luz, não existiriam as plantas, os animais, as pessoas; sem o Sol, não teríamos Vida na Terra.

*O catequista pergunta se repararam no sol que estava ao pé da tenda.*

Colocámos o sol ali, porque o Sol aparece no céu, de manhã cedo; e, depois de várias horas (no final da tarde), esconde-se do lado oposto, por detrás do mar, das montanhas, ou do horizonte (na verdade, não é o Sol que anda, como nos parece, mas a Terra que gira sobre si própria, e à volta do Sol).

Deixamos de o ver, mas sabemos que ele está lá, e que voltará, noutro dia. Quando o Sol desaparece, o que vemos aparecer no céu? *(deixar as crianças pronunciarem-se).* Muito bem, vemos a Lua. A Lua é um planeta que gira à volta da Terra e também do Sol. A Lua não tem luz própria; mas reflete a luz do Sol, iluminando a Terra à noite. Não é a mesma coisa, nem tem o mesmo brilho do que o Sol; mas a sua superfície reflete, para nós, a luz do Sol

Hoje começámos por falar do Sol. E qual vos parece ser a razão? Quem quer arriscar uma resposta? *(Deixar as crianças pronunciarem-se; o catequista valorizará as respostas dadas e conduzirá para a resposta, caso as crianças não tenham mencionado a razão fundamental: a analogia com Jesus Cristo.)* Porque hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um outro "Sol": Jesus Cristo. Para nós, Ele é a "estrela" principal da vida e da história dos homens. Um dia, Ele apareceu no horizonte da humanidade para iluminar e aquecer o mundo – como acontece com o Sol todas as manhãs.

Ele, durante algum tempo, aqueceu a nossa Terra, encheu de esperança e de alegria os corações de todos os homens e mulheres que com Ele se cruzaram, e percorreu connosco um caminho. Ao longo desse caminho, Ele deu-nos Vida verdadeira e eterna, mostrou-nos por onde ir, venceu as trevas que nos impediam de caminhar rumo à Vida nova, ensinou-nos a ser felizes. Depois de ter terminada a sua tarefa, a sua missão, Jesus (como o Sol), desapareceu da nossa vista... Ele morreu, mas não deixou de existir. Deixámos de o ver, por algum tempo, mas, podemos ainda perceber a sua luz, a guiá-nos e a indicar-nos caminhos na noite do mundo? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

É mesmo isso, a nossa resposta só pode ser: “Sim, podemos!”. Ficaram cá, no mundo, os seus discípulos, nos quais brilha a luz e a Vida de Jesus. Os discípulos de Jesus não são “a luz”; mas neles brilha a luz de Jesus, e essa luz ilumina os caminhos do mundo e dos homens (como a Lua, que não tem luz própria, mas brilha com a luz que lhe vem do Sol, para iluminar a noite). É sobre este Jesus, a “luz” que ilumina e aquece o mundo – que agora não vemos mas cuja luz brilha através dos discípulos que Ele deixou no mundo – que iremos hoje falar.

## II. PALAVRA

1. *Mantendo-se todos sentados na tenda, o catequista propõe: Alguém sabe dizer o que aconteceu a Jesus depois de ter ressuscitado? Para onde é que Ele foi? ((deixar as crianças pronunciarem-se).)*

Claro que foi para junto de Deus, o seu Pai. No “Credo” – esse resumo da nossa fé, que nós proclamamos na celebração da Eucaristia – dizemos que Jesus, após a Ressurreição “subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai”. É natural que isso tenha acontecido: Ele veio ao nosso encontro a partir de Deus, seu Pai; e, quando terminou a sua vida nesta terra, voltou para junto do seu Pai.

Diversos textos do novo Testamento falam disto, embora cada um o faça à sua maneira. Por vezes, os autores destes textos não sabiam bem como expressar as coisas que experimentavam e sentiam e, então, usavam “imagens” pois, por vezes é, mais fácil dizer certas coisas usando imagens ou comparações, não é verdade? No essencial, os vários autores estão de acordo: Jesus Cristo, o Filho de Deus que foi morto e sepultado num túmulo em Jerusalém, depois de ter ressuscitado, “subiu” para junto de Deus.

*O catequista acende a vela, enquanto refere: Vede como o autor dos primeiros tempos que temos estado a acompanhar no Livro dos Atos dos Apóstolos descreve a Ascensão de Jesus (At 1,3-11):*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Apareceu vivo aos discípulos, depois da sua paixão e deu-lhes disso numerosas provas, com as suas aparições, durante quarenta dias, e falando-lhes também a respeito do Reino de Deus. No decurso de uma refeição que partilhava com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, «do qual – disse Ele – me ouvistes falar.**

**João batizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis batizados no Espírito Santo».**

**Estavam todos reunidos, quando lhe perguntaram:**

**«Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?»**

**Respondeu-lhes: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade.**

**Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo».**

**Dito isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos. E como estavam com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava,**

**surgiram de repente dois homens vestidos de branco, que lhes disseram:**

**«Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu?**

**Esse Jesus que vos foi arrebatado para o céu virá da mesma maneira, como agora o vistes partir para o céu».**

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 2. O catequista propõe, falando baixo e com calma: Agora, vamos fazer silêncio!** Vamos escutar estas palavras com o nosso coração.

*O catequista dará um minuto de silêncio, e retoma:*

Há, nesta descrição, diversas coisas que é importante ter em conta... Antes de mais diz-se que, durante algum tempo após a sua Ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos. Isso nós já sabíamos, pois falámos, nas catequeses anteriores, de diversos encontros entre Jesus ressuscitado e os seus discípulos.

Por quanto tempo é que Jesus lhes apareceu? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Sim. No nosso texto diz-se que foi por “quarenta dias”. No entanto, pode ser que não tenham sido exatamente quarenta dias... Naquela altura, quando se queria dizer “o tempo necessário para aprender e perceber uma coisa muito importante”, falava-se em “quarenta dias”.

O autor deste texto está, portanto, a dizer-nos que, após a sua Ressurreição, Jesus ainda esteve algum tempo a ensinar aos seus discípulos coisas muito importantes... **Sabeis de que falava Jesus?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Olhem, podem abrir o vosso catecismo na página 99 ... o que é que está aí destacado? O que é que nos diz? Diz que Ele lhes falava “a respeito do Reino de Deus”...

Já antes, quando andava com os seus discípulos pelos caminhos e aldeias da Palestina, Jesus falava-lhes, muitas vezes, do “Reino de Deus”. O “Reino de Deus” era esse mundo novo de amor, de justiça, de perdão, de serviço que Deus queria propor à humanidade e que Jesus veio ensinar-nos a construir... Depois de ressuscitar, antes de se tornar invisível, Ele quis dar aos seus discípulos as suas últimas indicações e instruções sobre algo muito importante, como quando alguém vai partir em viagem e deixa aos seus amigos ou familiares as suas últimas indicações para que os seus “negócios” e projetos possam continuar a andar: como construir um mundo novo, um mundo de Vida e de felicidade para todos os homens e mulheres.

Depois de ter completado a sua missão no mundo, Jesus – diz o nosso texto – “elevou-se” em direção ao céu. Na página 98, no catecismo, podemos observar uma obra de arte que ilustra esta passagem da Bíblia...e que nos pode ajudar a perceber o que é que isto quer dizer.. (*Deixar as crianças falarem da sua interpretação*).

Podemos afirmar que “elevou-se” em direção ao céu, quer dizer que Ele voltou para Deus e ficou junto de Deus. Não podia ser de outra forma, não é verdade? Ele veio de Deus e, enquanto esteve neste mundo, procurou fazer

sempre a vontade de Deus. Quando terminou a sua vida nesta terra, foi para junto de Deus...

**Ao ir para junto de Deus, sabeis o que é que Jesus nos mostrou?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Mostrou que quando cumprimos a vontade de Deus, quando fazemos o que Deus nos pede, quando ouvimos as indicações de Deus e conduzimos a nossa vida de acordo com elas, estamos destinados a ir para junto de Deus. Tal como está aí escrito no vosso catecismo, para que nunca se esqueçam disso (*o catequista indica no catecismo*), o destino dos "filhos de Deus", que cumprem a vontade de Deus, vivem o Seu projeto, é ir ter com Deus e ficar sempre junto de Deus. Isso aconteceu com Jesus; isso mesmo há de acontecer connosco, também. E sabemos qual é esse projeto, não sabemos (*o catequista indica na Barra Cronológica, no espaço da catequese 22, o que é "Ter fé em Jesus Cristo"*).

Portanto, a partir de certa altura, Jesus deixou de andar com os seus discípulos pelos caminhos do mundo e passou a fazer parte do mundo de Deus. Mas ao ficar junto de Deus, Jesus foi embora e abandonou os seus discípulos? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Claro que não... O facto de os discípulos deixarem de ver Jesus não significa que Ele os tivesse abandonado. Ele continuava presente; só que os discípulos deixaram de o ver. Aliás, Ele disse-lhes que ia enviar sobre eles o seu Espírito – a sua força, a sua Vida; e, dessa forma, continuaria presente, a acompanhar o caminho dos discípulos.

**E os discípulos? Ficavam com alguma tarefa, com algum "trabalho de casa" para fazer?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Claro que sim. Jesus encarregou-os de serem suas testemunhas "em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo". **Sabeis o que isto significa, não sabeis?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Pois, é isso mesmo. Significa que os discípulos deviam ir ao encontro de todos os homens e mulheres e falar-lhes de Jesus e da sua mensagem: deviam (*indicar na Barra Cronológica*) SER TESTEMUNHAS.

Para quê? Para que essa proposta de um **mundo novo** – que Jesus tinha vindo apresentar – chegasse a toda a gente e a todos os cantos da terra. Ou seja: aquela proposta de um mundo novo, que Jesus tinha vindo apresentar à humanidade, agora ficava nas mãos dos seus discípulos; eram eles que deviam ir pelo mundo e apresentar aos outros homens e mulheres essa proposta de Jesus. Além de apresentar a proposta com um anúncio por palavras, eles deviam também, como o próprio Jesus fez, realizar gestos de amor, de

bondade, de perdão e de paz, para que todos vissem como é que esse mundo novo podia ser construído. Foi essa a tarefa que Jesus, ao ir para junto de Deus, deixou aos discípulos que ficavam aqui na terra.

O texto que lemos diz, ainda, que apareceram “dois homens vestidos de branco”... Que é que eles disseram aos discípulos? Perguntaram-lhes: “Porque estais assim a olhar para o céu?” Sabeis o que é que eles queriam dizer com esta pergunta? Queriam dizer: “Não adianta ficardes aí a olhar para o céu, à espera que Jesus faça tudo e que seja Ele, sozinho, a construir um mundo novo... Jesus disse-vos como fazê-lo e, agora, é convosco.

Ide lá continuar a obra que Jesus começou (*o catequista mostra a inscrição «Continuar a obra de Jesus» no espaço da catequese 23 da Barra Cronológica*). Ide falar a todos desse mundo novo que Deus quer que vós construais; ide ao encontro das pessoas e mostrai-lhes, com os vossos gestos de amor e de bondade, tudo o que Jesus vos ensinou. Um dia, no final dos tempos, Jesus há de vir outra vez ao encontro dos homens; mas, até lá, sois vós que tendes de trabalhar para que este mundo seja um lugar onde há Vida e felicidade para todos os homens e mulheres”.

*O catequista explica, agora, porque estiveram sentados debaixo da tenda: A tenda tem esse significado de proteção que simboliza a presença de Jesus, tem o sentido de quanto os discípulos se sentiam confiantes quando Jesus estava com eles, em carne e osso. Como os discípulos tiveram de confiar em Jesus, nas suas Palavras, agora que tinha de ir para o Pai. Aquele era momento em que tinham de partir pelo mundo, anunciar o Reino de Deus, dar testemunho de tudo o que tinham visto, ouvido e vivido – portanto, não podiam continuar debaixo da tenda, a sua casa era agora “todas as terras”, “todos os povos”. Nós, tal como os discípulos, não podemos continuar debaixo da tenda, temos de partir, de anunciar este Jesus ressuscitado e o Seu Reino.*

*E, neste momento, todos desmancham a tenda e reúnem-se, em silêncio, à volta da Bíblia, onde poderão ficar em pé. O catequista dirá, ainda, que ao pé da bíblia estão umas sandálias, simbolizando o caminho e o anúncio que cada um de nós terá de assumir.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista convida à oração, em que é pedido que se faça silêncio entre cada leitura:*

**Catequista:**

"Senhor Jesus,

Tu vieste ao nosso encontro e, durante alguns anos, caminhaste no meio de nós; sofreste fome, frio, cansaço, dores, angústias, medo; ajudaste homens e mulheres, acolheste bons e pecadores, sentaste-te à mesa com ricos e pobres, curaste os doentes e acolheste os que eram marginalizados; disseste palavras que encheram de esperança o coração de todos e mostraste, nos teus gestos de amor, de bondade e de perdão como é que nós devíamos viver para construir um mundo mais bonito e mais feliz.

**Criança 1:**

Um dia, foste preso e morto numa cruz;  
mas Deus, o teu Pai, não deixou que a morte  
e a maldade vencessem e ressuscitou-te.

Depois, tu foste de novo para junto de Deus, para junto do teu Pai.  
Na terra, ficaram os teus discípulos, a continuar a tua obra.  
E tu, embora eles não te vejam cara a cara,  
continuas a acompanhá-los e a caminhar com eles.

*Silêncio*

**Todos:**

Jesus, tu estás connosco quando nos reunimos para te rezar,  
Tu estás connosco quando escutamos a tua Palavra,  
Tu estás connosco quando partilhamos o teu Pão,  
Tu estás connosco quando repetimos os teus gestos de amor,  
de bondade e de perdão,  
Tu estás connosco quando lutamos contra a injustiça, o egoísmo e a maldade.  
Senhor Jesus, Tu estás sempre connosco nos caminhos do mundo!

*Silêncio*

**Criança 2** – Senhor Jesus, tu disseste: "Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do filho e do Espírito santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28,20).

*Silêncio*

**Todos: Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!**

*Silêncio*

**Criança 3** – Senhor Jesus, tu disseste: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado, será salvo; mas, quem não acreditar será condenado” (Mc 16,15-16).

*Silêncio*

**Todos:** Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

*Silêncio*

**Criança 4** – Senhor Jesus, tu disseste: “Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos, ao terceiro dia; que havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas” (c 24,46-48).

*Silêncio*

**Todos:** Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

## **2. Compromisso:**

*O catequista, com calma e tom de voz suave, sugere:* É no silêncio que somos convidados a aprofundar o nosso compromisso de continuar a Obra de Jesus, tal como está indicado na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 23. Vamos trabalhar para, dentro das nossas possibilidades, daquilo que sabemos e podemos fazer: **Levar amor; Mostrar bondade; Ser Justos.** Em sinal de que aceitamos a presença do Espírito Santo na nossa vida, força capaz de nos inspirar amor, bondade e justiça, um de cada vez, vamos retirar do cesto (*fazer passar o cesto pelas crianças*) uma língua de fogo, mensagem de Jesus, para recordarmos sempre este compromisso. Depois, com a ajuda do Espírito, cada um vai completar a sua Barra Cronológica com uma atitude de amor, de bondade e de justiça que quer viver esta semana.

*No final, pode cantar-se o cântico “Sois a semente.”, enquanto as crianças vão saindo da sala e caminhando “para o mundo”.*

**— Para guardar na memória e no coração —**

“Estarei convosco até ao fim dos tempos”:

Senhor, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

## O ESPÍRITO QUE DÁ VIDA

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Jesus, depois de ressuscitar, foi para junto do Pai.

Ao partir, confiou aos seus discípulos a missão de continuarem a obra que Ele tinha iniciado... Estarão os discípulos à altura de uma tarefa tão importante e decisiva? Esses homens cheios de limites e fragilidades, que tantas vezes manifestaram uma dificuldade extrema em entender Jesus e o seu projeto, serão capazes de acolher e de levar ao mundo a Boa Nova do Reino? Esses homens que tantas vezes mostraram estar mais preocupados com a realização dos seus sonhos e interesses pessoais do que com o programa do Reino, terão a capacidade de se dar totalmente à construção do Reino? Esses homens sempre prontos a fugir e a esconder-se quando apareciam as dificuldades e oposições, serão capazes de se comprometer, sem hesitação, com a construção do Reino?

É aqui que entra o Espírito Santo, esse Espírito de Vida que anima Jesus e que Jesus quis derramar sobre os seus discípulos.

Em hebraico, "Espírito" diz-se "ruah". A palavra pode traduzir-se como "vento" (essa misteriosa deslocação do ar que, por vezes, é violenta e derruba os obstáculos à sua passagem, e outras vezes se insinua como murmúrio suave e acariciante; que por vezes, com o seu sopro tórrido seca a terra e a esteriliza, e outras vezes derrama sobre a terra a água que fecunda e faz germinar a vida) ou como "respiração" (o "hálito" da vida, suave, frágil e vacilante, mas que sinaliza e expressa a vida que anima o homem). Quando se fala no "ruah Elohim" (o "Espírito de Deus"), fala-se desse "sopro" de Deus, desse "hálito" de Deus, dessa "força" de Deus que dá vida ao homem (cf. Gn 2,7), que o santifica, que o liberta, que o transforma e o capacita

para a missão e para ser, no mundo, um sinal de Deus (cf. Jz 3,10; 11,29; 14,6; 1 Sam 11,6).

Para a catequese de Israel, o Messias – o “ungido” de Deus para libertar e salvar o seu Povo – devia ser portador do “Espírito do Senhor”; seria esse Espírito que lhe proporcionaria a sabedoria, o entendimento, o conselho, a fortaleza, a ciência e o temor de Deus (cf. Is 11,2), “qualidades” e atributos necessários para que Ele pudesse levar a cabo a sua missão libertadora e salvadora.

Toda a existência humana de Jesus é vivida sob o signo e a ação do Espírito. O evangelista Lucas refere-o logo no próprio momento da Incarnação, sugerindo que a presença do Espírito remonta às origens do próprio ser de Jesus (cf. Lc 1,35). Jesus é, portanto, esse Messias que Israel esperava e sobre quem repousa, desde o início do seu ser, o Espírito de Deus.

Esse Espírito – presente desde o primeiro instante em Jesus – manifesta-se no momento em que Jesus é batizado por João Baptista nas águas do Rio Jordão: “o Espírito Santo desceu sobre Ele, como uma pomba” (Lc 3,22). O batismo na água torna-se batismo no Espírito. O Espírito como que comunica a Jesus, naquela circunstância, a palavra de complacência, de orgulho e de amor que vem do Pai. Sendo o batismo o momento da investidura do Messias, o momento em que o Pai o apresenta e lhe confia uma missão, a presença do Espírito indica que ele acompanha Jesus nessa missão que o Pai lhe entregou. O próprio Jesus está plenamente consciente disso; por isso, quando vai à sinagoga de Nazaré, Ele aplica a si mesmo o texto de Isaías (cf. Is 61,1-2) que, nesse sábado, era lido na liturgia sinagoga: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4,18-19).

É no Espírito que Jesus sempre age. É o Espírito que o impele na sua ação e no seu ensino (cf. Lc 4,14); é no Espírito que Jesus rejeita todas as distorções do plano de Deus e se afirma disponível apenas para cumprir a vontade e o projeto do Pai (cf. Mt 4,1); é no Espírito e pelo Espírito que Jesus luta contra o mal que oprime o homem e o impede de ter Vida (cf. Mt 12,28); é no Espírito e pelo Espírito que Jesus reconhece a ação de Deus e bendiz o Pai (cf. Lc 10,21-22). Os gestos com que Ele derrota o mal, a força e a verdade da sua Palavra, a sua familiaridade com Deus são a prova de que sobre Ele “repousa o Espírito” (Is 61,1)... E esse Espírito não o “atinge” de forma ocasional, como acontecia com outras pessoas do Antigo Testamento a quem Deus tinha

confiado determinada missão; mas o Espírito "repousa sobre Ele" de forma permanente: o Espírito reside nele e atua nele, em todas as circunstâncias.

## **2. Jesus promete aos discípulos o seu Espírito**

Quando se aproximou o tempo de concluir a sua missão na terra e de partir para o Pai, Jesus prometeu aos discípulos que iam receber esse Espírito Santo que o tinha sempre animado e conduzido, de forma que eles pudessem continuar a obra iniciada... Na última ceia, a esses discípulos desanimados e convencidos de que aquela aventura estava a terminar, Jesus diz-lhes: "Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós" (Jo 14,16-17). Pouco depois, Jesus ainda acrescenta: "Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que eu vos disse" (Jo 14,25-26). A palavra grega "paráklêtos", aqui utilizada por João, pertence ao vocabulário jurídico e designa aquele que ajuda ou defende o acusado. Pode, portanto, traduzir-se como "advogado", "auxiliar", "defensor". A partir daqui, pode deduzir-se, também, quer o sentido de "consolador", quer o sentido de "intercessor". No Novo Testamento, a palavra só aparece em João, onde é usada quer para designar, quer o Espírito (cf. Jo 14,26; 15,26; 16,7), quer o próprio Jesus (que no céu, cumpre uma missão de intercessão - cf. 1 Jo 2,1).

Esse "Paráclito" que Jesus vai enviar é o Espírito Santo, apresentado aqui como o "Espírito da Verdade". Enquanto esteve com os discípulos, Jesus ensinou-os, protegeu-os, defendeu-os; mas, a partir de agora, será o Espírito o que ensinará e cuidará da comunidade de Jesus. O Espírito desempenhará, neste contexto, um duplo papel: em termos internos, conservará a memória da pessoa e dos ensinamentos de Jesus, ajudando os discípulos a interpretar esses ensinamentos à luz dos novos desafios; por outro, dará segurança aos discípulos, guiá-los-á e defendê-los-á quando eles tiverem de enfrentar a oposição e a hostilidade do mundo. Em qualquer dos casos, o Espírito conduzirá essa comunidade em marcha pela história, ao encontro da verdade, da liberdade plena, da vida definitiva.

## **3. Os discípulos recebem o Espírito**

Os catequistas do Novo Testamento contam de forma diferente a "entrega" do Espírito aos discípulos; mas, no essencial, a mensagem é a mesma: após a

Ressurreição de Jesus, os discípulos receberam o Espírito e tornaram-se pessoas novas.

Para o evangelista João, foi na tarde do próprio dia da Ressurreição que Jesus cumpriu a promessa que tinha feito aos discípulos e derramou sobre eles o Espírito... Aparecendo na casa onde eles se encontravam fechados, com medo das autoridades judaicas, Jesus disse aos discípulos: "«Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós». Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo»" (Jo 20,21-22). O verbo aqui utilizado é o mesmo do texto grego de Gn 2,7 (onde se diz que Deus soprou sobre o homem de argila, infundindo-lhe a vida de Deus). Com o "sopro" de Gn 2,7, o homem tornou-se um ser vivente; com este "sopro", Jesus transmite aos discípulos a vida nova que fará deles homens novos, capazes de viver uma Vida nova. Agora, os discípulos possuem o Espírito, a vida de Deus, para poderem – como Jesus – dar-se generosamente aos outros. É este Espírito que constitui e anima a comunidade de Jesus.

Lucas, por sua vez, coloca a experiência do Espírito no dia da Festa do *Pentecostes* (cf. At 2,1-12). O *Pentecostes* era uma festa judaica, celebrada cinquenta dias após a Páscoa. Originariamente, era uma festa agrícola, na qual se agradecia a Deus a colheita da cevada e do trigo; mas, no séc. I, tornou-se a festa histórica que celebrava a aliança, o dom da Lei no Sinai e a constituição do Povo de Deus. Ao situar neste dia o dom do Espírito, Lucas está a sugerir que o Espírito é a lei da nova aliança (pois é ele que, no *tempo da Igreja*, dinamiza a vida dos crentes) e que, por ele, se constitui a nova comunidade do Povo de Deus – a comunidade messiânica, que viverá da lei inscrita, pelo Espírito, no coração de cada discípulo (cf. Ez 36,26-28).

Na sua narrativa sobre a manifestação do Espírito (At 2,2-4), Lucas apresenta o Espírito recorrendo a dois símbolos com uma expressividade muito própria: o *vento de tempestade* e o *fogo*. São os símbolos da revelação de Deus no Sinai, quando Deus deu ao Povo a Lei e constituiu Israel como Povo de Deus (cf. Ex 19,16.18; Dt 4,36). Estes símbolos evocam a força irresistível de Deus, que vem ao encontro do seu Povo e lhe apresenta uma proposta (uma Lei) de Vida. Da aceitação dessa proposta nasce a comunidade de Deus, o Povo que, no mundo, dá testemunho de Deus.

O Espírito que desce sobre os discípulos reunidos no Cenáculo apresenta-se, segundo Lucas, em forma de *língua de fogo*. A língua não é somente a expressão da identidade cultural de um grupo humano, mas é também a maneira de comunicar, de estabelecer laços duradouros entre as pessoas, de criar comunidade. "Falar outras línguas" é criar relações, é a possibilidade de superar

o gueto, o egoísmo, a divisão, o racismo, a marginalização... Aqui, temos o reverso de Babel (cf. Gn 11,1-9): lá, os homens escolheram o orgulho, a ambição desmedida que conduziu à separação e ao desentendimento; aqui, regressa-se à unidade, à relação, à construção de uma comunidade capaz do diálogo, do entendimento, da comunicação. É o surgimento de uma humanidade unida, não pela força, mas pela partilha da mesma experiência interior, fonte de liberdade, de comunhão, de amor. A comunidade messiânica é a comunidade onde a ação de Deus (pelo Espírito) modifica profundamente as relações humanas, levando à partilha, à relação, ao amor.

É neste enquadramento que devemos, ainda, entender os efeitos da manifestação do Espírito, segundo Lucas (cf. At 2,5-13): todos “os ouviam proclamar na sua própria língua as maravilhas de Deus”. O elenco dos povos convocados e unidos pelo Espírito, abrange todo o mundo antigo, desde a Mesopotâmia, passando por Canaan, pela Ásia Menor, pelo norte de África, até Roma: a todos deve chegar a proposta libertadora de Jesus, que faz de todos os povos uma comunidade de amor e de partilha. A possibilidade de ouvir na própria língua “as maravilhas de Deus” outra coisa não é do que a comunicação do evangelho, que irá gerar uma comunidade universal. Sem deixarem a sua cultura, as suas diferenças, todos os povos escutarão a proposta de Jesus e terão a possibilidade de integrar a comunidade da salvação, onde se fala a mesma língua e onde todos poderão experimentar esse amor e essa comunhão que tornam irmãos povos completamente diferentes. O essencial passa a ser a experiência do amor que, no respeito pela liberdade e pelas diferenças, deve unir todas as nações da terra

Paulo, nos seus escritos, ensina que **o Espírito é o responsável pelo nascimento do “Homem Novo”**, do homem que deixa para trás as “as obras da carne” (“fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas” – Gal 5,19) e vive uma vida liberta de todas as escravidões. Esse Homem Novo é o homem que vive de acordo com o dinamismo de Vida nova que lhe é dado pelo Espírito, e esse dinamismo é “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gal 5,22-23). O homem que vestiu as vestes do Homem Novo está revestido de “sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência”; apoia e serve de suporte aos seus irmãos, mesmo quando tem “razão de queixa contra o outro”; é capaz de perdoar em todas as circunstâncias e, acima de tudo, faz do amor – que é o

laço da perfeição – a lei fundamental pela qual conduz a sua vida (cf. Col 12-14). Conduzidos pelo Espírito, diz Paulo, esses Homens Novos (que constroem a sua vida de acordo com esse dinamismo de Vida nova que o Espírito dá) tornam-se filhos de Deus; estão destinados à Vida de Deus, à comunhão com Deus, a integrar a família de Deus: “Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: *Abbá*, ó Pai. Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rom 8,15-16).

Além disso, é **o Espírito Santo que está na origem da comunidade cristã...**

No relato do Pentecostes vemos como esses discípulos cheios de medo, fechados dentro de uma casa, e que até aí pouco tinham entendido da mensagem de Jesus, depois da chegada do Espírito abrem as portas e as janelas e proclamam, com desassombro e sem medo, com pleno conhecimento de causa, a boa Nova de Jesus. Todos os anteriores sinais de cobardia, de preguiça, de acomodação, de incompreensão desaparecem; o Espírito renova os corações dos discípulos, dá-lhes força, dá-lhes entusiasmo, leva-os ao compromisso, permite-lhes entender, acolher e proclamar a proposta de Jesus... O Espírito faz dos discípulos testemunhas destemidas do Evangelho de Jesus. Mas o Espírito não está só na origem da comunidade cristã; ele **acompanha cada passo dessa comunidade na sua viagem pela história**: é pela ação do Espírito e conduzidos pelo Espírito que os discípulos vão proclamar a proposta de Jesus “em Jerusalém em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo” (At 1,8); é o Espírito que guia os discípulos, que lhes permite encontrar os caminhos do Evangelho e tomar as decisões corretas para que a mensagem possa alcançar todos os povos (cf. At 15,28); é, ainda, o Espírito que faz com que os destinatários do Evangelho acolham a proposta de Jesus e aceitem integrar essa comunidade do Reino, onde todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, falam a mesma linguagem e vivem no entendimento e na comunhão; é, finalmente, o Espírito que distribui por cada discípulos os dons que devem ser postos ao serviço da comunidade, para que a comunidade seja mais rica e possa cumprir a sua missão (cf. 1 Cor 12,1-11).

Devemos ter em conta que o dinamismo do Espírito não se esgotou na Igreja dos primeiros tempos e na vida dos primeiros cristãos... O Espírito continua hoje, a cada momento, a propor-nos um dinamismo de Vida nova, de forma a que possamos viver como Homens e Mulheres novos, realizando as obras de Jesus e continuando a missão de Jesus. E o Espírito continua, ainda agora, a acompanhar o caminho da comunidade cristã, a construí-la e a renová-la, em cada passo do seu caminho histórico.

## **OBJETIVOS**

- Perceber que Jesus, ao partir deste mundo, deixou aos seus discípulos o Espírito Santo, esse Espírito que sempre o acompanhou e animou na missão que o Pai lhe confiou.
- Compreender que o Espírito faz de nós Pessoas novas, capazes de dizer "não" ao mal e de viver de acordo com as propostas de Jesus, anima a comunidade que nasce de Jesus e a acompanha no seu caminho pela história.
- Aprender a descobrir os sinais da presença do Espírito Santo na nossa vida e na vida do mundo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Pretende-se que as crianças compreendam que o envio do Espírito Santo, acontecimento do Pentecostes e expressão do amor de Deus, se manifestara já na forma como Deus atuara em Jesus e se atualiza na forma como atua em todos os que amam verdadeiramente, mesmo que não tenham ainda disso consciência. A história que lhes será contada pretende mostrar como, mesmo nas ações que mais nos atraem ou motivam, surgem sempre dificuldades e obstáculos, tal como aconteceu com os discípulos. É nesses momentos de confusão, indecisão ou receio que Deus, se a isso estivermos abertos, evidencia o seu amor sob a forma e forças renovadas, consolo, criatividade, assegurando que nós seremos capazes de fazer aquilo que Ele nos pede.
2. Depois de terem percebido que os Apóstolos foram enviados por Jesus, e com a força do Espírito, a anunciar o Evangelho e a ensinar como se vive em Igreja, as crianças são desafiadas a compreender estes acontecimentos e associarem-lhes os símbolos usados por Jesus para os vivenciar, o que lhes permitirá reter melhor os relatos escutados e o fundamental da sua mensagem. No entanto, pretende-se fundamentalmente que compreendam o que é a Igreja e como esta vive no tempo histórico dos homens e das mulheres, conduzida pelo Espírito Santo e convidando-os a tomar parte na sua vida.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Vela/ Círio;
- Gravuras/Imagens
- Dísticos: "os discípulos de Jesus"; "a construção de um mundo de amor, de paz, de liberdade e de vida..."; "Foi este Jesus que Deus ressuscitou e disto nós somos testemunhas."; "Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu

do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis"; "A Igreja".

- Poster: fogueira;
- Gravação e respetivo leitor do cântico escolhido.

## MÚSICA

- " Ó Senhor, enviai."

1. O Catequista após o acolhimento inicial, e depois de todas as crianças estarem sentadas de modo a verem bem o placar, começa por recordar com o grupo a importância das mensagens que as últimas catequeses têm transmitido neste Tempo Pascal.



### Preparação da sala:

O **placar** está vazio. As crianças sentam-se em seu redor.

Na **mesa**: a Bíblia e uma vela/círio, apagada. Fósforos para a acender.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O Catequista após o acolhimento inicial, e depois de todas as crianças estarem sentadas de modo a verem bem o placar, começa por recordar com o grupo a importância das mensagens que as últimas catequeses têm transmitido neste Tempo Pascal.*

*Escutadas as opiniões, valorizadas pelo catequista, que deve reforçar sempre as mensagens ou corrigir no caso de sentir algumas dúvidas, o catequista convida o grupo a ouvir a história que hoje lhes vai contar:*

O Vítor é escuteiro. Há cerca de duas semanas, ele foi, com o seu Agrupamento, fazer o acampamento da Páscoa, na Covilhã. Foram três dias passados no meio da natureza e gastos em atividades muito interessantes...

*O catequista questiona as crianças: Quem não gosta de admirar a beleza da Natureza?*

No entanto, nem tudo foi fácil...

Na tarde de sábado, a secção do Vítor fez um jogo de pista com cerca de 15 quilómetros... Quando partiram, todos estavam muito animados, a pensar que tinham pela frente uma bela aventura... E, nos primeiros quilómetros, o jogo decorreu de forma animada: a procura das pistas, a observação da natureza, o convívio, a ajuda que davam uns aos outros, a vontade de superar os obstáculos do caminho, deixaram toda a gente entusiasmada... *(O catequista observa:)* Até aqui tudo estava a correr muito bem e a ser um sucesso... *(E prossegue:)*

No entanto, depois dos primeiros sete quilómetros, o cansaço começou a pesar nas pernas; e, para piorar as coisas, apareceu uma chuva fria e irritante, que parecia nunca mais parar e os molhou até aos ossos. A moral do grupo começou a baixar e alguns estavam tão desanimados que tinham dificuldade em continuar a avançar. Em dado momento, já ninguém estava preocupado com o jogo; só se pensava em chegar ao fim e descansar num sítio quente e seco. Quando chegaram ao acampamento, só se viam rostos desanimados, cansados, fartos daquela aventura em que se tinham metido.

*(O catequista chama a atenção:)* Quando as dificuldades surgiram todo o entusiasmo foi desaparecendo e, tudo o que inicialmente era uma maravilha, foi sendo desvalorizado... *(O catequista continua:)*

À noite, depois do jantar, veio o Fogo de Conselho *(o catequista coloca o poster com a fogueira no placard e explica:)* Para aqueles que não são escuteiros, queria só explicar que o Fogo de Conselho é um tempo que é dado aos escuteiros acampados, e que durante o dia andaram muito ocupados com as suas tarefas e atividades, para pararem, pensarem e analisarem os seus atos, sentados à volta da fogueira, que os ilumina, aquece e aproxima uns dos outros pela sua beleza.

**Qual será o grande objetivo dessa experiência junto do fogo?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se, a partir do símbolo do fogo, calor e luz, e encaminhar as suas respostas para as conclusões:)* De facto, muitas vezes é isso que nos acontece: Se nos sentimos bem, aquecidos e iluminados, começamos a ver e a sentir as coisas que nos acontecem de outra maneira ... mudamos de opinião depois de se fazer luz no nosso pensamento ...

*O Catequista abre um pequeno diálogo, escuta e sublinha as intervenções que mais põem em relevo a relação reflexão - mudança.*

**Mas vamos continuar a nossa aventura pois vamos ter algumas novidades:**

Reunidos à volta da fogueira, recordando as peripécias da aventura da tarde, os membros do agrupamento começaram a despertar...

Aquele **fogo** aceso no meio do acampamento, que aquecia os corpos e iluminava a noite, mudava tudo: trouxe bem-estar e começou a acender sorrisos naqueles rostos, sérios e cansados.

O Vítor, sentado ao lado dos outros Exploradores, pensava nesse extraordinário poder que **o fogo** tem de trazer alegria e vida nova a quem está desanimado e abatido.

Voltou a boa disposição e todos se sentiram, outra vez, animados e reconciliados com o escutismo e com as suas exigências.

2. *O catequista introduz a reflexão central desta catequese: No nosso encontro de catequese de hoje, vamos falar de um grupo de homens – os discípulos de Jesus (o catequista coloca no placar o dístico "os discípulos de Jesus" e pergunta:)*

"Discípulos de Jesus" é uma expressão, uma designação, que todos já ouviram muitas vezes na catequese, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Muito bem! Nós hoje vamos aprofundar um bocadinho a história dos discípulos de Jesus e vamos tentar compreender como há algo que nos une a eles.

Em primeiro lugar, nós já sabemos o que Jesus lhes pediu, não é? *(O catequista sugere às crianças que observem os espaços da catequese 22 e 23 da sua Barra Cronológica e que identifiquem o pedido de Jesus:)* Ter fé em Jesus Cristo... SER TESTEMUNHA: tal como nós, os discípulos também descobriram como era bom viver uma Vida com Jesus e comprometeram-se a espalhar a Boa Nova, comprometeram-se em continua a obra de Jesus, trabalhando para um mundo de amor, bondade e justiça. Mas nada disto é fácil, pois não? *(O catequista leva as crianças a relatarem um pouco os seus próprios esforços de dar testemunho, e a manifestar as suas próprias dificuldades, fazendo alguma analogia com a história escutada e os obstáculos encontrados pelos escuteiros; depois, tentando escutar todas as crianças e ajudando-as a sentir aquilo que se discute, prossegue:)*

Pois é, os discípulos de Jesus já eram adultos e tudo, mas o que é certo é que hoje vamos saber é que estes amigos também desanimaram algumas vezes *(e continua):*

Eles também foram chamados, e aceitaram, uma missão difícil. Mas, no caminho, acabaram por se perder ou por se sentir muito cansados, ou com medo e, a certa altura, convenceram-se que ia terminar muito mal. Quando regressaram a casa, ao seu acampamento, estavam cansados, desiludidos e abatidos... Só lhes apetecia fecharem-se numa casa, fugir das dificuldades e crises e não sair mais dali...

No entanto, Jesus também lhes enviou um "fogo" *(o catequista aponta a figueira exposta no placar)* que mudou tudo e "acendeu" para eles uma nova esperança, uma Vida nova. Vamos, então, escutar esta experiência dos apóstolos, com muita atenção e respeito.

## II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças estarem de pé e preparadas para ler e escutar, o catequista introduz: Os discípulos de Jesus* – aqueles que Ele chamou para o seguirem e para escutarem a sua mensagem e as suas propostas – pensaram sempre que iam viver uma bela aventura. Pensaram, enquanto Jesus estava com eles que Jesus poderia vir a tornar-se uma pessoa muito importante e muito poderosa (um rei) e que eles iam ganhar muito se estivessem ao lado de Jesus, desse rei ... Não compreenderam bem o que Jesus lhes pedia e usaram as suas próprias ideias para imaginar o futuro.

No entanto, a partir de uma certa altura, eles começaram a ficar um pouco apreensivos, preocupados, pois as semanas e os meses passavam e Jesus não fazia nada para se tornar rei ... Pior ainda, a certa altura Jesus começou a dizer-lhes que tinha de ir para Jerusalém e que lá seria preso pelas autoridades judaicas, julgado e condenado à morte.

**Os discípulos não entendiam nada...** Então Deus não estava com Jesus e não lhe tinha dado poder e autoridade sobre os homens? Jesus não mostrava com os seus gestos – gestos que curavam o que davam vida – que Deus estava com Ele? Que sentido é que tudo aquilo fazia?

### 2. Um dia, chegaram com Jesus a Jerusalém.

Como ouvimos no Evangelho de Domingo de Ramos, uma semana antes de Domingo de Páscoa, no início, tudo correu bem e as pessoas aplaudiram a entrada de Jesus na cidade. Agitavam os ramos de palma para o saudar...

Mas, poucos dias depois, **Jesus foi preso** (depois de ter celebrado a Páscoa judaica com os seus discípulos), foi levado diante das autoridades e condenado à morte.

Os discípulos, no seu coração, quase não acreditavam no que estava a acontecer... Fugiram e esconderam-se, cheios de medo e confusão. Quando Jesus morreu, numa tarde de sexta-feira, eles estavam, quase todos, fechados numa sala, a tremer de medo, pensando que poderia acontecer-lhes a mesma coisa que tinha acontecido a Jesus...

No Domingo de manhã, contudo, as mulheres que foram ao sepulcro de Jesus vieram dizer-lhes que o sepulcro estava vazio e que Jesus tinha ressuscitado.

Eles também não acreditaram logo; mas, nos dias seguintes, eles próprios começaram a descobrir que Jesus estava vivo: a maldade dos homens e a força da morte não o tinham vencido.

Eles ficaram contentes: afinal, **a aventura ainda não tinha terminado**. Aos poucos, eles foram percebendo que **Jesus contava com eles** para continuar a construir o seu projeto e a dar Vida a todos os homens e mulheres... Eles deviam continuar aquilo que Jesus tinha começado (*o catequista coloca no placar o **dístico "A construção de um mundo de amor, de paz, de liberdade e de vida..."** e continua:*)

No entanto, eles também sabiam que eram homens frágeis, sem grande preparação para essa grande tarefa; eram homens que tinham medo das dificuldades, que tinham medo de ser perseguidos, que tinham medo de ser mortos, como tinha acontecido com Jesus... **Como é que iam ter forças para continuar a construir esse projeto que Jesus tinha começado?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para a conclusão:*) Era na verdade a grande preocupação destes homens que já estavam decididos a seguir Jesus, mas sentiam que necessitavam da força que Ele lhes tinha prometido, de calor e luz (*o catequista aponta para o poster da fogueira e continua:*)

Jesus tinha-lhes dito que lhes ia enviar a força do Espírito Santo, que lhes ia explicar e ensinar aquilo que eles ainda não tinham entendido e que os tornaria capazes de serem testemunhas de Jesus em toda a terra (**cf. At 1,8**) ... E, porque Deus nunca nos promete nada que não cumpra, um dia, o Espírito Santo – a força de Deus, a Vida de Deus que tinha animado o próprio Jesus, o fogo de Deus que aquece o coração e que transforma gente com medo em gente nova, cheia de coragem e de entusiasmo – foi derramado sobre os discípulos de Jesus. É o livro dos "Atos dos Apóstolos" que nos fala desse momento (**At 2,1-11.14.22-24.32-33**) e que vamos ler:

*O catequista escolhe as crianças para fazer a leitura dos Atos dos Apóstolos. De pé, em silêncio, o grupo escuta:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/Narrador:*

**Quando chegou o dia do Pentecostes,  
encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar.  
De repente, ressoou, vindo do céu,  
um som comparável ao de forte rajada de vento,  
que encheu toda a casa onde eles se encontram.  
Viram, então, aparecer umas línguas de fogo,  
que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles.  
Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras  
línguas,  
conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.  
Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos  
provenientes de todas as nações que há debaixo do céu.  
Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta,  
pois cada um os ouvia falar na sua própria língua.  
Atónitos e maravilhados, diziam:**

*Criança/Leitor 1:*

**«Mas esses que estão a falar não são todos galileus?  
Que se passa, então, para que cada um de nós os oiça falar  
na nossa língua materna?  
Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia,  
da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília,  
do Egito e das regiões da Líbia cirenaica,  
colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes,  
ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!»**

*Catequista/Narrador:*

**De pé, com os Onze, Pedro ergueu a voz e dirigiu-lhes então estas  
palavras:**

*Criança/Leitor 2:*

**«Homens de Israel, escutai estas palavras:  
Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com  
milagres,  
prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio,  
como vós próprio sabeis, este, depois de entregue,  
conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus,  
vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa.**

**Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o desígnio da morte. Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis.»**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

Todos:

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista, após uns momentos de silêncio, questiona as crianças: Deste relato, o que é que vos chamou mais a atenção? O que e que esta narrativa, um bocadinho impressionante, vos diz? (O catequista escuta as crianças procurando que usem os conhecimentos que já possuem, uma vez que não é a primeira vez que lhes é proposta a ação do Espírito Santo e, depois, coloca no placar o **dístico**:*

**«Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis”.**»; prossegue, explicando:)

Reparam que, depois da descida do Espírito Santo sobre eles, o comportamento dos discípulos se alterou: já não estão fechados numa casa, cheios de medo, sem ver ninguém, como estavam antes de receber o Espírito santo, a força de Deus.

Agora, eles abrem as portas e as janelas da casa, olham as pessoas que passam e **anunciam-lhe o Evangelho de Jesus Cristo**, sem medo e sem se preocuparem com aquilo que as pessoas possam pensar ou fazer... Eles estão fortes, corajosos, determinados...

**Sabeis porque é que isto aconteceu?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

*Depois de ajudar as crianças a organizar as suas deduções, concluir: **Porque o Espírito Santo** – essa Vida de Deus que também animou Jesus na sua ação e missão – lhes deu a força de serem testemunhas de Jesus. Com o Espírito Santo, eles perderam o medo e ganharam a coragem de anunciar Jesus Cristo a toda a gente.*

Devem ter reparado, logo a seguir, como é que o Espírito Santo – essa força de Deus que também tinha estado em Jesus e o tinha acompanhado na sua missão – se apresentou: como vento forte e como línguas de fogo. Porquê? Para os antigos, o **vento** era um dos sinais que indicavam **a presença de Deus**. É algo que nós não vemos mas que sentimos, como acontece com Deus, que não vemos com os olhos da nossa cara mas que sentimos no nosso coração; o vento pode ser suave e abraçar-nos, como aquela brisa morna de verão, que é tão agradável ... e o vento pode ter uma grande força, uma força que os homens não controlamos, como acontece com Deus, capaz de realizar as coisas mais extraordinárias, de mover, de movimentar grandes coisas.

*Era, pois, um sinal dessa vida que os homens não dominavam, mas que fecundava a terra e as plantas (é assim que é a Vida de Deus). Assim, quando queriam falar da presença de Deus, os antigos usavam sempre a imagem de um "vento forte".*

*O catequista explica a simbologia do fogo com bastante detalhe e calma pois é uma simbologia muito rica de experiências para as crianças retirarem para a sua vida pessoal e o seu compromisso de evangelização:*

**O "fogo"** era, igualmente, um dos sinais que mostravam a presença de Deus.

- a) **O fogo** aquece aqueles que têm frio, dá-lhes uma vida nova e um novo ânimo (é isso que Deus faz também, não é verdade?);
- b) **o fogo** queima as coisas de que não necessitamos, o lixo, aquilo que está a mais na nossa vida (Deus também faz isso: faz desaparecer aquilo que nos faz mal, que nos escraviza, que nos rouba a vida);
- c) **o fogo** ilumina e permite-nos ver para onde é que devemos caminhar, sem tropeçar (e Deus é a luz que nos conduz, em todos os momentos, em direção à Vida);
- d) **o fogo** derrete os materiais duros, e dá mais força e consistência a outros materiais mais fracos e maleáveis, fazendo com que eles tenham a capacidade de resistir aos golpes (e Deus quer derreter os nossos corações duros e insensíveis, e quer tornar-nos fortes para resistir às contrariedades, às dificuldades e às perseguições).

Compreendeis, então, porque é que essa Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos de Jesus aparece nas figuras do vento e do fogo? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e ajudá-las a sintetizar as ideias mais importantes:*) E porque é que essa Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos de Jesus

se apresenta em forma **de línguas**? **A língua serve para falar, para comunicar, não é verdade?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se:*) Já pensaram como seria se não pudessem comunicar com os vossos pais, os vossos amigos e colegas, os vossos professores?

Ficariam fechados em si, sem saber o que os outros pensam ou querem, sem poder dizer aos outros o que sentem, ou como gostam deles... Mesmo as pessoas que têm dificuldades de audição têm de aprender a língua gestual, não é? Se não fosse possível comunicar, estariam mais isolados, mais fechados em vós, mais afastados das outras pessoas...

*Terminado o tempo de reflexão, o catequista convida o grupo a pensar como pode sentir esta força de VIDA NOVA que é transmitida pelo ESPÍRITO SANTO. O catequista continua:*

Ora, essa **Vida nova de Deus** apresenta-se em forma **de línguas** para nos dizer que **Deus não quer que vivamos fechados em nós, isolados, sem comunicar...**

A Vida nova que Deus nos dá leva-nos ao encontro dos outros, a comunicar com os outros, a procurar entender os outros, a dizer palavras de bondade, de perdão, de amor, de esperança que ajudem os outros a serem mais felizes. Vós mesmos haveis feito esta reflexão após a catequese da semana passada: está registado no espaço da catequese 23 da vossa **Barra Cronológica**: escreveram sobre o que é amar, ser bondoso e ser justo, para melhor poderem «Continuar a obra de Jesus», que é aquilo que Ele vos pede e aquilo que aprendemos na catequese: a ser intérpretes de Deus, testemunhas de Jesus, verdadeiramente seus discípulos, na nossa vida ... O facto de ainda serdes crianças não é importante, não é um obstáculo, porque o Espírito Santo também vos assiste, também está convosco ...

*O catequista faz um breve silêncio e prossegue na introdução de uma nova ideia:* E, dessa forma, essa Vida nova que Deus nos dá faz com que todos nos entendamos, como uma grande família (mesmo que pertençamos a povos diferentes, a raças diferentes, a países diferentes). É uma experiência que vós tendes vindo a construir desde o primeiro ano da vossa catequese... Lembrem-se quando fizeram a primeira visita à igreja, ao edifício? Para alguns até seria quase a primeira vez mas não era o edifício, as pedras, que vos acolhia, de facto, mas a família dos crentes em Jesus, dos seus seguidores, dos cristãos, das «pedras vivas», como aprendemos no ano passado. E, depois, nestes anos, todas as pessoas que estiveram convosco na catequese, todas aquelas que vós haveis visitado, todas as que encontráis na eucaristia, todos vós, uns para os outros, sois, somos, a família de Deus.

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e falarem da sua experiência de Igreja)*

Com a vida nova que Deus nos oferece, falamos todos a mesma linguagem – a linguagem do amor; acabam-se as inimizades, as guerras, as violências, as incompreensões, as maldades, porque somos capazes de falar uns com os outros, de compreender os outros, de aceitar as diferenças dos outros.

Já compreenderam, certamente, que essa Vida nova que os discípulos de Jesus receberam os torna pessoas novas, pessoas diferentes, pessoas melhores.

E animados pelo Espírito Santo, os discípulos de Jesus deixaram de ser egoístas e passaram a pensar nos outros, a preocupar-se com os outros, a procurar o bem dos outros; deixaram de ser agressivos e violentos e passaram a ser humildes e bondosos, a realizar gestos de acolhimento, de solidariedade e de paz; deixaram de ser maus e rancorosos e aceitaram perdoar e compreender sempre aqueles que lhes fazem mal; deixaram de ser injustos e prepotentes e passaram a ser construtores da justiça e da equidade; deixaram de ser pessoas tristes e abatidas e passaram a ser pessoas alegres e confiantes, que dão testemunho de esperança e de Vida nova.

Também já compreenderam que **esta Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos (o Espírito Santo) faz aparecer uma nova família de pessoas:**

- **A família de Jesus,**
- **a família dos que escutam as propostas de Jesus e vivem de acordo com essa proposta que Ele veio trazer.**
- **a família de pessoas que vivem no amor, na partilha, na paz;**
- **a família de irmãos e de irmãs que se entendem, que falam a mesma linguagem (a linguagem do amor), que se aceitam uns aos outros (apesar da diferença de raças, de culturas, de perspectivas, de caminhos).**

Trata-se de uma família sem fronteiras, de uma família que junta todos os povos da terra, que abrange todos os homens e mulheres.

A esta família, nós chamados **"a Igreja"**. *O catequista coloca o dístico "Igreja" no placard e conclui:*

A Igreja nasce dessa força de Deus, o Espírito Santo, que é derramado sobre os discípulos de Jesus e os leva a amarem-se uns aos outros.

A Igreja de Jesus – essa família dos que receberam a Vida nova de Deus – existe, hoje, porque os amigos de Jesus continuam a receber esse Espírito, essa força e essa Vida de Deus.

É esse Espírito que, ainda agora, faz com que os amigos de Jesus se encontrem aos domingos para escutar a sua Palavra e para partilhar o seu Pão; é esse Espírito que os ajuda, ainda agora, a escutar, a entender e a acolher as Palavras de Jesus; é esse Espírito que dá a todos os amigos de Jesus a vontade de se amarem, de se ajudarem e de caminharem juntos, nessa grande família que é a Igreja

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O catequista sugere: Proponho que rezemos, cantando, pedindo a Deus que nos envie o Espírito Santo, que dá a todos os amigos de Jesus a vontade de se amarem. Vamos, então, cantar o **cântico**:

**"Ó Senhor, enviai."**

*Depois de terem cantado, o catequista coloca no ar a gravação do cântico e pede às crianças para completarem a reflexão que está registada no espaço da catequese 24 da sua Barra Cronológica, ajudando-as a compreender e a anotar como se comportam as pessoas – cada uma das crianças – quando renovadas pelo Espírito Santo – acentuando sempre como os gestos de bondade, de amor, de ajuda aos outros são sinais que mostram a presença do Espírito – **da vida nova de Deus** – no nosso mundo.*

*Depois, o catequista indica: Para sermos capazes de viver no amor, na partilha, na paz e de falar a linguagem dos cristãos, **vamos pedir ao Senhor Deus que nos envie o Espírito Santo.***

*O catequista acende a vela/círio e distribui as folhas com a oração; indica às crianças qual é a sua tarefa, procurando distribuir o texto de modo a todos poderem participar, lendo, mesmo que alguns extratos sejam lidos por um par de crianças. Indica: Todos de pé, em torno da "luz" e do "calor", rezamos:*

#### **Leitor 1:**

Vinde, Espírito Santo,  
enchei os corações dos vossos fiéis  
e acendei neles o fogo do Vosso amor.

#### **Leitor 2:**

Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**Leitor 3:**

Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis  
com a luz do Espírito Santo,  
fazei que apreciemos retamente todas as coisas  
e gozemos sempre da sua consolação.  
Por nosso Senhor Jesus Cristo,  
vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amen.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**Leitor 4:**

Ó Deus, concedei-nos os sete dons do Espírito Santo,  
para sermos vossas testemunhas  
no meio das pessoas que todos os dias encontramos...

**Leitor 5:**

Dai-nos a **Sabedoria** (*silêncio*), que nos permite descobrir, em cada momento,  
o que devemos fazer para encontrar vida plena e verdadeira;

**Leitor 6:**

dai-nos o **Entendimento** (*silêncio*), que nos permite perceber as vossas  
indicações  
e discernir as vossas propostas;

**Leitor 7:**

dai-nos a **Ciência** (*silêncio*), que nos ajuda a perceber, a interpretar  
e a explicar a vossa Palavra;

**Leitor 8:**

dai-nos o **Conselho** (*silêncio*), que nos ajuda a apontar  
caminhos de vida e esperança aos nossos irmãos;

**Leitor 9:**

dai-nos **Fortaleza** (*silêncio*), para resistirmos ao egoísmo, à injustiça, à  
maldade,  
a tudo aquilo que nos rouba a Vida e nos afasta de vós;

**Leitor 10:**

dai-nos a **Piedade** (*silêncio*), que nos permite viver para vós e estar disponíveis para cumprir a vossa vontade;

**Leitor 11:**

dai-nos o **Temor de Deus** (*silêncio*), que nos permitirá viver no vosso amor e nunca nos afastarmos de vós.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**2. Compromisso:**

Hoje, estivemos com as **pessoas** que encontram dificuldades e obstáculos na sua vida e que, por isso, sentem desconforto, medo, desencorajamento ... Descobrimos como é importante podermos ter um Fogo de conselho na nossa vida quotidiana, um espaço e um tempo para pensar e para ganhar coragem, aquecidos e iluminados ... Depois, "estivemos" no Cenáculo com os apóstolos e "assistimos" ao modo como se transformaram uma vez tocados pelo fogo e pela força do Espírito Santo, capazes de serem testemunha de Cristo ressuscitado e de continuar a obra de Jesus para a construção de um mundo feliz de amor, bondade e justiça.

Como nós também queremos ser testemunhas de Cristo vivo e ressuscitado, queremos participar na construção de um mundo melhor e feliz, esta semana vamos comprometer-nos em abrir o nosso coração e a nossa inteligência à ação do Espírito Santo. Para tal, todos os dias guardamos uns momentos do nosso tempo, talvez antes de ir para a cama, para rezar a oração que fizemos agora, aqui: «Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendeis neles o fogo do Vosso amor». E, para vivermos melhor aquilo que rezamos, cada um vai escolher um papel bonito (*se o catequista verificar a necessidade de o fazer, fornecer às crianças um retângulo com aproximadamente 15X10 cm de um papel bonito*) e um material que lhe agrade, lápis de cor, ceras, guache, ... tal como aprenderam a usar na escola, e fazem um cartão desta oração para oferecer a uma pessoa que também vão escolher. Quando estiver pronto, guardam muito bem o vosso cartão no vosso catecismo – depois de seco, atenção! – e trazem-no para a próxima catequese. Depois, logo veremos como combinamos entregá-lo... De qualquer modo, não se esqueçam de rezar pela pessoa que escolheram... também ela ou ele quer ser uma pessoa nova...

*Antes de saírem, cantam de novo o cântico "Ó Senhor, enviai." e, se as crianças aprenderam pelo menos a primeira estrofe, o catequista sugere que o cantem em casa, antes e depois de rezar.*

### *Para guardar na memória e no coração*

1. Ó Senhor que a minha alma vos bendiga!  
ó Deus, só vós sois grande  
vestido de esplendor e beleza.
2. Enviais vosso sopro que dá vida,  
ó Deus, e tudo é feito  
por vosso eterno amor e bondade.
3. Contemplamos vosso amor pelos homens,  
ó Deus, no universo;  
quão admiráveis são as vossas obras!
4. Ansiosos pedimos vossa luz,  
ó Deus, que nos conforta;  
pedimos vosso amor que nos salva.

## SOMOS A IGREJA QUE ELE FUNDOU

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. A Igreja e o Povo de Deus

Como fruto da ressurreição de Cristo e da ação do Espírito Santo nasce, como vimos nos nossos encontros anteriores, uma nova comunidade, formada por aqueles que escutaram a proposta de Cristo e lhe responderam positivamente. A essa comunidade, foi dado o nome de "Igreja".

A palavra vem do grego "ekklesia", que designava, no mundo grego profano, a assembleia do povo. Os tradutores da Bíblia em grego utilizaram a palavra em sentido religioso, para designar uma assembleia reunida com um objetivo religioso (em Dt 23 a palavra "ekklesia" é repetidamente usada para designar a "assembleia do Senhor"; em 1 Re 8, a palavra designa a assembleia do Povo de Deus reunida para transladar a Arca da Aliança para o novo Templo construído por Salomão; e em Sal 22,26 designa, novamente, a assembleia do Povo de Deus que presta culto ao Senhor). Corresponde ao hebraico "qahal", palavra usada para designar a assembleia do Povo de Deus - quer essa assembleia que fez uma aliança com Deus no Sinai (cf. Dt 4,10), quer a assembleia que renovou a aliança com Deus nas planícies de Moab (cf. Dt 31,30), quer a assembleia que se reúne, já na Terra Prometida, para escutar a leitura da Lei (cf. Jos 8,35). A palavra aparece, ainda, em textos mais tardios para designar a assembleia litúrgica de Israel no tempo dos reis ou depois do Exílio (cf. 1 Cr 28,8; Ne 8,2).

A Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II (*Lumen Gentium*) diz, explicitamente, que a "Igreja" foi "admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e na antiga aliança" (LG nº 2) e que tudo o que aconteceu com a nação israelita é "figura" da "nova e perfeita aliança que, em Cristo, havia de ser estabelecida" (LG nº 9).

A comunidade do Povo de Deus do Antigo Testamento "prefigura" a Igreja de Jesus? Sim. Os principais elementos que irão, mais tarde, constituir a Igreja de Jesus já estão, de algum modo, presentes e anunciados na comunidade do Povo de Deus do Antigo Testamento... E, se contemplarmos atentamente o Povo de Deus do Antigo Testamento e a Igreja que nasce de Jesus, percebemos que há uma "continuidade", ou mesmo "identidade", entre as duas realidades: o Povo de Deus da nova aliança está "incluído" e "enxertado" na vocação e missão de Israel.

Na origem do Povo de Deus está, como sabemos, o chamamento de Abraão... Deus chama, o homem escuta e põe-se a caminho para cumprir os projetos de Deus. E, assim, começa a nascer uma família de homens e mulheres que escutam Deus e mantêm com Deus uma relação de especial comunhão.

Mas será mais tarde, na altura em que foram libertados da escravidão do Egito, que os descendentes de Abraão tomaram bem consciência de que eram um Povo especial, um Povo chamado e libertado por Deus, um Povo que se organiza e estrutura à volta desse Deus que os liberta e salva. Quando interiorizou esta realidade, Israel quis celebrar uma "aliança" com Deus e comprometer-se com Deus. Assumiu que era o Povo dedicado a Deus, escolhido de entre todos os povos da terra para o serviço de Deus, cuja vocação era escutar Deus e seguir as suas indicações; aceitou comprometer-se com os caminhos indicados por Deus (os mandamentos) e ser, dessa forma, testemunha e sinal da Vida de Deus no meio do mundo; quis ser uma comunidade cultual, que celebra liturgicamente a sua fé e o seu compromisso com Deus, que louva o Senhor e lhe agradece os dons recebidos; escolheu "seguir" as indicações de Deus, sabendo que dessa forma asseguraria a sua vida, a sua felicidade, o seu futuro, a sua salvação. Ao aceitar ser o Povo de Deus, Israel assumiu que era um Povo diferente dos outros: o que lhe dava consistência e unidade não eram razões étnicas, políticas, culturais e sociais, mas era o facto de ser uma assembleia santa, chamada por Deus e dedicada ao serviço de Deus.

Ao longo do seu caminho histórico, nem sempre Israel conseguiu ser fiel a esta "vocação". Muitas vezes quis imitar os outros povos e prescindiu da sua identidade e especificidade, como Povo dedicado a Deus e construído à volta de Deus, cuja vocação é escutar e amar Deus e seguir os caminhos indicados por Deus... Nesses momentos de desnorte e infidelidade, Deus enviava-lhes "profetas" que estavam encarregados de recordar ao Povo a sua vocação e missão.

Nessa comunidade do Povo de Deus temos já, então, os elementos que “anunciam” e preparam a Igreja? Sim, temos... É uma comunidade de pessoas chamadas por Deus, que são salvas e libertadas por Deus, que são chamadas à comunhão com Deus e respondem positivamente a esse chamamento, que vivem na escuta de Deus e das suas propostas, que aceitam o chamamento de Deus a uma contínua conversão, que celebram Deus e o seu amor no culto, e que são sinais e testemunhas de Deus (e da Vida de Deus) no mundo e na história.

## **2. O Reino proclamado por Jesus**

“Nestes tempos que são os últimos” (Heb 1,2), Jesus Cristo veio ao nosso encontro para nos apresentar o projeto de salvação que Deus tinha para a humanidade. Fez-se homem, falou a nossa linguagem, percorreu os caminhos do mundo, anunciou-nos o amor do Pai, fez-nos uma proposta irrecusável de Vida nova. A Igreja nasce a partir da ação de Jesus.

Jesus veio propor aos homens uma realidade nova a que Ele chamava “Reino de Deus”. “Convertei-vos; o Reino dos céus está a chegar” (Mt 4,17) – é assim que começa a pregação de Jesus. E toda a sua ação e ministério vão no sentido de propor aos homens esse mundo novo, esse mundo construído sobre os valores de Deus (a que Jesus chamava “o Reino”).

O “Reino” é anunciado e proposto nas palavras de Jesus... No “sermão da montanha”, Ele apresenta um mundo novo onde os pobres, os famintos, os que choram, os construtores da paz, os perseguidos, os marginalizados serão felizes e bem-aventurados (cf. Mt 5-7). Nas suas parábolas, Jesus fala dessa realidade (“reinado de Deus”) que é como uma semente lançada à terra a crescer e a desenvolver-se (cf. Mt 13,1-32); ou que é como um tesouro sem preço ou uma pérola preciosa, pelos quais vale a pena tudo deixar (cf. Mt 13,44-46).

O “Reino” é anunciado, também, pelos “milagres” (“sinais”) que Jesus realiza. Ao curar os doentes, os cegos, os coxos, os leprosos, Jesus anuncia um mundo de vida e de liberdade para todos e onde todos têm o direito de sentir-se filhos amados e queridos de Deus.

O “Reino” é anunciado, ainda, pelos gestos de Jesus para com os pecadores, os marginalizados, as crianças, as mulheres. Ao acolher todos e ao manifestar nos seus gestos o amor e a misericórdia de Deus, Jesus propõe um mundo de amor, de partilha, de perdão, de fraternidade.

À proposta de Jesus, o homem pode responder positiva ou negativamente. Quem aceita a proposta de Jesus, sabe que tem de mudar o seu coração e a

sua vida ("convertei-vos"), e passar a conduzir a sua existência pelos valores do Reino. Entra, então, na comunidade do "Reino" e passa a ser seguidor de Jesus. Esses são os "discípulos" de Jesus.

O "Reino" que Jesus anuncia não é uma realidade política ou nacional, mas sim uma realidade religiosa e espiritual. O que é decisivo para pertencer ao "Reino" é a *conversão* e a *fé* (cf. Mt 25,31-46; 21,43). Trata-se de uma realidade *soteriológica*, na qual todos os povos cabem (desde que acolham o convite à conversão e aceitem a salvação que Deus dá, através de Jesus). Os *discípulos* de Jesus (o grupo dos que acolheram a proposta e seguem Jesus) formam a comunidade messiânica. É a essa comunidade que chamamos "Igreja". Trata-se, pois, de uma comunidade de pessoas que acolheram o apelo de Jesus, aceitaram o seu convite à conversão, aceitaram viver na dinâmica do "Reino", aceitaram seguir Jesus e viver de acordo com o seu projeto.

No entanto, Igreja não se confunde com "Reino de Deus". O "Reino" é bem maior do que a Igreja, pois, o apelo de Cristo está vivo e atuante fora das fronteiras da Igreja. Em qualquer canto do mundo – mesmo naqueles em que os homens ainda não acolheram o apelo de Cristo – está o Espírito de Jesus ressuscitado a transformar o mundo e a torná-lo mais justo e mais fraterno. Aí, temos presente o "Reino", ainda que não tenhamos a Igreja.

### **3. A Igreja e o Espírito Santo**

A comunidade dos discípulos (Igreja) nasce da ação e da pregação de Jesus. Mas é pela infusão do Espírito que os discípulos se tornam testemunhas de Jesus e anúncio vivo da salvação de Deus aos homens.

Antes da infusão do Espírito, a comunidade dos discípulos era uma comunidade amedrontada, escondida, desanimada, que corria o risco de se dispersar de forma ingloria. Prisioneiros dos seus medos e das suas hesitações, ainda não tinham assumido de forma plena, diante do mundo, a sua fé em Jesus.

É com a chegada do Espírito, na manhã do Pentecostes, que os discípulos se dispõem a anunciar Jesus ressuscitado e a manifestar ao mundo o seu projeto de salvação (cf. At 2). O dia em que os discípulos de Jesus receberam o Espírito (Pentecostes) é, assim, o dia em que a comunidade cristã toma consciência de si própria, se assume e se apresenta ao mundo e aos homens como a comunidade messiânica da salvação. Sem a presença do Espírito de Deus ou Espírito de Jesus, não teria sido possível essa tomada de consciência. A Igreja é, pois, uma comunidade gerada no Espírito, que continua a obra salvadora de Jesus no espaço e no tempo.

Mais: Espírito não só está na origem da comunidade cristã, mas é também o elemento dinamizador e vivificador de toda a atividade eclesial. Nos "Atos dos Apóstolos, o Espírito está sempre presente como dinamismo que garante o crescimento e a difusão da Igreja (cf. At 9,31). É ele que faz os discípulos darem testemunho (cf. At 4,8-12; 6,5; 11,23-24); que inspira o envio dos missionários que anunciam o Evangelho de Jesus (cf. At 8,29.39; 10,19-20: 13,2-4); que assiste a comunidade nos momentos decisivos, quando é necessário fazer opções de fundo para que o Evangelho chegue a todas as gentes ("o Espírito Santo e nós próprios resolvemos não vos impor mais obrigações, além destas que são indispensáveis..." - At 15,28); que distribui aos crentes os "dons" necessários para a construção da comunidade (cf. At 2,4; 4,31; 6,10; 7,55; 10,46; 19,6).

A Igreja que nasce de Jesus é, portanto, a comunidade dos discípulos que escutaram o apelo de Jesus, que aceitaram converter-se e aderir ao Reino... Essa comunidade é animada e conduzida pelo Espírito e tem como programa e missão continuar o programa de Jesus e levar a salvação de Deus aos homens e mulheres do mundo inteiro.

A primeira comunidade cristã de Jerusalém, tal como nos é apresentada pelo autor dos "Atos dos Apóstolos", é uma espécie de ícone da comunidade cristã ideal. Essa comunidade, nascida da pregação de Jesus e da ação do Espírito, era uma comunidade de discípulos que vivia do testemunho e da pregação dos apóstolos (catequese), que celebrava liturgicamente a sua fé e se reunia para "partir o pão" (Eucaristia), que louvava o Senhor e lhe agradecia os seus dons (oração), que era unida e solidária, que praticava a comunhão e a partilha, que testemunhava com alegria, simplicidade e entusiasmo a sua fé em Cristo Senhor, que anunciava a presença de Jesus Ressuscitado e que dava testemunho, em gestos concretos, dessa Vida nova que Jesus lhes tinha oferecido (cf. At 2,42-47; 4,32-37).

É este "ideal" que as comunidades cristãs de todos os tempos e lugares são convidados a repetir: dessa forma, serão espelho e testemunho desse "Reino" que Jesus veio propor aos homens e mulheres do mundo inteiro.

#### **4. As "imagens" da Igreja, segundo Paulo**

Nos escritos de São Paulo não há uma reflexão exaustiva sobre a Igreja... Contudo, Paulo (que se dirige a comunidades ou "Igrejas" concretas) não pode deixar de aludir a esse tema. Para falar da Igreja, Paulo recorre a três expressões: "Povo de Deus" ou "Ekklesia", "Corpo de Cristo", "Templo de Deus no Espírito".

As expressões "**Povo de Deus**" e "**Ekklesia**" eram expressões utilizadas no Antigo Testamento para falar da comunidade israelita. Ao utilizar essas expressões para falar da comunidade que nasce de Jesus, Paulo está a sugerir que esta está em continuidade com o "Povo de Deus" (a "qahal") do Antigo Testamento... Há um único *plano salvador de Deus*, que se concretiza em várias etapas, e há um único "Povo de Deus", com quem Deus realiza uma única história de salvação. A Igreja de Jesus, continuação do "Povo de Deus" do Antigo Testamento, está inserida no *plano salvador de Deus*. Entre o Antigo e o Novo Israel, há uma continuidade.

Então, o "Povo de Deus" (ou "qahal") do Antigo Testamento e o "Povo de Deus" ("Igreja") do Novo Testamento são uma e a mesma coisa? Não – responde Paulo. A Igreja de Jesus representa uma novidade em relação à "qahal" do Antigo Testamento, pois nasceu de uma nova realidade: Jesus Cristo. Os fiéis da "Ekklesia" foram "santificados em Cristo Jesus" (1 Cor 1,2), "creem em Jesus Cristo" (Ef 1,1) e estão reunidos "no Senhor Jesus Cristo" (1 Tes 1,1; 2 Tes 1,1). O fator de novidade é Jesus Cristo: é a adesão a ele que caracteriza, agora, a vida do novo "Povo de Deus".

Para acentuar as diferenças entre o Povo de Deus do Antigo Testamento e a Igreja que nasce de Jesus, Paulo fala do "Israel segundo a carne" ("Povo de Deus" do Antigo Testamento) e do "Israel segundo o Espírito" ("Igreja" de Jesus Cristo). O "Israel segundo a carne" (cf. Rom 9,6-13) é o Israel fundado na raça, no sangue, nos laços étnicos, nos valores culturais (circuncisão, tabus alimentares...). O "Israel segundo o Espírito" é o "Povo" que acolheu o chamamento de Deus à salvação, aderiu às propostas de Jesus e recebeu o Espírito de Jesus Ressuscitado. A pertença à Igreja de Jesus não está vedada a nenhuma raça ou cultura: judeus e gentios podem aderir à nova comunidade, desde que acolham a proposta de salvação/libertação apresentada por Deus aos homens através de Jesus Cristo. O novo e verdadeiro Povo de Deus é constituído por judeus e gentios. O que é decisivo, agora, é a adesão a Jesus Cristo. Da "Igreja" fazem parte todos os que acolhem o apelo de Jesus à conversão ("metanoia") e seguem a sua proposta ("fé").

Uma outra expressão usada por Paulo para falar da Igreja e do seu mistério é a expressão "**Corpo de Cristo**" (cf. 1 Cor 6,12-20; 12,12-27; Rom 12,3-8). Por detrás desta expressão está presente a ideia de que Cristo é um "Corpo" cujos membros são os cristãos. A comunidade cristã – o "Corpo de Cristo" – é um organismo vivo, formada por muitos membros, unidos pelo mesmo Batismo e pelo mesmo Espírito. Esses membros dependem uns dos outros, necessitam uns dos outros, são solidários uns com os outros, vivem unidos e em comunhão;

embora desempenhem funções diversas, têm todos a mesma dignidade. Há unidade (de vida e de interesses), mas há diversidade (de funções).

E Cristo, que função desempenha neste "Corpo"? Cristo é que dá unidade e Vida a todos estes membros. Para expressar bem esta realidade, Paulo fala de Cristo como "a Cabeça" deste "Corpo" (cf. Col 1,18; 2,19; Ef 1,22; 4,15-16; 5,23)... "A Cabeça", porquê? Porque Cristo é o centro à volta do qual o "Corpo" se articula, a partir do qual e em direção ao qual o "Corpo" se orienta e constrói (cf. Ef 4,15-16; Col 1,17-18; 2,19). A imagem sugere, ainda, que Cristo, como "Cabeça", preside à Igreja, e que a Igreja está submetida à obediência a Cristo (cf. Ef 1,22-23; 5,24; Col 1,18). Só de Cristo a Igreja depende e só a ele deve obediência.

Cristo, a "Cabeça", é o "salvador" de todo o corpo (cf. Ef 5,23). Este corpo recebe de Cristo "salvação", pois é por Cristo que o "Corpo" se santifica, se purifica, se alimenta e se edifica na caridade (cf. Ef 4,15-16; 5,25-27.29-30; Col 2,19). Salvos por Jesus, fomos despojados do homem velho e nascemos como Homens Novos (cf. Ef 4,16-24; Col 2,11-13; 3,9-10). O "Corpo de Cristo" é esta comunidade de Homens Novos, por Cristo reconciliados com Deus e entre si.

Na Igreja, "Corpo de Cristo", reside a "plenitude", a "totalidade" de Cristo (cf. Ef 1,23). Ela é o "recetáculo", a "habitação" onde Cristo se torna presente no mundo; é através desse "Corpo" onde Cristo reside que ele continua a realizar todos os dias o plano salvador/libertador de Deus.

A terceira expressão usada por Paulo para definir a Igreja é **"Templo de Deus"** no Espírito. O que é que esta expressão sugere?

Para o antigo "Povo de Deus", o "Templo" (construído por Salomão), era o centro da vida cultural de Israel. Era aí que Jahwéh residia no meio do seu "Povo". Os profetas do Exílio, longe de Jerusalém e com o "Templo" destruído, dão uma interpretação cada vez mais espiritual do "Templo": Deus reside em qualquer lugar onde está o "Povo de Deus", reunido à volta da Palavra. Ao mesmo tempo, evocam o surgimento de um "novo Templo", um "Templo espiritual", onde se fará um culto espiritual agradável a Deus (cf. Ez 40-43; 47,1-12).

No Novo Testamento, associa-se o cumprimento dessas profecias com Jesus Cristo. No episódio da expulsão dos vendilhões do Templo, o evangelista João liga o desaparecimento do "Templo" com o surgir de um "Novo Templo" que é Jesus (cf. Jo 2,19-22): é nele, a partir de agora, que está Deus no meio do seu "Povo". Quem quiser encontrar-se com Deus, deve aproximar-se de Jesus morto e ressuscitado, pois é nele que Deus está.

Paulo situa-se no seguimento desta tradição do “Templo espiritual” de Deus. Para ele, o “Novo Templo” é Jesus; e os cristãos, como “Corpo de Cristo” são, agora, o “Templo” onde Deus reside no mundo. Deus está presente no mundo através do Espírito que reside nos cristãos. A Igreja, comunidade dos cristãos, animada pelo Espírito, torna-se a “construção” de Deus ou o “Templo” de Deus (cf. 1 Cor 3,16-17; 6,19; 2 Cor 6,16; Ef 2,21-22).

## **OBJETIVOS**

- Descobrir a Igreja como “comunidade” dos discípulos reunidos à volta de Jesus, animados pelo Espírito do Senhor Ressuscitado.
- Perceber qual é a missão da Igreja: dar testemunho da proposta salvadora e libertadora de Jesus em toda a terra.
- Sentir alegria a alegria de, também nós, fazermos parte dessa “família”, por sermos membros do “Corpo de Cristo”.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. A exploração da experiência humana desta catequese parte das vivências em família e da relação com os outros. Parte-se da execução da tarefa que constituiu o Compromisso da catequese anterior e, depois, usam-se cartões com a designação dos vários elementos de uma família e tiras de papel para apresentar os laços que os unem apenas para dar uma certa orientação ao diálogo e, também, poupar algum tempo. Atendendo à idade e crescente maturidade das crianças, é a partir do diálogo que se chegará às definições e se suscitará uma experiência significativa, já que a família é a comunidade mais relevante na vida e formação de uma criança. De qualquer forma, como se parte da tarefa que as crianças realizaram – elaborar o cartão com a oração e pensar a quem o querem oferecer – certamente o ambiente será de alegria e motivação.
2. Como se tem referido constantemente, o catequista deve estar informado e atento às situações familiares das crianças e dirigir a conversa de modo a não ferir nem frustrar nenhuma delas. Todas as crianças desejam muito ter/manter uma família e facilmente também imaginam, embora à sua maneira, uma família perfeita. Por outro, estas crianças já não são totalmente ingénuas e são permeáveis aos comentários dos adultos, pelo que poderão ter construído uma perspectiva menos adequada sobre a comunidade de fé, e as suas debilidades humanas. O catequista não deve nem deixar-se impressionar por isso, nem evitar esclarecer as crianças. Há sempre uma visão cristã sobre as

coisas que combina misericórdia para com o erro e o pecador e exigência como nova meta e reconversão.

3. Na Palavra, sugere-se que, na primeira parte, o catequista leia, de novo, o texto **At 2,42-47**, para ajudar a recordar às crianças o essencial do que se tem estado a trabalhar no 3º Bloco deste catecismo: como vivem os cristãos? Assim, e procurando que, apesar da escassez do tempo, as crianças participem, usando as anotações contidas no espaço da catequese 22 (quando foi inicialmente apresentado) da Barra Cronológica, o catequista ajude as crianças a reconhecer esta passagem, a compreendê-la e, sem prejuízo, a memorizá-la, dada a sua importância.
4. O catequista também deve ter consciência do grau de dificuldade de que se reveste, para adultos e para as crianças, a passagem da Carta de S. Paulo aos Coríntios que é sugerida. Mas, tal como no catecismo 4, as crianças poderão ler e compreender, embora superficialmente, passagens complexas desde que o catequista esteja bem preparado, através da adequada leitura das introduções. De resto, este texto já é referido no catecismo 3. As ilustrações do catecismo ajudarão as crianças a visualizar, à sua maneira, mas sem demasiado erro, algo que é abstrato.
5. Pretende-se, com esta catequese, que as crianças também façam a experiência da alegria que significa pertencer à Igreja, à família de Jesus, ter lá um lugar e ser reconhecido por isso – pois que as crianças não sentem facilmente essa pertença se não for reconhecida e valorizada pelos outros – pelo que a breve sessão de fotos sugerida para completar a página do catecismo, deve ser levada a cabo com entusiasmo e interesse.

## **MATERIAIS**

- Cartões com a oração do Espírito Santo, copiada e decorada pelas crianças (compromisso da catequese 24);
- Folha de papel ou cartolina, para cobrir o placar;
- Marcadores grossos em três cores: preto, verde e vermelho;
- Bíblia;
- Cartões: "Marido", "Esposa", "Filhos", "Primos", "Tios", "Avô e Avó", "Irmãos";
- Tiras de união: "Amor", "Compromisso", "Amizade", "Sangue", "Ajuda", "Solidariedade";
- Dísticos: "Jesus"; "Comunidade"; "Lei do Amor"; "Igreja"; "Corpo de Cristo";
- Máquina fotográfica digital (ou telemóvel com câmara).

## MÚSICA

- "Somos a Igreja de Cristo".



### Preparação da sala:

O **placar** está coberto com uma cartolina de uma cor clara mas bonita ou pelo mesmo tipo de papel com que se prepararam os cartões da catequese 24; estão preparados os materiais (cartões, tiras e dísticos) a afixar nesta catequese, pela ordem adequada, numa caixa ou tabuleiro;

Na **mesa**: a Bíblia, no centro; à volta, o catequista expõe os cartões, pedidos na catequese anterior, e que as crianças prepararam; os cartões são solicitados às crianças antes de estas entrarem.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Após o acolhimento das crianças, o catequista deixa as crianças observarem os cartões que estão sobre a mesa e recupera a tarefa de Compromisso da catequese anterior: Ora aqui estão os cartões que prepararam com a Oração do Espírito Santo! Todos os dias tereis rezado (o catequista pede às crianças para mostrarem a Barra Cronológica no espaço da catequese 24, onde registaram a sua avaliação) e ainda haveis preparado este cartão para oferecer a alguém. Ainda não o haveis oferecido porque todos nós queríamos saber a quem será oferecido cada cartão.*

O catequista dirige-se para o placar e pergunta à primeira criança que se encontra à sua direita: N ... a quem pretendes oferecer a tua oração? (O catequista regista a resposta e, caso a criança tenha indicado o nome da pessoa e não a relação que tem com ela, pergunta-lhe:) E quem é essa pessoa, que relação tem contigo?

*O catequista procede assim com todas as crianças e regista na folha, com o marcador preto, os nomes - numa coluna - e as relações de parentesco ou amizade - noutra coluna - indicadas pelas crianças. Quando tiver terminado, observa: Vejo que muitos de vós haveis escolhido amigos, colegas, professores (indicar o que as crianças referiram), pessoas com quem tendes uma relação de amizade, certamente forte e importante. Muito bem! (o catequista sublinha as palavras que exprimem as relações de amizade com o*

marcador verde). Mas alguns de vós vão oferecer o cartão com a Oração do espírito Santo a pessoas de família, não é? (o catequista sublinha as palavras que exprimem as relações familiares com o marcador vermelho e prossegue, questionando as crianças:).

**A família, e os nossos amigos mais próximos** (o catequista indica uns e outros no placar), **que são como uma família, são muito importantes para nós, não são?** (Deixar as crianças pronunciarem-se.) E, afinal, o que é uma família? (Deixar as crianças pronunciarem-se; depois de as escutar, o catequista faz uma pequena síntese reforçando a ideia de "relações", de "laços", de "comunidade"). ... Claro que sim. **Trata-se de uma comunidade de pessoas ligadas por laços.** Vós conheceis diversas famílias, constituídas por diversas pessoas. Olhem, de algumas já falámos, não foi, porque lhes vamos oferecer o nosso cartão... (o catequista cobre com o cartão respetivo os exemplos de parentesco que as crianças já referiram, com um cartão com a mesma referência, para lhe dar destaque: por exemplo, mãe, pai, avó, irmão, prima, ...) Mas há outras pessoas nas nossas famílias, não há? **À medida que as crianças nomearem outros elementos da família, o catequista colocará os cartões respetivos, como o exemplo que se segue): o marido e a esposa, os filhos, e outros parentes. E prossegue:** Todas essas pessoas têm idades diversas, têm trabalhos diversos, mas **têm qualquer coisa que as une umas às outras...**

*Neste ponto o catequista deverá pedir que as crianças expliquem o que une os elementos de uma família. Naturalmente, as crianças falarão do amor e da amizade. Se não conseguirem ir mais longe, o catequista apresenta as tiras de papel com os vários tipos de laços, pedindo que as crianças indiquem o local em que devem ser colocadas a ligar os elementos da família. Durante esta pequena dinâmica, o catequista poderá apresentar as ideias que se seguem ou, se preferir, pode utilizá-la como síntese final:*

Os laços que unem as pessoas de uma mesma família podem ser de sangue (por exemplo, entre pais e filhos), de amor (amam-se uns aos outros, têm gestos de ternura e de carinho), de compromisso: por exemplo, o marido e a mulher comprometeram-se, no dia do seu casamento, a partilhar a vida um com o outro, a apoiar-se e a amar-se. Esses laços que ligam as pessoas da mesma família fazem com que todos se sintam próximos uns dos outros, mesmo que vivam a muitos quilómetros de distância (se houver no grupo

*crianças que vivam longe dos seus pais, avós, irmãos, ... deixá-las exprimir-se um pouco sobre isso, para as ajudar a sentir que não estão marginalizadas na dinâmica), pois que se ajudam uns aos outros e são solidários uns com os outros. Assim, **a família é um espaço de partilha:** do pão, os alimentos e tudo o que faz falta para viver, do espaço (a casa da família), do tempo, dos cuidados... Nós os cristãos gostamos, até, de usar uma palavra muito bonita para explicar isto: um espaço de **"comunhão"**, ou seja, uma família existe onde há uma unidade muito forte e onde há harmonia e entendimento entre as pessoas ... (se as crianças desejarem comentar, deixá-las exprimirem-se e ajudá-las a entender o que é a comunhão, e a importância da família, mesmo quando há dificuldades, separação, eventual conflito).*

Muitas vezes, os diversos membros da família têm um projeto semelhante: quer dizer, têm objetivos semelhantes, veem a vida da mesma forma e têm os mesmos valores e princípios, pois foram educados de forma muito semelhante.

Os membros da família, mesmo que não vivam juntos, encontram-se de vez em quando, celebram juntos certas datas e certas festas, festas que têm a ver com pessoas da família ou com acontecimentos que foram importantes para todo o grupo.

**O amor que a todos une, a comunhão, a entreaajuda, a solidariedade, o apoio que dão uns aos outros, fazem com que a comunidade familiar seja um lugar de Vida, de alegria, e de felicidade, onde as pessoas se sentem bem, se sentem queridas e amadas.** Pertencer a uma família e viver em família é uma das experiências mais bonitas que nós podemos fazer.

2. *Depois de concluída a reflexão sobre a família, o catequista apresenta o tema desta sessão. Mais uma vez se deve reforçar a ideia de "comunidade" como a de pessoas unidas por fortes laços, indicando:*

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de **uma "família" muito especial...** Trata-se de uma comunidade de pessoas (aliás, uma grande comunidade, formada por muitas, muitas pessoas) ligadas por determinados laços... Essa "família" é constituída por pessoas muito diversas, com funções e trabalhos diversos, de diversas origens, por vezes até de diversas cores, de diversas raças e de diversas culturas... Nessa família, contudo, os laços de sangue não são os mais importantes...

O catequista pede às crianças para abrirem o seu catecismo na página 105 e pede às crianças para observarem, em silêncio, as fotografias. Depois, abre o diálogo e, conforme este se desenrola, levando as crianças a descrever o que cada uma vê, vai colocando os dísticos "Jesus", "Comunidade", "Lei do Amor", "Igreja", sempre que for apropriado. E continua, referindo:

**O laço que liga as pessoas desta família é Jesus (dístico "Jesus")**, por isso essa obra de arte, que o representa, está em destaque: são pessoas que, de uma forma ou de outra, conheceram Jesus, ouviram as suas palavras e propostas e acharam que o que Jesus dizia e propunha fazia todo o sentido. Quiseram, então, "seguir" Jesus, viver com Ele e como Ele (dístico "Lei do Amor"). A grande "lei" desta família é o amor. Jesus dizia aos que queriam integrar esta família: "o mandamento que vos deixo é ...," (procurar que as crianças concluam a expressão correta) que vos ameis uns aos outros".

Esta "comunidade" que nasce à volta de Jesus chama-se "Igreja" (dísticos "Comunidade" e "Igreja"). Os que a constituem sentem-se irmãos. Amam-se uns aos outros, ajudam-se uns aos outros e perdoam-se quando algum membro da família faz coisas erradas. Reúnem-se, mais frequentemente ao (procurar que as crianças concluam a expressão correta)... Domingo para celebrar o momento em que Jesus ressuscitou dos mortos e fazem uma bonita festa: é a (procurar que as crianças concluam a expressão correta) "eucaristia".

E nós sabemos que também fazemos parte desta família! O nosso grupo de catequese é um elemento importante da nossa comunidade de fé, assim como todos os grupos de catequese, as pessoas que têm tarefas especiais, como os responsáveis da catequese, o sr. Padre ... (indicar o nome do(s) sacerdote(s)), todas as pessoas que se juntam para rezar, as que estão lá em casa mas rezam connosco e por nós, e, imaginem, todas as comunidades de fé do mundo inteiro... (O catequista pede às crianças para passarem à página 106 do seu catecismo e, fazendo observar as fotografias, explica:) Todos os batizados e todos os que celebram a fé em todos os cantos da terra!

## II. PALAVRA

1. O catequista propõe às crianças que recordem como tudo começou para a Igreja, ajudando as crianças a recuperar as ideias principais e a solidificá-las. De seguida conta, em tom narrativo, a síntese que se segue:

Já sabeis que Jesus veio ao mundo – há pouco mais de dois mil anos – para nos **propor** o "Reino de Deus": era assim que Ele chamava a esse "mundo novo" de amor, de perdão, de justiça e de paz que Deus nos convida a

construir. E Jesus, com as suas palavras e com os seus gestos, foi mostrando aos homens o que é que eles deviam fazer para que esse "mundo novo" aparecesse. É tudo isso que nós temos estado a aprender, desde pequeninos, na catequese...

Tal como nós, algumas pessoas que ouviram a mensagem e a proposta de Jesus, acharam que o que Jesus dizia e propunha fazia sentido... E **começaram a andar com Ele**. Tornaram-se os seus (*procurar que as crianças concluam a expressão correta*) ..."discípulos" , os discípulos de Jesus. E que faz um discípulo? Olhem, o que fazemos nós, aqui na catequese? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:*) Alguém que "aprende" coisas com um "mestre" ou um "professor". E, durante quase três anos, os discípulos seguiram Jesus, caminharam com Ele, viram os gestos de amor e bondade que Ele tinha para com as pessoas que encontravam no caminho, ouviram as suas indicações...

Também já sabeis que, um dia, **as autoridades judaicas se começaram a sentir incomodadas com os ensinamentos de Jesus**, pois não queriam saber desse "mundo novo" que Jesus tinha vindo propor. Não estavam interessados porque, para eles, era mais vantajoso continuar nesse "mundo velho" do egoísmo, da injustiça e da maldade, onde tinham poder e onde atuavam à sua maneira, sem pensar nos outros. Também receavam que Jesus tivesse muitos seguidores e que estes quisessem mudar a maneira de viver daquela sociedade. Então, para evitar mais problemas, pensaram eles, **resolveram matar Jesus**, o que foi uma coisa horrível (*o catequista aponta o crucifixo representado na página 106 do catecismo*). Então, prenderam Jesus, condenaram-no à morte e mataram-no numa cruz.

Como vimos na nossa última catequese, os discípulos não tinham imaginado nada disto... À sua maneira, que não era muito boa, julgaram que Jesus ia pôr toda a gente na ordem, mandar e ser muito poderoso, resolvendo assim os problemas com as autoridades judaicas. Como as coisas não correram como eles pensavam, ficaram muito tristes e desiludidos, pois parecia que esse "projeto" em que eles tinham acreditado, a construção de um "mundo novo", estava perdido... Como é que o "mundo novo" ia ser construído se Jesus estava morto?

Contudo, **a morte não venceu Jesus e Ele ressuscitou**. Aparecendo aos discípulos, Jesus Ressuscitado fê-los compreender que eles podiam e deviam continuar esse projeto de construir o "mundo novo". Os discípulos tinham

medo, não se sentiam preparados para uma tarefa tão importante, achavam que, sem Jesus, não conseguiriam fazer nada de jeito... Mas Jesus garantiu-lhes que ia estar sempre com eles e que ia dar-lhes a sua vida, a sua força, para que eles pudessem cumprir essa grande tarefa. Foi assim que **os discípulos receberam o Espírito Santo**, essa Vida e essa força de Deus que Jesus Cristo derramou sobre eles, tal como vimos na última catequese. E, a partir desse dia, **começaram a falar a toda a gente de Jesus e do "Reino de Deus"**.

*Neste ponto, o catequista deve reforçar a ideia de que, depois de receberem o Espírito Santo, os discípulos saíram a anunciar o "Reino de Deus".*

Os discípulos de Jesus, animados pelo Espírito Santo, que **tinham a missão de anunciar o "Reino de Deus", formaram uma família, uma comunidade**. E, sempre que alguém escutava a mensagem que eles anunciavam a aceitava seguir Jesus e a sua proposta, entrava a fazer parte dessa família.

**Sabeis como é que costumamos chamar a essa "família"?** (o catequista verifica se as crianças ainda se lembram do nome desta família, apresentada no início da sessão, promovendo a participação e o diálogo – se necessário fazem-se notar os dísticos que se encontram no centro do grupo) Chamamos-lhe "Igreja" (dar relevo ao dístico com a designação "Igreja"). **A palavra "Igreja" significa: "a comunidade daqueles que Deus chamou e que formam uma assembleia de Deus"**. A Igreja é o conjunto das pessoas que Deus chamou e que aceitaram integrar a família de Jesus. Essas **pessoas formam uma "assembleia" que se reúne à volta de Jesus para o escutar, para aprender com Ele; e, depois, devem "dar testemunho" diante das outras pessoas desse "mundo novo" que Jesus veio propor a todos** os homens e mulheres.

*O catequista deve ter consciência de que toda esta exposição tem como propósito motivar as crianças para a leitura da palavra em que se mostra o viver dos primeiros cristãos. Por isso, chegado este momento, desafia e prepara as crianças para a escuta da palavra de Deus.*

Lembram-se que na nossa catequese 22, «A Vida nova que nasce da Ressurreição», lemos uma passagem dos Atos dos Apóstolos que nos contava como é que vivia essa família de discípulos de Jesus? *O catequista recorda as crianças, lendo (At 2,42-47):*

**Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos,  
à união fraterna, à fração do Pão e às orações.  
Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos  
Apóstolos,  
o temor dominava todos os espíritos.  
Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum.  
Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos,  
de acordo com as necessidades de cada um.  
Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o Templo,  
partiam o pão em suas casas  
e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.  
Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo.  
E o Senhor aumentava, todos os dias,  
o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.**

**Como é que essa "família" vivia, então?** Podeis recordar-vos do mais importante através do que está registado no espaço da catequese 22 da vossa Barra Cronológica...

*O catequista deixa que as crianças participem, ajudando a organizar as ideias. Se conseguirem, o catequista deverá reforçar os pontos essenciais, senão, prossegue com a síntese de forma mais pormenorizada:*

- a) Antes de mais, diz-se que os membros desta "família" **reuniam-se com frequência para ouvir aquilo que os Apóstolos** – aqueles que andaram com Jesus, que ouviram as suas palavras e viram os seus gestos – **ensinavam**, ou seja, ... *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* iam à catequese para aprenderem coisas sobre Jesus e sobre esse "mundo novo" que Jesus veio propor aos homens: como nós fazemos!
- b) Também se **diz que eles se reuniam para** *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ...**rezar em conjunto** e que, mesmo individualmente, iam ao Templo para rezar, ou seja, sentiam que era importante encontrar tempo para falar com Deus, para lhe agradecer os seus dons, para dialogar com Ele e ouvir o que Ele tem para nos dizer: como nós temos estado a aprender e pomos em prática na catequese e com o nosso Compromisso!
- c) Diz-se, ainda, **que eles se juntavam para a "fração do pão"**. Sabeis o que é isto, não sabeis? O texto refere-se à celebração da última ceia de Jesus, ou seja, **esta "família" reunia-se para celebrar** *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ...**a eucaristia**, que é a celebração que repete e atualiza a última ceia de Jesus, a sua entrega na

cruz, a sua morte e a sua ressurreição; é a repetição daquele gesto que Jesus fez nessa ceia de despedida, quando partiu o pão, o abençoou e o deu aos amigos que estavam com Ele à mesa. Tudo isso nós vivemos quando, pelo menos ao Domingo, participamos na eucaristia!

- d) Diz-se, também, que **naquela família havia uma grande união e que todos partilhavam uns com os outros aquilo que tinham**, para que todos tivessem o necessário para viver e que nós registámos como ...*(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ... partilhar os dons e os bens, ou seja, preocupavam-se uns com os outros, cuidavam uns dos outros, viviam como irmãos que se amam e que se ajudam. Nós também procuramos viver assim! Ainda esta semana preparámos a oração do Espírito Santo para oferecer a alguém que é importante para nós, porque queremos que essa pessoa possa descobrir a importância e a força do Espírito na sua vida, como nós, que tivemos a oportunidade de vir à catequese.
- e) Diz-se, ainda, que **realizavam gestos que deixavam todos impressionados e que provocavam a admiração de toda a gente**, ou seja, repetiam aqueles gestos que Jesus tinha feito, gestos de bondade e de amor que ajudavam e davam Vida àqueles que estavam doentes, desanimados, sem esperança. Sabiam ... *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* amar! De facto, também é isso que nós vimos fazer na catequese: aprender a amar como Jesus amava!
- f) Diz-se, finalmente, que **eles eram alegres e tinham um coração bom e simples, o que fazia que tivessem a simpatia de todas as pessoas**, isto é, eram pessoas boas, que criavam um bom ambiente, que eram felizes e mostravam aos outros a sua felicidade, que não se "armavam" em orgulhosos e importantes, mas estavam sempre disponíveis para aceitar, para conviver e para acolher os outros.

*Depois da leitura e interpretação da passagem do livro do Atos do Apóstolos, o catequista avança para um novo desafio muito importante para os cristãos de todos os tempos. Poderá fazê-lo da seguinte forma, preparando as crianças para a escuta da palavra de Deus:*

Há, ainda, um outro texto que eu queria convidar-vos a ouvir... Fala dessa "família" (que é a Igreja), constituída por muitos homens e mulheres, reunidos à volta de Jesus; mas **fala da Igreja utilizando uma "imagem" ou uma comparação...** Quem o escreveu foi um grande amigo de Jesus – chamado Paulo – que conhecia bem muitas comunidades cristãs, algumas delas

fundadas, constituídas depois do anúncio de Jesus feito pelo próprio Paulo. Numa carta – lembrem-se que S. Paulo escreveu muitas cartas ... e até nos ensinou que nós somos (*procurar que as crianças concluam a expressão correta*) uma carta de Cristo! Esta carta, que é muito bonita, foi escrita aos cristãos de uma cidade da Grécia chamada Corinto. Paulo fala assim da "Igreja" (1 Cor 12,12-27):

*Depois de se assegurar que se criou o ambiente necessário para a escuta da palavra, o catequista prossegue:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros,  
e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos,  
constituem um só corpo, assim também Cristo.**

**De facto, num só Espírito,**

**fomos todos batizados para formar um só corpo,**

**judeus e gregos, escravos ou livres,**

**e todos bebemos de um só Espírito.**

**O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.**

**Se o pé dissesse:**

**«Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo»,  
nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.**

**E se o ouvido dissesse:**

**«Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo»,  
nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.**

**Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?**

**Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato?**

**Deus, porém, dispôs os membros do corpo,**

**cada um conforme lhe pareceu melhor.**

**Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?**

Há, pois, muitos membros, mas um só corpo.  
Não pode o olho dizer à mão:  
«Não tenho necessidade de ti»,  
nem tão pouco a cabeça dizer aos pés:  
«Não tenho necessidade de vós».  
Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo,  
tanto mais são necessários,  
e aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo,  
a esses rodeamos de maior honra,  
e aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com maior decoro;  
os que são decentes, não têm necessidade disso.  
Mas Deus dispôs o corpo, de modo a dar maior honra ao que dela  
carecia,  
para não haver divisão no corpo  
e os membros terem a mesma solicitude uns para com os outros.  
Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros;  
se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.  
Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro.

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

Todos:

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista deve ter consciência do grau de dificuldade desta palavra para as crianças. Para cada pergunta, deixará que as crianças participem para manter o seu nível de motivação e para poder verificar o seu entendimento.*

**A que é que Paulo se refere quando fala deste "corpo" formado por muitos membros?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

É verdade: **refere-se à Igreja**, à família dos discípulos de Jesus. **Ela é um "corpo"** (antes, dissemos: "uma família"), formada por muitos membros.

**Esse "corpo" é o "corpo" de quem?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

S. Paulo fala do **"corpo" de Cristo**. **Porquê?** Porque essas pessoas são a família que nasce a partir de Cristo, são aqueles que se juntam à volta de Cristo. **A Igreja é o "corpo de Cristo"** (*catequista coloca no placar o **dístico "corpo de Cristo"***): A Igreja é o "corpo de Cristo". Quem quiser olhar para

Cristo, quem quiser ver Cristo, **quem quiser encontrar Cristo**, para onde é tem de se dirigir? Para a "família" de Cristo, para a Igreja. É através dos seus discípulos que Cristo hoje está presente no mundo.

**Este "corpo" é formado por muitos membros**, isto é, por muitas pessoas, por pessoas muito diferentes. Cada um desses membros tem uma função, tem uma tarefa, tem uma missão, como acontece num corpo humano: os ouvidos são para ouvir, a boca para falar, o nariz para cheirar e para respirar.

Todos os membros deste "corpo" são importantes, pois todos eles estão encarregados de tarefas que são contribuem para o bem, para a saúde, para o bem-estar de todo o "corpo". Não há uns que são importantes e outros que não valem nada: **todos são muito importantes para que o "corpo" funcione**. Mas é importante que cada um cumpra o seu papel, a sua tarefa. Vós também sois importantes e tendes o vosso lugar! Sem vós, sem a vossa vinda à catequese, sem a vossa oração, sem a vossa participação na eucaristia, a Igreja e o mundo ficavam mais pobres.

*Se necessário, o catequista poderá recorrer aos cartões que ainda se encontram no centro do grupo para realçar a importância da união, dos laços sem os quais não há família, nem Igreja. Estaríamos isolados, sem capacidade de agir, ou de desempenhar alguma missão.*

**Esses "membros" do "corpo" estão todos unidos uns aos outros...** Nenhum deles pode sobreviver sozinho... Cada "membro" precisa dos outros e necessita dos outros para ter vida. Na "família" dos discípulos de Jesus, também é assim: nenhum dos discípulos de Jesus estará bem e será feliz se estiver isolado, se estiver à margem dos outros, se se afastar da comunidade e não quiser colaborar com os outros.

**Neste "corpo", há uma grande unidade... Porquê?** Porque todos estão ligados uns aos outros, porque todos fazem parte de um mesmo "corpo", porque todos se alimentam da mesma Vida. **Todos eles receberam o mesmo Batismo** (quer dizer, a mesma Vida que vem de Deus) e **todos eles são alimentados pelo mesmo Espírito** (isto é, pela mesma força que vem de Deus, o Espírito Santo).

*O catequista termina esta reflexão utilizando a forma interrogativa que se segue, procurando criar uma situação de diálogo que permita aferir o grau de compreensão que as crianças atingiram. Deve ser reforçada a ideia de pertença a este corpo que é a Igreja, de que todos têm um papel, uma tarefa e que essa tarefa é importante para que se cumpra a vontade de*

*Jesus. Pode usar como ponto de partida a página 107 do catecismo, levando as crianças a observar as imagens e a ler os textos.*

Não achais que esta imagem – do “corpo” que tem muitos “membros” – é **uma imagem muito bonita para falar da “família” dos discípulos de Jesus?** Estas palavras de S.Paulo estão ilustradas no nosso catecismo (página 106) e, depois, na página seguinte (p. 107) podemos observar como **cada pessoa que faz parte da comunidade de Jesus é um “membro” que tem um papel, uma tarefa a desempenhar?** E já pensaste que **essa tarefa que cada um tem é uma tarefa muito importante para todo o “corpo”,** para que este “corpo” (a Igreja) esteja bem e cumpra a sua missão de levar Jesus Cristo a todos os homens e mulheres?

*Depois do diálogo a partir das ilustrações e das questões das crianças, o catequista faz a síntese que se segue:*

Acho que, depois destes textos que ouvimos ler, já todos nós **percebemos o que é a Igreja...** É uma “família” muito grande, que junta pessoas de todas as raças e culturas, que estão dispostas a escutar as propostas de Jesus e a segui-lo; e **essas pessoas que “aderem” a Jesus e o querem seguir, recebem o Espírito Santo** (a força, a Vida de Deus) para continuarem no mundo a obra que Jesus começou. Poderíamos dizer, ainda, que **a Igreja é como um “corpo”** – o “Corpo de Cristo” – no qual há muitos membros, que vivem unidos, que se ajudam e apoiam uns aos outros. Têm todos funções diferentes e tarefas diferentes; mas todos os membros e tarefas são importantes para que o “corpo” esteja bem e para que Cristo possa continuar a ir ao encontro de todos os homens e mulheres do mundo para os libertar e salvar.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A partir deste momento o catequista procura criar um ambiente de intimidade com Jesus, que nos liga uns aos outros. O discurso que se segue é um convite às crianças para que sintam que pertencem a este corpo de Cristo e experimentarem como isso nos faz felizes.*

**Cada um de vós também faz parte do “Corpo de Cristo”,** da família de Jesus, da Igreja. O/A N... (indicar o nome de cada uma das crianças) faz parte do “Corpo de Cristo”, sois um dos muitos membros desse “Corpo”. **Tendes, nessa família, o seu lugar, o seu papel, a sua tarefa a desempenhar.**

*Tendo possibilidades de usar uma câmara fotográfica, o catequista tira uma foto do grupo que, depois de impressa em papel comum, cada criança colocará no espaço reservado para o efeito, na 107 do catecismo. Se tal não for, de todo, possível, o catequista sugere às crianças que façam um desenho do seu grupo para colar no mesmo espaço.*

**É bom fazer parte de um "corpo" como este;** é bom integrar uma família constituída por muitos irmãos e irmãs, de todas as raças, de todas as cores, de todas as culturas, de todos os cantos da terra, que se juntam à volta de Jesus e da sua mensagem; **é bom pertencer a uma comunidade de pessoas que se amam, que caminham juntas, que têm os mesmos objetivos;** é bom fazer parte de uma família onde **todos são chamados a construir**, em nome de Deus, um mundo de amor, de entendimento, de paz, de compreensão... Já pensaste que tens irmãos e irmãs no mundo inteiro? (*se as crianças reagirem à pergunta, o catequista deixa que se expressem sem que se perturbe o ambiente criado*).

*O catequista convida todos a agradecer o dom de pertencer a Cristo e a comprometer-se a aceitar o convite que ele nos pedir.*

Vamos dizer obrigado a Deus por nos ter chamado a fazer parte desta família; e vamos dizer-lhe, também, que estamos dispostos a desempenhar, nessa família, o papel que Ele quiser confiar-nos.

*Depois de criado o ambiente necessário para o momento de interiorização e oração que se segue, o catequista distribui as folhas com a oração, indica os leitores e prossegue: Vamos cantar o cântico:*

**"Somos a Igreja de Cristo"**

*Depois do cântico, o catequista orienta a oração:*

**Leitor 1/catequista:** Senhor Deus, obrigado porque nos chamaste a fazer parte dessa grande família dos que seguem Jesus, dos que o escutam, dos que aprendem com Ele o amor e a paz, dos que se sentam com Ele à mesa para receber o seu Pão, dos que procuram construir, com Jesus, um mundo mais bonito e mais feliz.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

**Leitor 2** – Senhor Deus, obrigado porque nos chamaste para sermos membros do “Corpo de Cristo” e para ocuparmos o nosso lugar na comunidade cristã, à volta desse Jesus Cristo que nos dá Vida.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

**Leitor 3** – Senhor Deus, obrigado porque fizeste de cada um de nós uma pedra mais na construção dessa “casa” que é a Igreja de Jesus, e quiseste que cada um de nós fizesse parte dessa comunidade onde tu estás vivo e presente, para salvar e dar Vida aos homens e mulheres do mundo inteiro.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

Canta-se novamente o refrão da música:

**Somos a Igreja de Cristo, As pedras vivas do templo do Senhor!**

## **2. Compromisso:**

Hoje, o nosso compromisso vai começar pela entrega da oração que preparastes na semana passada, à pessoa que haveis escolhido e que cada um referiu, aqui na catequese. Depois, cada um vai ler muito bem a página 108 do nosso catecismo e assinar a declaração que aí está registada (*no centro da página*): «Eu, o vosso nome, sou membro do Corpo de Cristo e tenho na Igreja o meu papel e a tarefa que devo desempenhar.» Muito bem! Então, para saberdes ouvir a proposta do Senhor e acolher as tarefas que ele tem para vós, ides continuar a ler a oração do Espírito Santo, desta vez pensando, também, na pessoa a quem oferecestes uma cópia da oração – toda bonita, enfeitada com o vosso carinho e trabalho – e ao longo da semana refletindo, pensado, que tarefas haverá no Corpo de Cristo para cada um. Vão registar as vossas conclusões no espaço da Catequese 25 da vossa **Barra Cronológica**. Depois, falaremos disso.

*Para guardar na memória e no coração*

Juntos, como irmãos, membros de uma Igreja,  
Vamos caminhando ao encontro do Senhor.

## UMA COMUNIDADE QUE NASCE DA ÁGUA



### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. O Batismo, o momento da escolha

Quando Jesus Ressuscitado se despediu dos discípulos, disse-lhes: "Ide, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado" (Mt 28,19-20). O Batismo aparece, assim, ligado à adesão a Jesus e ao seu projeto.

Pedro, no dia de Pentecostes, no momento em que a Igreja de Cristo, de Jesus se assume e se apresenta a essa multidão que representa os povos do mundo inteiro, diz: "Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo" (At 2,38). Também aqui o Batismo aparece como elemento primordial no caminho cristão: é o momento em que se escolhe Jesus e se recebe o dom do Espírito Santo – esse dom que capacita o crente para viver a Vida nova de Deus.

O que é o Batismo O que é que ele traduz e significa? O que é que ele faz? O nome "batismo" deriva do verbo "baptein/baptizein", que significa "submergir", ou também "lavar". O Batismo é, pois, uma imersão, ou uma ablução. A água é o elemento fundamental deste rito.

#### 2. A água na história da salvação

A água é um elemento imprescindível à vida. Sem ela, os seres vivos não podem sobreviver. Foi na água que, há cerca de 3800 milhões de anos, surgiu a vida na Terra. Foi na água que os seres vivos encontraram o ambiente

favorável para o seu desenvolvimento e evolução. A água entra em percentagem muito significativa na composição de todos os seres vivos e é um componente essencial para o bom funcionamento geral do organismo – inclusive o organismo humano – ajudando em algumas funções vitais, tais como o controle de temperatura do corpo. Sem ela, os seres vivos desapareceriam em pouco tempo e a terra ficaria deserta, estéril e vazia. Por tudo isto a água é, em todas as culturas, em todos os tempos e lugares, um símbolo universal de vida. Olhamos para um rio ou ouvimos a música da água de uma fonte e pensamos em vida, em fecundidade, em abundância.

É água é, também, um elemento que lava, que limpa, que purifica. Por isso, ela é usada como símbolo de transformação, de renúncia à vida velha (“suja”), de recomeço, de purificação.

A confluência desta rica simbologia fez que a água aparecesse, com bastante frequência, associada a diversos momentos da história da salvação, como elemento que simboliza a criação, a vida nova, a libertação. No livro do Génesis, a água aparece ligada ao desaparecimento da humanidade pecadora (dilúvio) e ao nascimento de uma humanidade nova, que escolhe Deus e aceita viver em aliança com Deus (cf. Gen 6-9); no livro do Êxodo, a passagem do Mar Vermelho marca o momento em que o Povo de Deus deixa para trás a vida de escravidão e nasce para uma vida nova de liberdade e de paz (cf. Ex 14,15-15,21); no culto de Israel, a água aparece ligada ao culto, como elemento que purifica e capacita para se aproximar, novamente, do mundo de Deus (cf. Lev 15; Num 8,5-7.21; 19,7-22); os profetas de Israel anunciam o dom de uma água pura, que purificará o Povo das suas maldades e o habilitará a receber um coração novo, capaz de viver no amor a Deus e ao próximo, e a receber o Espírito de Deus (cf. Ez 36,25-27). Mais tarde, o judaísmo multiplicará os ritos de lavagem, como sinal de purificação e mesmo de conversão. Em alguns casos, os rabis de Israel batizavam com água os pagãos que se juntavam ao Povo judeu (prosélitos).

### 3. O Batismo cristão

**João Baptista**, aquele que anuncia a presença de Jesus no mundo, propunha um Batismo, no rio Jordão, àqueles que iam ter com ele e que manifestavam a vontade de se converter. É um gesto de purificação, que consagra o arrependimento do penitente e que anuncia a sua vontade de começar uma vida nova.

Um dia, o próprio **Jesus** apareceu junto do rio Jordão, para receber o Batismo (cf. Mc 1,9-11). É um gesto que situa Jesus entre os pecadores: Ele é

aquele que não tem pecado, mas vem ao encontro da humanidade pecadora e solidariza-se com ela, para a ajudar a vencer o pecado. Ele assume-se, assim, como o Cordeiro de Deus que toma sobre si o pecado do mundo (cf. Jo 1,29.36).

No entanto, no Batismo de Jesus aparecem elementos que são novos em relação ao Batismo tradicional que João oferecia: O Espírito Santo desce do céu e repousa sobre Jesus e ouve-se a voz vinda do céu que consagra Jesus como o Filho amado de Deus, cuja proposta deve ser escutada e acolhida pelos homens. A descida do Espírito Santo consagra Jesus como "o Ungido" anunciado pelas profecias, aquele que tem o mandato do Pai para "levar a Boa Nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros, para proclamar um ano da graça do Senhor" (Is 61,1-2); e, ao mesmo tempo, anuncia o Pentecostes, o dom do Espírito para essa Igreja que vai nascer da progação e da ação de Jesus. A "voz do céu" confirma a verdade da proposta que Jesus vai fazer (é uma proposta que tem o aval de Deus) e, ao apresentar Jesus como "o Filho", anuncia esse momento que vai chegar e em que os discípulos de Jesus se tornarão filhos adotivos de Deus.

Após a Ressurreição de Jesus, os discípulos recebem o Batismo do Espírito Santo. No dia do Pentecostes, eles são inundados por essa Vida nova de Deus que os transforma e os capacita para serem testemunhas do Ressuscitado e do seu projeto em todos os cantos do mundo. Nesse dia, Pedro pede aos homens e mulheres que o ouvem, que recebam o Batismo "em nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados", assegurando-lhes que receberão, então, o Espírito Santo (cf. At 2,38). Os discípulos começam, assim, a cumprir o mandato de Jesus, ao despedir-se deles: "fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19).

O **ritual do Batismo** com água foi assumido e praticado pela Igreja primitiva (cf. At 8,36-39; 10,48; 19,5). Aqueles que, depois de escutar a Boa Nova, queriam aderir à proposta de Jesus, recebiam o Batismo "em nome de Jesus" (cf. At 2,38; 8,16; 10,48; 19,5), passando assim a fazer parte da comunidade de Jesus. O Batismo situa o crente na órbita de Jesus, orientado para Jesus, em união com Jesus.

A linguagem utilizada sugere a existência de um ritual de imersão na água (cf. At 8,39; 1 Cor 6,11 - "fostes lavados"; Ef 5,26). Quando Paulo diz (Rom 6,4) que, pelo Batismo, os cristãos foram "sepultados" com Cristo na morte estará, muito provavelmente, a referir-se a esse banho de imersão que "afoga" na água a vida antiga e que faz os discípulos de Jesus ressurgir, a partir da

água, como criaturas novas, destinadas a uma vida nova. Tal ritual resulta da simbólica da água como expressão de criação, de vida, de fecundidade, de renovação, de purificação, de limpeza, como vimos atrás.

Qual o **significado teológico** que os cristãos atribuem ao rito batismal?

Nos "Atos dos Apóstolos" e, muito especialmente, nos escritos de Paulo, encontramos elementos para entender o sentido e o significado que a Igreja dá ao ritual do Batismo. Fundamentalmente, sugere-se que, pelo Batismo, o cristão é transformado e passa a viver uma vida nova. Para expressar essa transformação, Paulo utiliza palavras como "lavar", "santificar", "purificar": "Fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor 6,11).

Que significa, exatamente esta transformação? Quais são as suas várias dimensões?

O Batismo tem, antes de mais, uma dimensão cristocêntrica: o crente despe-se das roupagens do homem velho (o homem do egoísmo, da injustiça, da violência, da autossuficiência, da maldade) e reveste-se de Cristo (cf. Gal 3,26-27). Com Cristo, morre para o pecado e com Cristo ressuscita para uma vida nova (cf. Rom 6,4-6; Fil 3,10; Gal 2,19). Por isso o Batismo é feito "em nome de Jesus Cristo" ou "em Cristo Jesus", fórmulas que significam, por um lado, que é Cristo quem acolhe e toma posse do batizado; e, por outro que este passa a ser um com Cristo, que a sua vida inteira fica definitivamente orientada para Cristo. Torna-se membro de Cristo, vivendo intimamente da sua vida e destinado a partilhar a sua glória.

O Batismo tem, depois, uma dimensão penumocêntrica (de "pneuma" - "Espírito"): ser batizado "em Cristo" é ser batizado no Espírito. No Batismo, o cristão recebe o Espírito de Jesus ressuscitado, através do qual Cristo é comunicado ao cristão e passa a residir, de forma permanente, no cristão. O cristão torna-se, então, "Templo de Deus, no Espírito". Esse Espírito, recebido no Batismo e que permanece no crente, torna-o filho adotivo de Deus, opera a sua santificação e leva-o a viver a vida nova do Homem Novo.

O Batismo tem, depois, uma dimensão eclesiológica: ao revestir-se de Cristo e ao ser um com Ele, o cristão passa a fazer parte do "Corpo de Cristo" (a Igreja), integrando uma comunidade - a comunidade do Povo de Deus - onde não há judeus ou gregos, escravos ou homens livres, porque todos estão unidos num único Espírito (cf. 1 Cor 12,13). Fica, então, ligado aos outros membros do "Corpo de Cristo", formando com eles uma unidade, plenamente integrado numa família que recebe Vida de Jesus e do Espírito. O Batismo torna-se, assim, a porta de entrada na comunidade de Jesus, o

sacramento que constitui a Igreja. Para Paulo, assim como a passagem do mar Vermelho deu origem ao Povo de Deus, assim o novo "mar Vermelho" do Batismo faz nascer o novo Povo de Deus que é a Igreja (cf. 1 Cor 10,1-2). Pelo "Batismo", o cristão escolhe fazer parte da comunidade messiânica e é incorporado na Igreja; não de modo jurídico, mas a partir de uma comunhão vital com Cristo, no Espírito: passa a ser membro do "Corpo de Cristo" na unidade do Espírito e na diversidade de carismas (cf. 1 Cor 12,13; 12,4-11), convertendo-se numa pedra viva do Templo de Deus, a Igreja de Cristo (cf. 1 Cor 3,16-17). A Igreja nasce dessa fonte batismal a partir da qual os batizados escolhem Jesus e a sua proposta e passam a integrar a comunidade dos discípulos.

O Batismo tem, finalmente, uma dimensão existencial. Incorporado em Cristo e alimentado pelo Espírito, o batizado passa a viver uma existência de acordo com esse dinamismo de santidade e de vida nova. É "santo" e é chamado a traduzir essa santidade numa conduta de vida santa. Em termos mais concretos, Paulo explica que isso significa deixar o homem velho (cuja vida é marcada pela ira, pela cólera, pela maledicência, pela mentira, pelas palavras grosseiras) e revestir-se do Homem Novo (que vive na misericórdia, na humildade, na mansidão, na tolerância, no perdão, na caridade) (cf. Col 3,5-14). Dito de outra forma: significa deixar as trevas para ser filho da luz (cf. Ef 5,8-9) ou morrer para o pecado de uma vez para sempre e viver para Deus, em Cristo (cf. Rom 6,10-11).

## **OBJETIVOS**

- Recordar que, pelo Batismo, nascemos para uma vida nova: escolhemos viver por Cristo, com Cristo, em Cristo e para Cristo; e recebemos esse mesmo Espírito que animou Jesus, a fim de vivermos de acordo com a sua proposta.
- Descobrir que o Batismo é a porta de entrada na comunidade cristã, o rito através do qual passamos a ser membros da Igreja.
- Sentir-se feliz por ser batizado e por integrar a comunidade de Jesus.
- Sentir vontade de viver de acordo com essa Vida nova recebida no Batismo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Neste encontro as crianças vão aprofundar a sua compreensão do Batismo que já lhes foi referido em anos anteriores, como um sacramento pelo qual entram na grande família dos cristãos. Agora vão perceber que, pelo Batismo somos novas criaturas em Cristo e nascemos para uma vida nova. Nesta

fase da sua vida vai-se tornando possível a compreensão dessa transformação porque a criança começa a ter algum sentido do tempo e da história e a ver-se a si mesma como alguém que “já foi”: mais pequena, mais ignorante, ...

2. A simbologia da água, fonte de vida e de purificação, mostrará às crianças de uma forma concreta como o Batismo é esta vida nova, limpa do pecado, sem mancha, que devemos preservar sempre.
3. É importante que as crianças cheguem ao momento da Expressão de Fé com uma vontade interior de responder pela afirmativa, aos compromissos assumidos no seu Batismo. Desta forma, as respostas que forem dadas às perguntas do credo, feitas pelo catequista, serão fruto da presença do Espírito Santo nelas.

#### **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Um garrafão com água potável e copos de plástico, um para cada criança e o catequista, de preferência transparentes;
- Uma flor, colocada num outro copo, com água;
- Um peixinho, colocado num outro copo, com água;
- Folha grande de papel, se possível papel de cenário;
- Marcadores de várias cores;
- Massa aderente para prender papel;
- Fotografias com cenários da natureza com água, por exemplo rios, lagos, mar e fotografias com imagens de deserto e de falta de água;
- Uma vela de batizado e velas pequenas, uma para cada criança;
- Fósforos, para acender as velas;
- Água para aspergir o grupo das crianças e, se possível, uma calderinha para fazer, de forma mais solene, este gesto.

#### **MÚSICA**

- “Formamos um só corpo”.

### **Preparação da sala:**

No **placar**: ou presa na parede, colocar a folha grande de papel ou o papel de cenário e dispor os marcadores de modo que todos os possam ver.

Na **mesa**: a Bíblia, rodeada pelos copos de plástico para as crianças, sem água; um dos copos tem água e uma flor e um outro contém um peixinho e água. Também se coloca na mesa a caldeirinha que será usada para aspergir as crianças, assim como a vela de batismo e as velas pequenas, apagadas.

## **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

*Quando as crianças entram, o catequista encaminha-as logo para a mesa, e coloca-as em redor da mesma. O catequista introduz de imediato:*

1. Sabem bem que a água é a fonte da vida. Sem ela, não seria possível a vida dos homens e das mulheres, dos animais (*o catequista mostra o copo com o peixinho e passa-o às crianças, para que o observem*) e das plantas (*o catequista mostra o copo com a planta e passa-o às crianças, para que o observem*). Que seria deste peixinho se lho retirássemos a água? E desta flor, não é certo que murcharia e morreria, sem água? (*o catequista vai deitando água nos copos e entregando cada copo a uma das crianças, enquanto explica:*) Como haveis aprendido na escola, todos os seres vivos são constituídos por células, e estas são constituídas em grande parte, por água; por isso, se não houver água, se eles não integrarem a água na sua alimentação, a vida das células desaparece (*o catequista bebe um pouco de água do seu copo e convida as crianças a fazerem o mesmo e prossegue:*). Agora, nesta folha grande vou escrever a palavra **água** e depois cada um de vocês, vai escrever na vertical ou na horizontal uma palavra de que se lembre ao ouvir ou pensar na palavra "água", mas sempre usando uma letra que esteja numa palavra já escrita. Fazemos, desta forma, uma espécie de palavras cruzadas. Vem um de cada vez, depois de pensar na palavra que quer escrever e usa um dos marcadores.

2. *As palavras irão ficando na vertical ou na horizontal, unidas por uma letra comum. Algumas palavras podem ser: vida, animais, rio, lago, peixes, mar... Quando as crianças começarem a ter alguma dificuldade em encontrar*

*palavras, o catequista passa a ajudar referindo também palavras que são associadas a água pela negativa, como: deserto, catos, sede, areia...*

Agora que temos tantas palavras ligadas a água, vou mostrar-vos algumas fotografias que podem colocar junto às palavras do nosso puzzle. São uma forma de visualizarmos o que vimos interiormente quando escrevemos as várias palavras.

*Usando a massa aderente, as crianças vão colando as várias fotografias representando quer a água, quer a sua falta.*

E as imagens do deserto que colámos, que vos parecem? Não são impressionantes, com aquelas longas imensidões secas, áridas, desoladas, sem árvores e sem plantas (ou com pouquíssima vegetação)? A falta de água impede que aí haja vida em abundância; aí a vida não é possível, ou está reduzida ao mínimo. E como contrastam com as fotografias cheias de água, plenas de vida.

**Mas será que a água só é fonte de vida? A água é, também, importante para lavar e purificar.** Já pensaste como seria não poderem lavar as mãos depois de brincarem na terra? Ou como seria não poderem tomar banho depois de andarem duas horas de bicicleta, num dia de calor? Ou se não tivessem água para limparem o chão da casa ou da escola?

**A água é, em todas as culturas e em todos os povos, um símbolo de vida** (o catequista mostra o copo com o peixinho), **de fecundidade** (o catequista mostra o copo com a flor), **de transformação** (o catequista mostra o seu copo com a água e bebe um pouco), **de renovação, de purificação** (o catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 109 e observa com elas as fotos; depois, conclui:) Por isso, a água foi usada muitas vezes pelas diversas religiões para falar dessa vida nova que os crentes esperam e que todos os dias procuram encontrar. Já alguma vez viram os indianos a banharem-se no rio Ganges? São centenas os que se deslocam diariamente para este rio para aí se banharem, purificando-se, deixando para trás a vida que tinham até aí.

## II. PALAVRA

1. Também o Povo de Deus utilizou a água como expressão dessa Vida nova que Deus está sempre a oferecer-nos. Lembrem-se, por exemplo, daquela passagem do livro do Êxodo em que o Povo de Deus, perseguido pelo exército do faraó, entrou na água do Mar Vermelho e escapou das mãos dos seus perseguidores (cf. Ex 14,15-31), não é verdade? É como se, ao passar através dessa água, aquele Povo tivesse deixado lá todo o lixo que os afligia e sujava – a escravidão do Egito, o sofrimento, a violência, a maldade do faraó, o desespero em que viviam – e tivesse aparecido do outro lado completamente limpo – livre, confiante, novo, capaz de viver uma nova vida de felicidade e de paz. **Para trás ficou a vida velha do sofrimento e da opressão e, do outro lado da água, estava a vida nova da liberdade.**

A água é, portanto, expressão de Vida nova – de vida limpa, purificada, renovada. Jesus Cristo usou a imagem da água para exprimir a realidade dessa Vida nova que Ele nos veio oferecer. Um dia, ao falar com uma mulher da Samaria que encontrara a tirar água de um poço, Jesus disse que tinha, para dar, uma água viva, uma água tão boa que faria com que as pessoas nunca mais voltassem a ter sede. “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter mais sede” – pediu-lhe a mulher (**Jo 4,13-14**). Jesus, ao dizer que trazia a água que dá a vida para sempre, estava a dizer que, com as suas palavras, com os seus gestos, com o seu amor, com a sua bondade, oferecia-nos a possibilidade de matarmos a nossa sede de Vida, de paz e de felicidade.

**Podemos, assim, dizer que, para termos Vida, temos de beber a água que Jesus traz, temos de mergulhar nela.** Beber a água que Jesus traz ou mergulhar nela, será o quê? Será escutar muito atentamente Jesus e a sua mensagem, será aprender com Ele a viver, a amar, a fazer o bem; será seguir Jesus e sermos discípulos dele (já sabes que os “discípulos” são aqueles que ouvem as lições de um mestre e que aprendem, com esse mestre, como é que devem viver).

2. Quando Jesus se despediu dos seus discípulos, pouco antes de subir ao céu, disse-lhes: *“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”* (**Mt 28,19-20**).

**E os discípulos de Jesus tomaram o gesto de mergulhar uma pessoa na água – chamamos-lhe “Batismo” – como um gesto que significa que essa pessoa escolheu pertencer a Jesus, escolheu ouvir as palavras de Jesus e viver de acordo com aquilo que Ele veio ensinar. Esse rito (esse gesto) de mergulhar a pessoa na água passou a ser, na Igreja de Jesus, a forma de expressar uma coisa muito bonita: que, agora, essa pessoa pertence a Cristo, quer seguir a Cristo e quer fazer parte da comunidade dos que seguem Cristo – os cristãos.**

*Depois de todos estarem de pé e as leituras distribuídas, o catequista introduz o texto:* Vamos ver um episódio do livro dos Atos dos Apóstolos em que um homem – um etíope que tinha vindo de visita a Jerusalém – quis ser batizado para mostrar que tinha escolhido Jesus Cristo e que queria fazer parte da comunidade de Jesus Cristo (**At 8,26-39**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/Narrador:*

**O anjo do Senhor falou a Filipe e disse-lhe:**

*Criança 1:*

**«Põe-te a caminho e dirige-te para o sul, pela estrada que desce de Jerusalém para Gaza, a qual se encontra deserta».**

*Catequista/Narrador:*

**Ele pôs-se a caminho e foi para lá.**

**Ora, um etíope, eunuco e alto funcionário da rainha Candace, da Etiópia, e superintendente de todos os seus tesouros, que tinha ido em peregrinação a Jerusalém,**

regressava, na mesma altura, sentado no seu carro, a ler o profeta **Isaiás**.

**O Espírito disse a Filipe:**

*Criança 2:*

**«Vai e acompanha aquele carro».**

*Catequista/Narrador:*

**Filipe, acorrendo, ouviu o etíope a ler o profeta Isaiás e perguntou-lhe:**

*Criança 3:*

**«Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler?»**

*Catequista/Narrador:*

**Respondeu ele:**

*Criança 4:*

**«E como poderei compreender, sem alguém que me oriente?»**

*Catequista/Narrador:*

**E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele.**

**A passagem da Escritura que ele estava a ler era a seguinte:**

**«Como ovelha levada ao matadouro, e como cordeiro sem voz diante daquele que o tosquia, assim Ele não abre a sua boca.**

**Na humilhação se consumou o seu julgamento,**

**e quem poderá contar a sua geração?**

**Da face da terra foi tirada a sua vida!»**

**Dirigindo-se a Filipe, o eunuco disse-lhe:**

*Criança 4:*

**«Peço-te que me digas: de quem fala o profeta?**

**De si mesmo, ou de outra pessoa?»**

*Catequista/Narrador:*

**Então, Filipe tomou a palavra e, partindo desta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Boa Nova de Jesus.**

**Pelo caminho fora, encontraram uma nascente de água, e o eunuco disse:**

*Criança 4:*

**«Está ali água! Que me impede de ser batizado?»**

*Catequista/Narrador:*

**Filipe respondeu-lhe:**

*Criança 3:*

**«Se acreditas com todo o teu coração, isso é possível».**

*Catequista/Narrador:*

**O eunuco respondeu:**

*Criança 4:*

**«Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus».**

*Catequista/Narrador:*

**E mandou parar o carro.**

**Ambos desceram à água, Filipe e o eunuco, e Filipe batizou-o.**

**Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe e o eunuco não o viu mais, seguindo o seu caminho cheio de alegria”.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 3.** Aquele homem que Filipe encontrou no caminho (na estrada para Gaza), depois de ouvir falar de Jesus, quis “aderir” a Jesus, quis tornar-se seguidor de Jesus. Ele “acreditava” em Jesus. **Sabeis o que significa “acreditar”?** Significa ter a certeza de que Jesus veio de Deus com uma proposta de Vida para nós; significa querer ouvir essa proposta que Jesus traz e querer realizá-la na própria vida; significa querer seguir Jesus, querer fazer parte da família de Jesus.

**Quem é batizado, escolheu Cristo e passa a ser de Cristo.** Fica ligado a Cristo, pertence a Cristo e vive a Vida nova que Cristo lhe trouxe e lhe propôs. Aquele que é batizado, é alguém que escolheu ser de Cristo.

Ninguém é obrigado a esta escolha. A opção por Jesus é uma opção livre. Mas, quem a fizer, encontra Vida nova, encontra Vida sem fim.

**Quando alguém “escolhe” Jesus, adere a Ele, se torna seu discípulo e é batizado, essa pessoa diz “não” ao egoísmo, à maldade, ao pecado.**

Escolher Cristo é dizer que não queremos passar a vida a fazer coisas erradas, mas queremos viver dessa forma que Cristo nos ensinou. São Paulo diz que ser batizado é como que sepultar a nossa vida de maldade e de pecado e ressuscitar (como Cristo) para uma Vida completamente nova (cf. Rom 6,4-14).

Quando alguém é batizado recebe, também, o Espírito Santo, essa força de Deus que desceu sobre Jesus no dia do seu batismo, no rio Jordão, e que sempre o acompanhou na sua missão no meio dos homens. Pedro, discípulo de Jesus, ao falar às pessoas de Jerusalém, no dia do Pentecostes, dizia-lhes:

**“Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo”.**

O Espírito Santo – já sabeis – foi enviado aos discípulos de Jesus, após a Ressurreição. Ele faz com que os discípulos entendam a proposta de Jesus e tenham a força para a viver (isto é, tenham a força de amar como Jesus, de servir como Jesus, de perdoar como Jesus, de fazer o bem como Jesus). O Espírito Santo também faz com que os discípulos de Jesus tenham a força e a coragem para serem testemunhas e sinais de Jesus no meio do mundo, diante de todos os homens e mulheres (já sabes o que são as testemunhas: são aqueles que garantem a verdade de determinado facto... As “testemunhas” de Jesus são aquelas pessoas que falam de Jesus e que garantem a verdade da proposta que Jesus nos veio fazer).

**4. Quando alguém é batizado fica, ainda, a pertencer a uma grande família...** Já sabeis qual é, não é verdade? Sim, é a **Igreja, a comunidade de Jesus**. Ao dizer “sim” a Jesus, ao tornarmo-nos discípulos e seguidores de Jesus, juntamo-nos a muitas outras pessoas que fizeram a mesma escolha e se ligaram a Jesus. É como se passássemos a ser membros de um grande “Corpo” (o “Corpo de Cristo”), formado por aqueles que escolheram Cristo e pertencem a Cristo.

O Batismo é como que a "porta de entrada" para essa família de Jesus que é a Igreja. Quem é batizado, passa a ter muitos irmãos e irmãs – os outros batizados, os outros membros do "Corpo de Cristo", os que pertencem a Cristo e recebem Vida de Cristo.

**Podemos dizer que a Igreja de Jesus é a comunidade que nasce da água: da água do Batismo.**

*Como conclusão desta reflexão fundamental, o catequista sugere que observem as ilustrações – pintura e foto – das páginas 110 e 111 do catecismo, fazendo-as reler os textos anotados.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Tendo em consideração a eventual presença de crianças catecúmenas, o catequista pergunta, adaptando-se às circunstâncias: Todos nós somos batizados, não é verdade? (Se houver no grupo crianças que se preparam para o seu batismo, salientar este acontecimento importante na vida de todo o grupo).*

Já sabemos o que isso significa: **pertencemos a Cristo, recebemos Vida de Cristo, somos discípulos de Cristo; recebemos o Espírito Santo, essa força de Deus que nos anima a viver de acordo com o que Cristo nos ensinou e nos envia a sermos testemunhas de Jesus; entramos numa grande família, a Igreja, e somos membros do "Corpo de Cristo".**

Provavelmente fomos todos batizados há já alguns anos (se calhar, quando ainda éramos muito, muito pequeninos). Já não nos lembramos daquilo que então aconteceu... Mas, nesse dia, os nossos pais e os nossos padrinhos disseram, em nosso nome, que íamos viver como cristãos e íamos partilhar a fé desta família que é a Igreja. Trata-se de algo tão importante que vou já pedi-vos para, em honra desse dia e como recordação muito querida, colocardes no espaço previsto para isso, na página 112 do vosso catecismo, uma foto do vosso batizado, de preferência aquela que mostra o sr. Padre a derramar a água sobre a vossa cabeça. Se não for possível, pois que cada um ilustre este momento, com um belo desenho.

*Chamando as crianças a uma atitude de oração, o catequista proclama, pedindo às crianças para seguirem pelo resumo inscrito na página 112 do seu catecismo:*

- Hoje já sabemos que queremos ser amigos e discípulos de Jesus, queremos estar com Ele e aprender com Ele a viver.
- Hoje já sabemos que temos em nós o Espírito santo, a Vida e a força de Deus que Jesus Ressuscitado nos deixou.
- Hoje já sabemos que fazemos parte, pelo rito do Batismo, da Igreja de Jesus e que fazemos parte do "Corpo de Cristo".
- Hoje já sabemos que queremos deixar de lado o mal e escolher a Vida de Deus.

*Depois de um breve silêncio, o catequista entrega a cada criança uma vela pequena e acende a vela de batismo; depois, propõe: Vamos, então, recordar o nosso Batismo e aquilo que, nessa altura, os nossos pais e padrinhos disseram, em nosso nome.*

Vamos dizer que recusamos o mal.

Vamos dizer que acreditamos e aceitamos Deus, Jesus Cristo, a Igreja e o Espírito Santo. É isto que nos faz pertencer à Igreja, a essa família constituída por todos os homens e mulheres que seguem Jesus.

*O catequista passa pelas crianças e acende a vela de cada uma delas; depois, explica às crianças que devem responder-lhe dizendo, em voz clara e firme: «Sim, renuncio». Explica que cada um responde no singular, porque é uma resposta pessoal de cada um a Deus. O catequista pede às crianças para escutarem com atenção as perguntas e a responder-lhes com o maior entusiasmo do seu coração:*

**Catequista:**

Renunciais ao egoísmo e ao pecado que nos impedem de caminharmos nos caminhos de Deus?

Todos: **Sim, renuncio.**

**Catequista:**

Acreditais nesse Deus

que criou este mundo para o dar a todos os homens, sem distinção de raça, cor, religião ou estatuto social

e que ama e quer ver felizes os homens e mulheres que criou?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais em Jesus Cristo, o Filho de Deus,  
que passou pelo mundo fazendo o bem;  
que anunciou aos homens - com palavras e com gestos -  
um mundo de amor, de partilha, de perdão e de paz;  
que foi morto numa cruz por causa da mensagem que propunha;  
mas que continua vivo, caminhando connosco pelos caminhos do mundo?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais no Espírito de Deus,  
que nos lembra a cada momento a proposta de Jesus,  
que nos anima na construção de um mundo novo  
e que nos dá força para escolhermos os caminhos de Deus?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais na Igreja,  
a comunidade dos seguidores de Jesus de Nazaré,  
que tem como missão anunciar Jesus  
e concretizar no mundo o seu projeto?

Todos: **Sim, creio.**

**Esta é a nossa fé,  
a fé da Igreja de Jesus a que todos nós pertencemos.**

*(O catequista asperge as crianças com água, se possível usando uma caldeirinha).*

E agora cantemos todos com alegria o cântico:

**"Formamos um só corpo".**

## 2. Compromisso:

Hoje, já temos o nosso compromisso preparado! Acabamos de nos comprometer com a nossa fé! Para nos ajudar a viver esse compromisso, a responder sempre ao chamamento de Jesus, no espaço da catequese 26 da nossa **Barra Cronológica** está registado, para completardes, aquilo em que cada um Acredita, Escolheu, Agora diz, Pede e Pertence (*o catequista mostra às crianças e pede a uma delas para ler; depois, conclui:*) Vamos viver de acordo com o que agora respondemos: crendo em Deus, no Seu Filho Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo que nos guia e na Igreja que Ele nos deixou. Peço-vos, pois, que continueis a rezar ao Espírito Santo para que vos ajude a por em prática estes propósitos de renascimento, de Vida Nova, em que recusais o mal e procurais fazer o bem, com determinação e força, com entusiasmo. Não vos esqueçais, também, de completar o compromisso da catequese anterior e de procurar descobrir a que tarefas o Senhor vos chama.

---

### *Para guardar na memória e no coração*

Para termos Vida, temos de beber a água que Jesus traz, temos de mergulhar nela: escutar Jesus e a sua mensagem, aprender a viver, amar, a fazer o bem; ser seu discípulo. É pelo batismo que somos chamados a esta Vida Nova e a nascer de novo para a comunidade dos Filhos de Deus, a Igreja.

## UMA COMUNIDADE QUE SE ALIMENTA DA PALAVRA E DO PÃO



### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. A Palavra que alimenta

Todos os seres vivos necessitam de alimento como fonte de matéria e energia para poderem realizar as suas funções vitais, incluindo o crescimento, o movimento e a reprodução. Um ser vivo que não se alimenta, definha e morre. Esta "lei" também vale para as instituições: elas necessitam de encontrar as fontes de energia para que possam subsistir, crescer, ter forças para enfrentar os desafios sempre novos que o tempo e a história apresentam. A Igreja – essa comunidade que nasce de Jesus e que tem como missão testemunhar o projeto de salvação que Deus tem para a humanidade – é uma instituição viva, que caminha na história e que, em cada passo desse caminho, tem necessidade de um dinamismo de vida que a leve a estar sempre preparada para cumprir a sua missão. De que é que a Igreja se alimenta? Quais são as fontes de energia que lhe permitem subsistir na história e encontrar forças sempre renovadas para ser "sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano" (*Lumen Gentium, 1*)?

É o Espírito do Senhor Ressuscitado que anima e conduz a Igreja ao longo do seu percurso histórico. O Espírito age na Igreja e alimenta a Igreja através da Palavra – proclamada e escutada – e dos Sacramentos. Todos os Sacramentos são fonte de Vida para a Igreja; mas, entre eles, há um que é justamente considerado a "fonte e cume de toda a vida da Igreja": a Eucaristia, o pão do céu para a Vida do mundo. Detenhamo-nos um pouco sobre estas

duas realidades que alimentam o dinamismo da Igreja: a Palavra e o Pão do céu.

O nascimento da Igreja está umbilicalmente ligado à Palavra de Jesus. Enviado ao mundo pelo Pai para anunciar o Reino (cf. Lc 4,43-44; Mc 1,38), Jesus percorreu as vilas e aldeias da Palestina propondo aos homens esse mundo novo que Deus quer oferecer-nos. Fê-lo com palavras humanas, com comparações simples tiradas da vida diária, que os pobres e humildes escutavam e entendiam. E as suas palavras tornaram-se, para muitos homens e mulheres, a mais bela das esperanças.

As palavras de Jesus não deixavam ninguém indiferente... Quem as escutava tomava posição e, ou a aceitava, acolhendo-a na fé e na conversão (cf. Lc 10,9; Mc 1,15), ou a rejeitava (cf. Lc 8,9-10; Mc 4,12). Aceitar ou rejeitar a Palavra é aceitar ou rejeitar a proposta de Jesus e é, em última análise, aceitar ou rejeitar o próprio Jesus. Para definir as várias atitudes dos ouvintes face à Palavra que anuncia, Jesus utiliza a parábola do semeador (cf. Lc 8,4-15): quem quer aderir ao Reino, acolhe a Palavra sem restrições e deixa que ela cresça e dê frutos abundantes. Quem responde positivamente ao desafio da Palavra que Jesus proclama, torna-se discípulo. Nasce, a partir daí, uma comunidade que é a "casa da Palavra", o "lugar" onde a Palavra de Deus reside no mundo e de onde ela é proclamada e testemunhada diante do mundo.

Após a partida de Jesus para o Pai, os discípulos tornaram-se os mensageiros da Palavra. Animados e conduzidos pelo Espírito (cf. At 1,8; 2,4; 4,8.33; 9,31; 11,24; 18,21), eles assumiram o mandato de Jesus ("Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura" – Mc 16,15) e tornaram-se arautos da Palavra.

O anúncio feito pelos discípulos:

- é um anúncio sobre Jesus e a Boa Nova que Jesus veio propor aos homens;
- é Palavra salvadora, pois propõe o plano salvador de Deus apresentado por Jesus (uma vez aceite, liberta o homem de uma dinâmica de egoísmo e de injustiça, para o inserir numa dinâmica de amor, de partilha, de serviço, de fraternidade);
- é, portanto, Palavra que faz aparecer o *Homem novo*, o homem que adere a Jesus e opta por seguir esse caminho de amor que Ele veio propor;
- é Palavra livre e corajosa, que não tem medo de interpelar, de encorajar, de sugerir, de aconselhar, de admoestar, em qualquer circunstância;

- é Palavra missionária, que tem chegar a todos os cantos da terra (o apóstolo é a "boca de Deus", porque através dele a salvação proposta por Jesus deve atingir todos os povos);
- é Palavra que edifica a comunidade.

Da **proclamação da Palavra**, a Igreja nasce, cresce, edifica-se, renova-se dia após dia... É a partir da proclamação da Palavra e da resposta à Palavra que a Igreja é dotada de novos membros; é a Palavra que convida continuamente à conversão, à renovação, à fidelidade a Cristo e ao seu projeto; é a Palavra que ilumina os caminhos a percorrer e propõe, a cada passo, novos caminhos e novos desafios; é a Palavra que alimenta a esperança e dá aos que a escutam a coragem para continuar a caminhar...

**A Igreja vive da Palavra** e alimenta-se da força que lhe vem da Palavra.

## 2. O Pão que dá a Vida

Ao pôr do sol de uma quinta-feira do mês de Nisan do ano 30, Jesus reuniu-se com os seus discípulos numa ceia de despedida. Ele sabia que ia ser preso daí a poucas horas e que, no dia seguinte, seria julgado e condenado à morte. Aos discípulos, Ele quis deixar, resumida num gesto, toda a sua vida: o seu projeto, os seus valores, os seus ensinamentos, a sua proposta...

Enquanto comiam, Jesus pegou num pedaço de pão, partiu-o e deu-o aos que discípulos que estavam com ele à mesa, e disse-lhes: "Tomai, comei, isto é o meu corpo" (Mt 26,26). Depois, tomou um cálice com vinho, deu graças e entregou-o aos discípulos, dizendo: "Bebei todos dele, porque este é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para o perdão dos pecados" (Mt 26,27-28). E acrescentou: "Fazci isto em minha memória" (Lc 22,19).

Ao dar a comer aos discípulos o pão/corpo, Jesus estava a oferecer-lhes a sua Vida, essa Vida que a sua Pessoa, as suas palavras, os seus gestos de bondade, de acolhimento, de perdão e de serviço testemunharam a todos aqueles com quem Ele se cruzou nas vilas e aldeias da Palestina. Ao dar-lhes a beber o vinho/sangue, Jesus estava a deixar-lhes esse amor total, sem medida, que na cruz alcançou a sua expressão máxima e se fez dom completo, até à última gota de sangue... Comer o pão/carne é, assim, acolher essa Vida e deixar que ela se transforme em gestos concretos de amor partilhado, de Vida oferecida, de serviço humilde aos irmãos; beber o vinho/sangue é acolher e deixar-se transformar por esse amor vivido "até ao extremo" e que leva a fazer da própria Vida um dom total ao Pai e aos irmãos.

E os discípulos de Jesus, cumprindo o mandato que lhes tinha sido dado, passaram a encontrar-se regularmente (pelo menos no "dia do Senhor", o dia em que celebravam a Ressurreição de Jesus) para "fazer memória" da Paixão, morte e Ressurreição do Senhor. Sentavam-se à mesa e repetiam as palavras e os gestos de Jesus na Última Ceia". Sabiam que, ao "fazer memória" desse acontecimento, estavam a atualizar a vida de Jesus, a reviver os acontecimentos da sua paixão, morte e Ressurreição; estavam a sentar-se novamente à mesa com Jesus, a consolidar a sua comunhão com Ele, a aprofundar os laços de intimidade com Ele, a receber dele Vida. Ao mesmo tempo, os discípulos de Jesus constataram que, ao reunirem-se à mesa da Ceia do Senhor com outros irmãos e irmãs, estavam a potenciar os laços de amor, de comunhão e de unidade que ligavam os discípulos de Jesus; estavam a construir uma família de muitos irmãos e irmãs – uma família formada por pessoas muito diferentes, mas que vivem da mesma Palavra, que se alimentam da mesma fonte de Vida, que são animadas pelo mesmo Espírito, que caminham juntas em comunidade de fé e de vida.

Diz-se que a Eucaristia edifica a Igreja e alimenta-a... Sim, a Eucaristia faz a Igreja e vivifica continuamente a Igreja no seu caminho histórico. O Pão da Vida que os discípulos aí recebem, renova e consolida a união e a comunhão de cada um deles com esse Cristo que é o centro de toda a existência cristã; o Pão da Vida é o alimento espiritual que lhes permite viver como discípulos, no amor, na partilha, no perdão, no serviço, no dom da vida; o Pão da Vida consolida a unidade do "Corpo de Cristo", fortalecendo os vínculos de unidade e de comunhão que unem os diversos membros da comunidade de Jesus; o Pão da Vida dá aos discípulos a força para anunciarem em toda a terra o Evangelho do Reino e para serem testemunhas corajosas e entusiastas de Jesus e da sua proposta.

A Eucaristia é o centro e a fonte de toda a vida da Igreja. A Igreja de Jesus não poderia viver e caminhar sem o alimento eucarístico.

### **3. Uma comunidade que se reúne à mesa da Palavra e do Pão**

Todos os dias, a Igreja de Jesus que caminha na história reúne-se à mesa da Palavra e do Pão. A Eucaristia cristã reúne e oferece esses dois alimentos que dão Vida e que constroem a comunidade dos discípulos. "Em cada Missa, a liturgia da Palavra de Deus precede a liturgia Eucarística, na unidade das duas «mesas», a da Palavra e a do Pão" (Carta Apostólica *"Mane nobiscum domine"*, de João Paulo II, nº 12).

Na liturgia da Palavra, é o próprio Deus que fala à comunidade convocada e reunida. Sem essa Palavra que ilumina, que consola, que transforma, que faz perceber o sentido das coisas e que aponta os caminhos onde há Vida em abundância, não é possível caminhar, seguir em frente, reencontrar-se com uma esperança sempre renovada. O "ícone" dos discípulos de Emaús demonstra a verdade desta afirmação.

Na liturgia Eucarística, Jesus senta-se à mesa com os seus e reparte com eles o Pão que dá a vida. É aí que os discípulos o reconhecem, que se apercebem da sua presença e do seu amor, que redescobrem a comunhão e a unidade da Igreja, que reencontram novamente o sentido da aventura cristã, que sentem vontade de retornar rapidamente aos caminhos para testemunhar a todos os homens e mulheres a presença de Cristo Ressuscitado. O "ícone" dos discípulos de Emaús, uma vez mais, ilustra esta realidade.

A Igreja de Jesus, em marcha pela história, encontra na Palavra e no Pão este dinamismo de Vida que lhe permite sempre ir em frente e cumprir a sua missão; a comunidade de Jesus, ocupada na missão de apresentar ao mundo e aos homens uma proposta de salvação e de libertação, caminha sempre na presença desse Ressuscitado que lhe aparece de madrugada, lhe indica para que lado lançar as redes, e lhe oferece, para retemperar as forças, o pão e o peixe que ele mesmo preparou (cf. Jo 21,1-14).

## **OBJETIVOS**

- Aprofundar a ideia de que, ao longo da sua caminhada pela história, a comunidade dos discípulos é alimentada pela Palavra de Deus e pelo Pão descido do céu para dar a Vida ao mundo.
- Perceber em que sentido essa Palavra e esse Pão edificam a Igreja e ajudam os discípulos na caminhada.
- Descobrir a importância de participar na celebração eucarística, de escutar essa Palavra e de receber esse Pão.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Esta sessão de catequese centraliza-se na importância da Palavra de Deus, do Pão de Jesus Cristo e, portanto, na Eucaristia. O catequista deverá, ao longo da sessão, ter estas dimensões cristãs bem presentes e transmiti-las de forma viva e alegre. Não faz sentido um crente cristão viver à margem da Palavra que dá Vida, do Pão que alimenta e da celebração eucarística como plena comunhão, realizada sempre pela Palavra e pelo Pão recebidos. É certo que esta reflexão e este apelo tem estado presente na catequese das

crianças, de forma central, desde o Catecismo 1, e tal como se recorda na página 117 do catecismo. No entanto, parece sempre difícil, para as comunidades de fé, que as crianças participem, plena e constantemente, na chamada do Senhor a partilhar a Sua mesa. Assim, esta catequese, que tem uma estrutura simples e clara, deve ser precedida ou continuada por uma eucaristia preparada com estas crianças e para elas e as suas famílias (encontra-se um convite na página do catecismo anteriormente indicada). Para que a eucaristia pode ser vivida por todos como uma experiência de fé e compromisso com esta, e uma vez que estamos a chegar ao fim deste ano de catequese, deve ser antecedida por uma Reunião de Pais (onde se preparará, também, a catequese 29, de retiro, e a catequese 30, Celebração da Esperança) ou realizar-se antes da Reunião de Pais, tendo-se em atenção que se deve manter as crianças ocupadas com alguma atividade, durante esse tempo. Na Reunião de Pais facultar-se-á aos educadores uma catequese sobre a eucaristia.

2. A partir da riqueza desta específica experiência cristã, o catequista deve ajudar cada criança a redescobrir a importância da proximidade com a Palavra, do dom do Pão e do alimento eucarístico. Longe da Palavra, do Pão e da Eucaristia seremos como uma planta sem terra, sem água, sem sol – morreremos. É deste facto que o catequista conduzirá a criança a um compromisso, a uma alteração de hábitos ou atitudes porventura distantes desta vida cristã.
3. Neste sentido, o texto de Lc 24,13-35 é central e de crucial importância. Ler devagar esta passagem do Evangelho e retirar dela a experiência vivida destes discípulos e aproximá-las da nossa vida pessoal, ajudará as crianças a uma interiorização mais rica da Palavra do Evangelho e o despertar de uma verdadeira vontade de assumir uma nova atitude face à vida pessoal e comunitária.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Toalha branca;
- Duas velas grandes e bonitas;
- Fósforos;
- Um pão grande, inteiro, colocado num prato;
- Texto fotocopiado "Uma carta de Jesus para Ti" (é conveniente levar 2 ou 3 cópias a mais), (Cf. Documento 1); O texto poderá estar enrolado em forma de rolo, num papel bege, ou a imitar o papiro.

- Um pequeno envelope (pode usar-se envelopes de cores variadas), para cada criança, contendo um cartão, também colorido e bonito, com a frase: «*Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?*»  
(É conveniente levar 2 ou 3 envelopes a mais).

## MÚSICA

- "Não podemos caminhar".

### Preparação da sala:

- Dispor a **mesa** no centro da sala; cobri-la com uma bonita toalha branca, a modo de altar e colocar a Bíblia num suporte, o pão num prato bonito e vistoso e as vela, uma de cada lado da Bíblia, como símbolos centrais da sessão caquética.
- Se for possível dispor de espaços que permitam algum isolamento, dentro ou fora da sala, para o momento do preenchimento da "Uma carta de Jesus para ti"; se esta possibilidade não se verificar, as crianças poderão escrever sentadas à volta da mesa ou sentadas no chão, a uma certa distância umas das outras.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

### Alternativa

1. *A Experiência Humana que, fundamentalmente, se propõe, consiste em levar as crianças a participar, junto com as suas famílias, e tal como se refere nas Observações Pedagógicas, numa eucaristia preparada por estas e para estas (e que pode incluir todos os grupos do Catecismo 5). Se não for possível prepará-la **antes da catequese 27**, deverá realizar-se logo após esta catequese.*

*De qualquer modo, quando reunido com as crianças, neste encontro, o catequista começa por rever, com elas, essa Experiência central da vida cristã:*

- *como se fez a preparação, com que entusiasmo, com que cuidados...;*

- como se desenrolou a Eucaristia, quem participou;
- quais as leituras, que escutaram ao sr. Padre, nas explicações e indicações dadas na homilia (tanto na preparação como na reconstrução da Experiência, o catequista pode seguir com as crianças as explicações contidas nas páginas do Catecismo 3, sobre a eucaristia), que proposta de vida ele lhes fez;
- que experimentaram durante a liturgia eucarística; que cânticos escolheram e porquê; que orações recordam particularmente; quais são os momentos mais importantes, e porquê;
- que palavras usou o sr. Padre no envio final;

*Para enriquecer o diálogo, o catequista pode fornecer às crianças um pequeno guião da eucaristia em que estas encontram alguns espaços para preencher com anotações, ou perguntas, anotações e respostas estas que serão recuperadas e referidas durante a catequese.*

## 2º

### Alternativa

1. *Depois do acolhimento, o catequista propõe às crianças o seguinte diálogo: Sabeis que todos os seres vivos precisam de se alimentar, não é verdade? (Deixar as crianças exprimirem-se). É a alimentação que nos permite mantermo-nos vivos e de boa saúde. Os alimentos são compostos por nutrientes com diversas funções, tais como dar energia, construir os nossos músculos e ossos, regular a temperatura do corpo, etc. Já experimentastes fazer um esforço exigente – por exemplo, uma caminhada, ou um jogo de futebol – sem vos terdes alimentado bem? Será possível correr muito ou ser muito rápido? (Deixar as crianças exprimirem-se). Quando não comemos, às vezes até nos sentimos mal, fracos ... e se vamos para a escola sem tomar o pequeno-almoço, só nos apetece dormir!*

Há alguns dias, estive a ver na televisão uma etapa de uma corrida de ciclismo. Em dado momento, havia um corredor que tinha quase 20 minutos de vantagem em relação aos outros e que parecia ter tudo para ganhar a etapa. Mas, na parte final, começou a perder terreno e foi ultrapassado. Quando os outros corredores passaram por ele, as câmaras da televisão mostraram que havia uma grande diferença de andamento entre ele e os outros. Pouco depois de a corrida ter terminado, ouvi uma entrevista feita a

esse corredor. Perguntaram-lhe porque é que ele não tinha aguentado o ritmo e tinha sido ultrapassado por quase todos os outros... Ele respondeu: "Porque não me alimentei como devia, durante a etapa, e por isso não tive forças para manter um ritmo forte, que me permitisse vencer". É assim em tudo... Para caminhar, para fazer esforços, para vencer as dificuldades que a vida nos apresenta, precisamos de nos alimentar.

**O que esta realidade tem a ver com a nossa catequese de hoje?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Sabem, é que isto também é verdade no que diz respeito à caminhada que o Povo de Deus vai fazendo pela vida e pela história... Não podemos caminhar, não podemos enfrentar as dificuldades, não podemos cumprir os nossos objetivos, não podemos corresponder à missão que Deus nos confiou, se não nos alimentarmos convenientemente. Como sabes, não estou só a falar do pão, da carne, do peixe, dos vegetais, do leite que todos os dias comemos e bebemos; mas estou a falar de tudo aquilo que nos "alimenta", de tudo aquilo que nos dá vida, de tudo aquilo que nos dá esperança, de tudo aquilo que nos dá força para cumprirmos o nosso papel e a missão que Deus nos confiou.

Para compreendermos isto muito bem, para o sentirmos em nós, vamos (*escutar/cantar*) um **cântico** que fala disto mesmo. (*O catequista faz escutar o ensaia o cântico indicado:*)

**" Não podemos caminhar "**

*Após a escuta/ensaio do cântico, o catequista conclui:* Como cantámos, para os discípulos de Jesus, que somos nós, há dois alimentos muito importantes, que os sustentam e apoiam no caminho que eles todos os dias percorrem: a Palavra de Deus e o Pão que Jesus nos deixou.

## **II. PALAVRA**

1. Conta o evangelista Mateus (cf. **Mt 4,1-4**) que Jesus, pouco depois de ter sido batizado por João Baptista, no rio Jordão, esteve algum tempo no deserto, a preparar-se para a missão que ia desempenhar. Esteve sem comer quarenta dias; e, quando lhe foi proposto que transformasse as pedras em pão, para poder matar a fome, Ele respondeu: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4,4).

2. Nós vivemos da Palavra de Deus? A Palavra de Deus é pão que nos “alimenta”? O que vos parece? (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Sim, a Palavra de Deus alimenta-nos – quer dizer, faz aquilo que os alimentos fazem: dá-nos força para caminhar pela vida, sem desistirmos, sem perdermos o ritmo, sem nos irmos abaixo.

Quando Deus nos fala e nos diz que gosta de nós, sentimo-nos mais felizes, mais animados, com mais forças para trabalhar, para estudar, para cumprir a nossa missão no mundo; quando Deus nos fala e nos mostra como devemos viver e como devemos ser, sentimo-nos mais confiantes, mais capazes de encontrar o caminho para sermos felizes; quando Deus nos fala e nos mostra o que está bem e o que está mal, sentimo-nos com mais forças para fazer escolhas certas, e para vencer o egoísmo, a maldade, a violência ...

3. Conta o evangelista João (cf. **Jo 6**) um episódio que já haveis estudado muito bem no Catecismo 4, mas contado por Mateus (Mt 14, 13-21, na catequese 5) no ano passado, que, certa vez, Jesus andava com os seus discípulos pela Galileia (a região a norte do país de Jesus). Seguiam-nos muitas pessoas que gostavam de ouvir Jesus, que “tinham fome” das suas palavras e dos seus gestos de bondade e amor. A essa multidão, Jesus resolveu dar de comer; mas só havia cinco pães de cevada e dois peixes... Contudo, Jesus fez com que essa pouca comida se multiplicasse e chegasse para todos.

É claro, no dia seguinte, todas aquelas pessoas vieram, mais uma vez, ter com Jesus. Jesus disse-lhes: “Vós procurais-me porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que desaparece, mas pelo alimento que perdura e dá a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará” (Jo 6,26-27).

As pessoas estavam um bocado baralhadas e perguntavam qual seria esse “alimento” a que Jesus se referia... Sabeis de que “alimento” é que Jesus falava? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Pouco depois, Ele explicou:

(O catequista lê) **“Eu sou o pão vivo, o que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que eu hei de dar é a minha carne, pela vida do mundo. Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna e Eu hei de ressuscita-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue uma verdadeira bebida”** (Jo 6,51.53-55).

Pouco antes de morrer, naquela ceia de despedida que fez com os seus amigos, na véspera da sua morte, Jesus voltou a falar do mesmo tema... Pegou em pão e disse aos seus discípulos (*o catequista lê*):

**"Tomai e comei, isto é o meu corpo" (Mt 26,26); e, logo a seguir, pegou num cálice com vinho e disse: "Bebei todos dele. Porque este é o meu sangue, o sangue da aliança que vai ser derramado por todos, para a remissão dos pecados" (Mt 26,27-28).**

Aquele pão que é Corpo de Jesus, é a sua vida, as suas palavras, os seus gestos de bondade e de amor; aquele vinho que é o sangue derramado de Jesus, é o seu amor, esse amor que ele mostrou ao morrer por todos os homens e mulheres.

E sabeis o que significa "comer" a vida, as palavras e os gestos de Jesus? Sabeis o que significa "beber" o seu amor, esse amor que Ele mostrou ao morrer por nós? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Significa acolher no nosso coração, no nosso interior essa Vida que Ele viveu, esse amor que o animou e que Ele mostrou ao morrer por nós...

Acolhê-los dentro do nosso coração, para quê? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Para vivermos essa Vida e esse amor nos nossos gestos de todos os dias – com os nossos pais, com os nossos irmãos, com os nossos amigos, e com todas as pessoas que caminham connosco na vida. Quem acolhe esta Vida dentro do seu coração e vive como Jesus propôs, nunca morrerá: terá Vida para sempre.

É esta Vida que Jesus nos deixou – no pão e no vinho que são o seu Corpo e o seu sangue – que nos "alimenta", que nos dá força para vivermos bem e para termos gestos de bondade e de amor.

Nós recebemos este "alimento" sempre que nos reunimos para celebrar a Eucaristia, não é verdade? (*Deixar as crianças exprimirem-se e partilharem a sua experiência de participação na eucaristia*).

*O catequista prossegue:*

Há, no Novo Testamento, uma história muito bonita que mostra como os discípulos de Jesus que caminham pelo mundo e pela vida são alimentados pela Palavra de Deus e pelo Pão de Jesus (cf. **Lc 24,13-35**) É o mesmo texto que nós lemos logo na primeira catequese do Catecismo 4, para recordarmos em nome de quem e porquê nos reunimos, nós, os cristãos, nós, os que estamos na catequese: «Em nome de Cristo»!, tal como se chama essa catequese: porque vimos à catequese em nome de Cristo, chamados por

Ele, com vontade de O seguir e para sermos suas testemunhas! Agora, como já passou muito tempo desde esse dia, vamos escutar essa palavra e aprofundar, com o coração e a inteligência, o que ela nos diz. Pois muita atenção!

*Depois de todos estarem de pé e preparados para fazer a leitura, o catequista lê em voz alta, pausadamente, destacando os vários episódios do relato com breves silêncios:*

*Catequista*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho de Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera.**

**Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer.**

**Disse-lhes Ele:**

**«Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!»**

**Perguntou-lhes Ele: «Que foi?»**

**Responderam-lhe: «o que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos-sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e crucificado.**

**Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto,**

**já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas.**

**É verdade**

**que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados,**

porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que ele vivia.

Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito.

Mas, a ele, não o viram».

Jesus disse-lhes, então:

«Ó homens sem inteligência

e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram!

Não tinha o Messias que sofrer essas coisas para entrar na sua glória?

E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito.

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam,

fez menção de seguir para diante.

Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo:

«Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso».

Entrou par ficar com eles.

E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.

Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas ele desapareceu da sua presença.

Disseram, então, um ao outro:

«Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, que lhes disseram:

«Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!»

E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir do pão.

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

4. Leram com muita atenção, não foi? Como é que estes discípulos de Jesus se sentiam depois de terem deixado Jerusalém, a caminho de Emaús? *(Deixar as*

*crianças exprimirem-se*). É verdade. Estavam tristes e desanimados, como se tivessem perdido tudo... Já não tinham vontade de continuar. Eles pensavam que Jesus ia fazer coisas muito bonitas, ia fazer nascer um mundo novo, mas Jesus tinha sido preso e morto. Eles sentiam-se como nós nos sentimos quando a vida nos corre mal, quando temos desilusões, quando perdemos a esperança, quando estamos a sofrer e parece que já não temos forças para fazer mais nada...

Entretanto, sem eles se aperceberem, Jesus apareceu ao lado deles e começou a caminhar com eles. E que é que Jesus fez, para lhes dar ânimo, para lhes dar força, para os fazer vencer a tristeza? (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Sim, foi isso mesmo... Explicou-lhes a Palavra de Deus, os projetos de Deus para o mundo e para a humanidade. E eles sentiram o seu coração ficar animado, cheio de esperança, cheios de alegria, era como se os corações deles estivessem a ... (*Deixar as crianças exprimirem-se*). ... a "arder", dirão eles depois. É isso que a **Palavra de Deus** que nós ouvimos - que Jesus nos apresenta e nos faz ouvir todos os Domingos - faz (*o catequista sugere às crianças que sigam pelo texto registado no espaço da catequese 27 da Barra Cronológica*):

- anima,
- conforta,
- dá esperança,
- dá alegria,
- dá entusiasmo,
- dá forças para caminhar.

*Depois, o catequista prossegue:*

Apesar de a Palavra de Deus - que Jesus lhes apresentou e explicou - os ter animado, ainda faltava qualquer coisa, qualquer coisa que eles só encontraram quando se sentaram à mesa... (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Faltava-lhes encontrar Jesus, faltava-lhes receber Vida de Jesus, faltava-lhes receber esse Pão que dá Vida e com o qual Jesus nos alimenta na nossa caminhada. Quando Jesus lhes deu esse Pão, tudo se tornou mais claro, tudo fez sentido. Eles perceberam que Jesus estava com eles, que os acompanhava sempre, que Ele nunca desistia de lhes dar Vida. Os seus corações ficaram cheios de força e de entusiasmo, como nós nos sentimos quando nos acontece uma coisa muito boa, uma coisa que nos faz muito felizes... E esses homens cansados pela caminhada daquele dia, não quiseram

mais saber do descanso, não ficaram com medo da noite que já tinha caído: voltaram para trás, cheios de força, a dizer a todos os outros que Jesus estava vivo, que estava com eles e que não tinha deixado de lhes oferecer Vida.

5. A história dos discípulos de Emaús, é uma história muito bonita, não é verdade? *(Deixar as crianças exprimirem-se; depois, o catequista sugere que as crianças continuem a seguir a escuta das conclusões através do texto registado na Barra Cronológica e prossegue:)*

Mostra-nos que a escuta da Palavra de Deus e a **partilha do Pão** que Jesus oferece permite aos seus discípulos vencer o desânimo, a desilusão, o cansaço, o medo; e permite-lhes sentirem-se sempre cheios de Vida, de confiança, de alegria, de forças, de vontade de caminhar e de anunciar a presença de Jesus no mundo e no caminho dos homens.

6. Antes de nos prepararmos para a nossa oração de hoje, queria que me lembrásseis de algo importante! Sabeis que **os discípulos de Jesus se reúnem todos os Domingos**, não é verdade? Foi por isso, também que nós fomos/iremos à Missa todos juntos, no dia ... *(indicar o dia)*.

O que é que eles fazem, o que é que nós fazemos, quando nos reunimos para a celebração da Eucaristia? *(Deixar as crianças exprimirem-se)*. Fazem a mesma experiência dos discípulos de Emaús: ouvem a proclamação da Palavra de Deus e a sua explicação e "sentam-se à mesa" com Jesus para receberem esse Pão que Jesus deixou e que lhes dá Vida.

É aí – na Missa – que a comunidade dos discípulos de Jesus encontra, juntos, estes dois "alimentos" que dão Vida: a Palavra de Deus e o Pão de Jesus. Depois de os receberem, os discípulos de Jesus sentem-se mais unidos a Jesus, sentem-se mais fortes, com mais entusiasmo, com mais esperança, com mais forças para viver e para fazer coisas boas (para amar os outros, para os ajudar, para os servir, para lhes perdoar, para construírem um mundo de justiça e de paz).

**E nós? O que esta passagem tem a ver connosco? Vamos pensar em conjunto.** *Em seguida, num momento de reflexão pessoal, o catequista entrega a todos, incluindo-se a si, o documento: "Uma Carta de Jesus para ti" (Cf. Documento 1). Trata-se de um conjunto de questões de reflexão para o grupo, como se fosse Jesus a querer conversar com todos os que*

*estão ali. Estas questões decorrem do texto de Lucas que acabaram de escutar. O catequista alertará o grupo que esta carta é individual e que ninguém lerá o que lá está escrito, a não ser que queiram partilhar. As respostas deverão ser sucintas, só para deixar a ideia principal escrita, presente. No final do preenchimento, o catequista poderá perguntar se alguma criança quer partilhar algo do que tenha escrito. O catequista conhece o grupo e nesse sentido ele mesmo fará a melhor gestão deste momento. No final, havendo ou não partilha, é fundamental que o catequista deixe dois minutos para cada um falar com Jesus, em silêncio, agradecendo-Lhe a carta e confiando-lhe as respostas dadas.*

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

- 1.** É muito importante participar na Eucaristia, aos Domingos, com todos os outros amigos de Jesus, não é? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). É que é aí que recebemos o alimento que nos dá Vida, Vida verdadeira, Vida eterna, Vida que vale a pena; é aí que nós encontramos a força para caminharmos pelo mundo, para fazermos o bem, para sermos verdadeiras testemunhas de Jesus.

**O que é importante e o que nos faz sentir próximos de Jesus, Eucaristia?**  
(*Deixar todas as crianças exprimirem-se e levá-las a integrar o essencial*).

*O catequista faz uma pequena síntese da importância da Palavra de Deus, do alimento que é o Pão e da comunhão que todos vivemos na Eucaristia e prossegue:* Por isto mesmo, temos fazer Festa, Dar Graças e dizer a Jesus que nós também queremos prometer estar sempre com Ele e que não O vamos deixar só, à nossa espera. Vamos cantar o **cântico** que já conhecemos:

**"Não podemos caminhar".**

*Depois de o catequista distribuir as folhas com a oração, em dois coros, recitam:*

**Coro 1** (meninas) - Bendito, bendito sejas, Cristo meu Senhor, pela Eucaristia. És força no caminhar, luz no entardecer, estrela que nos guia.

**Coro 2** (meninos) - A Ti vão matar a sede, fonte de água viva, para a vida eterna.

Os pobres e oprimidos encontram em Cristo a sua cisterna.

**Coro 1** - Quem bebe de qualquer fonte sempre terá sede no seu caminhar.  
Quem bebe de Jesus Cristo, torna-se nascente para sempre a jorrar.

**Coro 2** - Bendito, bendito sejas, pastor que nos levas às águas da vida.  
Abristes o coração, dele saiu a Igreja, nossa mãe querida.

**Coro 1** - Vós todos que tendes sede, vinde às águas puras, mesmo sem pagar.

Jesus quis morrer na cruz para todo o homem de graça salvar.

**Coro 2** - Bendito, bendito sejas, rocha do deserto, salvação do povo.  
Que a nossa Eucaristia dê frutos de vida, frutos de amor novo.

### **Criança:**

Senhor Jesus Cristo,  
Tu és o Pão que vivifica,  
Tu és o Pão que nos faz irmãos,  
Tu és o Pão que nos dá o Pai.  
Tu és o Caminho que nós escolhemos,  
Tu és o Caminho que conduz através do sofrimento,  
Tu és o Caminho que conduz à alegria.  
É digno e justo dar-Te graças, louvar-Te,  
bendizer-Te e adorar-Te  
em toda a terra.

*Terminam cantando o cântico:*

**"Não podemos caminhar".**

## **2. Compromisso:**

*O catequista, no fim, entrega a cada criança um pequeno envelope, agora enviado pelos discípulos de Emaús, onde estão escritas as palavras deles:*

**«Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»**

*Depois, conclui:*

Vamos levar connosco estas palavras, que também encontramos no nosso catecismo (página 114) para que fiquem registadas no coração e na nossa inteligência. Com a inspiração destas palavras, que vamos reler ao longo da semana, seremos capazes de concluir o texto da catequese 27, na nossa **Barra Cronológica**: para que é que a Palavra me dá forças ... o que é que o

Pão que Jesus repartiu no meu caminho me oferece? Cada um vai responder e registrar, para não mais o esquecer e o por em prática, cada dia.

E, naturalmente, o compromisso mais importante, não só para esta semana, como para toda a nossa vida, é a de participarmos na eucaristia. Para vivermos como Jesus nos pede, precisamos da Sua ajuda e da Sua presença ... somos um bocadinho fraquinhos, fazemos disparates, esquecemos o que é mais importante, mas na eucaristia Jesus fortalece-nos e ilumina-nos. Precisamos de Jesus, precisamos de viver unidos a Ele!

*Se possível, o catequista convida as crianças a participarem, regularmente, juntamente com ele/ela, numa eucaristia de um determinado horário e local de culto, procurando que o façam em conjunto e se unam e se animem a crescer na fé e a trazer consigo as suas famílias e amigos.*

### ***Para guardar na memória e no coração***

Na Eucaristia, alimento-me da Palavra e do Pão de Jesus. Nesse momento, sinto arder o meu coração, e ele torna-se fonte de vida, fortaleza, comunhão, testemunho e solidariedade.

**DOCUMENTO 1**

*De Jesus Cristo*

*Olá ... N... (nome de cada criança)!*

*Como estás? Feliz por estares aqui, hoje, a falar de Mim e Comigo?*

*Quando foi a última vez que falaste sobre Mim com alguém?*

*Já le sentiste triste, com a sensação que Eu te tinha esquecido, de que Eu não estava ali contigo? Quando foi isso?*

*Apesar deste sentimento, tu acreditas em Mim e na Minha Ressurreição e que Eu prometi estar sempre convosco até ao fim dos tempos!*

*Já alguma vez Me pediste para ficar contigo, bem pertinho de ti? Quando?*

*Já sentiste uma alegria enorme no teu coração, difícil de explicar, com a Minha presença? Nomeia a mais especial.*

*Gostarias de ser como estes Meus discípulos, com o coração a arder, com uma vontade enorme de falar sobre Mim, de estar bem pertinho de Mim na Eucaristia? Então o que pensas que te falta fazer? Queres dizer-Me, hoje, algo importante?*

*Eu estarei sempre contigo!*

## TU CAMINHAS CONNOSCO, SENHOR!

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. "Nestes tempos que são os últimos" (Heb 1,2),

Deus falou-nos por meio do seu Filho e apresentou à humanidade o seu plano de Vida e de salvação. E Jesus, o Filho que Deus enviou ao nosso encontro, cumprindo integralmente o projeto do Pai, fez-se pessoa humana, caminhou no meio dos homens, falou-lhes com palavras humanas e mostrou-nos, com a sua vida e a sua morte por amor, a proposta de Deus. Do anúncio feito por Jesus nasceu uma comunidade de discípulos, a quem Jesus, no momento de regressar para junto do Pai, encarregou de continuarem a sua obra e de darem testemunho, no tempo e na história, desse projeto salvador de Deus... Quando Jesus os deixou para reentrar na comunhão do Pai, os discípulos ficaram a olhar para o céu, como se tivessem dificuldade em encarar o mundo e em construir a história sem a presença constante e visível de Jesus... Mas rapidamente perceberam que tinham de continuar a caminhar, com os pés bem assentes na terra, lutando para que o projeto de Vida proposto por Jesus se tornasse uma realidade na história do mundo e dos homens. Deixando de lado os seus medos e inseguranças, eles partiram ao encontro do mundo a levar a todos os homens e mulheres a Boa Nova que receberam de Jesus.

Há mais de dois mil anos que esta bela aventura continua, "entre cansaços e esperanças", entre sombras e luzes, entre lágrimas e sorrisos, entre desilusões e entusiasmos... Por vezes, o caminho torna-se mais íngreme e mais lento, e os discípulos de Jesus interrogam-se sobre o sentido da sua luta e da sua caminhada; outras vezes, tudo parece mais claro e luminoso, e a presença amorosa de Deus é palpável.

O último livro da Bíblia, o livro do "Apocalipse", constitui uma reflexão sobre esse caminho que a Igreja de Jesus percorre, no tempo e na história. Tendo

como cenário de fundo um acontecimento histórico concreto – a primeira grande perseguição organizada contra os cristãos, no tempo do imperador Domiciano, por volta do ano 95 – o autor deste escrito apresenta, recorrendo à linguagem dos símbolos, uma reflexão profética sobre a história humana (uma história que, na perspectiva dos crentes, conta sempre com a presença paternal de Deus), e tira conclusões que nos permitem encarar com esperança esse caminho que somos chamados, todos os dias, a percorrer.

Quais são, na perspectiva desse “profeta” chamado João (o autor do livro do Apocalipse) as grandes coordenadas dessa história que a comunidade de Jesus todos os dias percorre?

## **2. A presença vencedora de Jesus Cristo**

Logo no início do livro (cf. Ap 1,9-20), o autor apresenta Jesus Cristo Ressuscitado, “o Primeiro e o Último”, aquele que esteve morto mas está vivo pelos séculos dos séculos, que tem “as chaves da Morte e do Abismo”. Portanto, Ele é o Senhor da História, que preside aos destinos do mundo. Nem a morte nem o mal têm qualquer poder sobre Ele.

Nele reside a plenitude da divindade (“a sua cabeça e os seus cabelos eram brancos, como a brancura da lã e da neve”; “o seu rosto era como o sol resplandecente em toda a sua força”); por isso, Ele é digno de toda a confiança.

Ele é, ainda, o sacerdote (“estava vestido com uma túnica comprida, até aos pés”) e o rei cheio de poder (“cingido com um cinto de ouro em torno do peito”), que preside à sua Igreja (“tinha na sua mão direita sete estrelas”). Conhece a Igreja por dentro e por fora (os seus olhos eram como chamas de fogo”), fala à Igreja com autoridade divina (“a sua voz era como o rumor de águas caudalosas”) e a sua Palavra chega aos corações sem que ninguém a consiga calar (“da sua boca saía uma espada de dois gumes”). Ele dá firmeza à sua Igreja (“os seus pés assemelhavam-se ao bronze incandescente numa forja”), conserva-a na sua mão, sustenta a sua marcha pela história, conforta-a e assegura-lhe um destino de Vida.

Ao longo do livro, o autor apresenta Jesus Cristo com outras imagens... Ele é, por exemplo, “o Cordeiro” que tem nas mãos “o livro” onde se narra a história da salvação (cf. Ap 5), ou “o cavaleiro” montado num cavalo branco a quem foi dada uma coroa e que parte sempre vencedor para novas vitórias (cf. Ap 6,2). Mas, todas elas apontam no mesmo sentido: Jesus Cristo Ressuscitado, o Senhor da história, está presente neste caminho que todos os dias percorremos, lutando ao lado dos seus e ajudando-os a caminhar ao encontro

de um destino de Vida. Ele preside à sua Igreja, protege-a, caminha no meio dela, conforta-a, condu-la a um destino feliz de Vida e de glória.

A primeira grande certeza que temos, ao contemplar com olhar crente a história da salvação, é esta: **Cristo é o Senhor que preside à história dos homens**. Ao ir para junto do Pai, Ele não abandonou os seus; mas continua envolvido connosco, caminhando e lutando ao nosso lado, como presença Viva e reconfortante, apontando-nos os caminhos através dos quais podemos chegar à Vida.

### 3. A presença do mal no caminho dos homens

E o mal que todos os dias nos atinge, que nos magoa e desfeia o mundo? É uma ilusão? Não, não é uma ilusão. É uma realidade – uma triste realidade – com a qual os seres humanos todos os dias se defrontam.

Ao olhar à sua volta, o autor do livro do Apocalipse identifica a presença, na história humana, da guerra, da violência, das quais resultam injustiça e sangue derramado (o “cavalo vermelho” – cf. Ap 6,3-4); da fome e da miséria, que obrigam tantos homens e mulheres a passar necessidades (o “cavalo negro” – cf. Ap 6,5-6); da doença e da morte que provocam dores e lágrimas em todos os cantos da terra (o “cavalo esverdeado” – cf. Ap 6,7-8). E vê finalmente, para além de tudo, o sofrimento dos “santos”, dos que pertencem a Cristo e o anunciam, mas que muitas vezes são torturados e martirizados por causa da sua fé e do seu testemunho (cf. Ap 6,9-11).

Em muitos momentos da história dos homens, a violência e a maldade atingem graus absolutamente dramáticos... Os sistemas políticos e económicos – que se apoiam em doutrinas egoístas, violentas, geradoras de opressão e de exclusão – condenam à escravidão e à morte muitos milhões de pessoas. Esses sistemas são o rosto vivo do “mal”. No seu tempo, o autor conhece as injustiças e arbitrariedades cometidas pelo imperialismo romano (o autor chama-lhe, entre outras coisas, “a Besta” – cf. Ap 13; “a grande prostituta” – cf. Ap 17; e “a Babilónia” – cf. Ap 18); mas ele sabe que, no tempo e na história, não deixarão de suceder-se outras “instituições” que erigem a violência e a maldade como forma de vida, aumentando assim no mundo o imenso cortejo de sofrimento, de miséria e de morte. E sabe que, inevitavelmente, a intolerância e a violência se dirigirão contra todos aqueles que não se conformam com esse estado de coisas, que propõem uma nova ordem, um novo dinamismo, uma lógica diferente. Os seguidores de Cristo propõem uma lógica diferente e outros valores; logo, serão perseguidos e humilhados por todos os poderes de morte, interessados em escravizar os homens.

A maldade, o orgulho, o egoísmo, o pecado acompanham sempre a história humana. Esse "mal" resulta, por um lado, da liberdade do homem; e, por outro, da fragilidade e debilidade que estão associadas à nossa condição humana. Em qualquer caso, o mal desumaniza a história, profana-a, afasta-a do projeto original de Deus.

Os discípulos de Jesus não estão livres desse mal que invade a história e desfeia o mundo; mas eles sabem que a sua missão é combater as forças da morte que se opõem à vida e à salvação que Deus quer oferecer a todos os homens e mulheres. Nessa luta – diz-nos o "profeta" que nos ofereceu o livro do "Apocalipse" – não estamos sozinhos, abandonados à nossa sorte. Deus, através do "Cordeiro" que venceu o pecado e a morte, combate do nosso lado.

O campo de batalha onde se defrontam estas duas forças – as de Deus, que quer salvar e libertar; e as do mal, que escravizam e oprimem – é o mundo e o coração do homem. É um combate sem quartel, que todos os dias recomeça e que nunca está definitivamente vencido.

A grande notícia que o "profeta" dá aos crentes a quem destina a sua mensagem de consolação e esperança, é esta: Deus não fica de braços cruzados enquanto os seus filhos sofrem... As forças de Deus e do Cordeiro combatem decididamente o mal, a fim de reconduzir o mundo e a história ao projeto original de Deus.

A Igreja está envolvida neste combate... No livro do "Apocalipse", a Igreja é apresentada como uma "mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça" (cf. Ap 12,1). Essa "mulher" está para dar à luz; mas o "dragão" persegue-a e quer destruí-la, a ela e ao filho que vai nascer (cf. Ap 12,3-6). Representa-se, desta forma, a comunidade cristã, que todos os dias faz nascer Jesus no mundo e na vida dos homens, mas que o mal procura vencer e silenciar, porque não está interessado na salvação que Deus oferece pelo seu Filho. Contudo, o "dragão" não consegue os seus objetivos, pois Deus guarda essa "mulher", esconde-a, protege-a e salva-a ("à mulher foram dadas duas asas de água real, a fim de voar para o seu refúgio, no deserto" – Ap 12,14).

O resultado final deste "combate" é a vitória de Deus e daqueles que estão do lado de Deus (cf. Ap 18-19). Trata-se de uma vitória em toda a linha, que se traduzirá no aniquilamento definitivo das forças que escravizam e destroem os homens. Dessa vitória resultará uma ordem nova, uma nova realidade, "um novo céu e nova terra" (cf. Ap 21,1-22,5).

O autor do livro do "Apocalipse" não pretende descrever factos concretos que irão acontecer neste ou naquele momento da história humana; mas está

a apresentar a sua reflexão de crente sobre as grandes linhas desse caminho que a humanidade percorre todos os dias sob a égide de Deus.

Com um olhar realista, ele vê a situação “atual” do mundo (que é sempre a mesma, sejam quais foram as circunstâncias concretas de cada época histórica) e descreve-a (recorrendo à linguagem simbólica): o mal está lá, no caminho dos homens, e apresenta-se como guerra, violência, fome, miséria, doença, morte... Esse mal procura tomar conta do mundo e dos corações dos seres humanos. Os crentes – que pela sua postura e valores contestam o egoísmo e o pecado – são especialmente odiados e perseguidos, pagando com a própria vida o seu testemunho e ousadia profética.

Contudo, seja qual for o poder do mal, os crentes não estão sozinhos nesse caminho e nessa luta... Deus está com eles, acompanha-os a cada passo, luta com eles contra as forças da opressão e da morte, protege-os e guarda-os. Jesus Cristo, o vencedor do pecado e da morte, acompanha a sua comunidade e não deixa que ela seja derrotada. A vitória final será sempre de Deus e daqueles que escolheram fazer parte da família de Deus.

Os discípulos de Jesus, cientes da presença de Deus ao lado deles, caminham na esperança, fiéis ao projeto de Jesus, sem se deixarem abater ou desanimar. As forças do mal podem persegui-los, podem caluniá-los, podem prendê-los e até matá-los; mas nunca conseguirão roubar-lhes a Vida definitiva, essa Vida que está sempre no horizonte dos que escolheram fazer parte da família de Deus.

## **OBJETIVOS**

- Perceber que os discípulos de Jesus não estão sozinhos no seu caminho pela história: Deus acompanha-os, oferecendo-lhes a cada passo a Vida e a salvação.
- Perceber que o mal que encontramos no caminho, esse mal que nos magoa e faz sofrer, não é a última palavra, nem deve condicionar as nossas escolhas e opções.
- Aprender a olhar o mundo e a vida com a esperança que vem da presença de Deus na nossa vida e da certeza da nossa vitória sobre o mal.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Nesta catequese, e porque já estamos numa fase final do ano pastoral, em que os principais temas já foram abordados, é muito importante pedir ao grupo que valorize a sua capacidade de ser testemunha de Jesus e continuar a motivar cada criança para o anúncio do Evangelho. É mais fácil falar do que

deve ser, em termos abstratos, uma vida cristã mas, aproveitando o imenso interesse que as crianças desta idade colocam na ação, todas as experiências que fazem deles anunciadores da Boa Nova, têm um grande valor pedagógico. Por outro lado, é a mudança do coração – conversão – que permite uma escolha mais constante do bem mas também é praticando o bem que se descobre a felicidade e o entusiasmo da vida boa e se ganha a força necessária para enfrentar as dificuldades futuras. Essa conversão foi, neste catecismo, uma proposta constante, a partir dos testemunhos que os vários autores bíblicos foram dando do caminho do Povo de Deus, tantas vezes convidado por Deus ao bem e à reconciliação com o seu Criador, tantas vezes ingrato e perdido, tantas vezes arrependido. Resta preparar as crianças para a prática, deixar nelas este fundamental desejo de superação e de arrependimento perante o pecado. Para isso, a Experiência Humana vai levar as crianças a rever todos os passos do caminho que foi feito, em conjunto, à procura do Deus Uno e Trino, que as ama e as conduz na sua vida, cheia de fé.

2. Assim, culminando um processo, um caminho, que está inscrito na Barra Cronológica das crianças, catequese a catequese, e de um modo cada vez mais visível, a partir do início da Quaresma, esta catequese pretende fazer evoluir as crianças na sua prática de discípulos de Jesus e procura ensiná-los a contar com a Sua ajuda e com o Seu apoio, condição essencial para que, com um mundo interior em grande ebulição e crescimento, e num mundo exterior em plena transformação e crise, se possam erguer vitoriosas, esperançosas, libertas, capazes de viver a caridade de forma plena e radical. Não é preciso esperar pela adolescência nem pela idade adulta: é agora que se constrói um discípulo, um crente, um convertido, alguém que se arrepende quando peca e que trabalha pelo sonho, possível, de um mundo melhor.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Imagens representando cenas de guerras, violência, fome, pobreza, exploração de crianças...
- Dísticos: *"Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos."*  
*"A sua Ressurreição é uma vitória sobre o mal e sobre a morte."*
- Poster: *"Não vos deixarei órfãos; eu voltarei a vós!  
Ainda um pouco e o mundo já não me verá;  
vós é que me vereis, pois eu vivo e vós também haveis de viver".*

## MÚSICA

- "Nada temo".

### III - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

#### Preparação da sala:

Na **mesa**: a Bíblia e uma vela grande e bonita, apagada. Fósforos para a aceder. O **placar** está vazio.

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *Depois do acolhimento, catequista inicia a catequese propondo que se recorde e recapitule a catequese anterior, referindo adequadamente – como ponto de partida para essa catequese ou como culminar da mesma, qual tenha sido a escolha do catequista – a eucaristia em que todos participaram: Na última catequese falámos daquele Pão que nos transmite a força que todos nós necessitamos para ser bons cristãos, pessoas empenhadas num mundo melhor e que ainda nos socorre quando necessitamos ultrapassar as dificuldades da nossa vida, as situações complicadas que fazem parte do quotidiano de cada um de nós. Aquelas que temos que resolver na escola, em casa, com os amigos, vizinhos e familiares e os grandes problemas que nos são dados a conhecer através da comunicação social.*

*Continuando a sua conversa com o grupo, o catequista, dando espaço ao diálogo, aguarda o relato de alguma situação pessoal, o conhecimento de um problema ou o relato de alguma notícia que seja preocupante para as crianças. Se as crianças tiverem dificuldade em apresentar alguma situação de dificuldade ou de conflito, o catequista convida-as para observarem as fotos que mostram dificuldade e/ou sofrimento no seu catecismo, reunidas na página 116. Como complemento, o catequista pode mostrar, ainda, imagens de situações recentemente referidas na comunicação social e que podem ir passando de mão em mão, nuns momentos de silêncio. Depois, o catequista continua, com realismo mas sem morbidez:*

Todos os dias ouvimos notícias que nos assustam e entristecem, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Ligamos a televisão e vemos imagens que nos arrepiam e chocam... notícias de guerras, de violências, de mortes, causadas por atentados terroristas; outras, são notícias de fome, de pobreza,

de miséria, de doenças ainda sem cura; outras, ainda, são notícias de crises, de desemprego, de exploração de crianças, ...

*O catequista deve estar atento às reações das crianças, para as fazer pensar nestes problemas sem as assustar desnecessariamente e sem as fazer sofrer por aquilo que as toca diretamente: Percebemos, ao ver isto, que não é fácil, para a humanidade, caminhar, ir em frente, olhar para o futuro com alegria e confiança: o mal está presente no nosso mundo, estraga o nosso mundo e faz sofrer muitos homens e mulheres, muitas crianças. E tudo isto preocupa-nos, faz-nos ter medo do futuro, faz-nos perder a esperança.*

Por vezes, esse "mal" atinge pessoas boas, pessoas que fazem o bem, pessoas que querem construir um mundo melhor e mais bonito... Nós este ano, fomos fazendo esta descoberta... já na nossa vida, mesmo vós, que ainda sois crianças, sois surpreendidas pela dor e o sofrimento. Não percebemos porque é que o sofrimento nos atinge e às pessoas que nós amamos ... É sempre terrível descobrir uma doença grave numa criança pequena, que não faz mal a ninguém ... ou o isolamento de um velho, que toda a sua vida foi bom para os outros ... ou, simplesmente, quando a bomba de uma guerra incompreensível cai sobre uma escola, uma fábrica, uma igreja ... Não percebemos.

Mas nós, este ano, fizemos um caminho que nos ajuda a perceber melhor como, apesar de todas estas confusões, o Senhor, nosso Deus, está connosco na história, amando-nos, querendo a nossa felicidade, dando-nos toda a ajuda que precisamos para nos salvarmos e para ficarmos com Ele por toda a eternidade, sempre bem-aventurados ...

*De seguida, para situar a temática deste encontro, o catequista apresenta às crianças o percurso que foi feito ao longo do ano. Em sendo possível, e seguindo as imagens e legendas que se encontram nas páginas indicadas, procura que as crianças se envolvam na recuperação deste percurso:*

Para vós verdes bem o caminho que fizemos com o Senhor, peço-vos para abrirem o catecismo na página 126 e 127: ainda não chegámos aí, mas não tem importância! Assim já estamos a preparar a nossa Celebração.

Ora vejam, estão lá todas as catequeses que tivemos: como descobrimos que Deus tem um projeto para a humanidade (catequese 1), como Ele criou para nós um mundo bom e bonito (catequese 2), como criou o ser humano

para viver nesse mundo (catequese 3) e, depois, como Deus criou tudo o que era bom, mas não criou o mal, nem o sofrimento ou a dor, que resultam simplesmente do pecado, do facto de as pessoas não escutarem Deus nem quererem obedecer-lhe (catequese 4).

Depois, descobrimos, tal como o título do nosso catecismo indica, que Deus nos fez seu Povo, uma nação santa, reino de sacerdotes, incumbido da tarefa de mostrar ao mundo qual é o único caminho para a felicidade e a salvação (catequese 5): acolher a Deus no nosso coração e ser dócil à sua ação e à sua palavra, que é vida eterna. De seguida, e durante algumas catequeses, caminhámos com esse Povo, não na atualidade, mas na História, para percebermos como é que o Povo chegou à Terra que Deus lhe prometera: com Abraão, pai do Povo de Deus (catequese 6), com José, que era sábio e bom e tinha a força de quem é capaz de perdoar (catequese 7), os colaboradores que Deus escolheu (catequese 8), para o ajudarem a orientar o Povo e a mais especial colaboradora da história da Salvação, Maria, mãe de Deus e nossa mãe (catequese 9).

No Natal (catequese 10) celebrámos o nascimento do Salvador, Jesus e nas seguintes (catequese 11) descobrimos como Deus intervém no nosso mundo, como Ele liberta o seu Povo da escravidão (catequese 12), porque é um Deus da comunhão e da aliança (catequese 13), que nos convida a amar. Este Deus permanece connosco mesmo quando tudo nos parece correr mal (catequese 14), cuidando de nós e reinando sobre o seu Povo (catequese 15) através dos bons líderes e comunicando connosco através dos seus intérpretes (catequese 16). Estas catequeses (14 a 16 e seguintes, até à 20), foram muito importantes porque nós, que estávamos a preparar a Páscoa, na Quaresma, fomos vendo melhor que aquilo que aconteceu ao Povo de Deus, nos diz, diretamente, respeito.

*O catequista mostra às crianças as inscrições da **Barra Cronológica**, da catequese 14 a 25 conforme vai indicando: Como Deus nos convida a uma mudança de vida, uma Missão que Deus nos confia, de sermos Profetas, de continuarmos a obra de Jesus, de com o Espírito Santo nos tornarmos pessoas novas, de construirmos, em nome de Deus, um mundo melhor. Acompanhámos também o convite que Deus faz à conversão (catequese 17), como Ele age para renovar o seu Povo («Convertei-vos e vivei», lemos na catequese 18), como brilha na humildade ... (catequese 19), o que é uma descoberta maravilhosa porque se nós somos pequenos e um bocadinho incapazes, ainda assim somos úteis a Deus e ao mundo!*

E na catequese 20 Celebrámos Cristo, nossa Páscoa e fomos aprendendo a descobri-Lo vivo entre nós: Deus ressuscitou Jesus (catequese 21), e Jesus mostra-nos o caminho para o seu Pai. Dessa ressurreição vem uma nova Vida, com letra grande (catequese 22), uma Vida de fé, que tudo cura e transforma. Assim, sabendo todas estas coisas maravilhosas, já sois muito sábios!

Agora, trata-se de espalhar a boa notícia, de ensinar a Boa Nova: Cristo ressuscitou e tudo o que Deus nos prometera, aconteceu! (catequese 23) Nós, apesar de fracos e limitados, humildes e sem grande valor, também estamos destinados a voltar para Deus, que nos criou. Mas, tudo isto é-nos possível – a nossa conversão, a construção do Reino de Deus, de um mundo bom e justo – porque Jesus não nos deixou sozinhos: ficámos cheios do Espírito Santo (catequese 24) e somos Corpo de Cristo na Igreja que Ele fundou (catequese 25). E como a fundou? Fazendo-a nascer da água do nosso batismo, da água que limpa e cura, que nos livra do pecado (catequese 26) e a partir da qual nós trabalhamos pela justiça e pelo amor.

Mas, a Igreja, e cada um de nós, ficaria fraquinha e desamparada se não se alimentasse (catequese 27) da Palavra e do Pão, isto é, da eucaristia. Queremos sentir aquele ardor no nosso coração, não queremos, ao escutar sempre a Palavra? Vós já tendes uma bonita experiência disso, pois há um ano, na Celebração da Palavra, vos haveis comprometido a ler a Bíblia pela vossa vida fora e nas férias haveis continuado a lê-la, com a ajuda da vossa Agenda. E, depois, aqui na catequese e em casa, haveis persistido nessa leitura e descoberta. De certeza que essa leitura até vos ajudou na escola, pois agora sois capazes de ler um texto como gente grande! E, hoje, aqui estamos, na catequese 28: “Tu caminhas connosco, Senhor!”, já a preparar a nossa Celebração.

E se são tantas as situações de sofrimento e injustiça que, na história e na vida das pessoas, como vimos em todo este grande caminho de catequese, e que também acontecem connosco, temos de aprender – em Jesus – (em quem mais poderia ser, se Ele foi crucificado e morrendo, ressuscitou?) a não desanimar, a não perder as forças, a viver com esperança ... Sabeis o que significa “**esperança**”? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e, depois, aproveitando o seu contributo, explicar:*)

Olhem, para os autores bíblicos que escreveram a história do Povo de Deus até ao nascimento de Jesus (o Antigo Testamento), a esperança dizia exatamente respeito àquilo que nós, este ano, aprendemos na catequese – que aquilo que o Deus da Aliança prometeu se vai cumprir na vida daquelas pessoas: a instalação na terra prometida, a libertação dos inimigos, o regresso do exílio ... Depois, o Livro do Apocalipse, no Novo Testamento – e que nós hoje vamos ler – é o livro que fala da **esperança da Igreja**. Para a nossa vida, significa que, vivendo com fé e praticando o bem, podemos confiar naquilo que Cristo nos prometeu e na força do Espírito Santo que nos leva a colocar Deus, a sua vontade, o seu ensinamento, no centro da nossa vida e, assim, a ser felizes, mesmo quando tudo nos corre mal! ... Só porque Deus está connosco e o Seu amor vive no nosso coração!

2. Posto isto, agora é-vos fácil entender como é que os amigos de Jesus – os discípulos de Jesus – **convivem com a dor e o sofrimento e, ainda assim, têm um desejo muito forte de felicidade...**

Como é que eles devem encarar esse mal que encontram no seu caminho? Devem desanimar? Devem esconder-se? Devem cruzar os braços (como se não valesse a pena) e desistir de cumprir a missão que Jesus lhes confiou no sentido de construir um mundo novo e melhor? Que vos parece? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Vamos, então, escutar ...

## II. PALAVRA

1. **A primeira coisa que os amigos de Jesus devem ter sempre presente é que não estão sozinhos...** No seu caminho, eles contam sempre com Jesus, com a presença de Jesus, com a ajuda de Jesus, com o amor de Jesus.

Lembram-se, que na noite em que foi preso (na véspera da sua morte), Jesus fez uma ceia de despedida com os seus discípulos. Eles estavam tristes, pois sabiam que Jesus ia deixá-los; e sentiam-se como crianças pequeninas, que vão ficar sem o seu pai ou a sua mãe: não sabiam o que haviam de fazer, tinham medo das dificuldades e dos perigos que iam enfrentar, tinham medo de não conseguir continuar a obra de Jesus, tinham medo do futuro... Sabeis o que Jesus lhes disse? Disse isto (**Jo 14,18-19**):

*O catequista coloca no placar o poster com a citação ou, se preferir, pede à crianças para abrirem o catecismo na página 118 e lê ou pede a uma criança para ler:*

**"Não vos deixarei órfãos; eu voltarei a vós!**

**Ainda um pouco e o mundo já não me verá;**

**vós é que me vereis, pois eu vivo e vós também haveis de viver".**

*O catequista vai explicando:*

**"Não vos deixarei órfãos"** – disse-lhes Jesus. É como se lhes dissesse: "Podeis ficar descansados que nunca estareis sozinhos; Eu estarei ao vosso lado para vos ajudar a caminhar, para vencer convosco as dificuldades que a vida vos trazer, para vencer os perigos, para vos dar amor e paz, para não deixar que nenhum mal vos aconteça, para vos conduzir pela mão ou pegar ao colo quando vós estiverdes cansados de andar".

E, alguns dias depois, numa das últimas vezes em que apareceu aos discípulos, antes de voltar para junto de Deus, disse-lhes (**Mt 28,20**):

*O catequista coloca no placar o dístico com a citação ou, se preferir, pede à crianças para seguirem pelo catecismo, na página 118, e lê ou pede a uma criança para ler: "Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos".*

*O catequista sublinha:* É bom saber que **Jesus estará sempre connosco...** Podemos não o ver; mas sabemos que Ele está ao nosso lado, a cuidar de nós e a não deixar que nos aconteça nenhum mal.

Se Ele vai connosco, se Ele nos acompanha em cada passo, não temos medo de nada. A única coisa verdadeiramente importante na nossa vida **é não O perder de vista, é ouvir as suas palavras, é fazer o que Ele nos diz, é viver de acordo com aquilo que Ele nos ensina e nos propõe.**

Há uma outra coisa que nos ajuda a caminhar e que os discípulos de Jesus nunca podem esquecer: É que Jesus é mais forte do que o mal que faz sofrer tantos homens e mulheres...

Sabem que Jesus, enquanto andou pelos caminhos da sua terra, com os seus discípulos, encontrou muitas vezes pessoas que sofriam – por causa de doenças ou por causa da maldade de outros homens. Nessas situações, o que é que Jesus fazia? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Sim, curava as pessoas, ajudava-as a sair daquela situação de sofrimento e morte.

**Dessa forma, Jesus estava a mostrar que era mais forte do que o sofrimento, do que o mal; e estava a mostrar que Ele queria começar a fazer um mundo novo, no qual o mal fosse vencido.**

2. Mais tarde, foi a cegueira, a estupidez, a maldade dos dirigentes judeus que levou Jesus a ser preso, a ser condenado à morte e a ser morto numa cruz...  
**Mas, quando parecia que o mal tinha vencido, Jesus saiu do sepulcro e apareceu vivo aos seus discípulos.**

**A sua Ressurreição é uma vitória sobre o mal e sobre a morte.**

Um cristão chamado João (aquele que nos deu o Livro do Apocalipse), por volta do ano 95, **escreveu umas palavras de Jesus (Ap 1,17-18)** que são um grande consolo e uma grande inspiração para nós. **Vamos colocar-nos de pé, em redor na Bíblia, com o maior respeito e amor.**

*O catequista acende as velas e pede a duas crianças para pegarem nelas e ladearem a criança que vai ler o texto. O catequista segura a Bíblia. Como o texto é curto, as demais crianças escutam, apenas.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Não tenhas medo!**

**Eu sou o Primeiro e o Último;**

**aquele que vive;**

**estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Depois de um breve silêncio, as crianças voltam aos seus lugares, as velas são colocadas sobre a mesa e o catequista questiona: Sabeis o que significam estas palavras? Ora vamos voltar a lê-las, cada um em silêncio, na página 118 do nosso catecismo. Que vos dizem, então, estas palavras? (Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Significam, ante de mais, que Jesus é tudo e está presente em toda a história dos homens, desde o primeiro momento, até ao seu final (“o Primeiro e o Último”). Ele está no princípio e no fim, Ele acompanha cada passo do nosso caminho, **Ele está sempre presente na vida da humanidade, oferecendo-lhe a salvação.** Nunca ficaremos perdidos e abandonados porque Jesus acompanha-nos em todos os nossos passos: Ele é a razão da nossa esperança!

*O catequista continua:*

Significam, também, que Jesus venceu o mal e que a morte não conseguiu destruí-lo, não conseguiu fechá-lo naquele túmulo onde o colocaram em Jerusalém (“estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo”). Nem sequer essa realidade que assusta tanto os homens – a morte – conseguiu derrotar Jesus, pois Ele passou pela morte, mas tinha “a chave” para sair da morte e voltar à Vida.

Então, se esse Jesus que caminha connosco e vai ao nosso lado venceu o mal e a morte, nós não precisamos de viver com medo: sentimos-nos em segurança quando caminhamos ao seu lado. Ele não deixará que nenhum mal nos aconteça; Ele, que venceu a morte, não permitirá que a morte nos vença.

Nesse livro do “Apocalipse” de que falámos acima, diz-se que a história da humanidade é, desde o princípio ao fim, uma história onde existe o mal... (*O catequista mostra, de novo, as fotos ou as imagens do catecismo, com que iniciou a catequese e aponta:*) A guerra, a fome, a doença, o sofrimento estão sempre presentes no nosso mundo.

Muitas vezes atingem pessoas boas, as pessoas que fazem o bem, que ajudam os outros, que lutam por um mundo melhor... como já falámos tantas vezes, atingem e magoam os inocentes, as crianças pequenas, que não fizeram nada de errado e, ainda assim, sofrem ... Isto é demasiado para nós, não é? Mas – diz-nos João, o autor do “Apocalipse – o mal não vai ganhar... Sabeis porquê? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Porque Deus está sempre presente ao lado das pessoas boas a ajudá-las e a salvá-las; Deus combate o mal e vai vencê-lo. Deus é muito mais forte do que o mal:

Jesus Cristo, que venceu o mal e a morte já nos mostrou a qualidade da força de Deus. E nós, que somos “Povo de Deus” e que fazemos parte da família de Deus, o que devemos fazer enquanto caminhamos nesta terra? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Devemos colaborar com Deus e lutar contra o mal que aflige o mundo e as pessoas.

Devemos fazer tudo para que a maldade, a violência, a mentira, a injustiça não tomem conta deste mundo e não façam as pessoas sofrer. Cada um de nós tem uma missão, estão lembrados? Tem um papel na história, tem uma palavra a dizer ... e com os nossos atos, com as nossas obras, vamos dizer que queremos um mundo de amor, de bondade, de verdade, de justiça, de paz, como Jesus nos ensinou... Lembram-se que há poucos dias recordávamos S.Paulo que dizia que nós somos uma carta de Cristo? “ Sois uma carta de Cristo e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.” (Cf. 2 Cor 3, 3). Não é absolutamente maravilhoso?! Pois é, essa carta, escrita com a carne do coração, vai viver para contar a todos que Jesus nos veio salvar do mal e que nós, com a ajuda do Espírito Santo, vamos construir um mundo belo e bom, tal como Deus no-lo criou, para nós.

Foi precisamente essa a missão que Jesus confiou a todos os seus discípulos, a nós também. E tudo isso é possível porque não estamos sozinhos... Porque Jesus caminha connosco e luta ao nosso lado.

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

1. Depois de um momento de silêncio, o catequista sugere: Se olharmos à nossa volta, *somos* capazes de notar facilmente a presença do “mal”: sinais de

egoísmo, de maldade, de violência, de sofrimento. Mas também encontramos **sinais de Deus**: gestos de bondade e de amor, pessoas que se preocupam com os outros e que ajudam os outros, pessoas que procuram construir um mundo melhor. De facto, todas as coisas boas que nos acontecem são sinais de Deus. Será que vos lembrais de algumas coisas boas que vos aconteceram ontem? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e revelar as suas pequenas alegrias. O catequista também partilha a sua experiência mais recente de algo de bom que lhe aconteceu e, depois, pode terminar referindo:)*

Olhem, eu sinto-me muito afortunado de ser vosso catequista! Penso sempre que, apesar do trabalho que é preciso fazer para preparar a nossa catequese, e de vós, por vezes, não estardes tão atentos como eu gostava, vós sois um sinal de Deus na minha vida, cada um ... com o vosso esforço, a vossa amizade, a vossa presença, as vossas histórias ... e pela oportunidade que eu tenho de ser para vós uma Carta de Cristo! *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

*O catequista prossegue:*

*Já sabeis que Deus age no mundo através das pessoas a quem Ele chama e a quem Ele confia determinada missão ou tarefa. Vós já haveis refletido sobre isso: está aqui, na vossa **Barra Cronológica**! (O catequista pede às crianças para mostrarem os espaços das catequese 14 ou 15). Assim, quando alguém – quando vós – fazeis coisas boas, em favor dos outros, isso é um sinal de Deus; é um sinal da presença de Deus no nosso mundo a lutar contra o mal. E mesmo os sinais do mal que vemos, são chamadas de atenção para nós (o catequista mostra uma imagem de guerra) Isto é um sinal para nós? *(Deixar as crianças pronunciarem-se; o mais certo é as crianças dizerem que não ou responderem afirmativamente, mas sem convicção, pois podem não entender totalmente esta pequena provocação; o catequista explica:)* São, sim! A guerra não é só uma coisa de governos, de exércitos, de terroristas ... há guerra na nossa vida ... quantas brigas sem razão ... com os irmãos, com os amigos, com os pais ... Essas são as vossas guerras, o vosso mal! Essas são as guerras que tendes de terminar! Olhem, e vou-vos dizer mais uma coisa ... é em pequeno que aprendemos a amar a paz, o diálogo, o entendimento, a partilhar. Se fordes crianças boas e pacíficas, sem guerras, sois uma promessa de futuro com paz. E, um dia, se algum for um político, um militar com responsabilidades, de certeza que vai escolher a via do entendimento e da paz.*

## 2. Compromisso:

*O catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 120 e explica:*

Estais a ver o que o catecismo vos pede? Muito bem: vamos agora indicar aqui sinais da presença do mal que vós identificais no mundo que vos está próximo (*o catequista explica que devem observar o seu quotidiano e as suas situações de vida; deve estar atento a alguma situação familiar ou escolar que possa afligir uma criança que se sinta, de algum modo, vitimizada*). Que podeis fazer para emendar esse mal? Isso é que é o mais importante: tomai nota! O que é que está nas nossas mãos! Depois, em casa, com vagar, ides anotar alguns, dos muitos, sinais de bem que forem tendo lugar na vossa vida, ao longo da semana. Já é um bocadinho do vosso compromisso. O resto do compromisso será o trabalho de **ilustrarem** o espaço da catequese 28 na vossa **Barra Cronológica**. Está lá registado parte do texto do Livro do Apocalipse que acabámos de ler. Sabeis que o autor do Livro do Apocalipse usa muitas imagens, muitos símbolos, para nos explicar a esperança da Igreja, de que vos falava. Por isso, ao longo da história e, até, recentemente, este livro inspirou muitos artistas. Ora vejam lá na página 118 do vosso catecismo. E, se quiserdes inspirar-vos, também tendes uma magnífica obra de arte na página 83 do vosso Catecismo 3, inspirada pelo Livro do Apocalipse. Mas é no vosso coração, em tudo o que haveis aprendido – e hoje recordámos – durante este ano, que vos inspirareis. A arte é uma ótima Carta sobre Cristo: fala direto ao nosso coração porque a beleza é capaz de nos ensinar coisas importantes e difíceis. Pois, fareis o vosso trabalho com a inteligência e o coração, falando da vossa fé e da vossa esperança. Será uma obra de caridade, de amor para com as pessoas a quem quereis mostrar quem é Jesus e porque confiais nele e na sua mensagem.

*O catequista explica que podem usar os métodos e instrumentos de artes plásticas que aprenderam na escola, como desenho a lápis, guache, pastel, cera, recorte e colagem, ... assegurando-se que as crianças conseguem realizar a tarefa; nalguns casos, pode aconselhar as crianças a fazer o trabalho sobre um outro papel e, só no fim, a colar a obra terminada na Barra Cronológica. Da mesma maneira, nada impede, salvo a vontade própria, que o grupo se reúna para trabalhar as suas obras de arte.*

3. *Depois de todos esclarecidos e alertados para necessidade de trazerem a obra feita na próxima catequese, o catequista convida ao silêncio e, depois, à escuta da oração de ação de graças que recitam todos, em união:*

*Crianças:*

**Senhor Deus,**

**obrigado porque estás sempre ao nosso lado**

**quando caminhamos por este mundo;**

**obrigado porque nos ofereces sempre a tua vida e a tua salvação.**

**Senhor Deus,**

**Obrigado porque és como um pai ou uma mãe,**

**que cuida de nós e nos protege dos perigos;**

**obrigado porque lutas contra o mal e nos dás forças para vencê-lo.**

**Obrigado porque és aquele que nos guarda**

**em todos os passos que damos pela vida.**

*O catequista recorda novamente e todo o grupo repete:*

**Senhor eu não vou esquecer que**

**a primeira coisa que os amigos de Jesus**

**devem ter sempre presente**

**é que não estão sozinhos ...**

**Pela oração, pela eucaristia, pela prática do bem,**

**Contigo, eu construo uma vida de esperança.**

*Segue-se com a recitação do **Salmo 121** (120), tendo o catequista escolhido quatro crianças para leitores. De pé o grupo participa escutando atentamente e respondendo.*

**Leitor 1 – Levanto os meus olhos para os montes:**

**de onde me virá o auxílio?**

**O meu auxílio vem do Senhor**

**que fez o céu e a terra.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 2 – Ele não deixará que vacilem os teus pés;  
aquele que te guarda não dormirá.  
Pois não há de dormir nem dormirar  
aquele que guarda o seu Povo.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 3 – O Senhor é quem te guarda e está ao teu lado.  
Ele é a tua proteção.  
O sol não te fará mal durante o dia,  
nem a lua durante a noite.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 4 – O Senhor protege-te de todo o mal  
e vela pela tua vida.  
O Senhor protege-te nas tuas idas e vindas,  
agora e para sempre.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

*E terminam cantando todos o cântico:*

**“ Nada temo”.**

*Para guardar na memória e no coração*

O Senhor é o meu auxílio.

O Senhor protege-me de todo o mal e vela pela minha vida.

O Senhor protege-me nas minhas idas e vindas, agora e para sempre.

Cf. Sl 121 (120)

*Nota:* Durante a semana que se segue, o catequista deve procurar verificar se todas as crianças fazem a sua ilustração do excerto do Livro do Apocalipse, telefonando às crianças, pois este trabalho será recuperado para a preparação da Celebração (catequese 30). Em caso de necessidade, deve procurar a ajuda dos pais/encarregados de educação, não para a elaboração, mas para garantir a realização da tarefa.

## A NOVA JERUSALÉM QUE DESCE DO CÉU

- UM DIA DE RETIRO NA CATEQUESE -

### 1 - INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O sonho da imortalidade

Temos estado a ver, ao longo deste ano, vários momentos e passos dessa "peregrinação" que o Povo de Deus vai fazendo pela história; e temos constatado a presença salvadora de Deus em cada passo e em cada momento do caminho percorrido.

Já quase no final do nosso percurso de reflexão deste ano, chega, agora, a altura de perguntarmos: para onde conduz esse caminho? Qual é a meta final dessa caminhada? Essa salvação que Deus insiste em oferecer ao seu Povo é, apenas, para "o caminho", ou diz respeito, também, ao que nos espera no final desse caminho? E em que moldes?

Desde sempre, a humanidade sonhou com a imortalidade e buscou a imortalidade. Algumas vezes esse sonho foi plasmado em reflexões muito belas (como a "Epopéia de Gilgamesh", um antiquíssimo poema mesopotâmico que narra a busca de um herói chamado Gilgamesh no sentido de encontrar a "planta da vida", capaz de assegurar ao homem a vida eterna); outras, em custosos esforços no sentido de eliminar a doença e de vencer as debilidades que ameaçam a vida humana.

Os esforços da ciência têm revelado algum êxito no que diz respeito ao prolongamento da vida, quer no tempo, quer na qualidade. As descobertas e avanços no campo da medicina, os novos medicamentos, a melhoria geral das condições de vida e de saúde, têm contribuído para que a esperança de vida aumente e para que essa vida seja vivida com mais qualidade.

O que não conseguimos, ainda, foi eliminar a morte biológica. Assim, a nossa experiência de todos os dias diz-nos que o nosso caminho nesta terra – seja ele mais ou menos longo, mais ou menos feliz – há de ter um fim. A morte parece ser, para todos os homens e mulheres uma triste inevitabilidade, que destrói e enterra os nossos sonhos e a nossa aspiração à vida.

Como é que a humanidade lida com esta realidade? De muitas e variadas formas... Uns aumentam os esforços científicos e técnicos para “parar” a morte, procurando soluções que prolonguem a vida; outros barricam-se atrás de teorias que asseguram novas vidas para além da morte (como, por exemplo, a reencarnação); outros, ainda, conformam-se, tentam acomodar-se à ideia da morte e consideram que, com a morte biológica tudo termina para os homens...

E nós, crentes, que estamos certos da existência de um Deus criador e salvador, que quer que os seus filhos e filhas tenham Vida e a tenham em abundância, como lidamos com isto? Como olhamos para a realidade que nos espera para além da morte biológica?

## **2. A resposta da nossa fé**

A fé cristã garante-nos que o nosso destino final não é um destino de morte, mas é um destino de vida.

Na época de Jesus, os fariseus e os saduceus discutiam a possibilidade ou a impossibilidade da ressurreição. Certa vez, os saduceus (que não acreditavam na ressurreição) vieram trazer a Jesus o caso hipotético da mulher que casou, sucessivamente, com sete irmãos, e perguntavam de quem seria ela esposa, no mundo que há de vir (Lc 20,27-40). Jesus, não se limitou a responder à questão (dizendo-lhes que esse mundo que há de vir não será construído e ordenado de acordo com os nossos esquemas e lógicas humanos porque, então, os homens e as mulheres serão “filhos de Deus”), mas quis também reafirmar a certeza da ressurreição: o nosso Deus, “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob não é um Deus de mortos, mas de vivos; pois, para Ele, todos estão vivos”.

Sim, o Deus em quem acreditamos é um Deus de vivos. Ele provou isso ao ressuscitar Jesus, o Filho que os homens condenaram à morte, que pregaram na cruz e que sepultaram num túmulo, em Jerusalém. Cristo ressuscitou, venceu a morte, está vivo, porque Deus, seu Pai, que é o Deus da Vida, não deixou que a morte o vencesse. Se Cristo não ressuscitou, diz-nos Paulo de Tarso, a nossa fé é uma mentira e para nada serve (cf. 1 Cor 15,14).

Ora, se acreditamos na Ressurreição de Cristo, temos de acreditar também na nossa própria Ressurreição. "Cristo ressuscitou dos mortos" – continua Paulo – "como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida" (1 Cor 15,20-22). O próprio Cristo disse: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá para sempre" (Jo 11,25-26). Noutras circunstâncias, Ele reafirmou: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair; e Eu hei de ressuscita-lo no último dia... Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê tem a vida eterna" (Jo 6,44.47). E ainda: "Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna" (Jo 4,14). Quem adere a Jesus, quem escuta e acolhe as suas palavras, quem vive de acordo com as suas propostas, quem percorre com Ele o caminho do amor, da entrega, da doação a Deus e aos outros, não morrerá; como Jesus, está destinado à Vida. Essa "Vida" é-nos dada já neste mundo; mas alcançará a sua plena maturidade quando nos libertarmos definitivamente desses limites que a nossa realidade humana nos impõe.

É isso que nos espera no final do nosso caminho nesta terra. Iremos, inevitavelmente, passar pela morte biológica; mas, aí, daremos o salto definitivo para essa Vida plena e eterna que Deus tem para oferecer àqueles que aderiram a Cristo, que o seguiram, que se tornaram membros do seu Corpo. Sabemos, portanto, que não temos nesta terra a nossa "morada permanente". Enquanto caminhamos nesta terra, empenhamo-nos em cumprir a missão que Deus nos confiou, comprometidos com a construção do mundo sonhado por Deus, solidários com as dores e dificuldades, as alegrias e as esperanças dos nossos companheiros de "viagem"; mas o nosso olhar crente não se fixa nas estreitas margens deste mundo: olha para além da fronteira da morte, para esses horizontes ilimitados da Vida verdadeira e eterna.

### **3. O mundo que há de vir**

Como será essa realidade que nos espera, para além das fronteiras da morte física? Podemos, desde já, conhecê-la?

Trata-se de uma realidade que está absolutamente para além daquilo que é a nossa experiência e compreensão humana... Não podemos falar dela com a nossa linguagem banal, pois esta apenas reflete a realidade deste mundo onde vivemos e que conhecemos. Do mundo que há de vir, só podemos falar

por aproximação, usando figuras e imagens. É assim que a Bíblia faz: utiliza imagens para levantar a ponta do véu que nos separa e nos esconde essa realidade última para a qual caminhamos...

Uma das descrições mais bonitas e mais sugestivas do mundo que há de vir (e que recorre, precisamente, à linguagem dos símbolos para nos "sugerir" algo desse mundo novo para o qual caminhamos) aparece no final do livro do "Apocalipse" (cf. Ap 21,1-8; 22,9-22,5): é a "visão" da "nova Jerusalém que desce do céu". Essa "nova cidade" é apresentada como o culminar das aspirações humanas, o ponto de chegada da caminhada dos homens, a meta da história da salvação.

Antes de mais, diz-se que ela desce do céu, "de junto de Deus" (Ap 21,2). É uma forma de expressar o facto de essa "nova cidade" ter origem divina, ser uma criação absoluta de Deus. Não está marcada, nos seus fundamentos, pela debilidade da intervenção humana, mas pela perfeição de Deus. Sendo uma realidade "santa", que resulta de Deus e pertence a Deus, não contará com os cenários onde, até então, se desenrolou a história de uma humanidade marcada pela debilidade e pelo pecado (por isso, "o primeiro céu e a primeira terra" desapareceram, e o mar, símbolo dos poderes maléficos que se opõem à vida de Deus, "já não existia" – Ap 21,1). Outras consequências do pecado e da debilidade humanas – as lágrimas, o luto, a dor, a morte – não farão parte dessa "nova cidade" (cf. Ap 21,4-5): são coisas do mundo "velho", que refletem a realidade desse mundo imperfeito que a humanidade já conhece, mas que não têm lugar nesse mundo novo que Deus nos quer oferecer.

Aí será "a morada de Deus entre os homens" (Ap 21,3): Deus aí habitará com o seu Povo. Por isso, essa "cidade" será a "nova Jerusalém" (Ap 21,10), uma vez que era em Jerusalém que Jahwéh vivia no meio do seu Povo e o Povo se encontrava com o seu Deus. Deus e o seu Povo viverão juntos, em comunhão total de vida.

Essa "nova Jerusalém que desce do céu" apresenta-se "como noiva adornada para o seu Esposo" (Ap 21,2). A imagem das "núpcias" do Povo (a noiva) com o seu Deus (o noivo) reforça e completa a ideia da comunhão total, da união completa, do amor ilimitado que existirão, então, entre Deus e o seu Povo. Sugere, também, a ideia de que o Povo de Deus (a noiva) estará totalmente consagrado a Deus (o noivo). Essa "nova cidade" corresponderá, portanto, à situação de uma humanidade em total comunhão com Deus, unida a Deus por um amor eterno e indestrutível, consagrada a Deus, que vive de Deus, com Deus e para Deus.

Dessa “nova cidade” diz-se, ainda, que estará “marcada” pelo número doze (cf. Ap 21,12-14): doze portas (cada uma tem gravado o nome de uma das tribos de Israel), doze alicerces (em cada um deles está gravado o nome de um dos apóstolos): é a cidade do Povo de Deus (as doze tribos do Antigo Testamento, os 12 Apóstolos que estão na origem da comunidade de Jesus). Contudo, as portas estarão orientadas em direção aos quatro pontos cardeais, mostrando que nela têm lugar todos os povos da terra, sem exceção. A forma da cidade (um quadrado perfeito) é a forma do “Santo dos Santos” (o lugar mais sagrado do antigo Templo de Jerusalém, o lugar onde Deus residia no meio do seu Povo): indica que toda a cidade é o Templo onde Deus reside, em todo e qualquer lugar da cidade estar-se-á na presença de Deus. Não haverá Templo, pois “o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro são seu Templo” (Ap 21,22).

Essa “nova cidade” recriará esse paraíso original de que fala o livro do “Gênesis” (cf. Gen 2,8-14): as pedras preciosas, o ouro, a água abundante, a árvore da Vida são imagens que sugerem beleza e felicidade sem fim, vida em abundância (cf. Ap 21,18-20; 22,1-2). Contudo, aí não haverá, como no jardim primitivo (cf. Gen 3,16-22), nem ameaça, nem culpa, nem dores, nem condenação... Aí não haverá nada que possa obscurecer a feliz existência de uma humanidade renovada, que vive face a face com Deus.

Os habitantes desta cidade “hão de trazer gravado nas suas frentes o nome do Cordeiro” (Ap 22,4): significa que pertencem definitivamente a Deus, que a sua vocação é ser de Deus e que Deus será sempre o horizonte para o qual olham e para o qual vivem.

Aquí nunca haverá noite, nem trevas (cf. Ap 22,5). A luz brota de Deus (“a cidade não necessita de sol nem de lua, pois a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro” – Ap 21,23).

Como será, então, essa “cidade” que nos espera e para a qual caminhamos? Apenas podemos dizer – utilizando a nossa “pobre” linguagem humana – que será a cidade iluminada pela presença de Deus e de Jesus, onde a humanidade que aceita a Vida de Deus viverá em total comunhão com Deus, dando culto e louvor a Deus, e vivendo uma existência de felicidade sem fim.

## **OBJETIVOS**

- Compreender que a nossa existência não se esgota nesta terra: somos um Povo que caminha pela vida e pela história ao encontro da “nova Jerusalém”, a cidade onde está a nossa “casa” definitiva.

- Perceber que não temos dados para “pintar” com pormenores o cenário dessa “casa” que nos espera, mas sabemos que aí viveremos em total comunhão com Deus, numa felicidade que não terá fim.
- Olhar com naturalidade e serenidade para esse horizonte último, sentir vontade de começar, desde já, a prepará-lo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Esta catequese, para além dos seus objetivos próprios, conforme se indicam, pretende preparar as crianças e com as crianças, a Celebração da Esperança, 30ª e última catequese deste ano de «peregrinação», pois aquilo que se lhes propôs foi uma longa viagem no tempo, na Bíblia e na sua experiência religiosa, tendo como meta a possibilidade de um encontro mais pleno e mais profundo com Deus Pai, criador, que as ama e lhes pede amor.
2. Para se conseguir atingir a meta da preparação para a Celebração, que tem, também, os seus importantes objetivos, propomos **uma catequese organizada como um dia de retiro**: as crianças e os catequistas (e, no caso de a paróquia ter mais do que um grupo de Catecismo 5, sugere-se que todos os grupos sejam encaminhados para uma Casa de Retiros e que realizem algumas partes da catequese em conjunto) disporão de um dia para se preparar e para organizar a referida Celebração, num ambiente diferente e especial, que convide à oração, à reflexão, à partilha, ao convívio e ao trabalho. Neste Guia, sugerem-se as várias atividades que permitem atingir os objetivos determinados para a catequese 29 e ainda se fornecem sugestões concretas para a preparação da **Celebração da Esperança** mas os catequistas podem, e devem, prever e animar outros momentos de oração e animação musical que lhes pareçam poder enriquecer o dia.
3. Todas as atividades ou preparativos da Celebração que possam ser decididos, combinados, organizados e executados pelas crianças, devem sê-lo; os catequistas farão o seu determinante papel de orientadores, de facilitadores, de conselheiros. É importante, para a preparação deste dia e a sua implementação, que de todas as ações se retire o devido dividendo espiritual e educativo.
4. Como se propõe um dia de retiro, é sempre necessário que o catequista conte com a ajuda de outras pessoas (um jovem ou adulto para cada oito crianças) assim como das pessoas que vão colaborar, especificamente, nas

várias atividades. Também é fundamental fornecer às crianças e suas famílias a lista do material a transportar na mochila de cada um; o material que serve de base às atividades deve ser verificado antes da saída, garantindo que toda agente tem tudo o que faz falta.

5. Nesta catequese e na catequese final, pretende-se que as crianças se comprometam com a **construção da comunidade eclesial e com o projeto que Deus tem para cada uma**; a concretização desse objetivo, tão importante para o crescimento das crianças e da sua vivência como membros plenos do Corpo de Cristo, supõe um esforço de toda a comunidade paroquial, pois os vários grupos, cujas tarefas são, mesmo de modo limitado e muito orientado, acessíveis às crianças, têm de se preparar para as acolher de forma permanente e concreta: é importante que as crianças possam fazer um ano dessa experiência (o ano do Catecismo 6) e continuar, se for o seu desejo.
6. Dentro do que é a pedagogia do dia de retiro, propomos três momentos para a Expressão de Fé:
  - 1) Um primeiro momento de oração, que coroa a leitura da Palavra;
  - 2) A descoberta da «razão da sua esperança», síntese de um ano de caminhada em catequese;
  - 3) Preparação da Celebração da Esperança, com uma celebração penitencial (seguida do sacramento da reconciliação, no próprio dia ou em dia a combinar).
7. É evidente para um adulto que esta catequese propõe uma reflexão sobre a vida eterna, sobre a vida que se atinge após a morte. O conceito de morte, na sua radicalidade e permanência, é difícil de entender por crianças mesmo já bastante crescidas. Mesmo sobre a vida, como já se referiu anteriormente, só nesta idade começam a ter uma certa ideia de passado mas ainda não têm ideia de futuro: o futuro é o próximo fim de semana em que se vai à praia pela primeira vez neste verão! De qualquer modo, o catequista, que se guiará pelas indicações e reflexões propostas pelo Aprofundamento do Tema, deve considerar que: a) numa cultura tão centrada na juventude, beleza física e saúde, como a nossa, a morte é algo que se quer longe da vista, como se se tratasse de um acidente fortuito e desagradável e não de um destino digno e concreto de cada pessoa; assim, a maioria das crianças é mantida longe dessa experiência pois, também, são poucas as pessoas que

falecem em casa, junto dos seus; b) Isso não significa que as crianças, algumas delas, não tenham vivido a perda de alguém próximo: dos avós, até dos pais ou de um irmão ou colega da escola; algumas separações mais brutais de pessoas vivas também podem assumir este peso de «morte» e com a agravante de facilitar poucas oportunidades de luto; mas, tendo em conta o que se referiu, hoje é sempre mais difícil fazer o luto, também porque a promessa de salvação e de felicidade eterna diz cada vez menos numa sociedade materialista como a nossa; portanto, o catequista deve operar com delicadeza e estar certo de que, o próprio, resolveu já esta questão, pensou maduramente nela e, em caso de necessidade, procurou conselho junto de um sacerdote ou catequista mais experiente; c) Se não deve ignorar as preocupações e dores das crianças, também não deve ridicularizar as suas impressões: atualmente, para uma criança e, às vezes, até um adulto, a perda de um animal que foi uma fiel mascote canaliza muitos sentimentos que não se tem a oportunidade de viver com outras pessoas e, se bem que seja uma atitude potencialmente perturbada, merece todo o respeito porque se tratam de sentimentos reais das pessoas; há que ouvir e procurar elevar. Para a maioria das crianças será a sua grande experiência de perda e pode ser real, vivida, agora aprofundada e amadurecida pelas propostas que se lhes fará.

## MATERIAIS

- Todo o material necessário para um dia passado fora de casa: alimentos, bebidas, creme solar, chapéus, estojo de primeiros socorros...
- Catecismo, Barra Cronológica e Bíblia das crianças e dos catequistas;
- Uma resma de papel e lápis de carvão;
- Lápis de cor, de cera e marcadores, em número suficiente para todas as crianças;
- Folhas de papel colorido com a frase «**Qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos?**» e pequenos alfinetes de ama/dama, em número suficiente para todas as crianças;
- Folhas com a Oração do Espírito Santo;
- Câmara fotográfica digital (do telemóvel ou outra semelhante), computador, projetor, CDs com cânticos e leitor de CD, conforme os catequistas organizarem as atividades e os intervalos;

## COLABORADORES

**Para que a catequese, em dia de retiro, se possa desenvolver plenamente, o catequista, além das pessoas que o vão ajudar a orientar e a cuidar das crianças, necessita de mais alguns colaboradores:** são leigos ou religiosos, representantes das várias atividades e responsabilidades da comunidade paroquial, que vão explicar às crianças em que consiste a sua atividade: Conselho Pastoral e Conselho Económico, Coros, Confrarias, Associações, Grupos de Oração e Apostolado, Acólitos, Leitores, Grupos de Apoio Humano (rouparia, farmácia, Banco Alimentar, ...), Decoração e limpeza, Preparação de Adereços, Jornalistas, Catequistas e Animadores Pastorais, responsáveis pelo site na Internet ...

Se participarem no dia de retiro vários grupos de crianças, pode fazer-se a apresentação em grande grupo e a reflexão no grupo habitual de catequese mas, neste caso, convém providenciar alguns instrumentos de apoio à apresentação, como a projeção digital de fotos e/ou filmes que mostrem as atividades desses grupos. Os colaboradores também podem dividir-se em pequenos grupos e ir circulando entre os grupos de crianças após um dado intervalo de tempo, a combinar previamente.

Primeiro fazem a sua apresentação aqueles cujas tarefas não são acessíveis às crianças (por exemplo, o Conselho Económico) e, depois, os grupos que vão acolher as crianças: por exemplo, o coro, os acólitos, o Banco Alimentar, ...

## MÚSICAS

- Sugere-se que o catequista escolha, para cantar ao longo do dia, as músicas que, aprendidas pelas crianças, elas mais apreciaram; também deve ter em conta a necessidade de ensinar e ensaiar os cânticos sugeridos para a **Celebração da Esperança (Catequese 30. Deus ama-nos!).**
- "O Senhor conduz a marcha";
- "Ide amigos, pelo mundo".



## Preparação do espaço:

Sugere-se que seja escolhido um espaço cómodo, amplo e versátil, capaz de acolher crianças sem constrangimentos, pois estas devem estar seguras, poder conversar, trabalhar e brincar – cada coisa em seu momento – livremente e sem uma excessiva necessidade de supervisão. É necessário poder contar com um espaço interior confortável e adaptável às atividades e às refeições, onde

também seja possível sentar no chão, assim como um espaço exterior para brincar e conviver. Também será importante poder usar uma capela para a Expressão de Fé.

O material necessário para as dinâmicas deve acompanhar o grupo, assim como a água e o devido farnel para os lanches, da manhã e da tarde, e o almoço, que deve ser repartido sob a indicação do catequista, isto é, este combina previamente com as famílias, na Reunião de Pais, aquilo que cada criança deve levar para colocar em comum e que material lhe faz falta (pratos, copos, ...).

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *A catequese tem início com o acolhimento, no local de partida. Antes de entrarem no transporte, o catequista explica:*

Hoje vamos ter um dia diferente! A nossa catequese vai começar aqui mesmo, mas onde e quando irá terminar? Vamos ver! Um bocadinho de aventura não faz mal a ninguém! Olhem, apesar de voltarmos para dormir nas nossas casas, logo à noite, levamos aqui a nossa «tenda», isto é, todo o material e toda a alimentação que nos vão permitir viver o nosso dia noutra espaço, um espaço novo para nós, bom, confortável, bonito, ... um espaço onde vamos, por exemplo, dispor de uma zona exterior (ou jardim, ou pinhal, ...) que não temos tido nas nossas outras catequese (salvo, se for o caso, de terem realizado a peregrinação anteriormente sugerida, experiência que o catequista pode aqui relembrar). Muitas vezes, só nas férias é que podemos usar um espaço assim, gozar o convívio dos amigos ao ar livre, brincar e correr ...

*O catequista instala as crianças no transporte e, antes de partirem, refere:* Lembram-se de termos falado de Abraão, não lembram? (Deixar as crianças pronunciarem-se). Pois, ele fez um grande caminho e andava sempre com a «casa às costas», não era? De facto, para fazer a vontade de Deus, aquilo que Ele lhe pediu, Abraão esteve disponível para montar e desmontar a sua tenda tantas vezes ... Podem tirar da mochila o vosso catecismo e recordar na página 29 como seriam as caravanas em que Abraão viajava. Ora bem, pode não ser tão longo e complicado como o caminho de Abraão, pode, até, ser apenas o nosso caminho habitual de sair de casa e ir para a escola, depois para catequese, ir dar uma volta, regressar a casa, ou ser um passeio como o de hoje, que vamos iniciar, mas, o que é certo, é que todos os dias montamos e desmontamos a nossa "tenda" e partimos, outra vez, a percorrer um caminho novo, até chegarmos a outro lugar, a outra paragem, a outro ponto da nossa vida...

Mas, enquanto caminhamos, **sentimos que estamos em viagem e que, embora gostando da viagem, não pertencemos aqui, a este sítio ...** Estamos para trabalhar, estamos de férias, mas espera-nos a nossa casa ... Caminhamos, caminhamos, caminhamos, até chegar à nossa casa "definitiva", à nossa casa verdadeira, a tal que vai durar para sempre e que não será preciso cada dia montar e desmontar. Como logo à noite, quando estivermos de regresso...

*Depois de um breve silêncio, o catequista propõe que se cante o cântico:*  
**"O Senhor conduz a marcha".**

Agora, que já recordámos, cantando, que o Senhor está presente, está connosco, aqui.. cada dia, cada instante, vamos partir para a pequena viagem que nos vai levar ao nosso local de «retiro»: porque hoje vamos ficar «retirados», isto é, um bocadinho mais longe da nossa vida de todos os dias, para pensarmos no grande caminho que fizemos este ano e no caminho, mais curto, que nos vai levar à nossa Celebração, no dia ... (*indicar o dia*). Será a nossa Celebração da Esperança e hoje vamos pensar no que isso significa. Lembrem-se de como, na última catequese, explicámos o que era a Esperança? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Muito bem: esperança quer dizer, como nós fomos descobrindo ao longo deste ano, que o Povo de Deus vivia numa atitude em que esperava ver o cumprimento das promessas do Deus da Aliança nesta vida: a instalação na terra prometida, a libertação dos inimigos, o regresso do exílio ... Esta esperança aparece cantada em muitos Salmos e, alguns deles, nós rezámos com eles, na nossa catequese, unidos a essa Esperança: Deus tem um projeto de felicidade para nós, propõe um caminho e apoia-nos enquanto nós vamos de viagem! Depois, mais tarde, descobrimos que o Livro do Apocalipse é o livro da esperança da Igreja; na última catequese, percebemos isso mesmo: apesar das dificuldades e do sofrimento, das nossas limitações, do nosso pecado, do nosso medo, Deus está connosco aconteça o que acontecer ... Ele é a promessa, a esperança, da nossa felicidade, mesmo na tristeza e na dor. Lembrem-se daquelas palavras que lemos no Livro do Apocalipse? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Em **Ap 1,17-18** dizia assim (*o catequista lê*):

**Não tenhas medo!**

**Eu sou o Primeiro e o Último;**

**aquele que vive;**

**estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo.**

Pois, Ele está connosco e leva-nos para a felicidade: isso esperamos, com a nossa fé! Isso procuramos, vivendo com amor a Deus e ao nosso próximo! Mas para onde nos leva? Agora, vamos de viagem e, quando lá chegarmos, vamos descobrir!

2. *À chegada, o catequista reúne as crianças à entrada e diz: Já chegámos à casa que será a nossa casa durante este dia especial ... mas, qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos? É uma grande pergunta e eu até vos vou deixar com ela! (O catequista entrega a cada criança a folha de papel com esta questão e um alfinete, para que prenda a folha à sua mochila). Enquanto as crianças colocam os alfinetes, canta-se o cântico:*

**"O Senhor conduz a marcha".**

3. *Depois de uns momentos de recreio e do lanche da manhã, o catequista reúne as crianças numa sala ampla e onde se possam sentar no chão. Sentam-se em círculo e o catequista pede: Gostava que cada um tirasse da mochila a sua Barra Cronológica. (Depois de todos a terem na mão) Vamos abrir no espaço da catequese 25. O que é que nós temos aí? (convidar as crianças a ler a inscrição:)* «Deus chama-nos a construir, em seu nome, um mundo de Amor, Entendimento, Paz, Compreensão. A que tarefas me chama?» Muito bem! Na catequese 25 nós estivemos a refletir sobre a Igreja que Cristo fundou, onde nós somos Corpo de Cristo, cada um com o seu lugar e a sua tarefa e, muito importante, lembrámos/descobrimos que foi no Espírito Santo que nós fomos batizados para, como dizia S.Paulo, "formar um só corpo" (cf. 1 Cor 12, 12, 27). De facto, e recordo-vos, a Igreja é a grande família daqueles que escutam e seguem Jesus, pessoas, como nós, que ... podem ver na página 107 do vosso catecismo ... "recebem o Espírito Santo para continuarem no mundo a obra que Jesus começou".

Por isso mesmo, cada um tem, na sua **Barra Cronológica**, uma anotação, feita na sequência dessa catequese, em que explica como gostava de participar na vida da Igreja. Agora, vamos ouvir o que cada um escreveu e conversar um bocadinho sobre como é que as vossas escolhas se podem tornar realidade.

*Se o catequista verificar que nem todas as crianças responderam à questão «A que tarefas me chama?», pede a um colaborador que se reúna com as crianças que já responderam, a alguma distância do espaço escolhido para trabalhar, e as oriente no ensaio de uns cânticos e o catequista organiza-se*

*para ajudar as crianças restantes a resolver a tarefa. É natural que as crianças deem respostas vagas e indeterminadas, ou que muitas delas queiram ser catequistas, que é a atividade que melhor conhecem. Para as encaminhar, se preparou a atividade seguinte.*

*Depois de todos a terem realizado, volta-se a reunir o grupo e procede-se à leitura das respostas, começando pela criança que está à direita do catequista e terminando com este. Se estiverem presentes outros adultos, também indicam as suas responsabilidades na comunidade de fé.*

*O catequista prossegue:*

*As vossas ideias são muito boas e revelam um grande desejo de colaborar na construção da Igreja! É uma grande responsabilidade mas também é uma alegria! Posso partilhar convosco como é importante para mim ser catequista, apesar do trabalho e da preocupação que me dá, mas o que eu ganho com isso é superior a tudo o mais! Estão de parabéns e eu estou muito orgulhoso! MAS, não quero que essas ideias fiquem, para sempre, guardadas na nossa Barra Cronológica! É preciso passar à ação! Somos o Povo de Deus e temos de viver como tal! Por isso mesmo, tenho uma surpresa para vós!*

- 4. O catequista chama os seus colaboradores deste dia, os representantes das várias atividades e responsabilidades da comunidade paroquial, que vão explicar às crianças em que consiste a sua atividade. Depois de as crianças ficarem totalmente esclarecidas, podendo colocar as suas questões, retiram-se e o catequista retoma as tarefas do grupo:*

*Agora, cada um já sabe o que pode fazer para realizar o seu sonho de assumir uma tarefa na Igreja. Eu escolhi ser catequista ... (O catequista pode partilhar um pouco mais da alegria, empenho, compromisso e responsabilidade da sua escolha.) Para vos ajudar a fazer a vossa escolha, vamos rezar a oração do Espírito Santo, também pare que este continue a guiar-me e a ajudar-me a ser um catequista muito responsável e competente e para ajudar cada um de vós a fazer a escolha que Deus imaginou para vós...*

*De pé, rezam todos:*

**Vinde, Espírito Santo,  
enchei os corações dos vossos fiéis  
e acendei neles o fogo do vosso amor.  
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito,  
e tudo será criado, e renovareis a face da terra.  
Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!  
Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis  
com a luz do Espírito Santo,  
fazei que apreciemos retamente todas as coisas  
e gozemos sempre da sua consolação.  
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,  
na unidade do Espírito Santo.  
Amen.**

*Depois da oração, o catequista pede a cada criança para exprimir a sua escolha e depois de todas estarem esclarecidas e certas daquilo que desejam fazer, registam a sua escolha concreta (qual o grupo em que se desejam integrar) na **Barra Cronológica** (espaço da catequese 25).*

*Finda a tarefa, o catequista explica:*

Na nossa Celebração, no final, ides mostrar à nossa comunidade paroquia qual é a vossa escolha e exprimir o vosso compromisso de levar por diante, com entusiasmo e responsabilidade, este projeto que Deus tem para vós.

*A partir do esquema da catequese 30, inscrito neste Guia (a consultar nas páginas seguintes), e das decisões tomadas pelo grupo de catequistas do Catecismo 5, relativamente à Celebração da Esperança, o catequista explica como se procederá e pode, até, fazer um pequeno ensaio.*

*Depois de um ensaio dos cânticos escolhidos, o almoço é preparado e apreciado. Segue-se um período de recreio livre e/ou animado por jogos.*

## **II. PALAVRA**

- 1.** *Após o recreio que se seguiu ao almoço, o grupo volta a reunir-se e leva as mochilas consigo. Para ajudar as crianças a concentrarem-se, pode-se*

*começar por ensaiar um cântico. Depois, o catequista, após uns momentos de silêncio, introduz a atividade:*

Nós hoje começámos o nosso dia com dois motivos de reflexão: a primeira tinha a ver com viagem, caminho, peregrinação ... assim como nós fizemos ao longo deste ano e estamos hoje a fazer, no nosso dia de retiro ... saímos de casa, fomos de viagem, e isso é uma imagem da nossa vida, onde caminhamos em direção a algo melhor e maior... Está aí pregado na vossa mochila, ora leiam lá! *(As crianças leem a inscrição que foi fixada nas suas mochilas)* **«Qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos?»** A nossa segunda reflexão é sobre esta atitude de esperança, que nos anima no caminho ... esperamos algo desta viagem ... como o Povo de Deus esperou, tal como nós lemos ao longo de todo este ano ...

Para nos ajudar a fazer esta reflexão, vamos, agora, como sempre, ler e meditar a Palavra de Deus, escutá-lo a falar ao nosso coração e à nossa inteligência. Deus, hoje, tem algo para dizer a cada um ... Vamos preparar-nos para escutar, em silêncio.

*Depois de um breve silêncio, o catequista introduz:*

Alguns anos depois de Jesus ter morrido, um cristão cujo nome não conhecemos apresentou, certa vez, uma reflexão (ou uma "homilia", semelhante às homilias que os sacerdotes fazem, ao Domingo, na Missa) dirigida "aos Hebreus" – isto é, aos cristãos de origem judaica, que tinham descoberto Jesus Cristo e se tinham tornado seus seguidores. Nessa reflexão esse cristão, depois de apresentar os exemplos de alguns homens e mulheres importantes na história da salvação (como Noé, Abraão, Sara), que foram pessoas boas, de muita fé, que cumpriram na terra a missão que Deus lhe confiou, diz o seguinte (**Heb 11,13-16**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro da Carta de S. Paulo aos Hebreus.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Foi na fé que todos eles morreram,  
sem terem obtido os bens prometidos,  
mas tendo-os somente visto e saudado de longe,  
confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.  
Ora, os que assim falam, mostram que procuram uma pátria.  
Se eles tivessem pensado naquela que tinham deixado,  
teriam tido oportunidade de lá voltar;  
mas agora eles aspiram a uma pátria melhor, isto é, à pátria celeste.  
Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado «o seu Deus»,  
porque preparou para eles uma cidade.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

2. Diz-se, neste texto, que essas pessoas – pessoas que fizeram o bem e que procuraram cumprir as tarefas que Deus lhes confiou – eram “peregrinos” sobre a terra. **Sabeis o que é um “peregrino”**, não sabeis? Podeis ver algumas imagens de peregrinos ... de alguém que está de passagem por um sítio, na página 121 do catecismo. Até os peregrinos em Jerusalém (*o catequista indica a foto, no canto superior direito da página 121 e deixa as crianças pronunciarem-se*). É uma pessoa que anda em viagem, que vai percorrendo caminhos, que se desloca todos os dias de um lugar para o outro sem fixar a sua morada em nenhum desses lugares. Ele não “pertence” a esses lugares; apenas passa por eles, na sua viagem, mas não tem lá a sua casa. Como nós, hoje. Agora, neste dia, esta é a nossa casa, mas, logo, faremos uma viagem para a nossa Casa com letra grande ... Ora, Noé, Abraão e Sara foram “peregrinos sobre a terra”... Eles caminharam pela terra, andaram pela vida, foram de um lugar para o outro (como nós andamos todos os dias), mas a “terra” não era o lugar da sua morada, não era a sua casa para sempre.

Diz-se, também, que eles aspiravam “a uma pátria melhor, isto é, à pátria celeste”. **Sabeis o que é uma “pátria”**, não sabeis? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). É o lugar onde cada um nasceu, onde cada um se sente bem, é o lugar a que cada um sente que pertence. Assim, o texto diz-nos

que Noé, Abraão e Sara caminhavam na terra, mas sentiam que aquela não era a sua pátria, o lugar onde se sentiam melhor, o lugar a que pertenciam... Então, qual **seria o lugar a que eles pertenciam, a que eles aspiravam?** O texto diz: é a "pátria celeste". Portanto, Noé, Abraão e Sara sentiam que não pertenciam à terra e que o "seu lugar", a sua morada definitiva e mais querida, o lugar a que eles sentiam pertencer era o céu (a "pátria celeste"). Diz-se, finalmente, que Deus – esse Deus em quem eles acreditaram, esse Deus que os acompanhou no seu caminho e lhes deu Vida e salvação – "preparou para eles uma cidade". Quer dizer, **Deus preparou para eles uma "casa" definitiva, uma morada para sempre numa "cidade" especial, nessa "pátria" com que eles sonhavam.**

Noé, Abraão e Sara não foram um "caso especial" e único... Eles representam todos os homens e mulheres que são amigos de Deus, que são chamados por Deus a uma missão, que caminham pelo mundo e pela vida, como peregrinos, mas não vão ficar na terra para sempre... Para os amigos de Deus, a terra não é a sua morada definitiva... Um dia, eles vão deixar de andar na terra e vão para essa "pátria" onde se sentem bem, a que pertencem verdadeiramente, e que será a sua morada para sempre. **Nós usamos a palavra "céu" para designar o lugar para onde os amigos de Deus caminham, a "cidade" onde Deus preparou a "casa" definitiva onde os seus amigos vão morar para sempre.** É para aí que todos os amigos de Deus caminham, é com essa "casa" que todos sonham.

### **3. Como será essa "pátria melhor", essa "casa" que Deus preparou para os seus amigos e para onde todos nós caminhamos?**

É difícil dizer, pois nós, enquanto caminhamos nesta terra, não podemos ver essa nossa "pátria" futura, essa nossa casa para sempre. E, como sabeis, é difícil falar de coisas que não podemos ver...

Um cristão chamado João, que viveu alguns anos depois da morte de Jesus, chamou a essa "cidade" a "nova Jerusalém" que desce do céu (**Ap 21,2**). Sabeis o que era a cidade de Jerusalém para os judeus, não sabeis? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Era uma cidade muito bonita, uma cidade que pertencia a Deus, uma cidade onde Deus morava (no seu Templo) e onde Ele se encontrava com o seu Povo... Por isso, o livro do "Apocalipse" fala assim desta "cidade" (**Ap 21,3**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Esta é a morada de Deus entre os homens.**

**Ele habitará com eles;**

**eles serão o seu Povo**

**e o próprio Deus estará com eles.**

**Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;**

**e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue:* **Nessa tal "cidade" que Deus prepara para nós e onde encontraremos a nossa casa para sempre, estaremos sempre com Deus. Moraremos com Ele e Deus estará sempre connosco.**

Mais ainda: Deus não deixará que o mal, o sofrimento, a dor, que nos apoquentam e magoam enquanto caminhamos na terra onde somos peregrinos, entrem nessa nova "cidade" para onde vamos. Seremos, portanto, totalmente felizes: porque não seremos atingidos pelo mal e porque estaremos sempre com Deus, ao lado de Deus.

**Seremos uma humanidade reunida à volta de Deus, que vive em harmonia e em paz, formando um único Povo** – o Povo de Deus, que se reúne à volta de Deus e que recebe Vida de Deus.

Será uma cidade bonita? Será, certamente (para dizer isso, o tal cristão chamado João que escreveu o livro do Apocalipse usa "imagens" que nós entendemos: diz que ela estará cheia de ouro e pedras preciosas, e que será uma cidade cheia de luz, de uma luz que vem de Deus). Mas, sobretudo, será uma "cidade" onde seremos plenamente felizes (cf. **Ap 22,1-3**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja conosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Mostrou-me, depois, um rio de água viva,  
resplendente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro.  
No meio da praça da cidade e nas margens do rio está a árvore da Vida  
que produz doze colheitas de frutos;  
em cada mês o seu fruto, e as folhas da árvore  
servem de medicamento para as nações.  
E ali nunca mais haverá nada maldito.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

4. *O catequista continua a sua explicação:* Quem escreveu este texto está a usar “imagens” para nos dizer algo sobre essa “cidade”. Quando ele fala de “um rio... que saía do trono de Deus e do Cordeiro” (que é Jesus), ou quando ele fala de uma árvore que dá Vida e que produz frutos novos todos os meses, o que é que ele estará a querer dizer, com essas imagens? Já sabeis que a água é fonte de Vida, não é verdade... E, depois, a árvore da Vida que dá muito fruto, completa a ideia... É evidente, não é?

Claro. Ele está a dizer-nos que **nessa nova “cidade” que nos espera, nessa pátria onde iremos viver para sempre, nesse lugar onde estaremos sempre com Deus, teremos Vida em abundância, Vida para sempre.** Isto é, seremos plenamente felizes, viveremos – juntamente com Deus e com todos os nossos irmãos e irmãs que escolheram fazer parte do Povo de Deus – uma felicidade e uma alegria que nunca terão fim.

**Agora, reparem muito bem, como muita atenção:** Nós não sabemos quando chegará a nossa vez de entrar nessa “cidade” onde está a nossa “casa para sempre”. Por agora, ainda somos peregrinos que caminham pelo mundo, no meio de dores e dificuldades, de alegrias e tristezas, de êxitos e de fracassos, lutando a cada passo contra a injustiça, a maldade, a doença, a morte e, até, por vezes conseguindo fazer o bem, fazer a diferença, mudando o mundo à medida das nossas possibilidades, sobretudo se estivermos dispostos a escutar Deus e a realizar o projeto que Ele tem para nós ... **Enquanto andamos neste mundo, procuramos escutar e acolher as indicações de Deus que Deus nos vai dando, a fim de não nos perdermos no caminho.** Dia a dia, passo a passo, olhamos para Deus, acolhemos as suas propostas – como haveis feito hoje de manhã; ora mostrai lá, nas vossas Barras Cronológicas! (*As crianças são convidadas a mostrar o registo que fizeram ao final da manhã*) Muito bem! Pois é assim mesmo, procuramos levar a sério a missão que Ele nos confiou... **Avançamos entre alegrias e tristezas, entre sonhos e desilusões, sabendo que nos espera, no final deste caminho, a nossa verdadeira “casa”...** E, um dia, chegaremos a essa “cidade” da Vida eterna que Deus preparou para os seus amigos, para aqueles que querem viver com Ele para sempre. Deus estará lá, à nossa espera, para nos acolher de braços abertos e para nos oferecer a Vida eterna. **Essa é a nossa esperança!** Que um dia, depois de vivermos uma vida boa, sejamos convidados a ficar junto de Deus para sempre, salvos, felizes, sem mais dor nem limitação.

*É muito possível que as crianças tenham questões a colocar sobre como é essa vida, sobre o que lá se pode fazer, quem lá estará ... O catequista deve procurar ouvir e responder sem alimentar fantasias, mas sublinhando as promessas dos textos lidos. Quaisquer que sejam as esperanças imaginadas por cada criança, o que importa é que esta compreenda que o Senhor a ama, a conhece, a acompanha e tudo fará para lhe oferecer uma vida eterna de felicidade. É fundamental que as crianças compreendam e aceitem esta radicalidade do amor de Deus e como a ressurreição de Cristo sanciona todas as suas promessas. Como se diz no início desta catequese, a fé cristã garante-nos que o nosso destino final não é um destino de morte, mas é um destino de vida: esta é a conclusão a que as crianças devem chegar.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista orienta um primeiro momento de oração, que coroa a leitura da Palavra: Agora estamos prontos para compreender melhor o que é esta nossa caminhada, por isso, vamos, de pé, cantar com alegria o cântico:*

**“Ide amigos, pelo mundo”.**

*Depois, o catequista conduz a oração com o seguinte esquema:*

**Criança 1** – Senhor Deus, nós caminhamos todos os dias pelo mundo. Às vezes estamos tristes, às vezes estamos contentes, às vezes estamos cansados, às vezes sentimo-nos com força... Mas sabemos que esta não é a nossa casa para sempre.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

**Criança 2** – Senhor Deus, nós queremos, um dia, encontrar essa “cidade” de Vida e de felicidade sem fim que tu queres oferecer a todos os teus filhos e filhas... E nós queremos aí viver contigo para sempre.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

**Criança 3** – Senhor Deus, continua, todos os dias, a dizer-nos por onde devemos andar para chegar a essa “cidade” da Vida sem fim... Continua falar-nos, a corrigir os nossos passos quando nos desviarmos do caminho, a pegar em nós ao colo quando estivermos cansados e desanimados.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

*O catequista termina esta etapa, propondo: Cantemos de novo o cântico:*

**“Ide amigos, pelo mundo”.**

*Depois do cântico, o catequista indica:*

Agora, podemos voltar a sentar-nos. E vamos pegar, de novo, nas nossas **Barras Cronológicas**. Este ano, trabalhámos com o nosso catecismo e com as Barras, onde fomos registando as nossas reflexões e os nossos

compromissos. Agora – e o catequista abre a Barra virando a face que contém as catequese 16 a 30 para as crianças – podemos ver muitas coisas que conseguimos pensar, sentir e fazer, podemos compreender como, depois deste ano de catequese estais mais crescidos, mais fortes, mais sábios e sois melhores, sois mais capazes de amar. Mas, toda esta experiência tem um segredo ... qual será? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*) ... não sei muito bem se é exatamente isso, mas já vos irei propor uma tarefa que nos vai ajudar a ter ideias claras! Tudo começa com o trabalho de arte que haveis feito, com quanto empenho e carinho, depois da catequese 28 (o catequista pede às crianças que mostrem a sua obra de arte, colocada na **Barra Cronológica**, espaço da catequese anterior, 28).

*Se eventualmente algumas crianças não tiverem feito o trabalho, o catequista divide o grupo e procede como se explicou anteriormente, dando oportunidade a que todos o possam concluir.*

*Depois, sugere-se que, (e explicando às crianças o objetivo) para poder partilhar estes trabalhos com os participantes da Celebração, se fotografem as crianças com os trabalhos entre as suas mãos, uma a uma, para estes poderem ser montados numa apresentação multimédia, a mostrar na referida Celebração. Também podem ser fotocopiados a cores, junto com o nome da cada criança, e montados numa folha de cenário, mas esta opção, embora evite o recurso à máquina fotográfica e ao computador e projetor, implica maiores gastos materiais.*

*Depois de tiradas as fotografias, o catequista prossegue:*

Estas obras de arte mostram como não tendes medo de viver fazendo o bem porque Deus está convosco, está connosco, os seus filhos! Está connosco desde o princípio até ao fim da nossa vida! Agora, sugeria que cada um lesse, para si, o texto da Primeira Carta de S. Pedro que também está registado na vossa Barra Cronológica, no espaço seguinte, e ficasse, em silêncio, a pensar naquilo que S. Pedro nos quer dizer e no que isso significa para a nossa vida.

2. O catequista propõe uma atividade de descoberta da «razão da nossa esperança», síntese de um ano de caminhada em catequese;

O texto indicado é: "E quem nos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de

vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar, mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça” (1 Pe 3, 13-15).

*O catequista indica:*

Proponho que penseis na parte final do texto, escrito com letras coloridas ... (o catequista distribui lápis de carvão e folhas de papel de rascunho às crianças e indica:) Cada um, neste papel de rascunho, vai escrever, com o coração e a inteligência, qual a razão da sua esperança, porque é que sabe que, um dia, daqui a muito tempo, vai estar junto de Deus, feliz para sempre, na eternidade.

*Depois de dar algum tempo às crianças para resolverem a tarefa por escrito, procurando garantir que todos exprimem o seu sentir e pensar, e de rever algumas falha na ortografia e/ou construção das frases, pede às crianças para lerem para os colegas e, de seguida, facultando lápis de cor ou de cera, pede às crianças para registarem os seus textos na **Barra Cronológica**, espaço da catequese 29.*

*Para a preparação da Celebração o catequista, depois, recolhe as Barras Cronológicas. Os textos também podem ser fotografados ou serão copiados (em fotocópia, digitalizados no scanner ou datilografados para o computador) para se juntarem aos trabalhos da catequese 28. Serão montados no placar a preparar, e que será exposto durante a Celebração, ou na apresentação montada em computador (PowerPoint), que será igualmente mostrada durante a Celebração.*

*Depois de um intervalo para lanchar e conviver, o catequista volta a reunir as crianças para concluir a Expressão de Fé e, depois, terminar de preparar e ensaiar a Celebração.*

- 3. Preparação da Celebração da Esperança, com uma celebração penitencial (seguida do sacramento da reconciliação, no próprio dia ou em dia a combinar).**

*O catequista, tendo preparado previamente a Celebração Penitencial, condu-la, se possível juntamente com o sacerdote que irá presidir à Celebração da Esperança e que, depois, poderá confessar as crianças. Se for este o caso,*

*as crianças podem começar por lhe mostrar os seus trabalhos da Barra Cronológica correspondentes às catequeses 25 a 29, que foram trabalhadas durante este dia de retiro. Se as confissões não poderem ter lugar neste dia, devem ficar agendadas com as crianças.*

*Também é importante reservar um tempo final, antes da viagem de regresso, para escolher os cânticos e ensaiar, explicar a Celebração, preparar os leitores e combinar o arranjo do espaço (disposição, arranjos florais, ...) e do lanche que se lhe seguirá. As crianças devem preencher o Convite que está na página 129 do catecismo e mostrá-lo em casa. Caso ainda não se tenha feito a Reunião de Pais, deve ter lugar de imediato, para se conseguir a melhor colaboração das famílias.*

**4. Compromisso:** Celebração do Sacramento da Reconciliação e preparação da Celebração da Esperança.

***Para guardar na memória e no coração***

Esta é a morada de Deus entre os homens.  
Ele habitará com eles;  
eles serão o seu Povo  
e o próprio Deus estará com eles.  
Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;  
e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor.

Ap 21,2

**DOCUMENTO 1**

**Propostas de apresentação dos trabalhos das crianças, na Celebração da Esperança.**

**1. Em placar** (uma folha de cenário mantida erguida por suportes - um placar grande, um quadro, ...) - para grupos pequenos

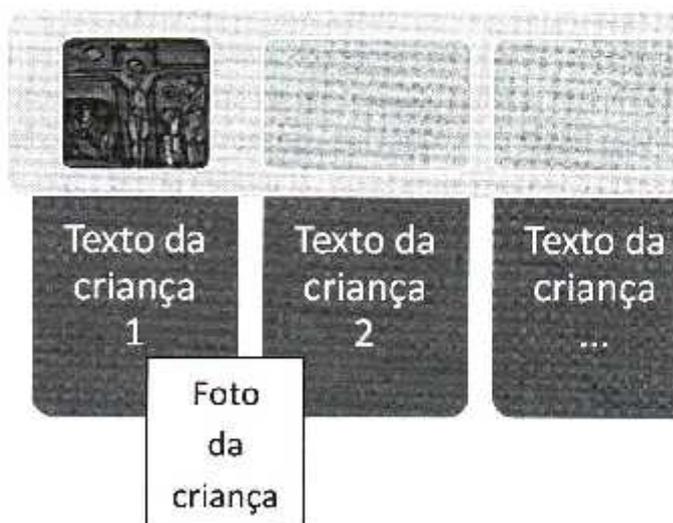
Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança
Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte

**2. Em slides digitais (PowerPoint)** - esquema possível para cada slide - para grupos grandes.

Optando por esta solução, a identificação das crianças pode ser feita com a digitalização da sua assinatura, colocada depois do texto, ou com uma foto da criança, tal como se indica.

Caso o PowerPoint seja apresentado sem que se faça a leitura dos textos,

é preferível introduzir música, como seja um *medley* de alguns dos cânticos que as crianças cantaram ao longo do ano, gravando-se estas a cantar ou usando a gravação do CD da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 5.



## «DEUS AMA-NOS!» (Celebração da Esperança)

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Uma "história de salvação"

Ao longo deste ano, **olhámos para o projeto de Vida e de salvação que Deus tem para a humanidade** e que tem vindo a concretizar ao longo da história e do caminho dos homens. Detivemo-nos a **refletir sobre alguns dos momentos e passos mais significativos dessa história, conhecemos algumas figuras de homens e de mulheres a quem Deus confiou um papel importante** na concretização desse projeto, **olhamos para a meta** para onde se dirige esta humanidade que caminha de mãos dadas com Deus... E sentimo-nos felizes por fazer parte desta incrível história de amor. Sempre que olhamos, através do nevoeiro do tempo, para a história dos homens e do mundo, percebemos a presença salvadora de Deus que nos tranquiliza, acalma e aquieta... Ele já estava lá, no grande momento em que o nosso mundo começou, como presença criadora, preparando uma "casa" bonita e acolhedora para nós; com amor, Ele criou os homens e mulheres à sua própria imagem e semelhança, deu-lhes dignidade, confiou-lhes a tarefa de colaborar com Ele na contínua criação do mundo, apontou-lhes os caminhos que deviam percorrer para encontrarem Vida e felicidade (embora lhes tenha também dado a liberdade de escolher, e os homens e as mulheres tenham, muitas vezes, preferido caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência que só geram sofrimento, dores e morte).

Numa etapa ulterior dessa história de amor, vimos Deus a escolher e a chamar uma família – a de Abraão – a convidá-la para fazer uma caminhada de descoberta do rosto e do projeto de Deus. Quando essa família, por

circunstâncias históricas, conheceu a opressão e parecia condenada à morte, Deus estendeu-lhe a mão e salvou-a, mostrando-se definitivamente como o Deus salvador e libertador, que não aceita a injustiça e a exploração pois o projeto que ele tem para os seus filhos e filhas é um projeto de Vida e de liberdade. Quando essa família teve que percorrer os caminhos desolados do deserto, Deus estava ao seu lado, apontando-lhe o rumo certo, dando-lhe a comida, a água e o ânimo necessários para que as distâncias e as dificuldades fossem vencidas... Com essa família Deus fez, depois, uma "aliança": propôs que ela formasse um Povo dedicado ao serviço de Deus e que aceitasse viver de acordo com as indicações de Deus. Aceite essa "aliança", a família de Abraão passou a ser o "Povo de Deus", o Povo que vive numa especial relação de comunhão, de proximidade e de familiaridade com Deus e que caminha na história dando testemunho do rosto e das propostas de Deus. Essa história de comunhão e de familiaridade (ou de "aliança") continuou pelos séculos fora, mesmo quando o Povo de Deus esquecia os seus compromissos e escolhia caminhos de egoísmo, de injustiça, de orgulho, de pecado... Para ajudar o seu Povo a caminhar, Deus enviou-lhe "juízes", que libertaram Israel quando ele sofreu a agressão de outras nações; enviou-lhe profetas, que recordaram a Israel a necessidade de não esquecer as propostas e indicações de Deus; enviou-lhe reis, que conduziram e animaram o Povo em nome de Deus... Em certo momento do caminho, Deus até permitiu que o seu Povo fizesse a experiência do cativo numa terra estrangeira, a fim de se renovar, de crescer, de descobrir novos horizontes de futuro e de esperança... O que nunca faltou, ao longo deste longo e acidentado caminho, foi a presença constante de Deus, o seu cuidado, a sua ternura e o seu amor de Pai e de Mãe...

Na altura prevista no seu plano, Deus avançou para uma nova etapa neste "caminho de salvação": enviou ao mundo o seu próprio Filho, a fim de apontar à humanidade caminhos de Vida... Jesus Cristo, o Filho de Deus, nasceu de Maria, "montou a sua tenda no meio de nós", caminhou connosco pelos caminhos do mundo, falou-nos de um "Reino" que Deus nos queria propor, anunciou a libertação aos pequenos, aos pobres, aos marginalizados, e ensinou-nos que o mundo sonhado por Deus é possível quando aprendemos a fazer da nossa vida um dom de amor. À volta de Jesus e da sua proposta juntou-se um grupo de discípulos, que caminharam com Ele desde a Galileia até Jerusalém. Mas, um dia, as autoridades judaicas, incomodadas com a proposta libertadora que Jesus trazia, condenaram-no à morte e crucificaram-no numa colina fora das muralhas de Jerusalém. Porém, a morte não o venceu:

Deus ressuscitou-o; e, dessa forma, Jesus venceu o egoísmo, a violência, o pecado e a morte...

Depois de Jesus, o Filho de Deus, ter reentrado na comunhão do Pai, os discípulos que tinham andado com Ele e testemunhado as suas palavras e gestos formaram uma comunidade, que passou a intitular-se "Igreja", ou "assembleia reunida à volta de Deus". Conduzidos e animados pelo Espírito de Jesus Ressuscitado, esses discípulos foram pelo mundo inteiro propor a todos os homens e mulheres o projeto salvador que Jesus lhes tinha apresentado. E, pelos séculos fora, esta "Igreja" (a comunidade que nasce da água do Batismo e que se alimenta do Pão da Eucaristia), sempre animada pelo Espírito do Ressuscitado, continua a tornar presente no mundo a salvação de Deus.

Para onde é que a humanidade caminha? O que é que nos espera no final dessa caminhada? Certamente, espera-nos esse Deus que ama, com amor de pai e de mãe, a humanidade que criou e que, desde o primeiro instante da história dos homens, tem em marcha um projeto de salvação e de Vida. Nós acreditamos que, no final da nossa peregrinação por esta terra (que não é a nossa "casa" definitiva") encontraremos uma "cidade" de luz e de paz onde Deus preparou, para nós, uma "morada permanente". Então, encontrar-nos-emos com Ele, receberemos dele Vida plena, viveremos dele e com Ele, numa felicidade sem fim.

Esta é a "história da salvação", uma história de amor infinito que Deus inventou e que Ele não desiste de viver com os seus filhos e filhas.

## **2. Quem é o nosso Deus?**

Quem é o nosso Deus? Como é que Ele é? Como é que Ele atua? O que é que o move?

Da contemplação da história da salvação, brota uma certeza que responde a todas estas interrogações: Deus é amor. É uma afirmação que se nos impõe de forma clara, inquestionável, lógica, definitiva, absoluta...Ao longo da história da humanidade, de mil e uma formas, Deus nunca cessou de mostrar o seu amor, de nos "dizer" o seu amor, de nos oferecer o seu amor... Por isso, a história da salvação é, antes de mais, uma maravilhosa história de amor.

Esse amor ficou logo expresso naquele ato criador que fez aparecer o universo, o mundo, a vida e, sobretudo, o homem e a mulher, criados à Imagem e semelhança do próprio Deus; esse amor foi, mais tarde, reafirmado quando Deus chamou uma família – a de Abraão – e começou com ela um caminho de revelação, de aproximação e de encontro; esse amor foi manifestado quando

Deus veio ao encontro do seu Povo oprimido para o salvar da escravidão do Egito e para o pôr a caminho da liberdade; esse amor foi solenemente confirmado quando Deus propôs a Israel uma “aliança”, um compromisso, uma comunhão de vida e de caminho; esse amor foi repetidamente provado em gestos concretos que refletiram, na história e no tempo, a bondade, o cuidado, o dom, o perdão, a solicitude de Deus pelo seu Povo... Esse amor alcançou a sua plena expressão quando Deus enviou o seu próprio Filho ao encontro dos homens para lhes dar a conhecer a sua proposta de salvação, quando Ele aceitou que o seu Filho fosse morto por esses homens que queria salvar, e quando Ele ressuscitou o seu Filho para oferecer aos homens a vitória sobre a maldade, o pecado e a morte... Esse amor continua a manifestar-se, na história do mundo, na vida dessa comunidade de discípulos que, animada pelo Espírito, tem como missão testemunhar em toda a terra a Vida e a salvação de Deus.

**Deus é amor...** Eis o belo resumo de toda a história da salvação. Diante desta certeza – que ilumina a nossa vida e que alimenta a nossa esperança em cada dia da nossa vida – resta-nos aceitar embarcar nesta história de amor que Deus nos convida a viver com Ele, aceitar a Vida e a salvação que Ele nos oferece... e manifestar-lhe a nossa gratidão e o nosso louvor em cada passo e em todo o momento do caminho que com Ele fazemos.

## **OBJETIVOS**

- Tomar consciência da caminhada de fé feita ao longo do ano.
- Constatar que a história da salvação é uma história onde, em cada momento e a cada passo, se manifesta o imenso amor de Deus pela humanidade.
- Celebrar e louvar Deus, que nos ama, reconhecendo as «razões da nossa esperança».

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

**1.** A Celebração da Esperança é aqui apresentada na sua versão mais singela mas é de todo o interesse que seja adaptada para a sua integração na Eucaristia. Se tal for o caso, sugere-se:

1ª Leitura – 1 Pe 3, 13 – 17;

Salmo responsorial – 136 ou algum dos que as crianças rezaram durante o ano e seja para estas particularmente significativo;

Evangelho – do dia.

2. Nesta celebração, conclusiva de um ano de catequese dedicado a um percurso histórico - salvífico, as crianças, à semelhança do que aconteceu na Celebração da Palavra, no final do 4º Catecismo, vão dar o seu testemunho de fé e pedir à comunidade, Corpo de Cristo fundada no Espírito Santo através do batismo, que os receba ainda mais plenamente, que aceite o concurso da sua fé, da sua caridade e que as ajude a aprofundar, pelo trabalho e pela colaboração, a razão da sua esperança. Assim, a colaboração da comunidade de fé, não só no dia, mas nos que se lhe seguirão, é imprescindível e requer o empenho dos catequistas.
3. Como é habitual, procure o catequista colaborar com o sacerdote na preparação da homilia, não só seguindo os passos que aqui se propõem, mas partindo das reflexões que as crianças registaram na sua Barra Cronológica e que, tal como no final do Catecismo 4, depois de digitalizadas, lhe podem ser oferecidas e, ainda, ficar disponíveis no site da paróquia na Internet, acompanhadas de um texto introdutório.
4. As crianças são convidadas a fazer a oferta simbólica da sua **Barra Cronológica** – que para elas representa o caminho de um ano, a «viagem» que a leitura da Bíblia lhes proporcionou, do crescimento que, assim foi conseguido – ao grupo paroquial com o qual desejam colaborar; esta oferta é partilhada pela Assembleia, que «recebe» o seu esforço artístico de traduzir em beleza a proposta de Jesus no Livro do Apocalipse, «Não tenhais medo!» (Apo 1, 17) e o seu compromisso com a Esperança, através do enunciado das suas razões pessoais e que, afinal, é um modo de as levar a testemunhar a sua fé. Na catequese 29 deixaram-se algumas sugestões práticas para a preparação deste momento, que se deve revestir de beleza, de solenidade e de empenho. Depois, recebem o caderno dos «Exploradores de Deus», preparados, como estão para, já durante as férias, descobrir a presença de Deus no mundo, identificar os espaços e os tempos de onde parece ausente e empenhar-se, trabalhar, para o tornar visível e atuante. É muito importante que, no pensamento e na vida das crianças, a catequese e o empenho cristão que desenvolve, não vão de férias!
5. Para uma maior participação, procure-se que sejam as crianças a fazer as leituras, depois de uma preparação cuidada, com a ajuda do catequista e, se possível, dos pais. Se os textos bíblicos o permitirem, a leitura pode ser feita de um modo dialogado, como foi sendo sugerido para os encontros de catequese e o catequista manterá o seu papel de narrador.

6. Depois da celebração, é aconselhável que se organize um convívio.

## **MATERIAIS**

- O que é habitualmente necessário para a celebração da Eucaristia, se a Celebração se integrar nesta;
- As Barras Cronológicas das crianças;
- Mesa, ou outro móvel, para expor as Barras Cronológicas das crianças, durante o convívio;
- Cesto com cerca de 30 cm de diâmetro (ou bandejas), uma para cada grupo da paróquia em que as crianças se irão integrar;
- Grande placar ou ecran, computador e projetor, para a apresentação das obras de arte e dos textos com as «razões da esperança» das crianças;
- Caderno do «Explorador de Deus», um para cada criança;
- Diploma, uma para cada criança;
- Comida e bebida para o convívio;
- Folhas de inscrição das crianças para o próximo ano;
- Folhas com a transcrição das orações, conforme o catequista julgue necessário.

## **MÚSICAS**

- As indicadas no desenvolvimento da celebração ou outras, mas, tanto quanto possível, que tenham sido usadas nos encontros de catequese deste 5º ano e preparadas com as crianças no dia de retiro.

II - O DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

## **CELEBRAÇÃO**

### **1. Cortejo de entrada**

*O Presidente da celebração, juntamente com as crianças, o catequista e os pais das crianças, reúnem-se fora da Igreja, num local apropriado. Depois, caminham para o local da celebração, de mãos dadas. Cantam:*

### **2. Cântico de entrada**

### **3. Saudação e acolhimento**

*Presidente:*

A graça de Deus, nosso Pai, que nos ama e quer salvar-nos,

e de Jesus Cristo, o Filho que veio ao nosso encontro para nos mostrar o amor de Deus, estejam connosco.

*Todos:*

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

*Presidente:*

Ao longo deste ano fizemos uma caminhada...

E, ao longo dessa caminhada, fomos olhando para vários momentos da história da humanidade... O que é que descobrimos? Descobrimos que, em todos os momentos, Deus aparecia nessa história, Deus estava lá a acompanhar todos os passos desse caminho que os homens e as mulheres percorriam. E Deus estava lá, a fazer o quê? A vigiar os seres humanos para os castigar pelos seus disparates? Não, claro que não... Deus estava lá a ajudar os homens e mulheres a caminhar, Deus estava lá a dar-lhes vida, Deus estava lá a indicar-lhes os caminhos para chegar à felicidade...Podemos dizer que Deus esteve sempre presente na história dos homens para lhes oferecer a salvação.

Hoje, no final do nosso caminho deste ano, vamos recordar alguns passos desta história de salvação.

#### **4. Evocação da História da salvação**

*As crianças deslocam-se ao ambão, para proceder à leitura; caso haja texto para todas as crianças do grupo, leem e colocam-se atrás do ambão, a um metro de distância, até à última leitura, lado a lado; no fim da leitura, escutam a apresentação feita pelo Presidente e voltam, em fila, para os seus lugares. Se o grupo (ou grupos) tiver muitas crianças e as leituras forem feitas apenas por alguns representantes, as crianças chegam ao ambão por um lado e saem pelo outro, dando a vez ao leitor seguinte; dirigem-se de imediato aos seus lugares.*

**Cântico:** "O Senhor conduz a marcha"

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo  
cada dia, cada instante.

Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 1* – No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era, então, um espaço vazio e fumegante, e a Vida ainda não tinha brotado da terra desolada... Mas Deus já estava lá a preparar, com amor, uma "casa" para os seres humanos habitarem.

*Criança 2* - Depois, milhares e milhares de séculos correram no rio do tempo e, por ordem de Deus, surgiram a terra e os oceanos, as plantas e os animais que povoaram toda a superfície terrestre. E Deus estava lá, a preparar uma "casa" bela e harmoniosa para os seres humanos habitarem.

*Criança 3* – Milhares e milhares de anos correram no rio do tempo quando, por ordem de Deus, apareceram os homens e as mulheres. Deus criou-os para se amarem, para se ajudarem, para partilharem a vida, para serem felizes... Confiou-lhes o universo que tinha criado e indicou-lhes em que caminhos deviam andar para terem Vida. E Deus amou os seres humanos que criou.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 4* – Correram mais alguns milhares de anos no rio do tempo...E Deus chamou um homem – Abraão. Convidou-o a percorrer os caminhos que conduziam à Terra da Vida, à Terra de Deus. Abraão fez o que o Senhor Deus mandou... E assim começou a nascer o Povo de Deus.

*Criança 5* – E correram mais alguns séculos no rio do tempo... A família de Abraão viveu tempos difíceis, sofreu muito e pediu a Deus que a libertasse da escravidão do Egito... E Deus salvou-os da morte, fê-los fugir das tropas egípcias através do Mar e tornou-os livres. E esse Povo que foi salvo agradeceu a Deus e disse-lhe: "Tu és o Deus libertador, tu és o nosso Deus!"

*Criança 6* – E Deus convidou o Povo a fazer com Ele uma aliança, um compromisso de amor... E o Povo de Deus aceitou comprometer-se com Deus, aceitou viver de acordo com as indicações de Deus e aceitou ser um sinal de Deus e das suas propostas no meio de todos os outros povos.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 7* – Correram mais alguns séculos no rio do tempo... Deus viu que o seu Povo caminhava por caminhos errados e ficou triste... Então, enviou ao seu Povo os profetas, para o ajudar a redescobrir o caminho certo. E os profetas, por indicação de Deus, disseram ao Povo que não seria feliz se escolhesse a maldade, a violência, a exploração dos mais pobres...

*Criança 8* – Ao longo da história, Deus chamou muitas outras pessoas e deu-lhes a missão de ajudar o Povo a caminhar... Através dessas pessoas, Deus estendia a mão ao seu Povo e mostrava-lhe o que devia fazer para ser um Povo feliz, para viver em paz, para encontrar Vida abundante.

*Criança 9* – Certa vez, o Povo foi derrotado pelos seus inimigos e foi levado prisioneiro para uma terra estrangeira... Apesar da ingratidão do Povo, Deus não o abandonou: acompanhou-o, cuidou dele, consolou-o, deu-lhe esperança... E até aproveitou esse tempo e essa experiência para ajudar o seu Povo a crescer, a renovar-se, a ser mais responsável e adulto.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Presidente:*

Até aqui, recordámos esses tempos muito antigos de que nos falam os livros do Antigo Testamento... Foram os tempos em que Deus atuou na vida e na história do seu Povo através de pessoas que chamou e enviou como agentes e testemunhas da sua salvação.

Agora, contudo, vamos dar um passo em frente e vamos recordar uma outra etapa desta história... Vamos recordar o que aconteceu quando o próprio Deus veio ter connosco e fez a sua casa no meio de nós, mostrou, radicalmente, como tínhamos razão para ter esperança e em quem deveríamos colocá-la.

**Cântico:** "Cristo dará a liberdade".

Coro: Cristo dará a liberdade  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

*Criança 10* – Mais alguns séculos correram no rio do tempo... E, um dia, Deus enviou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo, que nos veio mostrar o amor de Deus, que nos olhou nos olhos e nos disse palavras de Deus. Ele reuniu à sua volta um grupo de discípulos e mostrou-lhes, com as suas palavras, com os seus gestos, com o seu amor, como se constrói esse mundo de Vida, de verdade, de paz que Deus quer oferecer-nos.

*Criança 11* – Os homens maus, aqueles que gostavam do egoísmo, da violência, da mentira, da escravidão, combinaram entre si dar a morte de Jesus para que as propostas de Deus não vencessem. E Jesus foi morto numa cruz. Morreu porque nos amou e quis ensinar-nos os caminhos de Deus, os caminhos da Vida, os caminhos da felicidade.

*Criança 12* – Mas o mal não venceu... Deus ressuscitou o seu Filho e, assim, Ele venceu a maldade, a violência, a injustiça, o pecado, a morte. E Jesus Cristo mostrou-nos, ao ressuscitar, que a maldade e a morte não vencem aqueles que vivem de acordo com as indicações e propostas de Deus.

Coro: Cristo dará a liberdade,  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

*Criança 13* – Depois de Jesus ter ressuscitado e ter voltado para junto do seu Pai, os seus discípulos receberam o Espírito Santo – a força e a Vida de Deus. E partiram pelo mundo a mostrar, com as suas palavras e com os seus gestos, as propostas que Jesus tinha vindo trazer aos homens e mulheres do mundo inteiro.

*Criança 14* – É através da comunidade dos discípulos de Jesus – a Igreja – que Deus vem ao encontro do mundo para lhe oferecer a Vida e a salvação. E os discípulos de Jesus sabem que não estão sozinhos, pois Jesus vai sempre com eles, ajuda-os nas dificuldades, dá-lhes forças, luta com eles contra a maldade que existe no mundo.

*Catequista* – Os discípulos de Jesus caminham ao encontro de Deus, pois sabem que esta “casa” que é o mundo não será a sua casa para sempre. Eles caminham ao encontro de uma “cidade” onde viverão sempre com Deus, numa vida de felicidade que não terá fim.

Coro: Cristo dará a liberdade,  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

Presidente:

*Se as crianças estiverem alinhadas por detrás do ambão, indica-as e faz-lhes uma referência, saudando o percurso – o caminho – na história e na vida, que foi este ano de catequese. Se já estiverem nos seus lugares, faz a mesma referência mas tendo em consideração que as crianças já estão sentadas.*

Nós – e as crianças que estiveram este ano estiveram a preparar o 5º catecismo, a vivê-lo, a construí-lo no seu dia a dia, sabem-no muito bem – fazemos parte deste Povo que, desde o princípio da humanidade, caminha com Deus e recebe Vida de Deus... Nós fazemos parte dessa comunidade constituída a partir das palavras e das propostas de Jesus... Nós somos membros dessa Igreja que é animada pelo Espírito que Jesus enviou e que é chamada a dar testemunho da salvação de Deus no meio do nosso mundo.

*Todos de pé, recita-se o seguinte cântico, em dois coros, crianças e adultos:*

*Todos:* Somos a Igreja de Cristo,  
as pedras vivas do templo do Senhor.

*Crianças* - Povo em marcha para a casa do Pai,  
com Cristo amigo, com Cristo irmão.  
Abre caminho na Fé e na Esperança,  
de mãos nas mãos e num só coração

*Adultos* - Povo de irmãos em redor do irmão,  
Fogo alastrando em fraternidade.  
A mesa posta e lugar para todos,  
é o convite para a liberdade.

*Todos: Somos a Igreja de Cristo,  
as pedras vivas do templo do Senhor.*

*Crianças - Povo que aceita na sua viagem  
que cada um seja igual e diferente,  
mas sem haver nem mais cor nem mais raça,  
todos fazendo a chama mais quente.*

*Adultos - Povo aberto em cada manhã  
ao sol da Fé e ao novo da Graça;  
Povo que encontra no tudo da história,  
o Deus que chega, que vem e que passa.*

**5. Apresentação dos trabalhos das crianças** (*suportes preparados conforme se indica nos documentos da catequese 29*) sobre Apo 1, 17-18 e 1 Pe 3, 15. *O catequista dirige-se ao ambão. Duas crianças, com uma **Barra Cronológica** trabalhada sentam-se no chão, à frente do ambão, mostrando uma face da Barra aberta.*

*Catequista:*

Acabámos de rezar que somos um Povo que encontra no tudo da história o Deus que chega, que vem e que passa. Estas palavras evocam todo o caminho que fizemos na catequese, quando começámos um percurso de descoberta e de amor a Deus ... A nossa introdução foi feita com Deus criador, que nos oferece a vida e um mundo bonito e bom, para viver e sermos felizes. Depois descobrimos como o ser humano, dotado de vontade e de liberdade, às vezes não faz boas escolhas, erra com alguma frequência, vive no egoísmo e no isolamento, longe de Deus e dos outros homens ... Mas Deus nunca nos abandona! Deus caminha connosco e oferece-nos todas as oportunidades para nos convertermos, sermos justos e bons. ... Explorando a história de amor de Deus para com a humanidade, fomos descobrindo o seu projeto para nós:

*O catequista afasta-se ligeiramente do ambão e dá lugar ao(s) leitor(es): Mãe/pai ou casal: sermos seus intérpretes (uma criança avança com o dístico "intérpretes de Deus", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras duas), descobrimos em Jesus o nosso caminho (uma criança avança com o dístico "Jesus é o caminho", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras três), continuarmos a sua obra (uma criança avança com o*

*dístico "continuar a obra de Jesus", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras quatro), tornarmo-nos, pelo Espírito Santo (uma criança avança com o dístico "tornarmo-nos pessoas novas", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras cinco), pessoas novas. Sem medo, e com esperança, recusamos o mal e aprendemos a ...*

*As crianças que têm os dísticos levantam-se, erguem-nos acima da cabeça e em coro:*

*Aprendemos a construir um mundo novo!*

*Depois, introduzido pelo catequista, procede-se à apresentação do painel/ Powerpoint com os trabalhos das crianças, sublinhando-se que essa amostra do que foi aquele grande caminho de um ano, se pode resumir no que as crianças aprenderam e assumiram desta Palavra:*

*Criança 1: Lê Apo 1, 17-18.*

*Ou então, apenas:*

*Criança 2: Lê 1 Pe 3, 15, enquanto a mostra começa.*

## **6. Homilia:**

*Presidente:*

Acabamos de recordar alguns momentos desse caminho que Deus fez com a humanidade, desde o início... Evocamos as ações de Deus, a sua bondade e misericórdia, a sua preocupação com a vida e a salvação do seu Povo, a sua ternura para com todos os seus filhos e filhas.

Ao ver tudo isso, ocorre-nos perguntar: Porquê? Porque é que Deus sempre nos acompanhou? Porque é que Deus sempre nos ajudou? Porque é que Deus sempre esteve ao nosso lado, a dizer-nos onde estava a Vida e a felicidade? Só há uma resposta para isto: Deus ama-nos com um amor sem limites, com um amor de pai e de mãe... Por isso, preocupa-se com a vida e a felicidade de todos os seus filhos e filhas. Deus fez todas estas coisas boas e bonitas em favor da humanidade, porque nos ama. Toda a história da relação entre Deus e a humanidade é uma história de amor.

Este ano de catequese mostrou-nos isto: Deus ama todos os homens e mulheres que criou... Por isso, está sempre presente no nosso caminho, no caminho que percorremos todos os dias, dando-nos Vida e conduzindo-nos ao encontro dele. Nada temos a temer, ainda que muitas vezes encontremos, ao longo da nossa vida, situações difíceis, que nos afligem e trazem angústia.

Deus ama-nos, Deus vai connosco, Deus dá-nos Vida, Deus cuida de nós,  
Deus espera-nos de braços abertos na sua cidade de Vida plena e de felicidade  
sem fim. Ele é a garantia da nossa esperança!  
Vamos louvá-lo pela sua bondade e pelo seu amor..

## **7. Louvemos o Senhor Deus – Recitação, em forma de litania, do Salmo 136**

*Presidente:* Louvai o nome do Senhor porque Ele é bom,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Louvai o Deus dos deuses,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Louvai o Senhor dos senhores,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Só Ele faz grandes maravilhas,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Fez os céus com sabedoria,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Estendeu a terra sobre as águas,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Criou os grandes luzeiros,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: O sol para presidir ao dia,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: A lua e as estrelas para presidirem à noite,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Feriu os primogénitos dos egípcios,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Tirou Israel do meio deles,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Com a sua mão forte e o seu braço estendido,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Dividiu ao meio o Mar dos Juncos,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Fez passar Israel através dele,

Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Afundou o Faraó e o seu exército,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Conduziu o seu Povo pelo deserto,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Feriu grandes reis,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Matou reis poderosos,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Seon, rei dos amorreus,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: E Og, rei de Basan,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Deu a terra deles em herança,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Como herança a Israel, seu servo,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Não se esqueceu de nós na nossa humilhação,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: e livrou-nos dos nossos opressores,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Ele dá alimento a todo o ser vivo,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Louvai o Deus do céu,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.

## **8. Compromisso das crianças na comunidade e entrega do caderno dos «Exploradores de Deus» e do diploma.**

*O catequista explica que as crianças: (Pode referir o nome de todas elas)*  
Depois de caminharem um ano com Deus e de terem interiorizado o que é ser seu Povo, aprenderam a importância do compromisso com a comunidade de fé, o seu lugar, digno e ativo, no Corpo de Cristo que é a Igreja e que, nesse sentido, se vão comprometer, perante a assembleia aqui reunida, a dar o seu esforço, o seu tempo, o seu coração, o seu trabalho, para que a comunidade

seja Vida, construída por muitas pedras vivas, que a amam e a cuidam, como Deus nos pediu. Fazem-no, como já mostraram, na consciência e na vontade de proclamar, por palavras e por obras, que sabem qual a razão da sua Esperança: Cristo foi morto e ressuscitou, mostrando que tudo o que Deus prometera, desde a aurora da humanidade, já era uma promessa em cumprimento e que agora estava demonstrada pelo facto de o bem ter vencido o mal, pela Vida, e vida eterna, ter vencido a morte, pela ressurreição do Senhor Jesus. A **Barra Cronológica** com que cada um trabalhou este ano simboliza o empenho e o conhecimento com que este compromisso com a comunidade é feito. Depois, cada um vai receber, entregue por (*catequistas ou Presidente da Celebração*) o seu **diploma e o caderno de notas dos «Exploradores de Deus»**, para, durante as suas férias, continuarem a procurar Deus na sua vida e na vida daqueles que os rodeiam.

*O catequista chama os representantes dos diversos grupos da paróquia (tal como explicado na catequese 29 deste Guia) que se alinham perante a assembleia. Cada um tem na mão um pequeno cesto, ornado com uma fita e um cartão colorido em que se refere o nome do grupo: acólitos, catequistas, ... Depois, uma a uma, as crianças vão passando e depositam no cesto do grupo escolhido, a sua **Barra Cronológica**. Depois, passam pelo ambão e fazem, de olhos postos na assembleia, o seu **Compromisso público**:*

*Criança, lendo de um cartão previamente preparado com os catequistas: Eu sou a/o (Nome) e escolhi empenhar-me com as tarefas do(s) ... (indica o grupo) porque quero amar sempre a Deus, seguir o caminho de Jesus e, com a ajuda do Espírito Santo, participar ativamente na construção da sua Igreja. Com as minhas obras darei razão da minha esperança.*

*Depois, a criança que já procedeu à leitura recebe o seu caderno dos «Exploradores de Deus», o diploma e a ficha de inscrição para o 6º catecismo e regressa ao seu lugar. O catequista, após a distribuição, pode explicar brevemente o sentido e a forma como o caderno será trabalhado ao longo das férias, sobretudo para sensibilizar os pais, e refere a inscrição para o 6º catecismo (procedimentos e datas expectáveis).*

## 9. Cântico e bênção final:

*Presidente:*

Meninos e meninas,

tende-vos comprometido a colaborar ativamente na construção de uma Igreja Viva; assim esta comunidade se compromete a receber-vos, a guiar-vos, a dignificar o vosso contributo que, com a ajuda da vossa família, dos vossos amigos, dos vossos catequistas e dos que vos recebem no seu grupo, irá crescendo e tornando-se um instrumento essencial de bem, de bondade, de justiça e de beleza. Bem-vindos, pois, mais uma vez!

E, tal como haveis sempre aprendido com aqueles que vos amam e com a catequese, o Senhor estará convosco na leitura da Palavra – ainda há um ano haveis prometido lê-la sempre, pela vossa vida fora –, na oração, na prática dos sacramentos – em que a eucaristia ocupa um lugar especial: assim, estareis sempre preparados para trabalhar bem e com o maior amor! Sereis sempre capazes de dar a razão da vossa esperança! Que o Senhor realize em vós aquilo com que hoje vos comprometeis.

*Crianças:*

Amen.

### **Bênção.**

**Cântico final:** escolhido pelas crianças dos cânticos aprendidos este ano, de preferência de louvor.

### ***Para guardar na memória e no coração***

“E quem nos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar, mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça”

1 Pe 3, 13-15.